E
A Revista do Expresso
EDIÇÃO 2418
2/MARÇO/2019

Elena Ferrante
Entrevista à escritora que é tão misteriosa quanto popular

Media
Quando os comentadores de política são os políticos

Porque corre Juan Guaidó?

Retrato do homem que pôs em causa o regime de Nicolás Maduro e que representa a esperança na Venezuela. Por **Margarita López Maya**

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

A ROLEX E O CINEMA

O universo Rolex está repleto de histórias de excelência perpétua. James Cameron, Martin Scorsese, Kathryn Bigelow e Alejandro G. Iñárritu tiveram um impacto lendário no mundo do cinema. Com uma visão, estilo e paixão únicos pela sua arte, são uma verdadeira inspiração para as futuras gerações de realizadores. Nos próximos anos, o trabalho destes vencedores de Oscar® continuará a influenciar a arte cinematográfica. Esta é uma história de excelência perpétua, a história da Rolex.

#Perpetual

OYSTER PERPETUAL DATEJUST 41

RELÓGIO EXCLUSIVO DA
ACADEMIA DE ARTES E CIÊNCIAS
CINEMATOGRÁFICAS

ROLEX

PARA CONTACTAR UM REVENDEDOR AUTORIZADO ROLEX NA SUA ÁREA, VISITE ROLEX.COM

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

A ESTUPIDEZ DA REVOLUÇÃO

O ESCRITOR TALVEZ TENHA COMEÇADO PELA CATARSE MAS ACABOU NO MANIFESTO POLÍTICO DE EXTREMA-ESQUERDA, E ANDA POR AÍ A BRADAR QUE QUER A REVOLUÇÃO

Edouard Louis nasceu em 1992 numa aldeia do norte da França. Aos 22 anos, foi atingido pelo sucesso explicável do primeiro livro, 200 páginas pomposamente chamadas romance, "Pour en finir avec Eddy Bellegueule". Para acabar de vez com o Eddy Belagoela. O livro, traduzido em dezenas de línguas e agraciado nos templos do liberalismo cultural e literário da Europa e América, não passa de um relato autobiográfico que desvenda a miséria que se julgava extinta num país rico do centro da Europa (e que em Portugal conhecemos bem). Eddy, um trânsfuga de classe, conta tudo, e sem qualidades redentoras. Uma família de porcos, feios e maus, descontrolada pela violência da destituição, do alcoolismo, do racismo (votam Le Pen e odeiam os pretos, os árabes e os judeus) e da herança genética. O escritor talvez tenha começado pela catarse mas acabou no manifesto político de extrema-esquerda, e anda por aí a bradar que quer a revolução. Na verdade, a narrativa de Eddy, o pederasta de uma família politicamente incorreta, e como esta pederastia terá contribuído para o sucesso do livro declarando-o oxigenado pelo ar do tempo, demonstra várias inconsistências que refletem as do autor. Eddy, que fez operações plásticas, tingiu o cabelo de louro, consertou os dentes e foi abraçado pela classe que diz odiar, a dos burgueses chiques e intelectuais, a "elite", é hoje o celebrado Edouard Louis (EL), com o nome modificado no registo civil. A *belle gueule* é de hoje, mas a do passado serve para vender direitos de autor e uma classe exótica que agora vota na extrema-direita.

No caso dos Bellegueule, Eddy nunca denuncia a principal causa da destituição, o alcoolismo do pai que devora o dinheiro e o conduz à brutalidade e a um emprego mal pago. O alcoolismo podia ser tanto a causa como a consequência da falta de ambição, do ódio à escola, do consumo da nociva televisão, da violência de uma subcultura periférica apanhada entre a ruralidade abatida pela industrialização da agricultura e o a industrialização terminada pela automatização que excluiu os operários. O círculo é vicioso no Lumpenproletariat da teoria marxista. O pai de Eddy era igual ao pai dele e por aí fora na genealogia, um alcoolismo perene tolhe as mãos desta gente. Eddy seria o exemplo de que é possível, com a ajuda do Estado, romper o círculo, mas o autor sobrepõe uma narrativa sentimental que manipula o ressentimento e usa a armadilha da injustiça e da revolta contra a política letal. Daí o apelo da barricada.

A receita foi tão bem-sucedida que a repetiu em "Qui a tué mon père", um manifesto contra Macron e os Presidentes e ministros que deram cabo do pai. O pai está vivo, note-se, mas EL, coadjuvado pelos mentores e filósofos de extrema-esquerda, e pela sociologia de Pierre Bourdieu, arremete contra o sistema, num movimento simétrico do da extrema-direita que cativa os votos do descontentamento existencial. Acusa os ministros que tratam do Estado social e o mantêm à tona de assassínio, e quer que os nomes deles sejam ouvidos em toda a parte, inclusive no Laos e no Camboja (?). O que ele não sabe, ou não estudou, é que no Laos e no Camboja a família de Eddy teria morrido cedo e nas ruas, a mendigar e a prostituir-se. O Estado francês subvencionou os Bellegueule, deu-lhes habitação social, subsídio de incapacidade, abonos vários, escola gratuita, cuidados de saúde e bolsas de estudo que só Eddy aproveitou. O Estado não conseguiu quebrar o círculo de dependência.

A pobreza dos Bellegueule ostenta bizarrias. No Natal, o pai compra ostras e *foie gras*, têm um carro, sobra para o *bistrot* e a farra. Tão depressa passam fome como passam o dia a ver televisão. E o pequeno Eddy, o pédé, acaba bolseiro em Paris, na elitista École Normale Supérieure.

O ridículo supremo do livro sobre os assassinos putativos do pai salta aos olhos quando o autor agradece à Casa da Literatura de Oslo, à New School, ao MIT e à Universidade de Yale, entre outros. Não se saiu mal, e a ficção política está na moda. E que fizeram Macron e os ministros ao livro? Leram-no e apropriaram-se dele, cheios do terror de desagradar. No Twitter, Eddy insultou a apropriação cultural. Assim se enriquece em literatura, escrevendo Germinal por Calimero, como formulou o escritor Frédéric Beidgeber (amigo de Houellebecq).

Eis a fraqueza intrínseca de uma classe política aterrorizada com a opinião das redes e dos *media*, o veredicto das urnas. Agora que o ódio de classe foi apropriado pela direita, a "elite" cercada bate no peito e procede à própria desinfeção, em vez de reclamar o Estado social que a Europa criou e manteve com sacrifício da classe média. O liberalismo bem pensante usa-se nas universidades mas não se usa nas ruas dos '*gilets jaunes*', que traduzem inorganicamente à esquerda e à direita a revolução que Eddy deseja, e que inclui o antissemitismo e os protestos contra o estrangeiro. Duas elites estão cercadas, uma pela demagogia a que chama populismo, e outra pelo medo. Os pensionistas e a classe média branca das grandes cidades de bem-estar, como os velhos que assombram as livrarias e cafés de Bruxelas, não compreendem (nem podiam) a nova imigração, as hordas de romenos, de árabes ou africanos que querem o mesmo Estado social dos nacionais. A Europa alargou-se, e o Estado estendeu-se. Esta classe média acha pagar impostos para isto um abuso. A classe baixa branca nutre a mesma desconfiança pelo outro. E um ódio antigo, que entronca na supremacia do judeo-cristianismo e do nacionalismo identitário e se dissolveu nas piedades da solidariedade e da diversidade. Os pobres não são virtuosos nem têm de ser, mas o Estado quer por força redimi-los ou integrá-los. EL fugiu a sete pés da família e nunca fala com eles. Como disse numa entrevista ao "Financial Times" (sim, ao "FT"), a sua estreada *belle gueule* não se dá com os Bellegueule. Ele desistiu. Mas os políticos liberais insistem numa falácia salvífica: estamos aqui para resolver todos os vossos problemas. A política é para os pobres um caso de vida ou de morte, escreve Edouard Louis. É isto que a extrema-direita e a extrema-esquerda pretendem, numa nostalgia revolucionária que mergulhou no rio Lete e esqueceu a estupidez da revolução. Ou nunca a conheceu.

E Eddy não é nenhum Émile Zola. ●

/ CLARA FERREIRA ALVES

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

SUMÁRIO

EDIÇÃO 2418 | 2/MARÇO/2019

ILUSTRAÇÃO ANDRÉ CARRILHO

fisga

7 | Violência doméstica
Retrato da vergonha

10 | Do Céu ao Inferno + Batata Quente

12 | Pimenta na Língua + Números Primos

14 | Déjà Vu + Altifalante

16 | O Que Eu Andei para Aqui Chegar
Spike Lee

18 | Planetário
O discreto desaparecimento do vocalista dos Talk Talk

20 | Passeio Público
20 Minutos com... Jia Zhang-ke

+E

24 | Juan Guaidó
Não é apenas o rosto da possibilidade de mudança. É a figura de proa de uma nova geração de políticos, que cresceu durante o chavismo e que luta por uma Venezuela diferente

32 | Políticos nos *media*
São 95 os que têm lugar cativo na rádio, televisão e imprensa. O número de contratos permanentes é superior aos lugares da maior bancada parlamentar

40 | Monarquia do Norte
Há 100 anos, Portugal acabava de sair da Grande Guerra, e Paiva Couceiro liderou a última grande tentativa de restauração

46 | Isaac Asimov
Em finais de 1983, publicou um texto a predizer como seria o mundo daí a 35 anos. O que viu foi um 2019 a viver em paz, à conquista do espaço e altamente tecnológico, capaz de travar o declínio do planeta

Culturas

61 | Lourdes Castro
Retrospetiva em França

64 | Decca O 90º aniversário da editora discográfica

66 | William Tyler Conversa sobre o álbum "Goes West"

68 | Itamar Vieira Junior
O vencedor do Prémio LeYa

70 | Discursos políticos
Moldados por várias disciplinas

72 | Livros Contos de Alexandre Andrade

76 | Cinema "A Portuguesa", de Rita Azevedo Gomes

80 | Televisão Estreia de "The First", no AMC

82 | Música
"Nosso", de Branko

86 | Teatro & Dança
"Oleanna", de David Mamet

88 | Exposições Mostra no Atelier-Museu Júlio Pomar

90 | Obrigatório
Tudo o que não pode perder

Vícios

93 | Apostas
Da Raspadinha feiticeira à ilusão do Euromilhões, em Portugal o jogo não é uma brincadeira de crianças crescidas. Os lucros vão quase todos para o azar

98 | Receita
Por José Avillez

100 | Vinhos
Por João Paulo Martins

101 | Sobre Mesa
Por Fortunato da Câmara

102 | Recomendações
De "Boa Cama Boa Mesa"

103 | Design
Por Guta Moura Guedes

104 | Moda
Por Gabriela Pinheiro

105 | Há Homem
Por Luís Pedro Nunes

106 | Passatempos

107 | 10 Perguntas a... Gabriel, O Pensador
Por Inês Maria Meneses

52

Elena Ferrante
É uma das escritoras mais populares da atualidade, mas não se lhe conhece a identidade. Entrevista à autora de "A Amiga Genial", livro que a deu a conhecer ao mundo

CRÓNICAS

3 Pluma Caprichosa por Clara Ferreira Alves | **22 Cartas Abertas** por Comendador Marques de Correia
73 Isto Anda Tudo Ligado por Ana Cristina Leonardo | **83 A Desarmonia das Esferas** por João Lisboa
92 Que Coisa São as Nuvens por José Tolentino Mendonça | **99 Diário de Um Psiquiatra** por José Gameiro

FOTOGRAFIA DA CAPA: CARLOS BECERRA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

FICHA TÉCNICA

Diretor
Pedro Santos Guerreiro

Diretor-Adjunto
Miguel Cadete
mcadete@impresa.pt

Diretor de Arte
Marco Grieco

Editor
Jorge Araújo
jmsaraujo@expresso.impresa.pt

Coordenadores
Ricardo Marques
rmarques@expresso.impresa.pt
Rui Tentúgal
rtentugal@expresso.impresa.pt

Coordenadores Gerais de Arte
Jaime Figueiredo (Infografia)
João Carlos Santos (Fotografia)
Mário Henriques (Desenho)

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

BLACK OUT. TECH IN.

NOVO ALFA ROMEO **STELVIO B-TECH**

RENTING DESDE **650€/MÊS**, SEM ENTRADA INICIAL, COM TODOS OS SERVIÇOS INCLUÍDOS

Campanha de Renting FCA - LEASEPLAN para Alfa Romeo Stelvio Super Diesel 2.2 180cv AT8, para 48 meses/60.000kms, válida até 31/03/2019, com Aluguer, IUC, IPO, Manutenção (preventiva e correctiva), Pneus ilimitados, Viatura de substituição, Seguro automóvel com 4% de franquia, Garantia Total Premium (danos provocados ou agravos por uso negligente do condutor) e Seguro de Recondicionamento 500€+IVA. IVA incluído à taxa em vigor. Para as regiões Autónomas o custo dos transportes decorre por conta do Cliente e o IVA será ajustado à taxa legal em vigor. Valores sujeitos a alterações de impostos ou taxas. Contrato sujeito a confirmação de stock. A presente proposta não confere relação contratual e depende da prévia análise de crédito e validação por parte da LEASEPLAN. Consumo misto 4,7 a 9,0 l/100km. Emissões de CO_2 124 a 210 g/km.

La meccanica delle emozioni

ALFA ROMEO

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Assine por apenas 1€ por edição

A melhor informação quando e onde quiser

A assinatura EXPRESSO inclui:

PRIMEIRO CADERNO
Jornalismo de investigação
e os principais temas da semana

ECONOMIA
Tudo sobre o mundo
da economia e dos negócios

REVISTA E
Jornalismo
de grande formato

EXPRESSO DIÁRIO
A análise do dia
no próprio dia

Ao sábado

2ª a sábado

Para assinar ligue **214 698 801** ou vá a **expresso.pt**

Indique ao operador o código promocional: **COBWS**

Dias úteis das 9h às 19h | Sábados das 9h às 17h

Campanha válida até 28/02/2019, salvo erro tipográfico.

IMPRESA

Expresso

Liberdade para pensar.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

"QUEM SABE TUDO É PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO"

Nem mais uma

O QUE NÃO TEM DE SER TEM MUITA FORÇA.
O QUE NÃO TEM DE AMOR TEM MUITA DOR.
OS NOMES E OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

TEXTO **ANDRÉ MANUEL CORREIA**
INFOGRAFIA **CARLOS ESTEVES**

GETTY IMAGES

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Linhas cortadas. Vidas ceifadas. O que não tem de amor tem muita dor. Instintos opressores. Instantes de horror. Silêncio. Passos para o pesadelo. O som de um tiro. Uma faca apontada. Mãos mortais manchadas de sangue. Nas casas, nas ruas, em toda a parte, a pungência da violência doméstica agride a sociedade portuguesa e cobre de luto o país. O eco das vozes sem voz fere-nos. Rostos olhados tarde demais. Fazem-se manchetes. Somam-se os números, multiplica-se a indignação coletiva, até que a mesma seja subtraída, estancada pelo torniquete do esquecimento. Ficam os nomes. Todos os nomes que devemos lembrar.

"O homicídio de mulheres é a ponta do icebergue", começa por explicar Maria José Magalhães, presidente da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), associação responsável pelo Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), cujos dados recolhidos deixam a nu uma realidade em que, entre 2004 e 2018, 503 mulheres foram agredidas letalmente num contexto de intimidade em Portugal. As ocorrências atingiram mortalmente 20 pessoas do sexo feminino no ano de 2017 e subiram para 28 no ano passado. "Nem mais uma!", reivindica e repete, para não se repetir, a UMAR, advertindo para a necessidade de apostar na prevenção. "A vítima denuncia, pede ajuda, até pode ser avaliada pelas forças policiais como uma situação de risco, o processo passa para o Ministério Público, mas depois não são tomadas as medidas ideais para afastar o agressor e para proteger a vítima", alerta a dirigente da UMAR, para quem as políticas sociais de apoio "têm evoluído", enquanto denota que a Justiça, que deve ser cega, é, não raras vezes, coxa nestes casos.

"É inadmissível, e o Estado tem de se responsabilizar, que uma mulher apresente queixa às autoridades, num país com uma legislação bastante boa, e acabe assassinada", afirma a ativista e docente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. "Existe a ideia por parte do sistema judicial de que a violência doméstica é uma situação de menor potencial ofensivo", atira Maria José Magalhães, apontando o dedo ao Tribunal de Família e Menores por "não estar a cumprir o Estatuto da Vítima", consagrado na Lei nº112/2009. "Este braço do sistema judicial português ainda não leva a sério as ameaças que, habitualmente, acabam por ser concretizadas", salienta Maria José Magalhães, insurgente contra a burocracia que "empanca um tempo crucial para a proteção das vítimas". O grupo etário mais torturado é o das mulheres com mais de 65 anos, correspondendo a 39% dos assassínios, logo seguido pela faixa entre os 36 e 50 anos, equivalente a 29% das incidências, de acordo com as estatísticas do OMA. A idade dos agressores situa-se em 32% dos casos entre os 36 e os 50, superando os 21% de crimes provocados por homens dos 51 até aos 64 anos. Entre os mais jovens, dos 18 aos 23, encontram-se 11% dos homicidas.

"É INADMISSÍVEL, E O ESTADO TEM DE SE RESPONSABILIZAR, QUE UMA MULHER APRESENTE QUEIXA ÀS AUTORIDADES, NUM PAÍS COM UMA LEGISLAÇÃO BASTANTE BOA, E ACABE ASSASSINADA", AFIRMA MARIA JOSÉ MAGALHÃES

"COMO UM HAMSTER NUMA RODA"

Os telefones e registos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima contabilizaram, entre 2013 e 2017, 36.528 processos de suporte a cidadãos — 85,7 de mulheres e

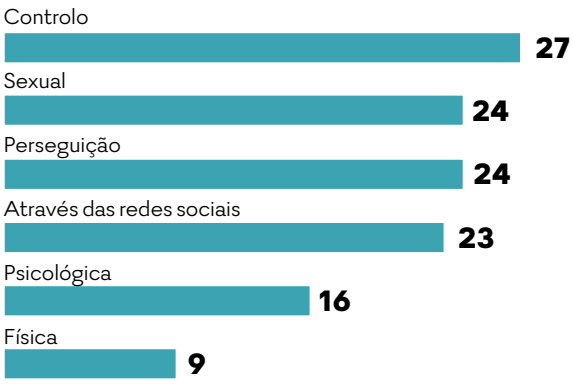
CULPABILIZAÇÃO SOCIAL DA VÍTIMA
Em % do total

PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO QUE JUSTIFICA VIOLAÇÃO POR VESTUÁRIO E MAQUILHAGEM DA VÍTIMA

FONTE: SPECIAL EUROBAROMETER 449, 2016

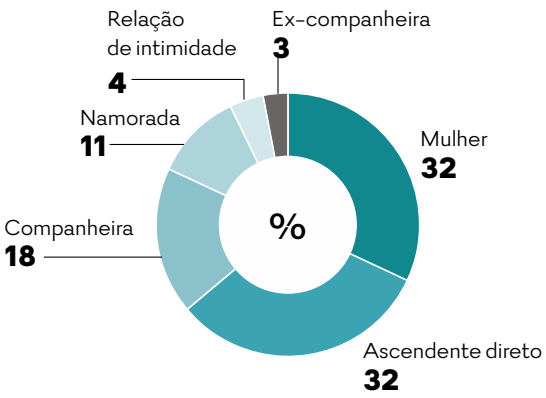
© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

TIPOS DE VIOLÊNCIA NO NAMORO EM PORTUGAL
Em %, 2019



FONTE: ESTUDO NACIONAL SOBRE A VIOLÊNCIA NO NAMORO 2019

RELAÇÃO DA VÍTIMA COM O HOMICIDA
Em Portugal



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MULHERES ASSASSINADAS DA UMAR

PROCESSOS DE APOIO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ENTRE 2013 E 2017
Em Portugal

TOTAL
36.528

FEMININO	MASCULINO	NS/NR
31.317	**5039**	**172**
(85,73%)	(13,79%)	(0,47%)

FONTE: APAV

NÚMERO DE HOMICÍDIOS EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ENTRE 2004 E 2018
Em Portugal

503
2018-**28**
2017-**20**

FONTE: OBSERVATÓRIO DE MULHERES ASSASSINADAS DA UMAR

13,7% de homens — em busca de uma mão libertadora da violência doméstica. "É um espectro muito grande", onde se inclui a violência verbal e psicológica, define Daniel Cotrim, psicólogo e membro da APAV. Os referidos valores consumaram-se em 87 mil e 730 factos criminosos, 49% das vezes cometidos — muitas vezes de forma perpetuada no tempo e reportados, em média, após seis anos — por cônjuges ou companheiros. "O contexto continuado é, na grande maioria das situações, uma das características da violência doméstica", enquadra o supervisor técnico da rede nacional de Casas de Abrigo, com mais de 40 residências distribuídas por todo o território, incluindo uma vocacionada para acolher exclusivamente pessoas do sexo masculino.
"O ciclo é repetitivo porque, muitas vezes, a vítima acaba por dar uma mais uma oportunidade ao agressor", conta Daniel Cotrim, identificando sentimentos de culpa associados às vítimas. "Pensam que podem ter errado no relacionamento, como mães, como mulheres e na possibilidade de não corresponderem aos cânones sociais", explica, ao Expresso, o especialista. "As raízes da violência doméstica — exercício de poder que aumenta a assimetria entre homens e mulheres — estão numa cultura estrutural de desigualdade de género, baseada em crenças, estereótipos e discursos machistas", evidencia o psicólogo de 46 anos, há 18 a colaborar com a APAV. "As mulheres sentem-se como um hamster numa roda em que correm, correm, correm, mas não conseguem sair dali", metaforiza Daniel Cotrim, referindo-se a um crime público para o qual a sociedade "assobia para o lado" e que, "de alguma forma, normalizou e banalizou". As marcas, essas, podem ser indeléveis. "São as sequelas psicológicas aquelas que perduram mais tempo, afetando a autoestima, autoimagem e a forma como vão estabelecer relações interpessoais", diagnostica.

O DIVÓRCIO DO AMOR ROMÂNTICO

A presidente da UMAR foca igualmente a problemática da violência no namoro, em que "a identificação dos casos é o grande problema" e cujos indicadores podem passar pelo controlo, pelo ciúme, vigiar as redes sociais, forçar um beijo em público ou não permitir que a outra pessoa saia à noite com os amigos. "É necessário abandonar o discurso do amor romântico — entranhado desde o séc. XIX, com a apologia de amar perdidamente —, que é muito bonito na literatura, mas na vida real é uma armadilha", avisa Maria José Magalhães relativamente a uma lógica que considera prejudicial. "O agressor promete que não volta a acontecer. Pede desculpa e diz que ama ao ponto de, por vezes, não se conter. Consegue controlar-se durante um ano ou dois, mas depois volta a acontecer, de forma mais grave do que a anterior", frisa a responsável de 60 anos. "A violência começa com pezinhos de lã, que de suaves nada têm, através de pequenos gestos", denuncia a presidente da UMAR. A mudança pode morar seguramente nas pequenas ações. Repetir, para não repetir. Nem mais uma! É preciso lembrar. Todos os nomes. Todos os números. Um número. Uma palavra a dizer num assunto nosso. 116.006. ●

"É NECESSÁRIO ABANDONAR O DISCURSO DO AMOR ROMÂNTICO — ENTRANHADO DESDE O SÉC. XIX, COM A APOLOGIA DE AMAR PERDIDAMENTE —, QUE É MUITO BONITO NA LITERATURA, MAS NA VIDA REAL É UMA ARMADILHA", AVISA A PRESIDENTE DA UMAR

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

DO CÉU AO INFERNO

A SEMANA EM REVISTA POR **PEDRO CORDEIRO**

Homens que maltratam mulheres, juízes que desprotegem mulheres, Governo em luto por mulheres mas que tem de fazer mais pelas mulheres, como prometeu. Morreram 12 este ano. A igualdade de direitos (incluindo à segurança, à vida...) está longe de garantida. E há quem pareça apostado em que nunca aconteça, até mulheres. Nos antípodas, um padre violador é preso — e já vai tarde. Falando de assuntos mais alegres: mexicano dos filmes em destaque em Cannes; português dos pratos em destaque em Marte; MB Way gratuito até quando?

The Independent Group

O mero surgimento de uma nova bancada no Parlamento do Reino Unido (oito ex-trabalhistas, três ex-conservadores) forçou Theresa May e Jeremy Corbyn a mudar de agulha no 'Brexit', ainda dominado pela incerteza.

Alejandro González Iñárritu

O cineasta, vencedor de quatro Óscares, vai presidir ao júri do Festival de Cannes este ano. É a primeira vez que a escolha recai sobre um mexicano.

Kiko Martins

O cozinheiro luso viu o seu prato "1, 2, 3, Marte", com bacalhau, chouriço, batatas, cebolas, alhos, algas, salsa, azeitonas e ovos, ser escolhido como o melhor para uma futura missão ao planeta vermelho.

MB Way

A aplicação para transferir dinheiro veio facilitar a vida a muitos, mas vê agora a popularidade ameaçada pela hipótese de os bancos cobrarem pela sua utilização.

Mariana Vieira da Silva

Louva-se a ideia de declarar luto nacional pelas vítimas de violência doméstica, mas há que recordar que o primeiro-ministro faz há muito promessas de combate a este flagelo sem que os números melhorem.

Joana Bento Rodrigues

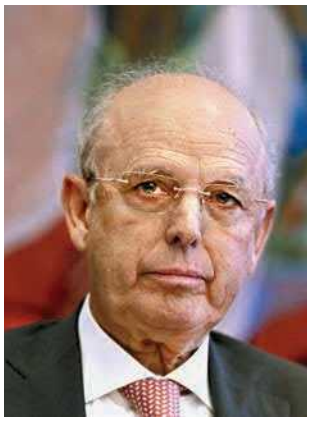
A Idade Média telefonou a dizer que se sente plagiada por esta militante do CDS em artigo recente sobre o papel da mulher.

Neto de Moura

O juiz volta a dar-lhe, libertando da pulseira eletrónica um agressor que 'só' rebentou o tímpano à mulher, ao soco, depois de a ameaçar de morte.

George Pell

O cardeal católico está preso e prestes a conhecer a sentença, passível de recurso, após ter sido condenado por abuso sexual de dois menores. Defendeu-se com a banalidade ("simples penetração") e a curta duração do ato ("menos de seis minutos"). É de vomitar.



BATATA QUENTE

PERGUNTAS IMPERTINENTES

Quem pode avaliar Tomás Correia?

A pergunta causa divisões entre o Governo, que tutela as associações mutualistas, e a autoridade dos seguros, que ganhou a supervisão financeira das maiores entidades deste género. E merece destaque devido à condenação de Tomás Correia (na foto), que está à frente do Montepio Geral, num processo do Banco de Portugal. A Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões (ASF) defende que há um período de 12 anos, consagrado no novo Código das Associações Mutualistas, em que só no seu término poderá equiparar as práticas de supervisão das mutualistas às das seguradoras. E avaliar a idoneidade não consta dos poderes transitórios já existentes — só chega em 2030. O Governo diverge: a ASF já pode avaliar a adequação de quem está à frente das grandes mutualistas. "Estou absolutamente convicto que será a ASF que irá avaliar essas questões", considerou já o ministro José Vieira da Silva, num momento em que José Almaça está a ser substituído da ASF. A palavra será dada à sucessora — Margarida Corrêa de Aguiar. / **DIOGO CAVALEIRO**

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

05 março
TERÇA, 20:00 — M/6

Sinfonia n.º 3 de Mahler

Gustav Mahler Jugendorchester
Jonathan Nott

06 março
QUARTA, 20:00 — M/6

Rückert-Lieder

Gustav Mahler Jugendorchester
Jonathan Nott

BERG · MAHLER · CHOSTAKOVITCH

GULBENKIAN MÚSICA

10 março
DOMINGO, 12:00 / 17:00 — M/6

CONCERTOS DE DOMINGO

Romeu e Julieta

Orquestra Gulbenkian
Lorenzo Viotti

TCHAIKOVSKY · PROKOFIEV

GULBENKIAN.PT

JONATHAN NOTT © THOMAS MUELLER

MECENAS MÚSICA E NATUREZA
THE NAVIGATOR COMPANY
MECENAS ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA
VdA VIEIRA DE ALMEIDA
MECENAS CONCERTOS DE DOMINGO
SANTA CASA Misericórdia de Lisboa. Por boas causas.
MECENAS CICLO PIANO
pwc
MECENAS CORO GULBENKIAN
BMW
MECENAS PRINCIPAL GULBENKIAN MÚSICA
BPI

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

PIMENTA NA LÍNGUA

FRASES DA SEMANA

"Quando o céu for vermelho, mudaremos para vermelho. Mas enquanto o inferno for vermelho, não mudamos para o vermelho"

JORGE NUNO PINTO DA COSTA, PRESIDENTE DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO

Referindo-se à cor dos equipamentos alternativos usados pelo seu clube

"Nem todas as opções estão na mesa"

JOSEP BORRELL, MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS ESPANHOL

Rejeitando expressamente a perspetiva de uma intervenção militar para depor o Presidente venezuelano Nicolás Maduro, como os EUA têm insinuado e o líder da oposição, Juan Guaidó, pareceu admitir no passado fim de semana

"Para já, não estamos a ameaçar ninguém, mas se essa instalação acontecer, a nossa resposta será instantânea"

DMITRY KYSELYOV, APRESENTADOR DO PRINCIPAL NOTICIÁRIO SEMANAL RUSSO

Falando sobre a eventualidade de os EUA instalarem mísseis nucleares de médio alcance na Europa, depois de se retirarem de um tratado de controlo de armamento que a Rússia parece ter sido a primeira a violar

"Fiz o meu melhor, e o meu melhor é suficientemente bom"

HANNAH BEACHLER, DESIGNER NORTE-AMERICANA

Ao receber o Óscar do Melhor Design de Produção pelo seu trabalho no filme "Black Panther". Beachler foi primeira afro-americana a ser nomeada para esse prémio e a vencê-lo

NÚMEROS PRIMOS

ELES FALAM

85,6

MILHÕES DE EUROS DE VISTOS GOLD

Investimento cai

Em janeiro deste ano foram captados 85,6 milhões de euros através da concessão de vistos *gold*, um quebra de 13,6% face ao mesmo mês de 2018. A maioria daquele valor (79,6 milhões) foi para a aquisição de imóveis.

3

COMISSÕES DE INQUÉRITO

CGD à lupa

A Caixa Geral de Depósitos já vai na terceira comissão de inquérito desde 2016. A concessão mal fundamentada de créditos e a atribuição de bónus aos gestores com resultados negativos estão na base desta nova inquirição.

182

MIL NOVOS EMPREGOS

Turismo em alta

Só na região de Lisboa, o turismo gerou 13,7 mil milhões de euros de receitas em 2017, tendo originado ainda 182 mil empregos, segundo um estudo da Associação de Turismo de Lisboa.

17.642

PESCADORES EM PORTUGAL

Cada vez menos

Baixos salários, restrições às capturas e concorrência da náutica de recreio estão a fazer baixar o número de pescadores em Portugal. A Pordata lembra que em 1982 havia 47.529 pessoas a trabalhar nas pescas.

/ **VÍTOR ANDRADE**

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Conte connosco em todas as voltas que a vida dá.

Relações vivas é ajustar o seu crédito às novas necessidades, aconselhando sempre a melhor solução.

- AJUSTAR MENSALIDADES E PRAZOS DURANTE O SEU CRÉDITO.
- JUNTAR CRÉDITOS COM O CRÉDITO CONSOLIDADO.

TAN 7,90% DESDE
TAEG 9,9% DESDE

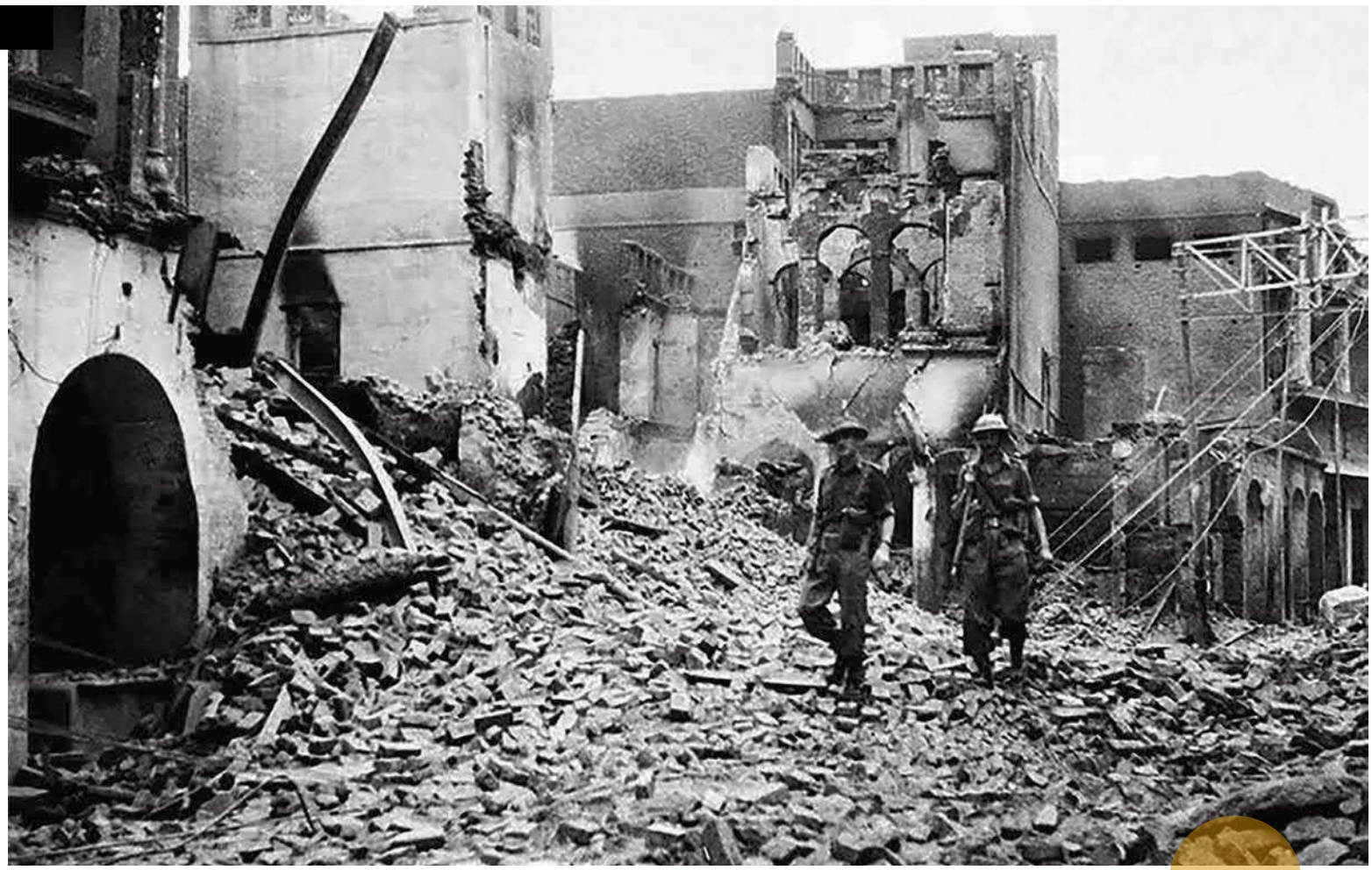
CRÉDITO PESSOAL
5.000€ A 50.000€
24 A 120 MESES

TAEG 9,9% e TAN 8,50% para um crédito pessoal ou consolidado de 7.500€ a pagar em 96 mensalidades de 109,26€. MTIC 10.668,96€. Para mais informações consulte-nos.

Categoria de empresas de crédito ao consumo - este prémio é da exclusiva responsabilidade da Consumer Choice

cofidis.pt
808 25 25 25
De 2ª a 6ª feira das 9h às 20h
Sábados das 9h às 18h
Chamada Local

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



STRINGER/AFP/GETTY IMAGES

1947

DÉJÀ VU

O FUTURO FOI ONTEM

Alta tensão na fronteira

Dois caças indianos foram abatidos, quarta-feira, pela força aérea paquistanesa, um dia depois de a Índia ter lançado um ataque aéreo em território paquistanês destinado a neutralizar uma base do JeM, o grupo armado que, a 14 de fevereiro, reivindicou a autoria de um atentado, com um carro armadilhado, que provocou a morte de 42 elementos das forças paramilitares indianas na região de Caxemira, que é administrada pela Índia mas disputada pelos dois países desde 1947, quando o Paquistão se tornou um Estado independente e tem sido palco de confrontos, mais ou menos violentos, entre as tropas de Nova Deli e Islamabade — um cenário que os Governos dos dois países insistem não querer repetir, sucedendo-se as garantias verbais de que ninguém está interessado num escalar de violência, mas que nada ficará sem resposta... / **RICARDO MARQUES**

ALTIFALANTE

NAS ENTRELINHAS

Intransigência

A propósito da "recuperação" do tempo de carreira dos professores, o mais conhecido representante da classe e o primeiro-ministro acusaram-se mutuamente de intransigência. Não é raro esta palavra surgir em contextos de negociação salarial, sobretudo na boca dos sindicalistas, que são quem normalmente precisa de subir a retórica. Quem tem o poder já diz muito ao não ceder e pode mostrar-se condescendente na resposta, o que tem a vantagem adicional de sugerir autoridade, se for bem feito. O termo intransigência, quando usado pelos sindicatos, significa que o Governo mantém uma posição rígida, inflexível, inamovível, inexorável, intolerante, teimosa, hostil. Do lado do Governo e dos seus apoiantes, fala-se em sentido de Estado, sentido de responsabilidade, firmeza, espinha, carácter, tenacidade, perseverança. Intransigência aqui pode ser vista como uma virtude, mas os partidários dela devem recordar que 'transigir', na sua raiz (*trans-agere*), contém a ideia de fazer algo andar para a frente. Qualquer que venha a ser o desenlace, estes assuntos escusavam de ficar tanto tempo parados.

Há conflitos sociais dramáticos que lembram aquele jogo onde dois carros sem travões seguem em alta velocidade um em direção ao outro e o perdedor é quem se desviar primeiro. O jogo obriga ambos os condutores a terem nervos de aço. Cada um deles tem de acreditar não apenas que o outro cederá antes dele, como que o fará a tempo de evitar a colisão. A única forma de um deles garantir isso (a não ser que o outro seja louco, ou faça ele próprio a mesma coisa) é retirar o volante e atirá-lo fora, ficando esse condutor impedido de se desviar ainda que quisesse.

> *"Esbarrámos num muro de intransigência do Governo"*

As disputas agora em curso não são de vida ou de morte. Não envolvem nenhuma forma de pressão equivalente nem impossibilidades ao mesmo nível. Mesmo as garantias solenes de que não há dinheiro disponível, repetidas há dias pelo ministro das Finanças, têm um valor relativo. Toda a gente sabe que, se o Governo quiser, o dinheiro aparece — por mais irresponsável que isso possa ser, ou não. O que está em jogo são transações de vários tipos, com entidades que não se limitam ao sindicato em questão. A política por definição é transacional, e o essencial são as propostas de valor apresentadas serem atraentes. Pelo menos para já, uma delas não parece ser. / **LUÍS M. FARIA**

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

e o seu cérebro, está on?

yperton®

yper desempenho cerebral

- *Melhoria na rapidez e no desempenho das tarefas cognitivas.*[1]
- *Sensação de vitalidade e tranquilidade, e melhoria do estado de alerta.*[2]
- *Redução do cansaço e da fadiga.*
- *Normal funcionamento do sistema nervoso.*

FERRAZLYNCE
www.ferrazlynce.pt

O extrato natural de Gingko biloba demonstrou em estudos melhorias ao nível da rapidez e do desempenho na execução de tarefas cognitivas.[1]
O extrato natural de Panax ginseng demonstrou em estudos melhoria na sensação de vitalidade e de tranquilidade, bem como melhoria no estado de alerta.[2]
O ácido pantoténico (vitamina B5) contribui para um desempenho mental normal, e a vitamina B6 e a vitamina B12 contribuem para o normal funcionamento do sistema nervoso.
O iodo e o zinco contribuem para uma normal função cognitiva. O magnésio e o ferro contribuem para a redução do cansaço e da fadiga.

yperton® é um suplemento alimentar que constitui uma fonte concentrada de substâncias nutrientes ou outras com efeito nutricional ou fisiológico. Os suplementos alimentares não devem ser utilizados como substitutos de um regime alimentar variado e equilibrado, nem de um estilo de vida saudável. É importante para a saúde manter um modo e um estilo de vida saudável e um regime alimentar variado e equilibrado. Não deve ser excedida a toma diária recomendada. Leia atentamente o folheto de informação ao consumidor. Em caso de dúvida consulte o seu médico ou farmacêutico.

1. Kennedy DO, Scholey AB, Wesnes KA. The dose-dependent cognitive effects of acute administration of Ginkgo biloba to healthy young volunteers. Psychopharmacology 2000; 151:416-23.
2. Wiklund I, Karlberg J, Lund B. A double blind comparison of the effect on quality of life of a combination of vital substances including standardized ginseng G115 and placebo. Curr Ther Res 1994; 55:32-42.

YPT 03_03_17

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

O QUE EU ANDEI PARA AQUI CHEGAR

UM CURRÍCULO VISUAL

Spike Lee

O mais aclamado realizador norte-americano negro — e ser negro não é indiferente nem para ele nem para a obra — venceu, por fim, um Óscar, à terceira tentativa. "BlacKkKlansman: O Infiltrado" é a história real de um polícia negro infiltrado no grupo supremacista Ku Klux Klan. Termina com o desfile de 2017 em Charlottesville, gancho perfeito para Lee, referindo-se a Trump, pedir que os americanos escolham "entre o amor e o ódio" nas presidenciais de 2020. Divide o Óscar com Charlie Wachtel, David Rabinowitz e Kevin Willmott. / **JOÃO DIOGO CORREIA**

1957

Arte nos genes

Shelton Jackson Lee nasce em Atlanta (EUA), o mais velho de quatro irmãos. A mãe é professora de literatura e o pai músico de jazz. É a mãe que lhe dá a alcunha 'Spike', que o acompanhará para sempre, tanto quanto a consciência do que significa ser afro-americano.

1959

Crónicas de Brooklyn

A família muda-se para Brooklyn, Nova Iorque, facto a que a sua filmografia também não será indiferente. É lá que se passam alguns dos seus melhores filmes, que inclui naquilo a que chama "Crónicas de Brooklyn".

1979

Nasce um realizador

De volta à Atlanta natal, completa o curso em Comunicação Social na Morehouse College. Cresce o interesse pelo cinema e pela arte, sobretudo após a inesperada morte da mãe.

1983

Aluno exemplar

Ganha o primeiro prémio de cinema, ainda como estudante em Nova Iorque. A carreira como realizador começa a ganhar força, mas continua sem pagar contas. Para o fazer, trabalha numa distribuidora de filmes.

NINA PROMMER/EPA

1986

Incontornável

Lança "She's Gotta Have It" ("Os Bons Amantes"), primeiro grande estrondo do terramoto em que se tornaria. A preto e branco, a história de uma mulher negra descomplexada abala a moral e os bons costumes. É aclamado pela crítica e um sucesso de bilheteira.

1989

Fazer o que está certo

"Do the Right Thing" ("Não Dês Bronca") passa-se na inevitável Brooklyn, explora a tensão racial na cidade e marca o estilo contundente do realizador. Um dos personagens tem um anel a dizer "amor" e outro a dizer "ódio". Lee voltaria a usá-los 30 anos depois, na cerimónia que o premiou com um Óscar.

2019

Por fim

Mais um filme político sobre uma América racista e segregadora, "BlacKkKlansman: O Infiltrado" vale-lhe o Óscar de Melhor Argumento Adaptado. O discurso de aceitação não é menos político. "As eleições de 2020 estão ao virar da esquina. Fiquemos todos do lado certo da história."

2015

Obra cheia

Três décadas de cinema e aclamação pública deram-lhe prémios e nomeações, mas ainda não um Óscar. A Academia reconhece-lhe a obra com a atribuição de um prémio honorário de carreira.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

nortravel.pt

PROGRAMAÇÃO NORTRAVEL 2019

DESCUBRA A SUA VIAGEM DE SONHO

9 MARÇO, compre o **EXPRESSO**

e reserve na sua Agência de Viagens

SIGA-NOS

Nortravel

20 ANOS | DESDE 1999

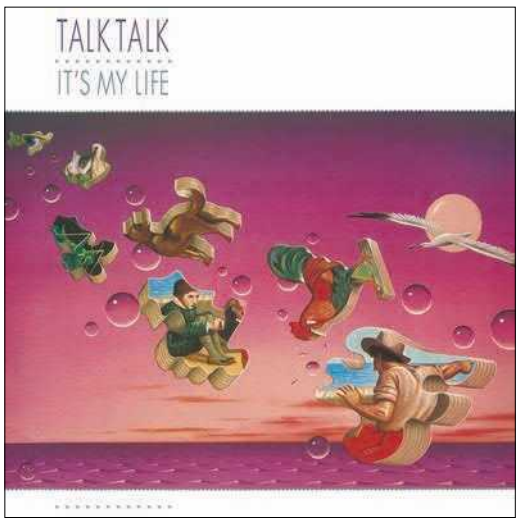
RNAVT 2284

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

ÓSCARES 2019

Uma noite política vivida entre prémios

Não houve vencedores absolutos, pelo que a cerimónia de entrega dos Óscares teve este ano em pequenos momentos e em premiações menos mediáticas alguns episódios potencialmente mais significativos que as quatro estatuetas repartidas entre "Bohemian Rhapsody" (Ator, Montagem e as duas categorias de som), ou as três alcançadas por "Roma" (Realizador, Fotografia e Filme em Língua Estrangeira), "Green Book" (Filme, Ator Secundário e Argumento Original) ou "Black Panther" (Banda Sonora, Guarda Roupa, Design de Produção). A este último filme coube, por exemplo, uma premiação que traduziu os esforços da Academia em vincar uma representação de maior diversidade, tendo assegurado as primeiras vitórias nas categorias de Guarda Roupa e Design de Produção para mulheres afro-americanas (respetivamente Ruth E. Carter e Hannah Beachler).
Spike Lee, ao frisar no discurso de aceitação do Óscar de Melhor Argumento Adaptado para "BlacKkKlansman" que se avizinham as eleições de 2020, pedindo a todos que se mobilizassem para ficar "no lado certo da história" e fazer uma "escolha moral entre o amor e o ódio", foi quem mais claramente marcou uma posição política. Vestido de roxo (em homenagem a Prince), reagiu mal ao triunfo de "Green Book" como Melhor Filme, situação que desviou algumas atenções do discurso que, entretanto, gerou já uma reação de Donald Trump, que criticou o que considerou ser um ataque racista ao Presidente. Barbra Streisand, que apresentou em palco a nomeação de "BlacKkKlansman" para Melhor Filme, comentou que este é um filme "real, divertido, mas ao mesmo tempo tão assustador", porque "é baseado na verdade", acrescentando que a "verdade é um bem precioso nos dias que correm", observação que gerou um aplauso na sala e tem evidentes ressonâncias políticas.
Outras leituras políticas da noite surgiram no discurso de aceitação de Rami Malek (Melhor Ator em "Bohemian Rhapsody"), ao lembrar que é filho de emigrantes egípcios, ou no número de abertura, quando Maya Rudolph gracejou que o México não vai pagar a construção de um muro na fronteira com os EUA.



MÚSICA

O discreto desaparecimento do vocalista dos Talk Talk

Poucas bandas pop conseguiram alcançar uma dimensão de sucesso global e o confesso reconhecimento dos mais exigentes melómanos. Poucas apresentaram na sua discografia momentos de exploração da pop eletrónica ou incursões ambientais em terrenos não muito distantes do jazz, conseguindo, em quaisquer dos momentos, obter aclamação crítica e aquela rara capacidade em cruzar os mais diferentes gostos. Surgiram no Reino Unido em 1981 e chegaram a ser comparados (pelos sons) à vaga "neorromântica" que então dava que falar... Conquistaram cedo o sucesso internacional e viveram momentos de sucesso planetário em meados da década antes de mergulharem numa inesperada e ousada aventura por espaços nas periferias do jazz e da música ambiental, saindo discretamente de cena no início da década de 90. Chamavam-se Talk Talk e tanto os podemos encontrar em programas evocativos dos grandes êxitos dos anos 80 como não serão estranha presença nas coleções de discos de quem procura outros universos na música que não passam pelos *tops* de vendas... Grande compositor e intérprete, o seu vocalista Mark Hollis aproveitou o fim dos Talk Talk para se retirar de cena, tendo apenas editado um álbum a solo em 1998 (ao qual deu o seu nome) desde então. Era, de resto, um exemplo de figura que, apesar da popularidade obtida pela música, optara por um rumo mais recatado para a sua vida familiar. E tão profundo era o silêncio a que nos votara há já

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

alguns anos que a notícia da sua morte começou a circular no início da semana por discretos *tweets* de familiares e antigos colegas, só quase dois dias depois tendo chegado aos jornais e redes sociais, mesmo assim sem uma confirmação "oficial".
Mark Hollis nasceu em Tottenham (Londres) em 1955 e teve uma primeira banda em 1977, os Reaction. Raramente falava da sua vida privada nas poucas entrevistas que concedeu, mas referiu que antes da música chegou a trabalhar em fábricas e laboratórios, numa ocasião tendo falado que chegou a frequentar, mas por pouco tempo, um curso na área da psicologia. Foi numa canção dos The Reaction (que nunca chegaram a fazer discos) que Mark Hollis encontrou o nome para o quarteto que formou em 1981 e que ainda esse ano se estreou com o single 'Mirror Man' (que passou longe das atenções). Influenciados por David Bowie, os Roxy Music e a força que animava a geração pós-punk, os Talk Talk editaram em 1982 um álbum de estreia — "The Party's Over" —, no qual, apesar das ligações ao contexto que então se vivia, se sentiam já marcas de personalidade, sobretudo na postura vocal de Mark Hollis. Um dos singles, 'Talk Talk', fez então deles um caso de sucesso imediato em Portugal. Pouco dados a repetir ideias, apresentaram em 1984 um álbum de pop mais sofisticada ("It's My Life"), voltaram as costas aos sintetizadores e modelos de produção em voga em 1986 ("The Colour of Spring"), antes de desviarem as atenções para duas incursões, progressivamente mais profundas, entre espaços influenciados pelo jazz e pela música ambiental em "Spirit of Eden" (1988) e "Laughing Stock" (este de 1991, editado pela Verve). Apesar de venerados — sobretudo por sucessivas novas gerações de músicos —, os Talk Talk optaram por ditar um fim, também discreto, em 1991. Se antes era já uma figura moderada e distante, sobretudo desde que o grupo deixara de atuar ao vivo em 1986, Mark Hollis encetou uma rota ainda mais divergente das atenções. Editou o seu disco a solo em 1998 e aceitou colaborar com Anja Garbarek ou, através de um pseudónimo, num disco de Phil Brown e Dave Allison. Colaborou, sem créditos na capa, no álbum de estreia dos Unkle, "Psyence Fiction". E, já neste século, compôs pontualmente para televisão.

FLASHES

DISCOS

Os álbuns que David Sylvian editou a solo nos anos 80 acabam de conhecer reedição em suporte de vinil, apresentando alguns deles novas capas. Esta campanha inclui as reedições de "Brilliant Trees" (1984), "Gone To Earth" (1986) e "Secrets of The Beehive" (1987), assim como representa a primeira vez que chega ao vinil o disco instrumental "Alchemy: An Index of Possibilities", originalmente lançado em cassete em 1985. Em finais de março conhecerá reedição em vinil o álbum do projeto Rain Tree Crow, que em 1990 juntou os quatro elementos da formação final dos Japan.

CINEMA

O 25º filme da série James Bond, que corresponderá ao quinto com o papel do agente 007 a ser interpretado por Daniel Craig, acaba de conhecer mais um adiamento, sendo a sua estreia agora apontada para 8 de abril de 2020. A agenda da produção tem a data de arranque prevista para 19 de abril, com Cary Joji Fukunaga na realização. Antes se saber o seu título oficial, o filme está ser referido com o título de trabalho "Shatterhand".

EXPOSIÇÃO

Ao contrário do que fora anunciado, haverá, depois de Paris, uma segunda paragem europeia da exposição com tesouros do faraó Tutankhamon. Será em Londres, na Saatchi Gallery, de 2 de novembro de 2019 a 3 de maio de 2020. A exposição estará antes em Paris, no Parque de La Vilette, de 1 de março a 31 de setembro. Entretanto, passou por São Francisco (Califórnia) e, pela frente, terá ainda mais sete paragens.

V&A/ ADRIEN DIRAND

DESIGN

Exposição sobre a Casa Dior em Londres já é um caso de sucesso

Inaugurou este mês, no Victoria & Albert Museum (V&A), em Londres, uma exposição sobre a história da Casa Dior. Patente no museu até 14 de julho, "Christian Dior — Designer of Dreams" junta algumas das mais célebres criações desta casa de alta costura francesa, entre as quais estão vestidos usados pela princesa Margarida, Margot Fonteyn ou Jennifer Lawrence. A exposição é baseada numa outra recentemente organizada pelo Museu de Artes Decorativas de Paris. Uma das novas secções corresponde a uma expressão do fascínio que a Dior (fundada em 1947) foi exercendo junto da cultura britânica e, ao mesmo tempo, o encantamento que os jardins ingleses e os grandes paquetes (como o "Queen Mary") exerceram em Christian Dior.
A exposição apresenta mais de 500 peças, entre as quais mais de 200 vestidos de alta costura, aos quais se juntam acessórios, perfumes e cosméticos, fotografias, filmes, ilustrações, revistas e ainda alguns objetos pessoais de Christian Dior. A maioria das peças apresentadas provém dos arquivos da Casa Dior, contando também com alguns objetos e criações que integram a coleção do próprio museu. O percurso nota ainda as importantes criações de nomes como Yves Saint Laurent, Marc Bohan, Gianfranco Ferré, John Galliano, Raf Simons ou Maria Grazia Chiuri, que foram marcando episódios na história da estética da Dior. A venda antecipada de bilhetes já esgotou todas as quantidades previstas até ao seu encerramento e há neste momento quem se esteja a tornar membro do V&A para conseguir obter entradas. Diariamente, um número limitado de bilhetes é posto à venda na bilheteira do próprio museu.

PHOTO MATON

O clássico "Morte em Veneza", de Visconti, vai conhecer uma nova edição em Blu-ray pela Criterion a 18 de março. O filme, de 1971, vai surgir em cópia restaurada, numa edição que entre os extras inclui o documentário "Lucchino Visconti: Life as in a Romance", imagens de arquivo nas quais o realizador discute o filme à data da estreia ou um programa de 1970 no qual se explica o *casting* para o papel de Tadzio.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

PASSEIO PÚBLICO

20 MINUTOS COM

JIA ZHANG-KE

"SEMPRE ACREDITEI QUE A CHINA SÓ PODERIA MUDAR POUCO A POUCO"

O MAIOR CINEASTA CHINÊS DA SUA GERAÇÃO FALA-NOS DO SEU 'OPUS 12', "AS CINZAS BRANCAS MAIS PURAS", ESTREADO NO FESTIVAL DE CANNES DO ANO PASSADO. CHEGOU ESTA SEMANA ÀS NOSSAS SALAS

ENTREVISTA **FRANCISCO FERREIRA** EM CANNES

O novo filme deste realizador de exceção, figura de proa da cinematografia chinesa e o seu autor mais respeitado a nível internacional, acompanha três períodos da vida de uma mulher, de 2001 à atualidade, e a relação dela com o homem que ama, feita de separações bruscas e de amargos encontros. É um melodrama que ressoa politicamente na história do país nestas últimas duas décadas e que, em simultâneo, faz uma revisão da obra de um grande autor que Portugal segue há muito de perto.

Porque é que "As Cinzas Brancas Mais Puras" se centra em Qiao [papel de Zhao Tao, mulher e atriz de quase todos os filmes de Zhang-ke], uma personagem feminina que vive à margem da sociedade?
O papel da Zhao Tao surgiu de uma coincidência. Há cerca de três anos, pus-me a rever o material de arquivo que gravei pela primeira vez em vídeo na minha cidade natal, Fenyang, por volta de 2001, e também em Datong, na mesma província. Eram imagens de documentário, aleatórias, sobre o quotidiano das pessoas da minha terra. Aspetos das ruas, pessoas em viagens de autocarro, a vida dos operários nas fábricas, as festas nos salões de baile, karaokes e saunas, etc. Uma das pessoas que filmei foi Zhao Tao, que me tem acompanhado no trabalho e na vida ao longo destes anos. Decidi então começar este filme com ela. E pensar na transformação de uma personagem de ficção que ela poderia interpretar entre 2001 e os dias de hoje.

Essas imagens de arquivo surpreenderam-no?
Senti-me a anos-luz delas. Sempre acreditei que a China só poderia mudar pouco a pouco. Mas ao ver aquele material de 2001, dei-me conta de como foi rápida e brutal a transformação do meu país. Não estou a falar dos penteados das raparigas e do guarda-roupa, mas de mentalidades e de comportamentos. É algo que não tem qualquer paralelo no Ocidente no mesmo período de tempo.

"As Cinzas Brancas Mais Puras", apesar de não ser um filme autobiográfico, é também um reflexo de si próprio e do seu trabalho. Você começou a filmar quando a ação desta obra começa...
A minha evolução profissional e pessoal condicionam também o filme, isso é claro. Mas não há autobiografia, antes uma compreensão, um acordo que não precisa de se explicar, como se a minha vida e a das minhas personagens traçassem linhas paralelas. Consigo compreender o sofrimento delas. Sou testemunha do que lhes aconteceu. Mas as histórias do filme, embora inspiradas em factos verídicos que fui ouvindo aqui e ali, são pura ficção.

"As Cinzas Brancas Mais Puras" também é um melodrama. Vemos como Qiao e Bin [Liao Fan] se apaixonam, se separam, para mais tarde se reunirem em condições muito adversas, numa altura em que Bin é já um homem destruído. Eles vivem fora da lei. E este facto abre o filme ao *jianghu*, isto é, ao submundo das sociedades de crime organizado da velha China, que, no cinema, também deram origem a um género específico [derivado do *wuxia*, o cinema de artes marciais]. Porque se sentiu atraído por este género?
A mística do *jianghu* está enraizada na sociedade chinesa desde há séculos. As sociedades de crime organizado transcendiam os clãs locais e as leis familiares, eram um modo de vida, com as suas leis estritas, às quais as pessoas juravam fidelidade. No início do meu filme, há uma cena que exemplifica isso, quando aquele homem que está a dever dinheiro a outro é forçado a reconhecer a dívida perante o totem espiritual do clã. Após a vitória comunista na China em 1949, estes grupos dissiparam-se, mas reapareceram pouco a pouco desde o final dos anos 70, herdando a violência das políticas da Revolução Cultural. A moral desses gangues, os seus códigos de conduta eram agora alimentados pelo cinema de ação que se fazia em Hong Kong e que se tornou popular em todo o mundo nos anos 80. Os novos gangues eram uma mutação do que havia acontecido no passado. Eu vivi esse tempo. Fiz parte de uma geração furiosa que se rebelou na juventude. O meu filme "Plataforma" [2000], que realizei aos 29 anos e que também traça uma panorâmica temporal, fala dessa juventude que queria ser moderna e livre.

E o melodrama casa-se bem com estas histórias policiais?
As histórias de amor no *jianghu* são muito específicas. Fiz bastante pesquisa sobre o assunto e sobre aquilo que se passava nas décadas de 30 e 40. Normalmente, os amantes unidos por aquele submundo não temem o amor nem a morte. Qiao e Bin, por exemplo, não são casados. Não acreditam que vão envelhecer juntos como um casal romântico. Mas isso não impede Qiao de se sacrificar pelo amante, na maior prova de amor que lhe pode dar, assumindo um crime que ele cometeu. De certa forma, eles estão cientes desde o início do seu destino, como uma maldição.

Pode ser Qiao a mais forte das personagens que criou até hoje?
Ela é certamente a mais paradoxal, é uma figura contraditória. Uma mulher forte, sim. Mas ao mesmo tempo atravessa décadas subjugada pelo amor que entendeu ser o da sua vida. Qiao sabe que necessita de amor. Sabe também que jamais suplicará por ele. O que tem de acontecer acontecerá. E eu acho que esta atitude é um grande reflexo das mulheres na sociedade chinesa atual, onde elas começam a singrar, alterando os padrões de comportamento de uma sociedade que é patriarcal e machista.

Os seus filmes foram durante longos anos proibidos na China. Vendiam-se no mercado negro, em DVD piratas. Hoje, beneficia de outro estatuto, conquistou a independência financeira, é o rosto do cinema independente do país, dirige um festival [Pingyao]. Não é irónica esta mudança?

"A MÍSTICA DO *JIANGHU* ESTÁ ENRAIZADA NA SOCIEDADE CHINESA DESDE HÁ SÉCULOS. AS SOCIEDADES DE CRIME ORGANIZADO TRANSCENDIAM OS CLÃS LOCAIS E AS LEIS FAMILIARES, ERAM UM MODO DE VIDA"

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

"As Cinzas Brancas Mais Puras" também é um comentário a essa ironia. E sei que há filmes que continuam a ser proibidos. Eu continuo a acreditar na liberdade de expressão e também nas suas responsabilidades.

O que significa este filme na língua chinesa? No Ocidente, só conhecemos os seus filmes pelo título internacional em inglês.
O título em inglês vem da cena em que Qiao e Bin estão a falar ao pé daquele vulcão. Ela diz-lhe coisas com uma profundidade que ele não compreende. A tradução literal do original em mandarim é 'os filhos e filhas de *jianghu*'. Fala de todos os que viveram e ainda vivem à margem da sociedade chinesa. Dos que perderam o emprego quando as pequenas e médias fábricas onde trabalhavam fecharam as portas em nome do progresso. Eles sabem que são excluídos. E que têm mais hipóteses de sobreviver se se mantiverem juntos. ●

Ver crítica a "As Cinzas Brancas Mais Puras" na pág. 78

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

/ COMENDADOR
MARQUES DE CORREIA

RICARDO SALGADO, AMIGO, ESTOU CONTIGO E PENSO QUE PASSOS TEM A CULPA DO QUE SE PASSOU NO BES

HÁ BANQUEIROS QUE DEVIAM ESTAR PRESOS, OUTROS QUE SÃO TIMORATOS E HÁ, AINDA, OS MUITO CORAJOSOS. O EX-PATRÃO DO BES FEZ PARTE DOS TRÊS

Ricardo Salgado, qual autor de livros de ficção e exaltação do ego, acabou de descobrir quem foi o culpado pelo descalabro do BES. É verdade que havia vários suspeitos: desde logo Ricardo Salgado, como também o dr. Salgado, o DDT, o dr. Ricardo e um senhor que passou na Avenida da Liberdade às 15h32 de uma sexta-feira 13. Na verdade, nenhum deles tinha o mínimo que ver com o assunto. O problema estava mais atrás, mais fundo e mais dissimulado. Para o conhecer em toda a sua dimensão teremos de recuar no tempo, e bastante.
Noé, no dilúvio ordenado por Deus Nosso Senhor para acabar com as iniquidades do mundo, salvou um casal de cada espécie. Entre elas, espero que acompanhem o meu raciocínio, salvou dois coelhos. Ao fazê-lo, propiciou que existissem mais coelhos, muitos coelhos. Daí que seja legítimo (embora de impossível prova) afirmar que um Coelho é responsável por tudo o que se passou depois do dilúvio. Este tudo envolve muita coisa, desde uma monumental bebedeira apanhada pelo próprio Noé, à perseguição dos cristãos nos primeiros tempos de Roma, passando pela peste bubónica, os autos da Inquisição, a PIDE e, claro, a falência do BES.
Todas estas coisas poderiam — digo mais, deveriam — ter sido evitadas se acaso não deixassem a besta, ou um Passos Coelho, à solta. Isto com o Costa bom nunca se teria passado! Já com o Costa mau (o Carlos) passou sem a mínima oposição.
Voltemos ao BES e resumamos a história para uma boa compreensão do que está (ou esteve) em causa. Um cavalheiro, excelente banqueiro, descendente da linhagem dos banqueiros mais sérios do país, quiçá do mundo, decidiu começar a fazer coisas, como abrir *offshores* e entrar em negócios que, mais tarde, se revelaram ruinosos. De que necessita um homem assim? De uma mão protetora no Governo que saiba mandar o Banco público, conhecido por CGD, conceder-lhe liquidez para ele poder continuar a divertir-se, a ter uma boa parte dos primos num *compound*, a fim de não atrapalharem e o negócio seguir adiante, com excelentes lucros para o próprio.
Aliás, se o Governo fosse outro, poderia beneficiar bastante destes dividendos e, inclusive, meter um pinho ou outro no Executivo, de modo a sentir-se mais protegido. Digamos que o sistema se baseava no velho costume anglo-saxónico dos *checks and balances*, ou, se preferirem, no escrutínio mútuo: o Governo vigiava o Banco através de um infiltrado do Banco no Governo, e o Banco vigiava o Governo através da mesma pessoa. O primeiro-ministro tinha um amigo e o povo vivia feliz e, sobretudo, não era lesado por querer entrar em negócios cheios de juros e papéis para assinar com letra pequenina.
Este mundo maravilhoso acabou quando o matarruano do Coelho, que anda a prejudicar a humanidade desde que o Noé o meteu na arca, disse que não garantia coisa nenhuma ao BES e ao dr. Ricardo Salgado. O que aconteceu desde então? Só coisas más. O próprio Ricardo Salgado ficou confinado a uma mansão com vista para o mar em Cascais, não podendo sequer apanhar um avião privado para colocar dinheiro nas Caimão.
Uma chusma de portugueses ficou lesada com a papelada com letras pequeninas que tinha comprado ao banco do mesmo Salgado; teve de fazer-se um banco novo que foi vendido aos americanos, em vez de estar em mãos portuguesas, nossas, como é o caso do... hummm... Montepio e CGD, onde, como se sabe (tal como o velho BES), nunca houve maroscas. Enfim, os contribuintes tinham perdido dinheiro à mesma, mas pelo menos era o amigo de todos o DDT (Devoto e Dedicado Trabalhador) a lucrar, em vez de andarem todos a perder.
É verdade, o Passos nunca percebeu as subtilezas do poder, menos ainda as do poder subtil. Se as percebesse, aproveitava o ataque do dr. Ricardo Salgado para lhe pedir desculpa. E recordar-lhe que, de facto, para ele, nada chegava aos tempos de Sócrates.
Quando os socialistas eram sérios! ●

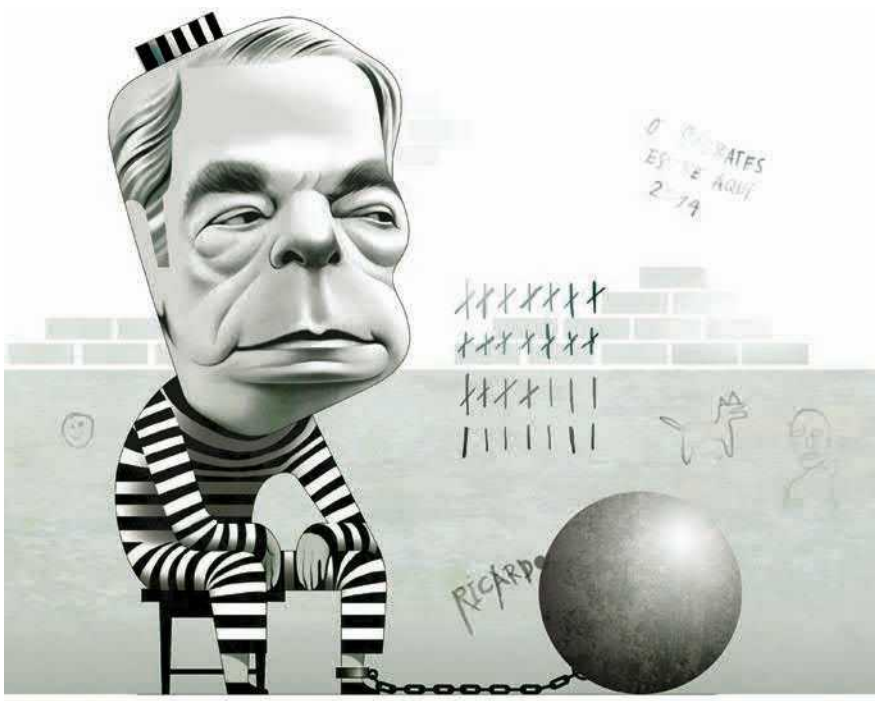


ILUSTRAÇÃO DE CRISTIANO SALGADO

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

conceitográfico

Por mim,
é Porminho.

Caminhos

Na Porminho, procuramos a satisfação nos trilhos da vida, que percorremos a cada dia.
A satisfação de ver surgir grandes ideias, resultado de muito conhecimento, trabalho, dedicação e clareza na identificação das oportunidades. E grandes ideias, que para nós são excelentes produtos de charcutaria, inspirados nas raízes tradicionais onde vão buscar os aromas e sabores, e surgem carregados de modernidade, na sua forma e apresentação, para satisfação de quem os prefere todos os dias...

www.porminho.pt

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Juan Guaidó

O homem antes do mito

Ele não é apenas o rosto da possibilidade de mudança. É, acima de tudo, a figura de proa de uma nova geração de políticos, que cresceu durante o chavismo e que luta por uma Venezuela diferente

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

NURPHOTO/GETTY IMAGES

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

DECISIVO Juan Guaidó com a filha ao colo, no dia 5 de janeiro de 2019, quando tomou posse a Assembleia Nacional. Pouco mais de duas semanas depois, a 23 desse mês, autoproclamou-se presidente interino da Venezuela

No passado dia 5 de janeiro, aquilo que costumava ser um ato protocolar rotineiro de qualquer democracia estável converteu-se num evento histórico para a Venezuela. A tomada de posse das novas autoridades da Assembleia Nacional (AN) para o ano em curso tornou visível a chegada de uma nova geração política à única instituição democrática que resta ao país. O deputado Juan Guaidó, que presidirá ao Parlamento, não só é jovem, tendo apenas 35 anos, como é também o primeiro militante do partido Voluntad Popular a assumir tão elevada responsabilidade. O seu partido foi fundado há apenas dez anos. O segundo vice-presidente, que tomou posse para o mesmo período, Stalin González, do partido Un Nuevo Tiempo, também é um jovem de 38 anos. Ambos fazem parte de uma liderança que foi forjada nas duras condições socioeconómicas e políticas da era chavista.

Com a chegada de Guaidó e dos seus companheiros de geração inicia-se uma era de dirigentes providos de novéis formas de compreender a realidade, capazes de as expressarem no discurso político, de escolherem estratégias e formas de luta para alcançarem a mudança. Vêm dotados das suas relações particulares com a sociedade civil e com a cidadania e, como em toda a mudança, trarão surpresas, mas são sobretudo portadores de uma renovada energia política para continuar a abrir a árdua senda da transição.

ORIGENS POLÍTICAS DE JUAN GUAIDÓ E DOS SEUS COMPANHEIROS

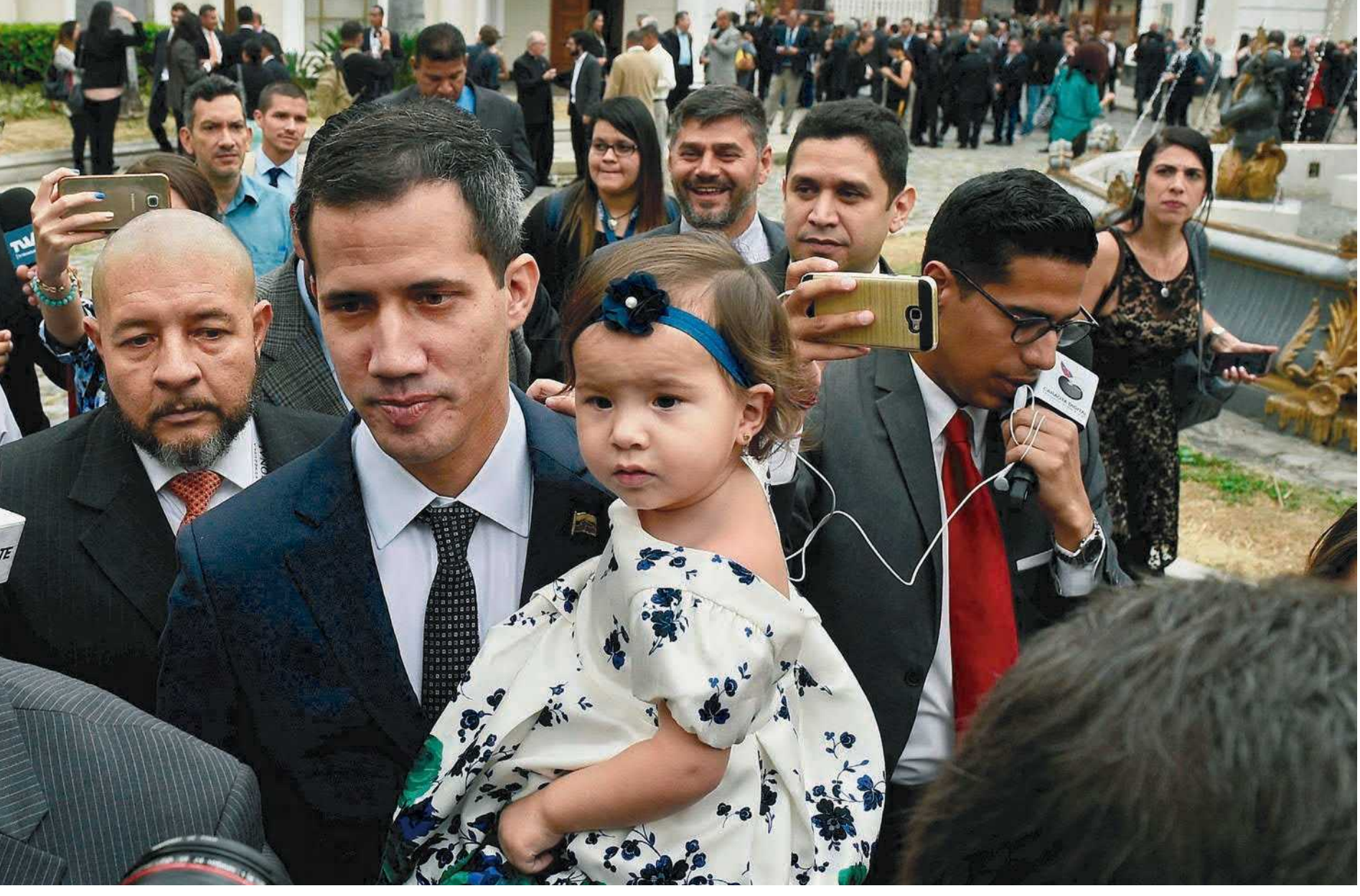
Como já é tradição histórica na Venezuela perante o poder autoritário, particularmente em momentos de debilidade institucional, Juan Guaidó e os seus companheiros começaram a sua carreira como dirigentes do movimento estudantil universitário. Foi em 2007, durante os protestos que se desenvolveram a partir do dia 27 de maio, motivados pelo encerramento do canal Radio Caracas Televisión por parte do Governo de Hugo Chávez, que o movimento dos estudantes despertou de novo. Durante o primeiro mandato de Hugo Chávez (1999-2007) esse movimento fora pouco visível.

A causa dessa inatividade parece poder explicar-se com o processo de rutura populista ocorrida nas eleições presidenciais de 1998, que levou Hugo Chávez Frías ao poder, e com ele uma nova elite política, originada nos quartéis, mas também em organizações sociais e políticas, na sua maioria com uma orientação ideológica de pendor esquerdista. O movimento de Chávez, com a proposta de uma democracia participativa e protagonista, atraiu muitos ativistas que tinham sido particularmente dinâmicos nas décadas de oitenta e noventa, quando o modelo de desenvolvimento económico petrolífero da Venezuela e a democracia partidária haviam entrado em crise. A transformação desses ativistas, incluindo os do movimento estudantil, em funcionários públicos daquele regime populista e progressista, debilitou a sociedade civil, que desempenhara um papel de grande protagonismo nas décadas anteriores. Nos anos que antecederam a Chávez, movimentos sociais como o estudantil, o ambiental, o indígena, o feminista, o comunitário, o sindical e o dos direitos humanos, tinham sido muito relevantes no meio da crise de representação que a sociedade sofreu. Ao se cindirem e polarizarem, como fruto da política exercida a partir do poder, tais atores perderam relevância no interior do jogo democrático.

Mas em 2007, inaugurando-se um segundo mandato presidencial de Chávez, a situação teria de mudar. Inesperadamente, e tendo como motivo o encerramento das emissões do canal Radio Caracas Televisión, os universitários puseram-se em ação. Ao abrigo da nova proposta do socialismo do século XXI, o Presidente ordenou que não fosse renovada a concessão detida por aquele meio de comunicação privado para transmitir em sinal aberto. Até então, este canal era o mais antigo e com maior cobertura geográfica do país. A personalíssima decisão de Chávez, embora apoiada desde logo em alegações e procedimentos legais, pôs em destaque a vocação autoritária para a qual o carismático líder tendia de maneira crescente. Chávez estava convencido de que os proprietários daquela emissora de televisão tinham estado comprometidos com o golpe de Estado fracassado em abril de 2002, que o tirara do poder

TEXTO
MARGARITA LÓPEZ MAYA
EM CARACAS

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



FEDERICO PARRA/AFP/GETTY IMAGES

por algumas horas. Encorajado agora pela avalanche de votos que havia recebido para a sua reeleição, decidiu tomar medidas contra o canal. Para sua surpresa, ao ser executada a decisão a 27 de maio, generalizou-se um protesto em importantes urbes do país, e nas semanas seguintes reativou-se o movimento estudantil, que, contrariando as posições da esquerda de então, e diferentemente dos seus alinhamentos ideológicos no passado, levantou a voz contra a violação do direito à liberdade de expressão, cerceada por aquela decisão do Executivo. O movimento estava polarizado entre grupos antichavistas e chavistas, tal como estava toda a sociedade, mas neste caso foi evidente que a maioria dos estudantes das instituições públicas e privadas estava contra a medida de encerramento. O Governo apressou-se a estimular um movimento estudantil pró-oficialista, mas este mostrou-se débil, pouco criativo e algo burocratizado.

Foi essa a estreia dos jovens líderes de diversos partidos, como Guaidó, que hoje começam a assumir cargos de responsabilidade na condução da luta democrática do povo venezuelano. E a acompanhá-los vêm outros novos dirigentes, forjados nos recorrentes ciclos de protestos que a sociedade teve desde então, particularmente os de 2014 e 2017. Esta geração sabe fazer política de rua, e sofreu na própria carne a desproporcionada e violenta resposta repressiva do Governo de Nicolás Maduro.

Quando os protestos estudantis de 2007 tiveram lugar, o presidente da Federação de Centros Universitários da Universidade Central da Venezuela (FCU-UCV) era Stalin González, hoje em dia o segundo vice-presidente da Assembleia Nacional. Também provém dos protestos desse ano Freddy Guevara, que, tal como Guaidó, é hoje do partido Voluntad Popular e deputado da AN, mas se encontra asilado desde há mais de um ano na embaixada do Chile em Caracas, devido à perseguição de que foi alvo. Outros que tiveram o batismo político no mesmo ano foram Gaby Arellano, Juan Requesens, Miguel Pizarro, Daniel Ceballos, Yon Goicochea, Nixon Moreno, José Manuel Olivares, todos eles políticos reconhecidos na atualidade. Em 2008, muitos deles, já prestes a concluírem os seus estudos, começaram a incorporar-se em partidos políticos, que os distribuíram por diversos cargos públicos: vereadores, alcaides, governadores, deputados.

Apesar de se terem inscrito em diversos partidos, os integrantes dessa geração de 2007 mantiveram proximidade entre si e, contrariamente aos dirigentes com mais idade, muitas vezes trabalham juntos e dão-se bem. Os seus discursos são de tolerância, e com frequência de conciliação e de união. Atrás de Guaidó encontra-se, portanto, toda uma legião geracional de líderes que darão novos matizes à política nacional.

A geração de que Guaidó faz parte sabe fazer política de rua e sofreu na própria carne a violenta resposta repressiva do Governo de Nicolás Maduro

QUEM É JUAN GUAIDÓ?

Um cidadão venezuelano que nasceu na Paróquia Caraballeda do estado de Vargas, na costa caribenha central da Venezuela, num dia 28 de julho, tal como Chávez, mas em 1983. Esse é o ano que muitos venezuelanos apontam como o começo da já muito vasta decadência da república, pois foi quando ocorreu a chamada sexta-feira negra. Tratou-se de

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Quando, no dia 5 de janeiro, assumiu a Presidência da Assembleia, Juan Guaidó era uma cara pouco conhecida da maioria dos venezuelanos

um dia de fevereiro em que o Governo de Luis Herrera Campíns desvalorizou a moeda venezuelana pela primeira vez em mais de duas décadas, simbolizando o início do fim da prosperidade petrolífera. Guaidó é antes de origem humilde, concluiu o ensino secundário num liceu de La Guaira e era lá que vivia quando ocorreu a tragédia de dezembro de 1999. Chuvas inesperadas, maciças e continuadas sobre o cume do Ávila produziram um deslocamento de pedras e de taludes de terra que arrasou bairros, urbanizações e povoados no sopé da montanha e junto ao mar. Nesses dias morreu um número indeterminado de habitantes da zona, e a escola de Guaidó ficou sepultada. O deslocamento mudou a vida da família dele, que foi auxiliada por um irmão da mãe, e a partir de então mudaram-se para Caracas. Guaidó é um político que cresce num contexto socioeconómico crítico, o qual tem pouco que ver com os anos dourados das décadas anteriores.

O agora presidente interino da Venezuela deu grande ênfase aos seus antepassados militares, os dois avós, um da Marinha e outro da Guarda Nacional, graças aos quais ele sabe manejar um discurso de respeito e de compreensão para com um sector que representa hoje o principal obstáculo para se alcançar a transição democrática. São os militares, doutrinados ideologicamente no socialismo cubano, com privilégios, prebendas, quotas de poder, e grandes processos por corrupção e violação de direitos humanos à população, que ainda mantêm no Palácio de Miraflores a cúpula cívico-militar que é presidida por Maduro. Como presidente da AN e interino da Presidência, Guaidó tem vindo a dirigir mensagens aos militares, convidando-os a retomar a ordem constitucional, e dizendo-lhes que, caso o façam, serão bem recebidos e respeitados. O que constitui uma mudança, sem dúvida, relativamente às mensagens agressivas e desqualificadoras de outros dirigentes da oposição no passado.

Em Caracas prosseguiu os seus estudos na Universidade Católica Andrés Bello (UCAB), uma universidade privada. Ali se graduou em 2007 como engenheiro industrial, e foi ali que iniciou o seu ativismo estudantil. Os professores recordam-no como um líder nato. Diz a sua resenha na página da internet do Voluntad Popular que ele "participou ativamente como membro diretivo do Centro de Estudantes de Engenharia e recebeu o reconhecimento como Aluno Integral Ucabista pela sua destacada trajetória na área académica e extracurricular durante a carreira universitária." Quando saiu desta instituição de ensino dedicou-se a prosseguir a sua formação e obteve dois títulos de pós-graduação, ambos em gestão pública, um por parte da Universidade George Washington/UCAB e outro no Instituto de Estudos Superiores de Administração (IESA).

AS NOVAS CARAS E MANEIRAS DE FAZER POLÍTICA

Os estudantes oriundos dos protestos pelo direito à liberdade de expressão em 2007 prosseguiram nesse mesmo ano o seu ativismo político, integrando-se na campanha contra a reforma constitucional proposta pelo Presidente Chávez para reconduzir o processo venezuelano rumo a um socialismo do século XXI. Essa campanha decorreu entre agosto e dezembro de 2007, quando a proposta constitucional foi rejeitada pelo voto popular. A campanha eleitoral do 'Não', propiciada pelos partidos políticos da oposição, contou com a vitalidade dos estudantes, que organizaram diversas atividades, entre elas a marcha do encerramento da campanha na avenida Bolívar de Caracas no dia 2 de dezembro. A derrota política do referendo foi o único fracasso eleitoral — e, no entanto, o mais importante — que Chávez teve durante a sua carreira. Na sua obstinação para impor essa mudança de regime político, tal revés iria impeli-lo para uma franca senda autoritária.

É por estes anos que também se encetam novas iniciativas que apontam para a reconstrução de uma oposição política ao regime. Na época, esta tinha sido praticamente arrasada aquando das fracassadas estratégias do golpe de Estado de abril de 2002, da greve da indústria petrolífera em finais desse ano, das *guarimbas* [ocupação de ruas em zonas residenciais], do referendo revogatório e das eleições parlamentares de 2005, das quais os partidos da oposição viriam a retirar-se em bloco, deixando o chavismo com o controlo total do parlamento. Um dos dirigentes dessas lutas, Leopoldo López, hoje preso por ter sido acusado de incitar à violência desencadeada nos protestos de 2014, ao deixar o seu cargo de alcaide de Chacao em 2008, tomou a decisão de procurar alguma forma inovadora de constituir um movimento político para prosseguir a luta oposicionista ao projeto de socialismo chavista. Primeiro impulsiona redes sociais nos bairros populares, capta líderes sociais para essas formas organizativas, e depois impele o projeto de um partido político de natureza movimental: o Voluntad Popular. Guaidó será um dos membros fundadores deste partido em 2009, onde desempenhou cargos como o de coordenador do estado de Vargas e responsável nacional da organização.

Apoiado pelo seu partido, Guaidó concorre às eleições parlamentares de 2010, nas quais foi eleito deputado suplente do seu estado de Vargas. Em 2012 o partido apresentou-o como pré-candidato para governador de Vargas numas primárias levadas a cabo pela Mesa de Unidade Democrática (MUD), a plataforma dos partidos políticos da oposição, e perdeu frente a Roberto Smith. No entanto, para 2015, a MUD indica-o como deputado principal do estado de Vargas, conseguindo o seu lugar. Neste período legislativo (2016-2021) foi sucessivamente investido como vice-presidente da Comissão de Política Interior, presidente da Comissão de Auditoria, líder da fação da oposição, e agora presidente.

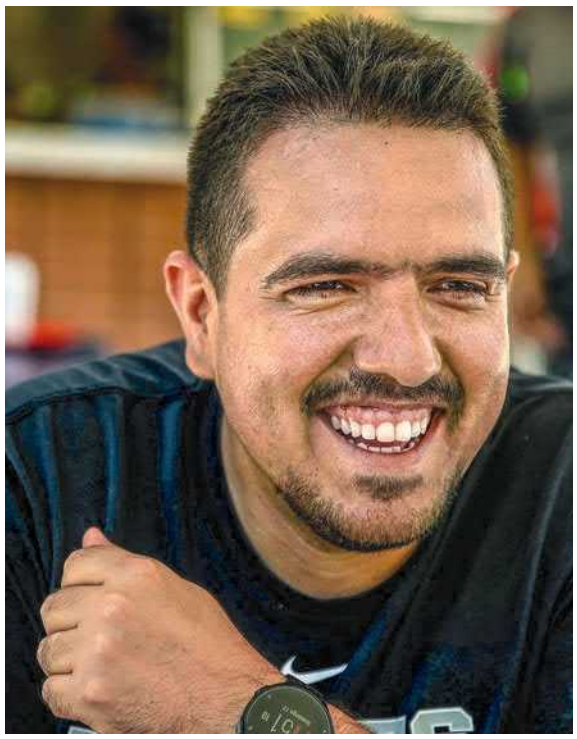
Para o venezuelano comum, submetido à interminável e atroz crise socioeconómica e humanitária, além de um cerco mediático que o impede de ter acesso a informação sobre as atividades dos partidos opositores ou da AN, Guaidó era, no dia 5 de janeiro, quando assumiu a Presidência da Assembleia, uma cara pouco conhecida. Porém, numa olhadela ao itinerário político dele constata-se a sua imparável perseverança desde que se iniciara na UCAB durante a primeira década do século XXI. É um político com uma história relativamente ampla, sempre a partir do seu partido Voluntad Popular.

DISCURSO E DESAFIOS

O discurso de 5 de janeiro foi o despertar de um novo dia para as forças democráticas do país. Guaidó assumiu as rédeas do único poder público legítimo que resta da democracia que o país alguma vez teve. Transparece no seu rosto, na sua figura e no seu porte a seiva de uma nova geração. O discurso dele parece corroborar o árduo trabalho que nos meses e anos anteriores foi levado a cabo por dirigentes, partidos e pela sociedade civil para elaborar um guião mais sólido, complexo e viável. A abertura do novo ano legislativo, a tomada de posse da sua nova equipa diretiva e o discurso de Guaidó, magicamente abriram de novo uma janela de oportunidades políticas para que se inicie uma vez mais a luta até se alcançar a transição democrática na Venezuela.

O discurso de Guaidó de 5 de janeiro foi inclusivo. Dirigiu-se a todo o povo: ao que vive no território e ao que anda pelo mundo, aos militares, aos polícias, aos funcionários públicos, até àqueles que apoiam Maduro, "o homem que está em Miraflores". O cúmulo de irregularidades com que foram realizadas as eleições presidenciais em 20 de maio de 2018 fizeram

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



FOTOGRAFIAS GETTY IMAGES

HISTÓRIA (do topo, no sentido dos ponteiros do relógio) Hugo Chávez, figura omnipresente na Venezuela mesmo depois da sua morte, à saída de um avião em Carupano, durante a campanha presidencial de 1998; A deputada Gaby Arellano grita com polícias motorizados, em junho deste ano, antes de partir para o exílio; Miguel Pizarro, deputado da oposição, em campanha de rua na zona de Caracas, durante as eleições de 2017; As forças armadas desempenham um papel decisivo no país e celebram os feitos de Chávez; Leopoldo Lopez, líder da oposição, deixou a prisão em julho deste ano e está em prisão domiciliária em Caracas, capital da Venezuela; Stalin González, o segundo vice-presidente da Assembleia Nacional; Freddy Guevara, primeiro vice-presidente da Assembleia Nacional, durante uma entrevista; Manifestantes empunhando cartazes a exigir a libertação de Leopoldo Lopez e de outros presos políticos

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

O REGRESSO DE MONROE

POR **FRANCISCO SEIXAS DA COSTA**

Um dia, numa conversa em Caracas com Hugo Chávez, Lula da Silva fez-lhe notar que o desequilíbrio da balança comercial entre a Venezuela e o Brasil, em especial em bens de consumo corrente, atingira um tal ponto que, embora o saldo fosse agradável para a economia brasileira, começava a ter uma dimensão com que ele próprio, como amigo da Venezuela, não podia deixar de preocupar-se. Lula aconselhou-o, nesse encontro, a deixar criar unidades produtivas em áreas que pudessem dar resposta a algumas dessas carências mais evidentes, até ali supridas por compras ao exterior, adquiridas com os rendimentos do petróleo. Como me contou um ministro presente à conversa, Chávez retorquiu que estava a pensar criar empresas públicas para esses sectores produtivos. O Presidente brasileiro terá reagido: era em empresas privadas que estava a pensar, em abertura ao investimento estrangeiro — como o então sucesso da economia brasileira bem o provava. Chávez reagiu: "Privados? Nem pensar!", e a ideia ficou por ali.

O socialismo bolivariano era isso mesmo: uma obsessão estatizante, assente em políticas de distribuição de uma riqueza que não correspondia a um real crescimento do país, conduzindo a um ambiente inflacionário e, no plano político, a uma polarização maniqueísta que, cada vez mais, passou a recorrer ao sufoco das vozes dissonantes, nomeadamente através da domesticação da comunicação social. O facto dos sectores conservadores venezuelanos, por mais de uma vez, terem dado mostras de não ter pejo em recorrer ao golpismo armado, para inverterem a legitimidade eleitoral que conduzira Chávez à presidência, conferia a este uma forte autoridade interna e, no plano externo, dava-lhe uma certa aura de um poder que, embora radical no formato, parecia ratificado pelo povo. Com o tempo, o autoritarismo político passou a estar presente no dia a dia do país. A Venezuela não era Cuba, não tinha o histórico da ilha de Fidel, mas, para se afirmar, Chávez ia mimetizando algumas das práticas repressivas mais detestáveis do seu parceiro privilegiado na região. O seu carisma continuava a suscitar algum proselitismo militante, mas a prova provada de uma impopularidade que se foi alargando era o facto das forças armadas e policiais se terem convertido na sua indispensável guarda pretoriana — contudo, rodeadas de acusações de implicação em negócios pouco claros.

Maduro não é Chávez, mas ninguém pode garantir que, se este tivesse sobrevivido, a Venezuela estaria hoje muito diferente, porque todos os erros que conduziram à atual situação já estavam nas cartas, ao tempo do antigo Presidente. O modelo "bolivariano" era, desde o primeiro momento, um desastre anunciado, num mundo que já não ia por aí. Maduro apenas o conduziu inabilmente, e de uma forma quase caricata, ao impasse em que acabou por cair. O facto de uma guerra civil não ter eclodido é talvez o maior milagre que se produziu na Venezuela, mas nem sequer o podemos creditar à gestão de Maduro.

Depois de Cuba, a Venezuela era, de há muito e à evidência, uma espinha encravada nos humores de Washington na América Latina. Não se tratava de um caso qualquer: estamos a falar de um Estado com reservas imensas de petróleo e outras riquezas, circunstância que é óbvio não ser indiferente a um país que delas tem sido um pouco discreto cliente, na fria *realpolitik* do negócio. No passado recente, a bravata *anti-yankee* dos dirigentes venezuelanos ia sendo tida à conta de uma realidade incómoda que apenas havia que suportar, tanto mais que o país não era "produtor" de insegurança na sua periferia que justificasse uma ação específica nele focada, salvo o apoio às forças opositoras internas. O que é que mudou, entretanto? No essencial, foi-se esgotando a complacência da comunidade internacional em face de um regime que, dia após dia, se tinha convertido numa mera caricatura democrática. O descaso oficial perante uma situação humanitária cada vez mais trágica e o completo fechar de portas por Maduro a um diálogo com sectores fora do núcleo político-social do governo começou a escandalizar o mundo, com a União Europeia a dar sinais de crescente inquietude. A isto se somou, nos últimos meses, o afastamento claro do Brasil, com uma nova administração à qual, por razões de política interna, conveio a diabolização do modelo bolivariano. Este fator não tem sido sublinhado com a importância que julgo que realmente tem, porque tudo indica que o empenhamento americano, na tentativa de um rápido derrube de Maduro, dificilmente se teria processado, pelo menos nos moldes que assumiu, se, da parte de Brasília, como potência sub-regional, fosse presumível a promoção de uma qualquer reação, menos de "proteção" de Maduro e mais de rejeição da intromissão americana.

Verdade seja que, ao forçar agora, com determinação, a mão à Venezuela, os Estados Unidos assumem, num novo ciclo histórico, o seu nunca dispensado *droit de regard* sobre a América Latina, na linha clássica da "doutrina Monroe". Fazem-no numa causa que sabem ser hoje popular em vários quadrantes, explorando o inédito isolamento em que Maduro se deixou cair. Trump aproveita este tipo de "fogachos" como uma oportunidade para gerar uma fácil unidade interna, que lhe pode render alguns dividendos políticos. Na ordem externa, esta iniciativa pode também garantir aos EUA, aos olhos de alguns, um estatuto de liderança na promoção dos valores democráticos. Além disso, deixando o juízo sobre estas prioridades ao sabor de cada um, trata-se de uma oportunidade soberana para Washington poder assegurar um lugar privilegiado na preservação dos seus próprios interesses económicos na região.

Ainda neste jogo de sombras que é a agenda de desígnios, convirá notar um ponto que, com toda a certeza, nunca deixou de estar presente na coreografia geopolítica da América: Cuba. Uma queda de Maduro, com Lula e os seus heterónimos já fora do cenário, levará o regime de Havana a sentir-se cada vez mais fragilizado — e isso não pode deixar de fazer parte das contas de prazer em Washington. ●

Embaixador

MODELO Todos os erros que conduziram à atual situação já estavam nas cartas, ao tempo de Chávez

JOHN VAN HASSELT / SYGMA VIA GETTY IMAGES

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

com que estas não fossem reconhecidas nem pela AN nem por atores relevantes da comunidade nacional e internacional. De maneira que Guaidó endossou a Maduro o qualificativo que daí em diante tem sido utilizado no discurso político: "usurpador".

No referido discurso, Guaidó recordou a sua origem humilde e identificou-se como um sobrevivente da derrocada de 1999. Reconheceu a justeza das críticas que os venezuelanos têm feito às forças políticas da oposição, as suas falhas, erros. No entanto, constatou como um grande triunfo político a sobrevivência da AN, graças ao esforço dos seus deputados, que têm sofrido toda a espécie de ofensas e de repressões. Apesar das reiteradas ameaças de encerramento da Assembleia, de terem privado os deputados dos seus cargos e imunidades, e de não receberem salários há dois anos, estes resistiram.

Durante o seu discurso, Guaidó aludiu à crise humanitária, ao colapso económico, à miséria causada pela instauração de um socialismo que nunca teve apoio popular. Considerou que o chavismo atraiçoou as suas próprias bandeiras de "justiça social, inclusão, igualdade e combate à corrupção, com as quais chegaram ao poder".

Além disso, Guaidó enfatizou que a crise tem uma origem política e que, portanto, a solução é política. E apresentou a nova estratégia para se recuperar a democracia e voltar a integrar a Venezuela na comunidade internacional. É uma estratégia com três fases: a) cessar a usurpação; b) governo de transição; c) eleições livres. Este processo passou a constituir um mantra que é repetido diariamente em todos os espaços onde se discute a política do país.

Guaidó também fez um explícito reconhecimento do labor desenvolvido recentemente, não só por atores políticos, mas pela sociedade civil, para se elaborar um Plano País; ou seja, um plano mínimo de governo. Defendeu que, nesta etapa, a AN e as suas autoridades se constituem no espaço articulador do "encontro e unificação de todas as forças democráticas, dentro e fora da Venezuela, para que juntos consigamos o que foi anteriormente apresentado. E quando digo unificação... não me refiro somente à unidade dos partidos, mas também à unidade superior contra a ditadura: das lideranças políticas e da dissidência no interior do regime, da sociedade civil, dos venezuelanos no exterior e dos venezuelanos em uniforme que prestam serviço na nossa Força Armada Nacional e nas demais instituições do Estado". Terminou o discurso dirigindo-se diretamente à Força Armada, a qual instou a que se liberte da tutela cubana e se integre no processo de reconstrução do país: "A cadeia de comando quebrou-se... Hoje continuam a ter mais vigor que nunca as palavras de Rómulo Betancourt, o pai da democracia: 'Quando a Venezuela necessitou de libertadores, não os importou, pariu-os' ".

É difícil prognosticar o futuro da Venezuela. Os altos comandos militares mantêm-se coesos em torno de Nicolás Maduro

Após a tomada de posse de Maduro para um segundo mandato presidencial, que foi considerado inconstitucional pela AN e pela maioria das nações democráticas do mundo, começaram a convocar-se reuniões abertas em localidades de todo o território venezuelano para informar, organizar e mobilizar a população a pedido do parlamento. Guaidó apelou a uma demonstração de músculo político em todas as cidades venezuelanas para o dia 23 de janeiro, uma data icónica na Venezuela por nela se comemorar a queda da ditadura de Marcos Pérez Jiménez em 1958.

A 23 de janeiro a população venezuelana saiu maciçamente às ruas e foi ocupar os espaços públicos das urbes nacionais em sincero e sólido apoio a Guaidó, à AN e ao novo esforço pró-democrático. Sobrepôs-se aos saldos de repressão, prisão, exílio e morte das anteriores tentativas, e expressou com a sua presença a vontade coletiva de empreender este novo esforço. Nesse dia, em dezenas de cidades do mundo, também ondulou a bandeira venezuelana, levantada pela diáspora. No meio desta euforia e energia, Guaidó, que havia expressado no seu discurso anterior de 5 de janeiro estar disposto a assumir a interinidade da Presidência da República caso contasse com o claro e sólido apoio popular, prestou juramento como presidente interino da Venezuela. Uma iniciativa audaz e temerária. No entanto, galvanizou o momento e abriu com ele um novo jogo político de consequências irreversíveis.

DEPOIS DE 23 DE JANEIRO

Poucos minutos após o juramento de Guaidó como presidente interino, o Governo dos EUA reconheceu-o como tal. Nos dias seguintes os países que integram o Grupo de Lima, e vários governos da União Europeia, entre eles Portugal, também vieram dar-lhe o seu apoio. A rapidez destes reconhecimentos, sobretudo do Governo de Donald Trump, permite ver como a estratégia das três fases, bem como as táticas diversas que desde então se têm vindo a desenvolver, incluindo o juramento, foram decerto previamente consultadas com partidos nacionais e atores internacionais. Sendo assim, este novo esforço é o mais planificado, consultado e coordenado dos vários já levados a cabo pelas forças democráticas para intimar Maduro a que permita o regresso da democracia à Venezuela.

Enquanto escrevia as últimas linhas deste artigo, todos os dias diversas iniciativas nacionais e internacionais continuam a acumular pressões inauditas para que Maduro renuncie ou negoceie uma saída que possibilite a formação de um governo de transição e a convocação de eleições livres. Nas últimas três semanas, os EUA impuseram sanções muito severas, e governos latino-americanos e europeus, incluindo repúblicas que estiveram atrás da cortina de ferro durante a Guerra Fria, tomaram diversas iniciativas, desde rejeitar a legitimidade de Maduro, até suspender relações diplomáticas e/ou relações económicas e comerciais. A situação para Maduro parecia aproximar-se do seu desenlace.

No entanto, é difícil prognosticar o futuro. Os altos comandos militares mantêm-se coesos em torno do usurpador, e poderosos interesses económicos e financeiros aferram-se aos privilégios de que desfrutaram ao abrigo de um regime que se tornou mafioso e de um Estado cada vez mais colapsado. Adicionalmente, ao expandir o conflito para a esfera internacional, Maduro também se integrou nos regimes autoritários do século XXI: tem a Rússia, a China, a Turquia, o Irão e a Coreia do Norte como aliados, o que introduz fatores ainda mais complexos de considerar, e que tornam difícil saber quando se dará o ponto de rutura.

2019 trouxe a maior oportunidade para que os venezuelanos recuperem uma república e uma democracia destruídas pelo processo sociopolítico chavista; um processo que se iniciou com grandes expectativas, e que terminou num fracasso estrondoso e numa tragédia indescritível. Apesar de todas essas dificuldades, em janeiro surgiu uma renovada liderança política curtida em batalhas civis nas ruas, e em batalhas institucionais nos escassos espaços democráticos que ainda restam na Venezuela. A Assembleia Nacional surgiu como a nave que empreendeu esta nova travessia, com as suas renovadas autoridades e o seu líder Juan Guaidó, um personagem civil, que diz querer ser um servidor público, que trabalha com os seus colegas, que tem relações sólidas com a sociedade civil, e, sobretudo, que avisou que nunca recuará no esforço de recompor um futuro civilista e democrático para o país. ●

e@expresso.impresa.pt

A autora é doutorada em Ciências Sociais, professora jubilada do Centro de Estudos do Desenvolvimento da Universidade Central da Venezuela

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

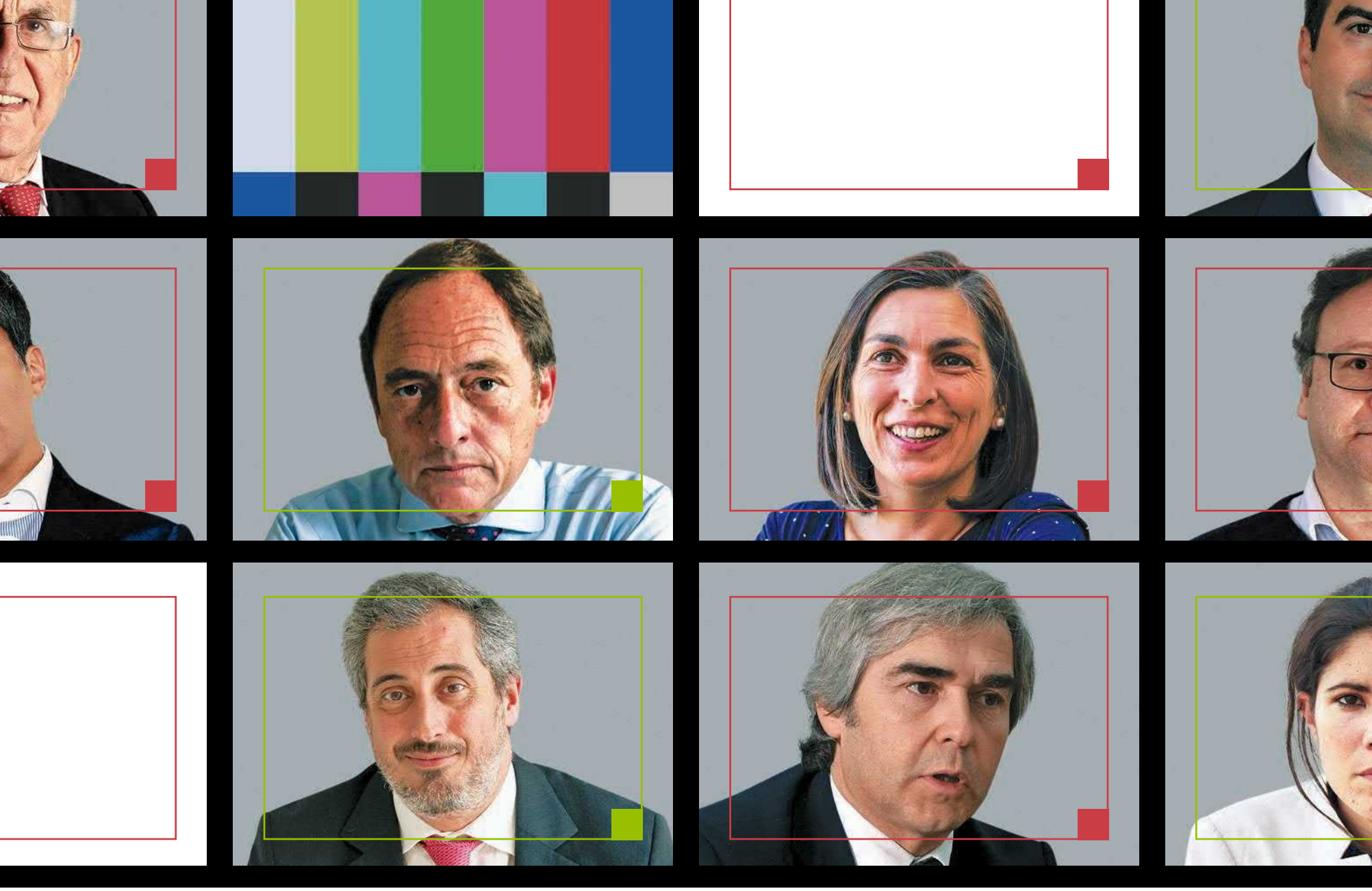
© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Há uma originalidade portuguesa que leva a que 95 políticos tenham lugar cativo na rádio, televisão e imprensa

Os políticos invadiram os *media* portugueses

TEXTOS
ROSA PEDROSO LIMA

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



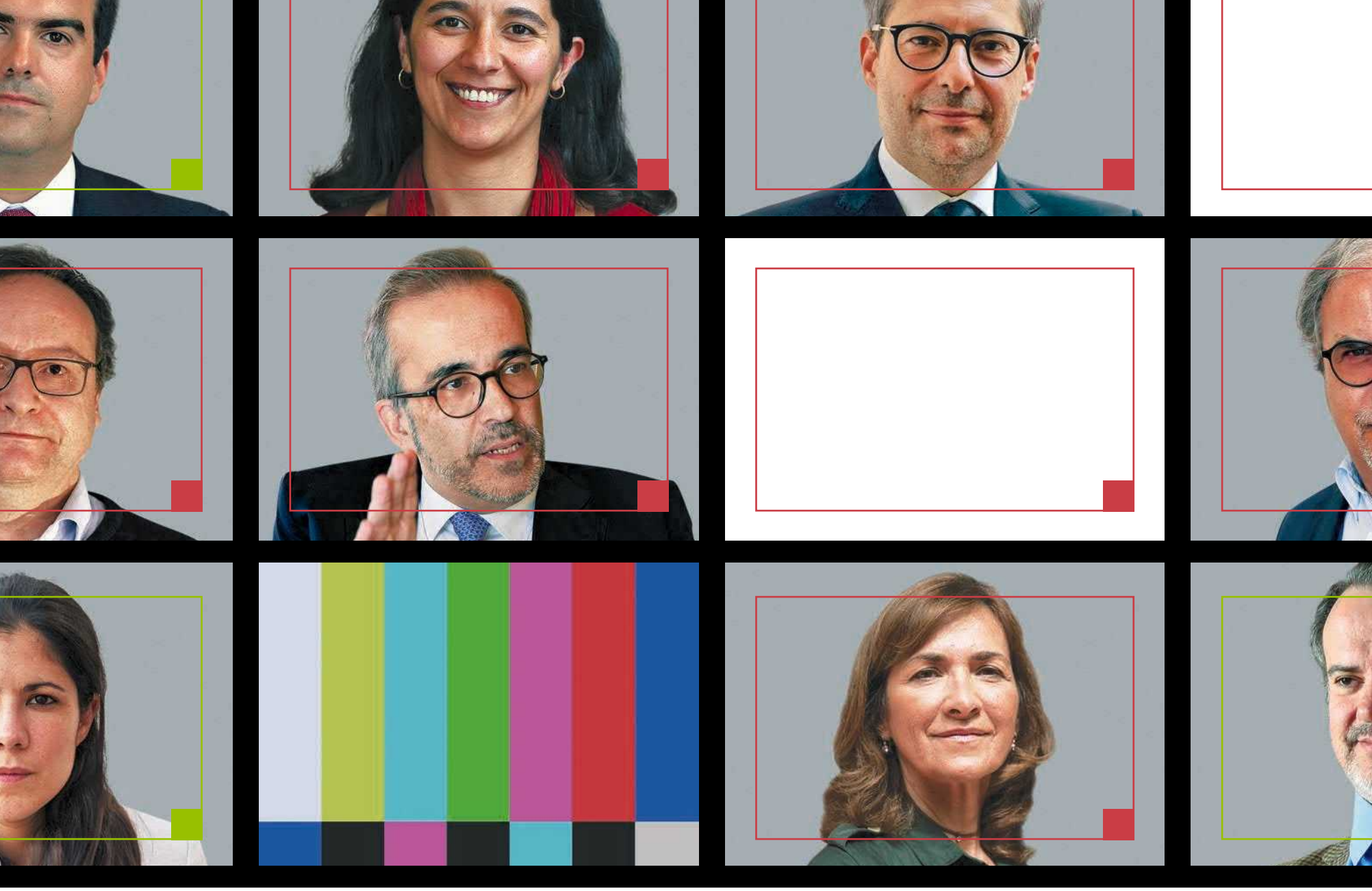
A maior bancada parlamentar portuguesa não seria suficiente para sentar os políticos que, em permanência, têm direito a espaço próprio nos órgãos de comunicação social portugueses. O Expresso contactou todos os diretores de jornais, revistas, televisões, rádios e *sites* de informação para chegar à conclusão de que há 95 políticos com tempo de emissão ou espaço de escrita garantidos nos *media* nacionais. A esmagadora maioria marca presença todas as semanas. Alguns mais do que uma vez e em vários *media* em simultâneo. Para se ter uma ideia do peso que têm, basta pensar que os sociais-democratas ocupam 89 lugares no Parlamento. Os socialistas 86. Mas a tribuna que os órgãos de comunicação social distribui — e paga — a estes políticos é maior. E atinge muito mais eleitorado, perdão, público do que alguma vez o Palácio de São Bento lhes poderia dar.

O leque é muito vasto e inclui dirigentes partidários, deputados, ex-governantes ou os chamados senadores do regime. O critério para a seleção desta lista foi estabelecido por cada diretor, que indicou ao Expresso aquele que considera ser o leque de políticos chamado a preencher alguns dos espaços mais nobres de cada órgão de comunicação social. Da imprensa à televisão, passando pelas novas plataformas *online* ou pela rádio, o modelo repete-se. Todos acham "relevante" ceder espaço ou tempo de antena para dar voz aos políticos, aos quais não colocam "quaisquer limites" quanto ao tema a abordar e ainda menos sobre o ângulo de análise. A liberdade é total. O espaço é entregue livre de encargos ao colaborador político.

E, por falar em encargos, é certo que estas presenças têm custos — não apenas sobre a informação prestada, que dificilmente se consegue medir, mas porque há um valor pago pelo serviço prestado. Curiosamente, todos os responsáveis dos *media* portugueses se reservaram o direito de não revelar quanto pagam pela colaboração dos políticos. "O valor é sigiloso", é "um assunto sobre o qual não nos pronunciamos publicamente", ou "os números não são divulgados, tal como o Expresso não divulga como remunera os seus colunistas", são alguns dos exemplos de respostas que recebemos. Na verdade, o próprio diretor do Expresso não revelou quanto paga aos 11 colaboradores políticos permanentes do jornal em papel ou das suas versões digitais. Todos se refugiam no segredo dos contratos estabelecidos, que lhes permitiram garantir a sua 'equipa' própria e permanente de comentadores políticos.

Todos? Não é verdade. Há uma espécie de aldeia gaulesa, como nos livros do Astérix, que resiste a esta marca dos *media* portugueses: a Antena 1 é o único meio de comunicação social que não tem colaboradores políticos fixos. João Paulo Baltazar, diretor de informação da estação de rádio desde 2015, tomou isso como regra editorial. "Acabámos com políticos a comentar a solo. Achamos que não é correto para uma estação pública de rádio dar a políticos uma tribuna fixa e uma voz a solo." Para

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



ele, "isso não significa menos política, antes pelo contrário". Os programas de debate e os espaços de opinião são uma marca da casa, mas fazem-se "em função da atualidade" e com uma condição essencial: serem escolhas editoriais e sempre mediadas e conduzidas por jornalistas.

UMA ORIGINALIDADE PORTUGUESA

O exemplo da Antena 1 é, aliás, o modelo seguido no resto do mundo. As 95 presenças fixas de políticos nos *media* nacionais é uma verdadeira originalidade lusa, sem paralelo tanto nas suas características como na dimensão que atinge. Em França, "não há políticos comentadores pagos", garante Daniel Ribeiro, correspondente do Expresso em Paris. Não existem sequer "programas desse tipo", onde políticos de carreira têm encontro marcado para debater entre si. "Isso não existe" nos *media* franceses.

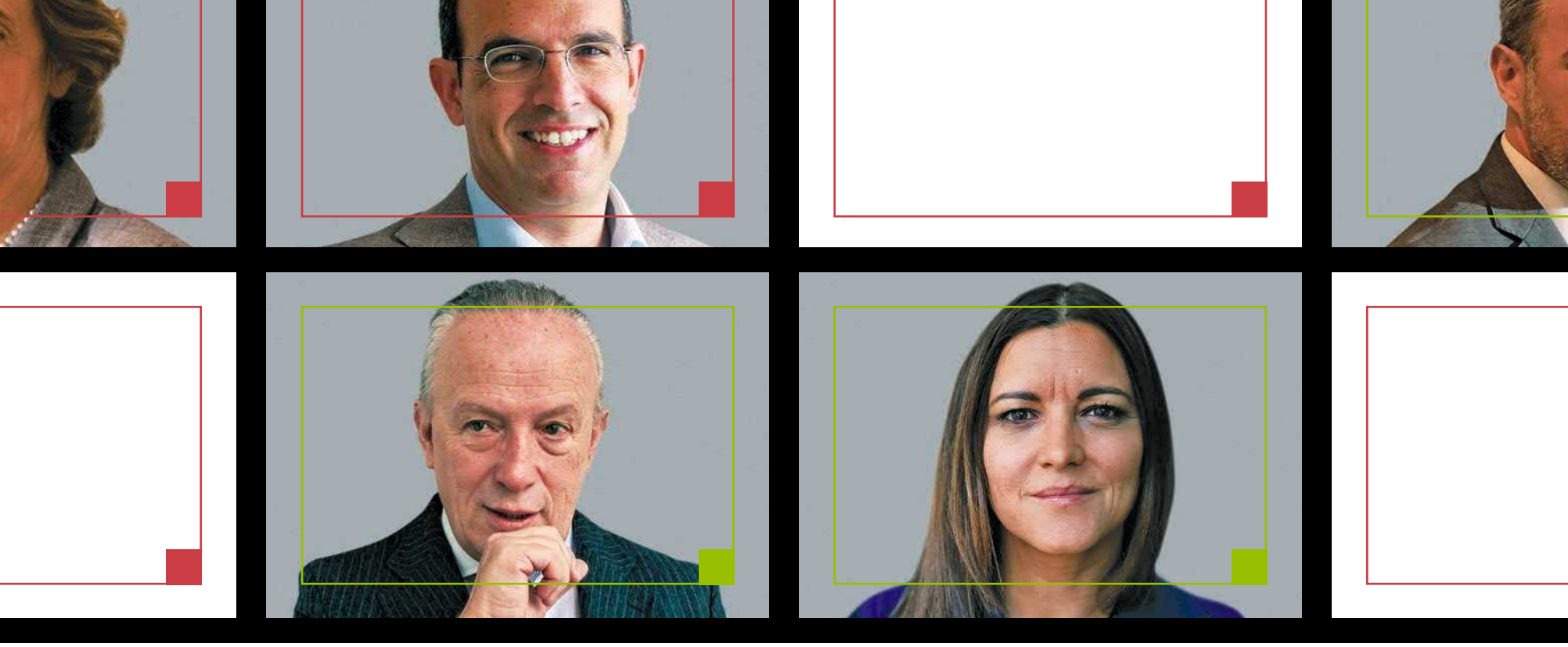
Na Alemanha, "não há uma lei específica, mas existe uma prática", explica Cristina Peres, jornalista do Expresso que cobre a realidade alemã. "Há formatos televisivos dos quais é de destacar o programa de Anne Will no canal Das Erste, que aos domingos à noite faz um debate com convidados para cada tema específico. Mas o único 'residente' do programa é a jornalista-entrevistadora." Poderá até existir uma *pool* de políticos que mais facilmente são encaminhados para este tipo de debates, "por serem mais eficazes na comunicação, por terem melhor imagem televisiva, e o mesmo acontecerá com os que são chamados a fazer comentários pontuais. Mas qualquer alemão se espantaria com a presença de políticos no ativo que têm lugar cativo nos debates políticos na TV como acontece em Portugal. Seria lido como tempo de antena gratuito e uma prática de comentário ou análise sem neutralidade", conclui.

Há mais políticos com contratos permanentes nos *media* do que lugares na maior bancada parlamentar da Assembleia da República

Nos Estados Unidos, "há uma porta giratória entre a política e os *media* por onde passam políticos democratas e republicanos, sejam eles ex-candidatos presidenciais, congressistas, antigos membros das secretas, e até mesmo elementos dos *staffs* — assessores, conselheiros — se aproveitam disso", explica Ricardo Lourenço, correspondente nos EUA. Exemplos, há vários. Rick Santorum, candidato à nomeação republicana em 2012, é comentador na CNN. Howard Dean, que tentou a nomeação democrata em 2004, trabalha para a NBC. E congressistas são mais do que muitos: Mike Rogers, que liderou o Comité de Serviços Secretos da Câmara dos Representantes, também colabora com a CNN, canal por onde passou igualmente Harold Ford, enquanto Jason Chaffetz opina na FOX News.

Michal Hayden, que liderou a CIA e a NSA, tem um contrato de exclusividade com a CNN, e Jennifer Psaki, porta-voz do Departamento de Estado durante a Administração Obama, é comentadora da CNN. Ana Navarro, conselheira de Jeb Bush e John McCain, divide-se por Telemundo, CNN e ABC, onde participa no "The View", um programa de TV matinal com um painel composto,

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



exclusivamente, por mulheres que disseca a atualidade política e social americana.

Mas a presença de políticos nos *media* dos EUA é "uma porta giratória e não um corredor com acesso a ambos os mundos". Um político no ativo não colabora, muito menos com retribuição garantida, nos programas informativos da televisão ou da rádio e não tem direito a uma coluna própria nos jornais norte-americanos. "Ou se faz uma coisa ou outra, para que não existam incompatibilidades. Um congressista, por exemplo, só aparece numa televisão para ser entrevistado e não para protagonizar espaços de opinião", conclui Ricardo Lourenço.

A exposição, nos *media* americanos como em qualquer parte do mundo, serve "para manter ou, se possível, elevar o perfil público. Dessa forma, a carreira política nunca morre. Quanto muito, faz uma espécie de intervalo", diz Ricardo Lourenço.

Em Espanha, "os dirigentes políticos aprenderam a gostar da influência que podem passar a ter se marcarem presença nos meios de comunicação social". Um caso paradigmático é o de Pablo Iglesias, líder do Podemos, "que é raro o dia em que não tem uma aparição num dos múltiplos debates que existem no amplo panorama mediático espanhol. Aliás, o próprio Iglesias dirige a sua tertúlia política — 'La Tuerka'—, que, segundo algumas fontes jornalísticas, é financiada pela televisão estatal iraniana", explica o corresponde do Expresso em Madrid, Angel Luis de la Calle.

O modelo espanhol para chamar os políticos aos *media* passa pelas chamadas "tertúlias políticas", uma fórmula que começou na rádio, nos anos 80, mas que se generalizou por todos os meios de comunicação social do país a partir do arranque do século XXI, explica Angel Luis de la Calle. "Os políticos dos mais diversos quadrantes estão muito presentes nestes programas, que são geralmente conduzidos por um moderador e quatro ou cinco jornalistas prestigiados, em muitos casos os próprios diretores dos órgãos de comunicação social." Não é, porém, costume que compareçam a esta chamada "políticos em exercício de funções, com cargos de Governo ou no Parlamento", e todos os que são convidados para integrar uma determinada tertúlia "não é habitual que cobrem pela sua colaboração".

Políticos pagos nos *media* é uma excentricidade portuguesa. Em França, Alemanha, Espanha e EUA não há nada comparável

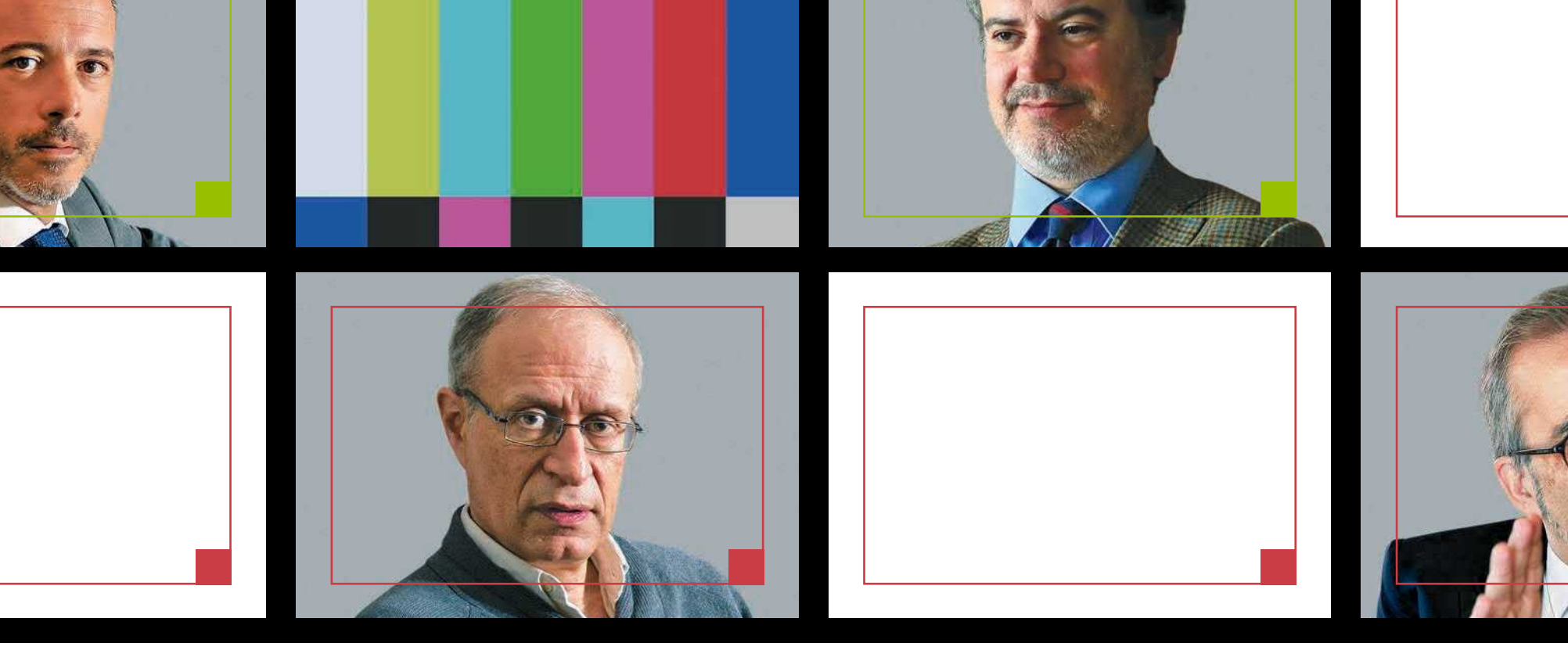
OS PREFERIDOS

A lista de políticos comentadores presente nos *media* nacionais é grande, mas está longe de ser bem distribuída. O peso eleitoral efetivo de cada força política, por exemplo, não é um critério tido em especial consideração pelos diretores de informação na altura de selecionar os colaboradores. Preferem "bons opinadores sobre a realidade", e por isso "a assinatura é mais importante do que a eventual ligação partidária", como sublinha a diretora do "Diário de Notícias", Catarina Carvalho. Celso Filipe, do "Jornal de Negócios", prefere outra fórmula: "Escolher personalidades cuja opinião possa ser do interesse público e relevantes para os nossos leitores" é o principal foco. E isso reflete-se no conjunto de políticos que, no final de todas as contas, formam o bolo dos colaboradores permanentes dos *media*.

O PAN, por exemplo, elegeu um deputado nas últimas legislativas, mas isso não chegou para que algum órgão de comunicação social achasse por bem chamá-lo a uma colaboração regular. Em contrapartida, André Ventura, cujo partido Chega ainda não está legalizado, já é presença assídua na imprensa e na televisão. Ou o Aliança, de Pedro Santana Lopes, com um mês de existência, já tem dois espaços de informação fixos, um com a assinatura do próprio líder, todas as semanas, no "Jornal de Negócios", outro de João Gonçalves, no "Jornal de Notícias". E, como de costume, há claramente um défice de participação das mulheres: só 18 têm espaço reservado, o que equivale a 19% da presença dos políticos nos *media* portugueses.

E, claro, há uma espécie de *top* dos mais requisitados. Francisco Louçã, ex-fundador e líder do Bloco de Esquerda, é um exemplo. Ele, que deixou o Parlamento há quase sete anos, está oficialmente fora da atividade política. Mas não do "combate" que prometeu continuar a levar "a todos os lugares da vida social onde puder chegar, e com a mesma energia. A política não se faz só numa sala, faz-se em toda a vida", disse, na sua 'despedida' de São Bento, em 2012.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



E, de facto, mesmo longe de São Bento, tem um vasto tempo de antena garantido. Louçã começa logo pela manhã, na TSF, a comentar diariamente o que considera relevante na atualidade noticiosa. São cerca de nove minutos de comentário, a que se juntam os 21 minutos de espaço concedidos todas as sextas-feiras na SIC Notícias para a opinião do agora reformado líder do Bloco. Louçã faz mesmo o pleno dos órgãos de comunicação social. Além da rádio e da televisão, é ainda colaborador semanal do Expresso, com uma página do Segundo Caderno garantida para expressar as suas opiniões, a que se junta uma crónica semanal no Expresso Diário, publicada às terças-feiras e reproduzida, depois, no fio do noticiário do *online* deste jornal.

Pacheco Pereira é outro dos grandes ocupantes do espaço mediático nacional. E também ele faz o pleno dos meios de comunicação social existentes. Na televisão, integra a agora denominada "circulatura do quadrado", que foi uma das transferências televisivas do ano, passando a hora semanal de debate político diretamente da antena da SIC Notícias para a da TVI 24. O programa, que preenche a programação das noites de quinta-feira, tem réplica garantida na TSF (no mesmo dia, mas mais tarde) e ainda dá direito a uma versão de *podcast*, presente no *site* da estação de Queluz. A juntar a estas colaborações, Pacheco Pereira garante ainda duas páginas semanais de opinião na revista "Sábado".

Mas a acumulação de presenças nos *media* não representa, necessariamente, um maior alcance da mensagem transmitida. E, na guerra das audiências, o pódio vai sempre para quem consegue um lugar ao sol num canal generalista. Não é para todos. É um campeonato difícil que, no caso português, agora está reservado a dois políticos: Paulo Portas e Luís Marques Mendes. O ex-líder do CDS e vice-primeiro-ministro do Governo de Passos Coelho tem um espaço de 15 minutos de comentário na TVI, ao domingo. No dia seguinte, publica uma crónica no jornal *online* "Eco". Já Marques Mendes, também ao domingo e à mesma hora de Paulo Portas, fala na SIC durante cerca de 20 minutos. A sua 'crónica' televisiva é corrigida e adaptada, semanalmente, para uma versão de papel, que o "Jornal de Negócios" publica numa página de opinião que, depois, inclui na versão *online* daquele diário.

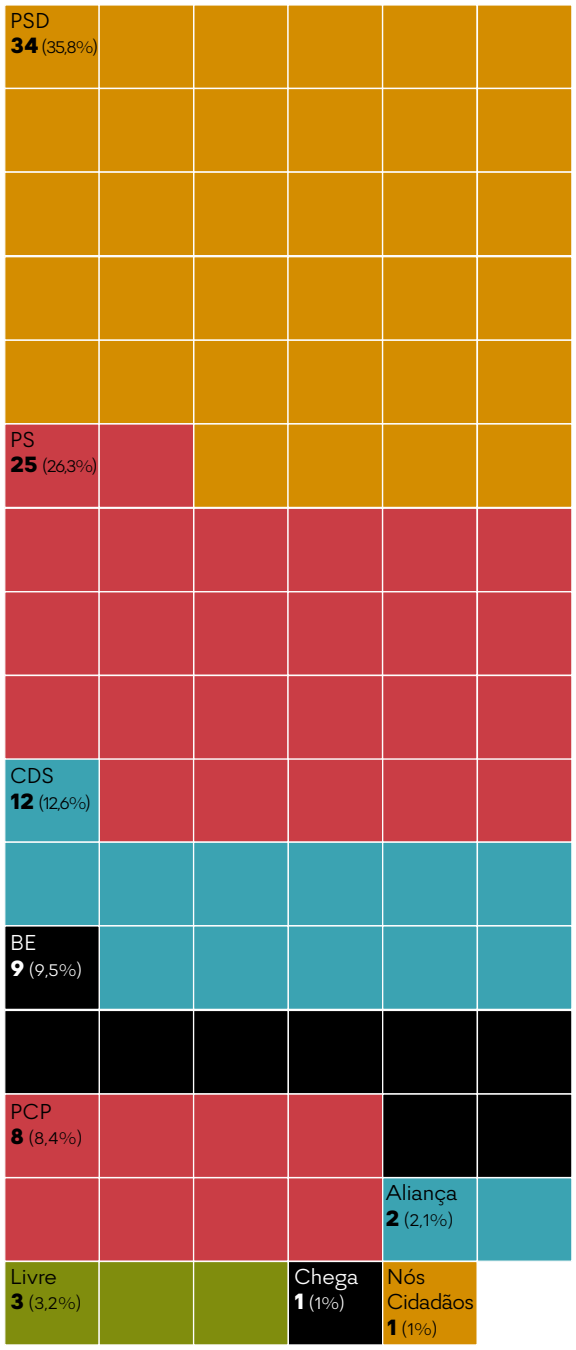
O poder de alcance destes dois comentadores políticos não tem paralelo. Dados dos dois últimos programas emitidos mostram que Portas, em poucos minutos na TVI, consegue reunir uma audiência de 1,6 milhões de espectadores. Marques Mendes fica lá próximo, com uma audiência de 1,4 milhões. Ambos muito além dos 75 mil espectadores captados por Francisco Louçã ou dos 149 mil de Pacheco Pereira, conseguidos nos canais por cabo.

A lista dos políticos mais requisitados pelos *media* portugueses tem ainda em Paulo Rangel um protagonista relevante. O cabeça de lista do PSD às próximas eleições europeias acumula presenças na rádio, televisão e jornais. No "Público", tem direito a ocupar uma página semanal de opinião. Na TVI, é convocado para um debate semanal com o seu adversário socialista, Pedro Silva Pereira, que dura 50 minutos de antena e lhe(s) garante uma audiência de quase 200 mil espectadores. Finalmente, a Rádio Renascença abre-lhe a antena para a "Casa Comum", um espaço de confronto direto com um outro socialista, o presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina.

"Capacidade de comunicação, notoriedade, capacidade de análise e pluralidade ideológica" são os critérios principais para a contratação dos políticos como colaboradores permanentes, segundo as palavras do diretor de informação da TVI, Sérgio Figueiredo. E, aparentemente, ninguém se incomoda com a acumulação de crónicas e de tempos de antena, nem passa pela cabeça a ninguém assegurar a exclusividade do comentário político.

Manuela Ferreira Leite, ex-líder do PSD e ex-ministra das Finanças de Durão Barroso, é disso exemplo. Além do comentário semanal das quartas-feiras na TVI 24, que dura cerca de 20 minutos, garante presença numa coluna quinzenal no caderno de Economia do Expresso e assegura uma colaboração semanal na antena da TSF. Poder-se-ia atribuir esta acumulação de espaços próprios de opinião à longevidade da sua carreira política nacional. Ou ainda aos vários cargos governativos ocupados (das Finanças à Educação) e às sucessivas tarefas dirigentes dentro do PSD. Mas se isso

DISTRIBUIÇÃO POR PARTIDO DAS 95 COLABORAÇÕES PERMANENTES



© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

"É DAR O OURO AO BANDIDO"

É um segredo bem guardado. O valor pago pela colaboração de um político num órgão de comunicação social é matéria "sigilosa" que quase nenhum diretor de informação aceita revelar. "Claro que há comentadores muito bem pagos — falamos da elite do comentário — mas são uma minoria", diz Rita Figueiras, autora do ensaio "O Efeito Marcelo, o Comentário Político na Televisão", recentemente editado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Mas desses, da elite dos colaboradores permanentes dos *media* portugueses, ninguém quer falar. "São bem pagos", diz Sofia Branco, presidente do Sindicato dos Jornalistas, que assume não conhecer os números exatos. E dos 17 responsáveis editoriais dos vários órgãos de comunicação social portugueses contactados pelo Expresso, apenas um aceitou revelar números. Domingos Andrade, diretor do "Jornal de Notícias", assumiu que os sete colaboradores fixos dos jornal (Nuno Melo, João Gonçalves, Miguel Poiares Maduro, Mariana Mortágua, Pedro Bacelar Vasconcelos, Rui Sá e Manuel Teixeira) , a que se junta, ocasionalmente, um leque de *opinion makers* recebem "valores simbólicos que rondam os 100 euros por crónica".

Mário Ramires, do "Sol" e do "Jornal i", também foi transparente. Mas por um motivo diferente: tanto os 10 políticos com colunas regulares no diário que dirige como os cinco que colaboram com o semanário prestam serviço gratuitamente. "Não temos colaborações pagas. Pagamos zero, portanto", diz Ramires.

Manuel Carvalho e o "Público" têm uma posição intermédia. Os cinco colunistas regulares do jornal incluem Pedro Filipe Soares, do BE, Paula Teixeira da Cruz e Paulo Rangel, do PSD, Rui Tavares, do Livre e Francisco Assis, do PS. Por considerarem que "os colunistas com cargos nos partidos ou indicados para funções públicas não devem ser pagos" só entende a direção editorial do "Público" que devem ser "remunerados os membros de partidos sem funções políticas ou cargos públicos". "A intervenção pública e cívica faz parte das suas funções naturais", explica Manuel Carvalho. Contas feitas, "só Rui Tavares é remunerado" pelos artigos que, três vezes por semana, preenchem a última página daquele diário. Os valores ficam, no entanto, confidenciais.

Aqui ao lado, em Espanha, "não é habitual" pagar a um político que seja chamado a participar num debate político nos *media*. Segundo o correspondente do Expresso em Madrid, o pagamento é apenas para os especialistas (sejam eles jornalistas, juristas, magistrados, sociólogos ou economistas) que sejam convidados pelas cadeias televisivas. E, com a crise económica, os valores são, hoje, "muito inferiores aos anteriormente pagos e que podiam ultrapassar os mil euros brutos por cada colaboração num programa de grande audiência". "Hoje, os pagamentos mais comuns situam-se entre os 300 e os 700 euros por participação", diz Angel Luis de la Calle.

SURPRESA Marcelo Rebelo de Sousa — o 'pai' do comentário político na televisão — disse à presidente do Sindicato dos Jornalistas que tinha "dificuldade em perceber como chegámos aqui"

ANTÓNIO BERNARDO

MARCELO NÃO PERCEBE

A presidente do Sindicato dos Jornalistas diz que a presença de políticos nos *media* portugueses "é uma questão que nos tem assolado e sempre nos questionamos como é que ninguém fez ainda as contas para perceber a dimensão do fenómeno". Ao Expresso, Sofia Branco confidenciou que este "crescente domínio do espaço informativo por não jornalistas" foi um dos assuntos abordados na audiência concedida pelo Presidente da República, na altura em que a atual direção sindical foi eleita.

O próprio Marcelo Rebelo de Sousa — que foi jornalista e é, na verdade, o 'pai' do comentário político na televisão — tinha "dificuldade em perceber como chegámos aqui", diz Sofia Branco. O problema, para a sindicalista, tem sobretudo a ver com a "dimensão" que a invasão de políticos atingiu, assim como pelo "investimento que exige", numa altura em que as redações estão cada vez mais descapitalizadas e onde a austeridade passou a ser palavra de ordem para a gestão da produção de informação.

"Preocupa-me que um espaço onde se joga a nossa credibilidade e onde se podia mostrar a competência dos jornalistas em áreas da sua especialidade esteja a servir para dar o ouro ao bandido", diz Sofia Branco. Até porque, "os espaços de análise são tanto mais relevantes, quanto forem plurais" e, garantidamente, isso não acontece. "A representatividade dos colunistas é, do ponto de vista etário, um desastre. Tal como há falta de pluralidade étnica e uma sub-representação das mulheres. No conjunto, formam um retrato muito pobre da sociedade portuguesa", conclui a presidente do Sindicato dos Jornalistas.

"Claro que há comentadores muito bem pagos, mas são uma minoria", diz Rita Figueiras, autora do ensaio "O Efeito Marcelo, o Comentário Político na Televisão"

Na verdade, "as empresas de comunicação social tendem sempre a dar espaço de opinião a quem está de fora", diz Sofia Branco. E isso não é uma inevitabilidade. "Amputar a possibilidade dos jornalistas fazerem análise e de criarem opinião é empobrecedor", afirma. Afinal de contas, "as empresas não dão crédito aos jornalistas que têm e que, muitas vezes, têm maior capacidade de análise e melhor conhecimento das matérias do que os *opinion makers* do costume". Além do mais, "os jornalistas têm deveres e princípios éticos a respeitar, que obrigam a um esforço de imparcialidade, de rigor e de fundamentação dos seus artigos que enriquecem a análise dos assuntos", diz Sofia Branco. Substituir profissionais da informação por profissionais da política pode ser um erro. "É dar o ouro ao bandido", repete a representante sindical dos jornalistas. / **R.P.L.**

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

fosse o critério, não se aplica a outros comentadores políticos, como Mariana Mortágua, do Bloco de Esquerda, José Eduardo Martins, do PSD, ou ainda Adolfo Mesquita Nunes, do CDS, que semanalmente têm intervenções garantidas em, pelo menos, dois órgãos de comunicação social nacionais. A "relevância" da deputada do Bloco de Esquerda serve de justificação para a sua colaboração, em simultâneo, na SIC Notícias e no "Jornal de Notícias". O "peso político" do social-democrata justifica a sua presença na antena da TSF e no Canal Q, no programa de debate político "Sem Moderação", que acumula ainda com uma página semanal de opinião na revista "Visão". Adolfo Mesquita Nunes, do CDS, também tem direito a idêntico espaço pago pela "Visão". O dirigente do CDS já fez parte do painel de comentadores da SIC Notícias, mas agora resume a sua participação mediática à imprensa escrita, juntando à sua página na revista uma coluna semanal no "Diário de Notícias" e um artigo semanal no "Jornal de Negócios".

IR A TODAS

Mas, se a presença de políticos nos órgãos de comunicação social nacionais parece grande, a verdade é que se trata apenas de uma parcela da realidade. De facto, referimo-nos até agora apenas aos espaços informativos concessionados diretamente a alguns protagonistas da nossa vida política com carácter de permanência. Mas há muito mais. Aos poucos, o terreno do entretenimento das televisões, da rádio e dos jornais vai sendo tomado pelos mesmos personagens, ora para mostrarem os seus dotes de comentadores desportivos, de especialistas em matéria criminal, ou até para darem apenas um ar da sua graça e mostrar as suas qualidades de cidadãos 'normais'.

O "Cinco para a Meia-Noite", da RTP, não entra nestas contas. Mas a ida de António Costa (por duas vezes) ao programa, a dançar um *slow* com a apresentadora e a telefonar ao "Marinho" (o ministro das Finanças, Mário Centeno), fez quase tudo o que era preciso para adoçar a sua imagem. Assunção Cristas também lá foi dançar *floss dance*, André Silva, do PAN, fez biodança, e até o sisudo Rui Rio aceitou participar numa "batalha de piadas secas". Este 'lado B' dos políticos é também feito nas sucessivas conversas radiofónicas do comendador Marques de Correia, na Renascença, conduzidas por Henrique Monteiro a meia classe política portuguesa. Por lá passaram Carlos Moedas ou Inês de Medeiros, Carlos César ou Helena Roseta, e a todos foi permitido mostrar o seu lado divertido e mundano, de quem tem vida para lá da política e está, assim, bem próximo dos seus eleitores. Para não falar do arroz de atum cozinhado em direto por Assunção Cristas no programa da manhã de Cristina Ferreira, que serviu bastante mais para a líder demarcar o CDS da imagem de partido elitista do que seria possível em mais de uma centena de entrevistas que pudesse vir a dar.

O fenómeno está presente em quase todos os lados, mas uma amostra desta tendência crescente do "assalto dos políticos" aos *media* é fácil de compreender através do "Correio da Manhã" e do seu canal televisivo. Octávio Ribeiro, diretor do "Correio da Manhã", explica que o espaço concedido aos 13 políticos que tem como colaboradores permanentes se reparte por "colunas semanais" no jornal, assim como por um espaço de "três minutos integrados" no noticiário principal da televisão. Além disso, há "debates sobre futebol ou sobre temas de segurança", cuja duração varia entre os 60 e os 120 minutos e que também incluem a presença assídua de políticos. "A capacidade de atração e retenção de audiência" são os principais critérios para a escolha destes protagonistas, e o certo é que os políticos aproveitam a oportunidade e usam e abusam da polémica, que lhes serve de rampa automática de lançamento para mais altos voos.

Ninguém revela o custo dos políticos comentadores. Mas todos sabem que "há uma minoria muito bem paga"

Foi, por exemplo, na coluna semanal do "Correio da Manhã", que ocupa uma página inteira, que Assunção Cristas conseguiu chamar a atenção do primeiro-ministro. Acusando Costa de "irresponsabilidade", de "desonestidade", de "vistas curtas" ou de ser um "habilidoso contorcionista", a líder do CDS acabou por capitalizar, no Parlamento, as linhas de ataque cerrado que, ao longo dos anos, foi deixando naquele jornal. Num dos debates quinzenais, o chefe do Governo perdeu a compostura e acabou por disparar contra a adversária e os seus "artigozinhos" publicados na comunicação social. A partir daí, Cristas ganhou músculo e protagonismo político como a grande adversária do primeiro-ministro. E a esgrima entre os dois passou a fazer parte da história dos debates parlamentares que se seguiram.

André Ventura é outro dos exemplos. Está na CMTV, ora como comentador desportivo (na qualidade de benfiquista ferrenho) ora como jurista capaz de comentar qualquer caso criminal que a estação de televisão decida dissecar. O palco cedido e o tempo de antena garantidos estão na base da surpresa que foi a sua vitória nas últimas eleições autárquicas, conseguindo para o PSD um lugar de vereador que nunca o partido imaginou poder vir a ter. Na CMTV, estão ainda dois outros políticos na pele de comentadores desportivos: Hélder Amaral, do CDS, e Nuno Encarnação, do PSD, têm tempo de antena garantido. E isso serve também de base de apoio para os seus projetos políticos futuros.

Há cinco anos, Marinho e Pinto foi um *case study* para este fenómeno. O ex-jornalista e ex-bastonário da Ordem dos Advogados não foge a nenhum combate, e só isso bastou para ter acesso direto aos programas das manhãs da televisão, onde comentava crimes e questões de segurança para um auditório de milhões. Do ecrã para um lugar como eurodeputado foi um passo de anão. E, agora que as eleições para o Parlamento Europeu se aproximam, Marinho voltou ao comentário televisivo. Num dos últimos, o pé escorregou-lhe para a política e, do crime, passou para a crítica ao atual Presidente da República. "Este nosso telepresidente parece que quer continuar como antes de ser eleito, e estou cansado de um Presidente de afetos. Um Presidente é para tomar decisões difíceis", disse.

Nem de propósito. Há um "efeito Marcelo", como lhe chama a investigadora Rita Figueiras, que banalizou a presença dos políticos no espaço mediático. "Atualmente, nenhuma carreira política se constrói à margem dos *media*, em particular da televisão", afirma. E ninguém duvida da capacidade dos *media* em acomodar políticos ou na força de uma carreira construída a partir deles. O fundador da SIC, Emídio Rangel, foi o primeiro a dizer que a televisão servia para "vender tudo, desde sabonetes a Presidentes da República". A história recente deu-lhe toda a razão. ●

rlima@expresso.impresa.pt

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Portugal tinha acabado de sair da Grande Guerra, mas a paz teimava em não chegar. Em 1919, Paiva Couceiro liderou a última grande tentativa de restauração monárquica e lançou o país numa autêntica guerra civil. Foi há 100 anos e passou à história como a Monarquia do Norte, por não ter passado do rio Mondego, Monarquia do Quarteirão, por ter durado apenas 25 dias, e Monarquia dos Trauliteiros, pela violência da sua repressão

REVOLTA Na tarde de 23 de janeiro de 1919, nos Paços do Concelho de Viana do Castelo, foi anunciada a restauração da monarquia

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

+E

A monarquia do Norte

HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

imagem era impressionante. Centenas de soldados apeados, numerosos grupos de cavaleiros com os seus sabres e várias peças de artilharia e os seus artilheiros, todos impecavelmente formados no quartel do Monte Pedral, no Porto, enquanto aguardavam pela chegada de uma alta dignidade para dar início à cerimónia. Era um domingo, 19 de janeiro de 1919, e aquela parecia ser apenas mais uma parada de fim de semana, mas as aparências não iludiam nenhum dos presentes.

Por volta da uma da tarde um automóvel entrou no recinto, deteve-se numa ponta da parada e do seu interior saiu o coronel Paiva Couceiro. Couceiro era o famoso centurião que se destacara em combate em Angola e Moçambique, o explorador que percorreu milhares de quilómetros no sertão africano e uma das figuras mais conhecidas em Portugal. Era também um indefetível monárquico e o homem mais temido pelo Governo republicano. Foi um dos poucos oficiais de alta patente a opor-se à revolução que derrubou a monarquia, a 5 de outubro de 1910, recusou-se a jurar fidelidade ao novo regime republicano, demitiu-se do exército e liderou duas tentativas de golpe, a primeira em 1911, a segunda no ano seguinte. Ambas foram derrotadas em Trás-os-Montes sem obter grande apoio popular e Paiva Couceiro viu-se forçado ao exílio em Espanha, mas nem por isso arrefeceu a sua veia conspirativa. Durante os anos seguintes seguiu atentamente o evoluir da política nacional e os sucessivos golpes militares e políticos, assim como a ascensão do Presidente Sidónio Pais, em 1917, cuja política autoritária atraiu numerosos republicanos descontentes com os moldes democráticos da República e reabriu as portas da política a muitos monárquicos. Pareciam criadas as condições necessárias para um regime conservador e ditatorial, mas o seu assassínio, em dezembro de 1918, deixou um profundo vazio de poder e teve o condão de produzir um acordo alargado entre as forças que pugnavam pelo retorno da monarquia. Um grupo de militares tomou a iniciativa de formar a Junta Militar do Norte e de imediato começaram as conspirações em estreita união com várias formações políticas de direita, como o Integralismo Lusitano, com um ambíguo *go on* de D. Manuel II a convencer os mais renitentes.

Paiva Couceiro viu surgir a oportunidade pela qual aguardava há anos e não a iria desperdiçar. Ao sair do automóvel foi recebido por um grupo de oficiais que o aguardava, velhos camaradas dos golpes de 1911 e 12 a que se juntavam caras novas da Junta Militar do Norte. Montou a cavalo e colocou-se em sentido no centro da parada para começar o seu discurso: "Soldados! Tendes diante de vós a bandeira azul e branca! Essas foram sempre as cores de Portugal, desde Afonso Henriques, em Ourique, na defesa da nossa terra contra os moiros, até D. Manuel II, mantendo contra os rebeldes africanos os nossos domínios em Magul, Coolela, Cuamato, e tantos outros combates que ilustraram as armas portuguesas. Quando, em 1910, Portugal abandonou o azul e branco, Portugal abandonou a sua história! E os povos que abandonam a sua história são povos que decaem e morrem."

Estava dado o sinal para o início da revolta. O exército saiu para a rua e controlou rapidamente os edifícios governamentais, colocando um 'canhão-revólver' na Torre dos Clérigos para abater os aeroplanos que o Governo eventualmente enviasse. Por toda a cidade começaram a ser içadas bandeiras monárquicas e foi declarada a Junta Governativa do Reino de Portugal. Tal como planeado, várias guarnições no norte do país seguiram o exemplo do Porto e a bandeira azul e branca começou a ondear em Braga, Guimarães, Valença, Viana do Castelo e Viseu, entre muitas outras cidades e vilas. A revolta alastrava a um ritmo aparentemente imparável, mas não tardaram a surgir os primeiros entraves. A guarnição da GNR de Mirandela recusou-se a obedecer às ordens da Junta e manteve-se fiel ao Governo, sendo reforçada por civis que se quiseram juntar à defesa da República. Em Vila Real e Bragança também se registou oposição ao golpe e em Chaves formou-se o principal núcleo de resistência no Norte. A guarnição flaviense era comandada pelo coronel Ribeiro de Carvalho, que já em 1912 derrotara a incursão monárquica de Paiva Couceiro, e ao longo dos dias seguintes a cidade converteu-se num bastião para onde acorriam centenas de republicanos do Minho e de Trás-os-Montes. Pior ainda, Coimbra e Aveiro mantinham-se sob o firme controlo do Governo, e do Mondego para baixo foram praticamente nulas as tentativas de insurreição. Faltava ainda Lisboa juntar-se ao golpe, mas Aires de Ornelas continuava inseguro quanto à reação das unidades que defendiam a capital e tardava em lançar a revolta.

A Junta do Reino iniciou então uma intensa ação legislativa e a rápida mobilização de um exército capaz de fazer frente ao inevitável contra-ataque do Governo. Havia também duas missões que a Junta levava muito a sério, convencer a população de que a revolta tinha vencido em todo o país — através de uma campanha de propaganda que distribuiu uma série de notícias falsas; e conduzir uma dura repressão contra os republicanos que tinham ficado na cidade. O capitão António Sollari Allegro, figura de proa da Junta Militar do Norte e ministro do Reino, tomou a iniciativa de criar grupos de segurança auxiliares para conduzir a sua política de repressão. Qualquer civil podia ser voluntário e a impunidade acabou por atrair as piores camadas da população, começando um reinado de terror com vários homicídios a serem cometidos de forma bárbara, muitas vezes por questões pessoais, a que se somaram os saques de casas e estabelecimentos de conhecidos republicanos. O seu quartel-general foi estabelecido no Aljube e os seus membros eram conhecidos como os "trauliteiros", termo que serviu de inspiração para nomear a efémera Monarquia do Norte como o "Reino da Traulitânia".

Apesar do sucesso inicial, o avanço dos monárquicos foi lento e o Governo aproveitou a estabilização das linhas para começar a mobilizar as suas forças. Logo no dia 19, centenas de estudantes universitários e civis ofereceram-se para formar o Batalhão Académico, e, no dia 22, os jornais deram honras de capa ao comunicado do Governo que apelava à população para se juntar ao exército. Numerosos de civis acorreram à chamada e o Campo Pequeno e o Depósito de Adidos encheram-se com civis para uma curta instrução militar. As primeiras armas começaram a ser distribuídas aos voluntários e seguiu-se um desfile até ao Terreiro do Paço onde foram dadas vivas à República num clima de grande euforia. Para os monárquicos da capital, que tinham vivido os últimos dias numa ansiedade crescente, tornou-se claro que adiar a revolta só serviria para reforçar as hostes republicanas. Era chegada a hora do tudo ou nada.

A REVOLTA DE MONSANTO

Apesar de separados por apenas meia dúzia de quilómetros, o contraste não podia ser maior entre a azáfama que se vivia no Campo Pequeno e a tranquilidade no Forte de Monsanto, onde o alferes Carlos Malheiro tinha de garantir a segurança dos prisioneiros a seu cargo. O oficial da GNR tinha sido destacado com um sargento e 37 praças para guarnecer o Forte de Monsanto, e a rotina do serviço só foi quebrada por volta das oito da noite quando foi detetada a presença de estranhos junto à entrada do forte. Eram militares do Regimento de Lanceiros 2, do vizinho quartel da Ajuda, e o alferes Malheiro não tardou a identificar o comandante daquela patrulha. "Dirigi-me a esse oficial, que me disse para não hostilizar as forças que iam chegar", pois "vinham ali tomar posições para não serem surpreendidas nos respetivos quartéis, pois que se esperava revolução nessa noite. Desconfiado, e para ter tempo, pedi que essas forças não formassem em frente das minhas sendo-me dada resposta positiva."

O alferes pressentia o perigo e ligou para o Quartel do Carmo, informando o comando sobre o que estava a suceder, mas quando voltou para junto dos seus homens deparou-se com o cenário mais temido: o forte estava cercado por forças de cavalaria e a entrada controlada pelos recém-chegados. "Dirigi-me a um capitão para lhe perguntar do que se tratava e, sem que ele me desse tempo a isso, inquiriu-me da minha atitude, ao que respondi, diante de praças minhas, que me mantinha ao lado do Governo e às ordens do Comando Geral." A recusa do alferes Malheiro de pouco serviu. O forte estava agora na posse dos militares do Regimento de Lanceiros 2 e de Cavalaria 4, que se tinham amotinado e declarado a restauração monárquica na capital. Centenas de soldados fortemente armados começaram a montar as suas posições em redor do forte, aguardando ansiosamente pelo amanhecer para ver a reação das outras unidades.

Aires de Ornelas comandava os militares revoltosos, enquanto os civis eram liderados pelo ex-capitão

TEXTO
RICARDO SILVA

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA

TRAULITEIROS Civis armados com pistolas, carabinas, cavalos-marinhos e uma caixa de bombas, em primeiro plano. No grupo, entre outros, há comerciantes, um jornalista, um taberneiro, um professor e um polícia

A Junta tentou convencer a população de que a revolta tinha vencido — através de uma série de notícias falsas. E conduziu uma dura repressão contra os republicanos

Júlio da Costa Pinto. O seu plano era simples: tomar Monsanto, hastear a bandeira azul e branca e esperar que outras unidades seguissem o seu exemplo. O dia 23 foi passado num compasso de espera que se revelou desalentador para os insurrectos. Chegaram alguns voluntários, a conta-gotas, mas era notório que o Governo controlava os outros regimentos da guarnição e ao longe começaram a surgir os primeiros grupos de soldados que iam tomando posições de combate. As forças republicanas preparavam-se para esmagar os monárquicos e o tenente-coronel Vieira da Rocha passou o dia a gerir as suas forças e a entregar missões aos homens que iam combater os revoltosos.

Ao amanhecer do dia 24, os monárquicos viram-se totalmente cercados. Um batalhão da Marinha tinha ocupado posições entre o Alto da Serafina e Seteiros, centenas de soldados do regimento de infantaria 17 (RI) prolongavam a linha até Benfica, que seguia até à Amadora com os numerosos grupos de civis armados no dia 22. Havia forças na Tapada da Ajuda e às portas de Queluz, com várias companhias da GNR, do RI 5, e do Batalhão Académico posicionadas entre Sant'Ana e a Serafina, onde ligavam com os marinheiros e fechavam o círculo em redor dos revoltosos. Por volta das oito da manhã soou o primeiro disparo, seguindo-se um intenso duelo de artilharia que durou toda a manhã. Uma das baterias republicanas estava no Alto da Quintinha e tinha uma visão perfeita sobre Monsanto. Carlos Paiva comandava os artilheiros ali destacados e no seu relatório descreveu vários episódios daquela manhã conturbada. "Cerca das 10 e meia vi arvorada a bandeira monárquica numa casa do Forte de Monsanto. Dirigi o tiro para lá cahindo próximo até que ao 2º tiro a bandeira e parte do telhado da casa cahiam. Foi tal o entusiasmo, que um civil avançou para o apontador da peça, que nessa ocasião era o 2º sargento Batalha de Artilharia 5 acima citado e ao mesmo tempo que o abraçava lhe deu 10 escudos como prémio da sua pontaria disendo que na véspera tinha prometido dar essa quantia a quem deitasse abaixo a 1ª bandeira monárquica." A artilharia republicana era superior em número e apenas a falta de munições começou a reduzir o ritmo do bombardeamento, mas o abrandamento revelou-se curto. "Chegadas as munições pedidas foi descoberta pelo nosso inimigo a posição da 2ª peça que foi alvejada com quatro granadas que foram furar o telhado de um barracão próximo do qual estávamos e que servia de arrecadação. Vendo pelo fumo a posição da peça que nos estava incomodando, dirigi para lá o fogo da 1ª peça acertando logo ao primeiro tiro, mandando o inimigo meter armão precisamente quando fazia o 2º tiro observei que as muares tinham sido atingidas, calando-se por essa ocasião o fogo do inimigo."

Vendo-se em notória inferioridade numérica, os oficiais monárquicos ordenaram aos guardas da companhia do alferes Malheiro que abrissem fogo contra os seus adversários. Alguns soldados mostraram-se renitentes, como o soldado Francisco Guerreiro que acabou por ser baleado numa perna; e o soldado Francisco Alves que se recusou e foi imediatamente executado a tiro para servir de exemplo. Apesar da situação ser crítica e as esperanças numa vitória quase nulas, os rebeldes continuaram a resistir e não hesitaram em recorrer à artimanha para surpreender os seus inimigos, como ficou patente num combate a meio da tarde, quando "vem em direção do batalhão académico uma grande força do inimigo que se compunha de soldados de cavalaria

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

mas que vinham apeados e que de armas no ar davam vivas à República. Esta cilada motivou um avanço impetuoso dos académicos, que na ânsia de vencer pareceu-lhes ver naquele gesto do inimigo uma grande vitória. Já muito perto do inimigo este põe armas à cara e desfecha cobardemente, pelo que os académicos tomaram a rápida resolução de se atirarem ao chão fingindo-se feridos ou mortos para que não fossem mais castigados, mas de repente surge um pelotão de cavalaria inimiga que perseguia os académicos à espadeirada ao mesmo tempo que a artilharia inimiga com o fogo de lanterneta pretendia dizimar os briosos rapazes, porém em breve se puseram em fuga devido ao aspirante Aires Rangel que conseguiu reunir alguns dos seus académicos e ao alferes Adelino Graça que imediatamente avançou com o resto do batalhão, portando-se então todos com grande serenidade e debaixo de uma disciplina irrepreensível. Deste terrível confronto ficaram feridos o alferes Graça com uma bala na mão direita, o aspirante Rangel nas duas pernas por motivo de uma queda e alguns académicos entre os quaes, gravemente, José Extremadura Branco, que no dia seguinte faleceu."

Ao fim da tarde o moral dos soldados monárquicos bateu no fundo e era notório que seriam incapazes de continuar a resistir por muito mais tempo. A infantaria republicana avançava lentamente, mas sem cessar, e não tardou muito até encontrar-se a apenas algumas centenas de metros do forte, momento em que desabou a resistência dos rebeldes e centenas de soldados começaram a levantar as mãos em sinal de rendição. Centenas de civis acorreram ao local dando vivas à República e gerou-se um cenário de caos absoluto, sendo por essa altura que "aproveitando esta confusão, o cabecilha monárquico Júlio da Costa Pinto, que se achava fardado e de botas altas amarelas, veste um sobretudo e também dando vivas pretende iludir a multidão escapando assim à sua justiça, porém o ajudante do Batalhão aspirante António Aires, que foi sempre incansável no decorrer das operações e que naquela formidável onda humana consegue não perder o sangue frio, reconhece-o e dá-lhe voz de prisão, não evitando contudo que o povo o linchasse. Como estava ferido acompanhou-o a um dos postos da Cruz Vermelha, onde o entregou debaixo da vigília de alguns marinheiros." Centenas de rebeldes estavam agora a caminho da prisão e Lisboa estava sob o firme controlo do Governo, começava a desenhar-se o princípio do fim da revolta monárquica.

O FIM DA TRAULITÂNIA

O desastroso desfecho da revolta em Lisboa foi cuidadosamente escondido da população no norte do país, a quem era dito que a revolução tinha vencido na capital e apenas restavam alguns focos de resistência espalhados pelo país. Mas para os comandos monárquicos era notório que a propaganda não iria ganhar a guerra e só o recurso a métodos draconianos poderia inverter a situação.

A repressão aumentou exponencialmente e o Teatro Éden foi transformado num centro de tortura, com as cadeiras a serem retiradas e o hemiciclo a transformar-se em cenário para um novo tipo de espetáculo. A cena começava com um preso a ser arrastado até ao centro do palco, onde um grupo de trauliteiros o aguardava com bengalões, tiras de pneumáticos e cavalos-marinhos, seguindo-se uma chuva de insultos enquanto era vergastado até perder os sentidos. Era tudo feito ao som de um piano tocado de forma estridente para abafar os gritos da vítima, e "dos camarotes eram forçados a assistir os outros presos para que a tortura moral precedesse a tortura física." A violência e a morte podiam acontecer em qualquer lugar. Francisco Alves era enfermeiro militar e estava de serviço num posto de socorro instalado no Jardim da Cordoaria, onde testemunhou um dos episódios mais cruéis dos trauliteiros: "Dois alferes da Guarda Republicana foram presos por serem dedicados republicanos; em seguida, como insistissem em que nunca atacariam a República, mas que pelo contrário a defenderiam enquanto pudessem, foram ligados com arame farpado, em volta do peito, o qual ia sendo cada vez mais apertado por meio de um alicate, o que lhes ocasionou a morte." Francisco Alves era republicano e teve de assistir em silêncio à tortura daqueles dois homens para não delatar as suas crenças políticas, mas o que viu convenceu-o a fugir na primeira oportunidade que se lhe apresentou. Pior sorte tiveram outros membros da sua família, perdeu um irmão, dois tios e dois sobrinhos.

FIGURA Henrique Mitchell de Paiva Couceiro

Para os comandos monárquicos era notório que a propaganda não iria ganhar a guerra e só o recurso a métodos draconianos poderia inverter a situação

A repressão podia manter os republicanos do Norte dominados pelo terror, mas a situação militar era grave e não era com trauliteiros que se derrotaria o exército do Governo. Nesse mesmo dia, o major Joaquim Rangel foi chamado com urgência ao quartel-general e era meia-noite quando foi recebido por Paiva Couceiro que "me convidou a seguir para a Régua e assumir o comando das forças que ali se encontravam". A missão do major acabou por ir muito além de serviços de guarnição e alguns dias mais tarde foi-lhe entregue o comando de uma coluna com cerca de 600 homens e a ordem de tomar Chaves. A estratégia de Paiva Couceiro era simples: uma coluna avançaria sobre Aveiro para enfrentar o exército que a República estava a montar, enquanto o major Rangel conquistaria Chaves e eliminava um perigo no seu flanco. Paiva Couceiro tentava esmagar a resistência republicana em Trás-os-Montes sabendo que o tempo corria contra ele e era fundamental eliminar rapidamente estas bolsas de resistência para de seguida concentrar toda a sua força contra as colunas que avançavam do sul do país.

O plano era esse, mas a realidade sobrepôs-se. A 27 de janeiro, a coluna que avançava sobre Aveiro foi duramente batida em Águeda e dois dias mais tarde uma força republicana atravessou o rio Vouga e ocupou Albergaria-a-Velha. No dia seguinte, o coronel Paiva Couceiro tentou animar os seus homens num último esforço para manter a iniciativa, mas era notório que os republicanos eram demasiado fortes e as deserções começaram a aumentar entre as suas fileiras. Só lhes restava aguentar o máximo de tempo possível e esperar por um milagre. Entretanto, prosseguiam os combates em Trás-os-Montes. No dia 9 de fevereiro, o major Rangel estava diante de Mirandela e começava a ação. Começou por mandar desdobrar as suas forças para o ataque e "pouco depois, recebia a notícia de que o meu ajudante, alferes Costa Alemão, tinha sido morto e um capitão ferido à entrada da ponte de Mirandela." Apesar da superioridade numérica e material dos monárquicos, foram precisos três assaltos e um intenso bombardeamento para forçar os cerca de 150 defensores a retirar "depois de um combate que durou nove horas, no qual, justiça é dizer-se, a defesa opôs uma firme e valente resistência."

Era notório que Chaves iria resistir com ferocidade e o major Rangel estava numa corrida contra o tempo sem saber que já era demasiado tarde para a causa que defendia. No dia seguinte, uma coluna republicana tomou Lamego e as forças monárquicas começaram uma retirada desordenada e imparável. Era o momento para os republicanos que ainda se encontravam no Porto tentarem a sua sorte, e três dias mais tarde os capitães Jaime Novais e Silva e Sarmento Pimentel amotinaram as companhias que tinham sob o seu comando e em poucas horas conseguiram tomar o controlo da cidade e içar a bandeira da República. Era demasiado tarde para Paiva Couceiro tentar salvar um exército em decomposição acelerada e a Monarquia do Norte em que tantas esperanças depositara acabava de forma inglória. A causa restauracionista dava assim o seu último fôlego, D. Manuel II continuou o seu exílio, e a República reforçou a sua posição enquanto regime e viveu um século em que não voltou a estar sob ameaça. ●

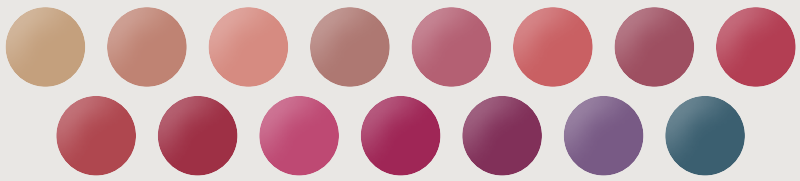
e@expresso.impresa.pt

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

JÁ NAS BANCAS

UMA NOVA ACTIVA INSPIRADORA

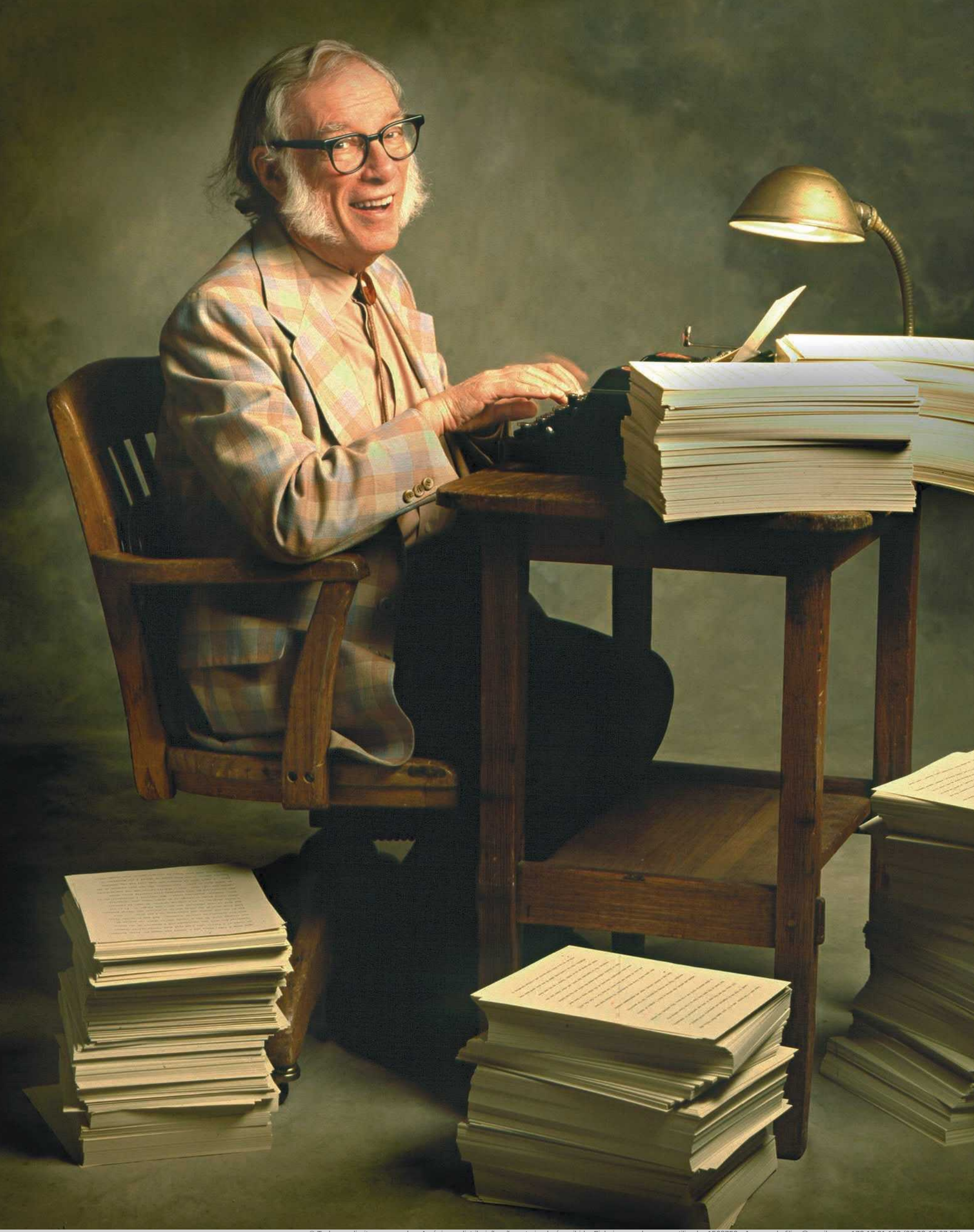
Oferta de um batom líquido



15 CORES DISPONÍVEIS

andreia
professional

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

+E

Um presente menos que perfeito

Em finais de 1983, quase a chegar ao 1984 que George Orwell imaginou apocalíptico, o escritor Isaac Asimov publicou um texto a predizer como seria o mundo daí a 35 anos. O que viu foi um 2019 a viver em paz, à conquista do espaço e altamente tecnológico, e em posse das alternativas que poderiam travar o declínio do planeta. Viu a melhor versão de nós mesmos

TEXTO
LUCIANA LEIDERFARB

DEBORAH FEINGOLD/CORBIS VIA GETTY IMAGES

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Em 1941, Isaac Asimov inventou uma profissão. Era um químico de 21 anos a iniciar o doutoramento em bioquímica na Universidade de Columbia, e há anos escrevia ficção científica — que lia desde os nove. Viajava no metro de Nova Iorque rumo à reunião mensal com John W. Campbell, o editor da revista "Astounding Science Fiction", na qual colaborava. E veio-lhe à mente a história de um império galáctico em declínio, baseada na queda do Império Romano, que começou por ser um conto e se tornou numa saga publicada em forma de trilogia dez anos depois, sob o título de "Fundação".

Seria a sua obra maior, aquela que o economista Paul Krugman, Nobel em 2008, disse tê-lo inspirado a seguir esse caminho. Não apenas pela narrativa em si — de estilo pouco adjetivado e seco, que arrasta o leitor a um ritmo alucinante — mas por colocar em destaque um novo tipo de ciência, a 'psico-história', capaz de predizer o futuro de uma sociedade misturando áreas como a história, a sociologia e a estatística. Esta disciplina "usa o conhecimento da matemática social para salvar" a civilização, apontou Krugman, para quem, perante a ausência de uma ciência social "unificada", "a economia é o mais próximo da psico-história que se pode encontrar".

Criada para fins literários, a invenção de Asimov representou já um passo em frente, especialmente no contexto da II Guerra Mundial. Não por acaso, anos depois, Asimov escreveria: "Hitler continuava a acumular vitórias, e a única forma de eu considerar a vida suportável na altura foi convencer-me de que, independentemente do que ele fizesse, estava condenado ao fracasso." O autor foi mais longe, ao assumir que o tempo de "uma ciência por meio da qual as coisas possam ser previstas numa base probabilística ou estatística" virá, e ao dar ele próprio os primeiros passos nesse sentido. Quem gostar dos seus livros poderá dizer que continuou a exercitar-se em cada um deles. Mas houve pelo menos duas oportunidades em que as previsões superaram o campo da literatura.

A primeira foi em resposta a um pedido do "The New York Times", que por ocasião da Feira Mundial de Nova Iorque, em 1964, o convidou a antecipar como seria o mundo 50 anos mais tarde. A segunda foi a 31 de dezembro de 1983, quando o jornal canadiano "The Star" o desafiou a imaginar o estado do planeta dali a 35 anos, reproduzindo o que George Orwell fizera em 1949 em relação ao ano de 1984. O escritor aceitou o desafio e redigiu um longo ensaio sobre o que alguém prestes a entrar na simbólica data orwelliana esperava de 2019. Ao contrário do seu colega britânico, não retratou a ruína de uma sociedade pós-nuclear. Colocou logo a hipótese de parte, alegando que "se os Estados Unidos e a União Soviética se tivessem confrontado (...) resultaria absolutamente inútil discutir como a vida seria nesse ano. Muito poucos de nós, ou dos nossos netos e bisnetos, estariam então vivos para que fizesse sentido descrever a condição de miséria global nessa altura. Assumamos que não haverá uma guerra nuclear — o que não é necessariamente a suposição mais prudente — e continuemos a partir daí".

Olhar para esse texto hoje pode ser perturbador. Não, não houve uma guerra nuclear. E não, isso não chegou para salvar a Humanidade de si própria. Porém, Asimov descreve um 2019 melhor do que aquele a que chegámos, menos perdido e tecnologicamente mais avançado, o que pressupõe uma civilização, a dos netos e dos bisnetos, mais consciente dos seus problemas do que a que hoje povoa o mundo. Ele, cuja escrita literária sempre se nutriu de conjeturas sobre o futuro da Humanidade, consegue ser neste ensaio ao mesmo tempo realista, delirante, utópico e certeiro, e a sua fé inabalável na Humanidade tem a marca de quem também viveu nas trevas. Acredita acima de tudo na razão, e reduz a irracionalidade do homem à condição de revés ultrapassável.

O primeiro tópico que aborda é o da informatização que, segundo o autor, terá um avanço "inevitável", ao ponto de sair do domínio restrito dos governos e das indústrias para entrar nas casas das pessoas. Asimov prevê mesmo a existência de "computadores móveis", e está à vista que acertou em cheio — já em 1964 tinha dito que, em 2014, teríamos a possibilidade de "ouvir e ver" os interlocutores nas chamadas telefónicas, além de "consultar documentos, fotografias e passagens de livros" nos ecrãs. Mas o autor não foge a considerações mais globais, ao afirmar que "a crescente complexidade da sociedade irá tornar impossível viver sem eles, a não ser que se procure o caos". Por outro lado, as zonas do mundo que ficarem atrás a este respeito "vão sofrer", porque as classes decisoras "irão clamar por informatização como hoje clamam por armas".

Claro que uma tal dependência não podia deixar de alterar os hábitos de trabalho. Recordando as mudanças da era pós-industrial — "o salto da quinta para a fábrica" —, Asimov reconhece que a informatização levará a um salto ainda mais veloz e doloroso "da fábrica para algo de novo". E aponta para uma alteração mais qualitativa do que quantitativa ao sublinhar a necessidade de uma mudança "na natureza da educação", a fim de tornar populações inteiras tecnologicamente "letradas" e capazes de lidar com um mundo *high tech* — expressão que, de

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

RECUO No fim da vida, Asimov afirmou ser "demasiado tarde para salvar o planeta". Morreria de sida em 1992, contraída na sequência de uma transfusão sanguínea

DEBORAH FEINGOLD/CORBIS VIA GETTY IMAGES

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

resto, ele já utilizava. Porém, o autor acredita que a informatização, longe de significar uma redução do emprego, apenas vai representar empregos de tipo "diferente aos empregos destruídos". E é aqui que peca por um otimismo exacerbado, mesmo tendo sido, na década de 70, membro do Comittee for Skeptical Inquiry.

No fundo, ao afirmar que "os avanços tecnológicos sempre criaram, no passado, mais empregos do que aqueles que destruíram", Asimov apoia-se na História. O mundo já atravessou situações semelhantes e "uma força de trabalho industrializada deve, necessariamente, ser mais instruída do que uma ligada à agricultura". Se o escritor concede que desta vez as mudanças possam ser vertiginosas e, por isso, mais difíceis de acompanhar — se admite que milhões de pessoas não treinadas se encontrem "desamparadas perante a maioria dos empregos disponíveis" —, também defende que, em 2019, essa transição estará na fase final. Aqueles que podiam ser reeducados já o terão sido e os restantes recolocados em trabalhos "mais úteis". Em 2019, "a geração da transição estará prestes a morrer e haverá uma nova geração a ser educada no novo mundo." E a sociedade ter-se-á aperfeiçoado, em maior ou menor grau. Contudo, a realidade acaba por demonstrar que o ano de 2019 está só a meio do processo, e a perda de empregos suscitada pela crescente informatização ainda não foi compensada por aquilo que se espera do estádio seguinte: o surgimento de novas possibilidades. Por outro lado, muitos são os seres humanos que em 2019 vivem em condições piores do que aquelas que o próprio Asimov conhecia em 1983 — e em 1964.

UM RADAR HUMANO

Não nos devemos admirar das suas conclusões. Afinal, ele confiou sempre na capacidade de o homem superar os seus obstáculos. Nascido em Petrovichi, Rússia, numa data imprecisa entre outubro de 1919 e janeiro de 1920, com apenas um ano sobreviveu à dupla pneumonia que na vila matou as outras 16 crianças afetadas. Filho de judeus observantes — que nunca, como contou, o obrigaram a seguir essa via —, a mudança política fez a família embarcar no "SS Baltic" rumo a Nova Iorque. Asimov aprendeu sozinho a ler antes dos cinco anos, ingressando na escola diretamente no segundo ano. Os pais geriam uma cadeia de lojas de guloseimas que também vendiam revistas e jornais, o que cedo lhe deu acesso a todo tipo de leituras — mais tarde, na sua terceira autobiografia, recordaria a atração pelos locais fechados e pequenos, que descreveu como uma certa "claustrofilia", e o sonho de um dia vir a ter um quiosque de revistas no metro de Nova Iorque onde pudesse ficar a ler ao som do ruído das carruagens. Quando se graduou em Química, em 1941, era já um contista voraz, e um escritor respeitado pela altura do doutoramento em Bioquímica, em 1948. Podia teria sido em Zoologia se a dissecação de um gato de rua não o tivesse apavorado.

Naquele ano, Asimov escreveu um artigo em forma de paródia, sob o título "The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline", sendo o *thiotimoline* um composto químico inventado cuja peculiaridade é dissolver-se antes de entrar em contacto com a água. Asimov, na altura a preparar tese de doutoramento e receoso de ferir suscetibilidades no seio da academia, pediu ao editor que o publicasse sob pseudónimo — o que não aconteceu. No fim da sua dissertação, um dos avaliadores dirigiu-lhe a palavra: "O que pode dizer-nos, Sr. Asimov, sobre as propriedades termodinâmicas do composto conhecido por *thiotimoline*?" Um ataque de riso fez com que o autor, tomado pelo nervosismo, tivesse de deixar a sala. Quando voltou, foi cumprimentado como "Dr. Asimov".

"A crescente complexidade da sociedade irá tornar impossível viver sem computadores, a não ser que se procure o caos", escreveu Asimov em 1983

Professor na Universidade de Boston, em 1952 ganhava mais a escrever do que a lecionar. E o abandono da investigação levou a que, em 1958, fosse dispensado da docência. Tudo acabou bem — em 1979 chegou a catedrático —, mas o incidente mostra até que ponto os seus interesses diversos o convertiam num polímata irrequieto e prolífico, capaz tanto de lecionar uma disciplina de alta especialização como de escrever contos e romances, livros sobre Shakespeare, sobre humor ("Asimov Laughs Again", com mais de 700 piadas e anedotas, que surgiu após "Isaac Asimov's Treasury of Humor"), sobre religião (um "Guia da Bíblia" do ponto de vista de um ateu), humanismo, a Grécia, o Médio Oriente, Roma, Egito, ecologia, ciência ou anatomia humana, num total de 500 volumes e 90 mil cartas. "Recusar-se a aprender ou ficar aliviado por não ter de o fazer é cometer uma forma de suicídio: a longo prazo, um tipo de suicídio mais significativo do que o mero fim da vida física", comentaria.

Essa confiança na aprendizagem humana refletiu-se também nas previsões para 2019, ano em que provavelmente, escreveu, "as nações se entenderão bem o suficiente para o planeta viver sob a aparência de um governo mundial de cooperação, mesmo que não admita a sua existência". Em 2019, os avanços terão superado os desastres com que a Humanidade se debate — a sobrepopulação, a poluição e o militarismo —, e isto graças à educação. "As escolas ainda irão existir, mas um bom professor não poderá fazer melhor do que inspirar a curiosidade que um aluno interessado irá satisfazer em casa", em frente ao computador, pressente Asimov. E haverá oportunidade para cada jovem, e mesmo cada pessoa, aprender tudo aquilo que quer, no seu tempo e ritmo próprios, e à sua maneira. "A educação será divertida porque irá ser promovida a partir de dentro e não forçada a partir de fora", antevê o escritor, que já havia abordado o tema no campo onde era exímio — o da ficção.

NA TERRA COMO NOS CÉUS

Em 1959, um dos contos do livro "Nove Amanhãs" desenhava uma Terra sobrepovoada, altamente tecnológica e forçada a habitar outros planetas. Ao ponto de "qualquer engano ou falha na tecnologia significar a fome e a doença de metade da população". Nesse mundo do amanhã, a urgência de treinar especialistas nas mais variadas disciplinas levou a que fosse criado um novo modo de educar: em vez de o fazer ao longo de anos e por meio de livros, os seres humanos eram instruídos por "fitas de educação" que "modificavam a mecânica do cérebro de forma a introduzir na mente um corpo de conhecimentos previamente preparado". As pessoas passaram a ser educadas num ápice e até ao fim da vida aplicavam os mesmos conhecimentos, sendo que não ser educado significava a morte social. A história centra-se num rapaz a quem isto aconteceu e que, lentamente, vai sendo guiado a descobrir o porquê. E o que descobre é que o seu lugar no mundo era afinal o de produzir pensamento original, porque alguém tem de o fazer para aquele não entrar em colapso. "Quem é que prepara essas fitas de educação? Serão especialistas educados para esse fim por meio de outras fitas mais avançadas? E então quem fará as fitas para estes especialistas? E assim sucessivamente: por mais avançadas que sejam as fitas de educação, terá de haver em qualquer sítio homens e mulheres com capacidade de ter pensamentos originais", concluiu o rapaz.

Noutra história, intitulada "O Sentido do Poder", um técnico menor descobre a forma como os antigos "computavam", isto é, executavam cálculos básicos. E as autoridades da Terra aceitam aprender a fazer contas manualmente, servindo-se apenas do raciocínio lógico, certas de que a reintrodução do elemento humano as ajudaria a vencer uma guerra interplanetária há décadas sem fim à vista. "Temos agora uma forma de eliminar os computadores e podemos muito bem combinar a mecânica da computação com o pensamento humano — ficando com o equivalente a computadores inteligentes!", diz uma das personagens. Noutra passagem, vai-se ainda mais longe ao questionar se, num mundo em que os dispositivos de comunicação se tornam "mais reduzidos e eficientes de dia para dia", não seria possível "dar o passo final e abandonar completamente o uso de computadores".

O olhar de Asimov é o de um futuro que ele coloca nas mãos das mais altas funções da razão. Nas previsões de 2019, não só pinta o quadro de um

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

mundo em "autogestão", com computadores e robôs (o homem que cunhou o termo 'robótica' desconhecia que a expressão usada hoje seria "inteligência artificial") a fazerem grande parte das tarefas humanas, e por isso "rico em lazer" e "cheio de *hobbies* de todos os tipos", como de uma civilização "que terá entrado no espaço para ficar". Asimov refere-se acertadamente à construção de uma Estação Espacial Internacional — cuja montagem começou em 1998 —, mas revela-se um sonhador quando supõe a existência de uma estação mineira na Lua, "capaz de processar o solo lunar e transportá-lo para locais no espaço onde possa ser convertido em metais, vidro e cimento, os materiais para a construção das grandes estruturas que serão colocadas em órbita à volta da Terra". Diga-se que o irreal não é o projeto em si, mas apenas pensar que em 2019 a Humanidade atingiria a sua plena concretização. A Agência Espacial Europeia (ESA) tem vindo a revelar planos de regressar à Lua na próxima década e até de construir uma base lunar, entre outras coisas, para servir de plataforma para futuras missões a Marte. Em finais do ano passado, num simpósio na Holanda — apropriadamente intitulado "Moon 2020-2030 — A New Era of Coordinated Human and Robotic Exploration" — onde esteve presente o diretor geral da ESA, Jan Woerner, e mais 200 cientistas, falou-se até na possibilidade de ser construída uma aldeia no satélite.

O FUTURO COMO MIRAGEM

Sempre um passo à frente, Asimov antecipa o que nem por isso é um sonho mirabolante: "O protótipo de uma estação de energia solar, desenhada para recolher energia e transformá-la em micro-ondas" a serem irradiadas para o planeta. "Será o início de um tempo em que a maior parte da energia terrestre virá do Sol em condições que a tornará propriedade não de uma nação, mas do globo em geral", preconiza. A ideia subjacente é de que tais estruturas serão de tal modo necessárias que configurarão elas mesmas uma "garantia da paz mundial" e da cooperação entre as nações — e a importância de as conservar tornará a guerra "impensável". Em 2019, haverá observatórios espaciais para estudar o Universo, laboratórios para testar o que na Terra se revela pouco seguro, e fábricas a utilizarem as propriedades únicas do espaço (radiação, vácuo ilimitado, gravidade zero) para construir objetos impossíveis de serem feitos por cá. A mudança das fábricas para o espaço permitirá retirar da Terra o lixo industrial, de forma a que esta "esteja na posição de se livrar dos efeitos colaterais da industrialização sem se livrar das vantagens". E a Humanidade, essa, estará a projetar a sua vida no espaço: em 2019 haverá certamente esboços arquitetónicos do que serão as primeiras colónias, que "talvez possam já estar em construção".

Paremos um minuto. Antes de acusar Isaac Asimov de ingenuidade, recorde-se que este texto redigido em 1983 para o "The Star" de Toronto nasceu como contraponto ao mundo destroçado que George Orwell imortalizara no romance "1984". E que existe na sequência e na antecipação de outros que seriam ou já tinham sido escritos. Em 1964, Asimov arriscara prevenir que "o homem continuará a separar-se da natureza a fim de criar um ambiente que melhor se lhe adeque". E que, em 2014, quando a Humanidade sofrer as consequências mentais, emocionais e sociológicas da doença do tédio, "a psiquiatria será de longe a especialidade médica mais importante". Mas seria em 1986, com a publicação de "Past, Present and Future", um conjunto de ensaios sobre temas diversos, que Asimov falaria mais abertamente sobre o reverso de uma sociedade altamente tecnológica e capaz de encontrar soluções para todos os seus problemas. Num desses ensaios, a sua reflexão sobre o efeito estufa vai de acordo com a investigação científica da altura e pode ser hoje lida como providencial: o dióxido de carbono só é um 'vilão' por ação da mão humana e vai duplicar a percentagem na atmosfera em 2020, o que significa a subida do nível do mar, o recuo da linha da costa como antecâmara da desaparição de cidades inteiras, aumento da temperatura global do planeta, destruição de florestas e consequente impossibilidade de reverter o efeito estufa — y*ou name it*.

A DESESPERANÇA NO FINAL

Em 1988, numa entrevista ao ilustrador de ficção científica (e médico) Slawek Wojtowicz, disse ver "um mundo informatizado, com robôs a fazerem a maior parte do trabalho mecânico, ou um mundo centrado no espaço". Mas disse também imaginar, em simultâneo, "um mundo poluído", sem qualidade de vida, e onde a autodestruição constitui a maior ameaça. "Neste momento", meditava há 30 anos, cinco depois de ter previsto um substancialmente melhor 2019, "a maior probabilidade é a de varrermo-nos a nós próprios antes de termos a hipótese de empreender mudanças significativas. Chegámos a um ponto em que as coisas do futuro, no que toca à nossa evolução, são imprevisíveis". Em 1989, na reunião anual do Instituto Humanista (que cinco anos antes o nomeara o Humanista do ano), declarou: "Pedem-me que escolha o acontecimento científico mais importante de 1988. E eu penso que o acontecimento científico mais importante de 1988 só poderá ser reconhecido um dia no futuro, quando tivermos uma mínima perspetiva." Ironicamente, lembrou que sendo as alterações climáticas um tema do qual se falava há 20 anos, "é como se nada tivesse acontecido desde então".

Em 1991, o longo ensaio "Our Angry Earth: A Ticking Ecological Bomb", em coautoria com Frederick Pohl, evidenciaria o estado de espírito que invadiu Isaac Asimov um ano antes de morrer. Aqui, afirma ser "demasiado tarde para salvar o planeta dos danos" que lhe foram infligidos. A Terra, a nossa Terra e a dele, há décadas como hoje, "já não nos pode suportar". Teria o autor da trilogia "Fundação", de "Eu, Robot" e das três leis da robótica, ainda hoje em discussão sempre que se fala de inteligência artificial e da salvaguarda da espécie humana face às máquinas, perdido a confiança? Teria o admirador de Tolkien e Agatha Christie, que acordava às cinco da manhã para escrever e nunca tirava férias, que serviu na marinha americana como químico civil nos estertores da II Guerra Mundial e foi consultor científico do primeiro "Star Treck", cedido à desesperança e ao cansaço?

Na biografia "It's Been a Good Life", assinada por Janet Jeppson Asimov, a segunda mulher do escritor, em 2002, e que compila os três livros de memórias que este publicou em vida, ela revela que Asimov não morreu de um ataque cardíaco e de insuficiência renal, como durante uma década foi afirmado. Morreu de sida a 6 de abril de 1992, contraída numa transfusão sanguínea durante uma cirurgia para receber um triplo *bypass*. Os médicos aconselharam a família a guardar segredo, para evitar a polémica de que o tenista Arthur Ashe seria alvo dois dias depois, quando anunciou ser portador da doença. Talvez Asimov, que sempre estivera do lado da razão, que acreditara no poder do pensamento e na capacidade de a Humanidade se levantar das cinzas, soubesse que a sua condição não tinha cura. Talvez percebesse que, sobre o futuro, deveria ter feito a pergunta que um dia fizeram a Bertrand Russel e que ele próprio citou nas suas memórias: "O que faria se morresse e se se encontrasse frente a frente com Deus?" Russell respondeu: "Eu diria, Senhor, que nos deveria ter dado maior evidência." ●

"Neste momento, a maior probabilidade é a de varrermo-nos a nós próprios antes de termos a hipótese de empreender mudanças significativas", meditava cinco anos após ter previsto um melhor 2019

lleiderfarb@expresso.impresa.pt

Ver crítica a "Fundação", de Isaac Asimov, na pág. 74

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Entrevista
Elena Ferrante

Nunca abandono um livro mesmo que ele não me agrade"

É uma das escritoras mais populares da atualidade. E a mais misteriosa também. Não se lhe conhece a identidade. O rosto. Foi "A Amiga Genial" que a deu a conhecer ao mundo. O livro foi entretanto adaptado para televisão e a série pode ser vista na HBO. Assim começa a conversa, por escrito, entre uma professora de literatura da Universidade de Oxford e a autora que escreve em italiano

POR **MERVE EMRE** (TEXTO) E **ANDRÉ CARRILHO** (ILUSTRAÇÕES)

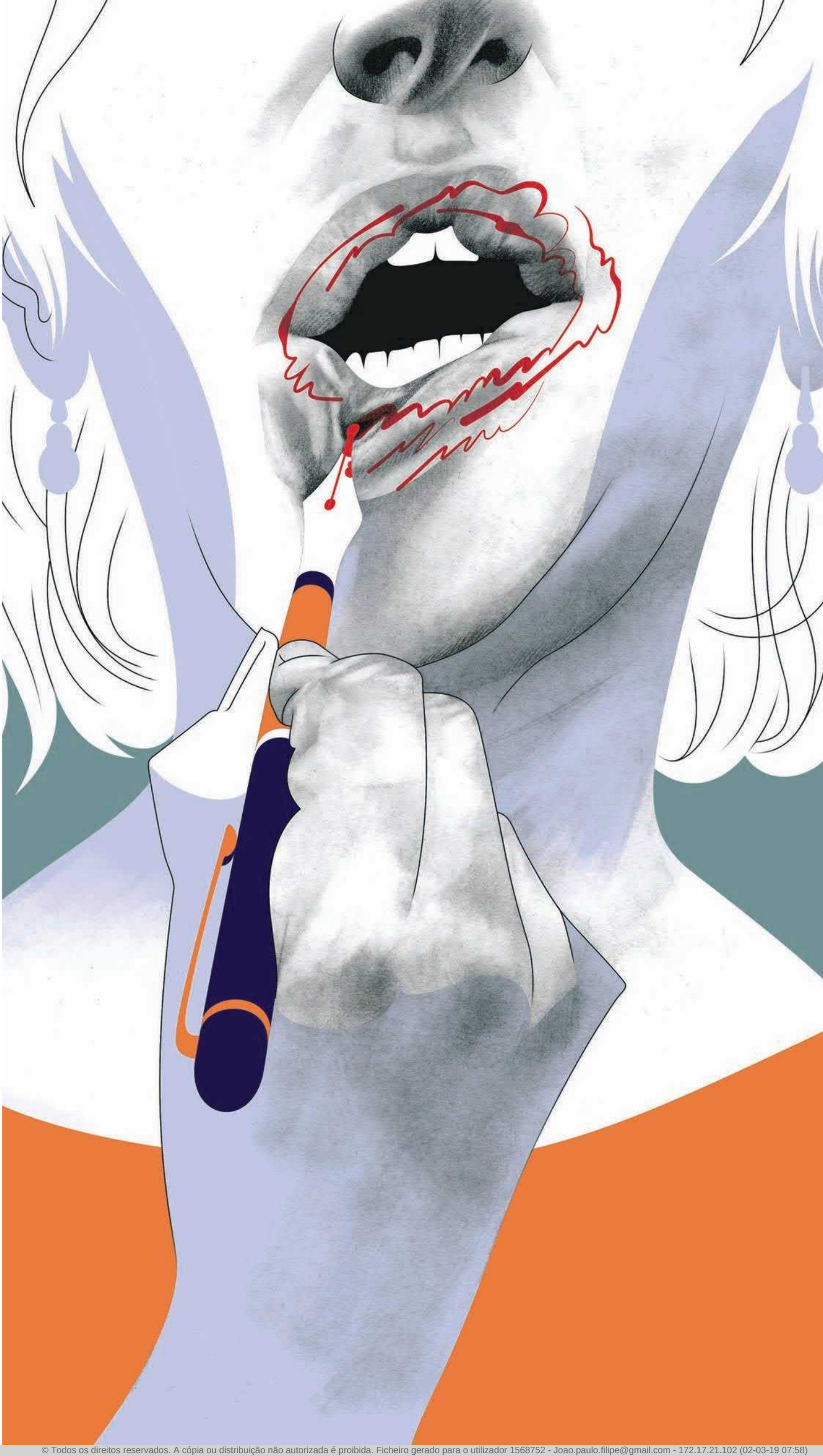
© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Cara Elena (se me permite),

Obrigado por arranjar tempo para responder às minhas questões. Sou uma grande admiradora da sua escrita. Também lhe estou agradecida por escrever os tipos de romances que todo o professor de literatura sonha ensinar. Nos últimos dois anos, tenho usado os romances napolitanos nas minhas aulas sobre ficção contemporânea; é raro encontrar romances que os meus estudantes fiquem desesperados por continuar a ler e que evoquem tantas conversas urgentes e esclarecedoras sobre género, forma, história, políticas de classe, feminismo — tudo sobre o que quero que os meus estudantes gostem de pensar dentro e fora da sala de aulas. Numa nota mais pessoal, regressei a "História de Quem Vai e de Quem Fica" muitas vezes desde que tive os meus dois filhos. Nenhum outro romance que eu tenha lido captura as vicissitudes da maternidade com tal precisão: o poder e a vulnerabilidade de tomar conta de outros, a intimidade e distância entre mãe e filho. Foi doloroso aperceber-me, quando me tornei mãe, de que a minha mãe tinha uma vida separada, um eu diferente, antes de se tornar minha mãe; doloroso, também, ver que os meus filhos não compreendiam isto a meu respeito até demasiado tarde. Os seus romances ajudaram-me a pensar com mais clareza sobre o que significa ser mãe e o que significa ser filha. Também por isso lhe estou agradecida.

Calorosamente,
Merve Emre



© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Ler é um exercício extraordinário. Não surge naturalmente, requer empenho, deve transformar páginas cheias de sinais em mundos plenos de vida. Mas logo que a leitura se torna uma necessidade da mente, deixa de se poder passar sem ela"

A série televisiva "A Amiga Genial" começa com um plano de um iPhone 7 — o telemóvel de Lenù — a tocar no meio da escuridão. Para mim esse início foi espantoso. Os romances interessam-se muito pouco pelas formas e tecnologias de comunicação que não são livros: ninguém vê um filme, ninguém ouve música, ninguém lê artigos no computador. O que significa para si a leitura?
Tem razão, as duas amigas pertencem ao mundo dos livros de papel, tal como eu, que as inventei. Elena ganha tardiamente consciência de não ter uma formação musical, por exemplo. A sua fuga do bairro está toda centrada na alfabetização: ler, estudar, são os únicos instrumentos que tem à sua disposição para ultrapassar os limites dentro dos quais lhe coube nascer. Mas deve recordar-se de que Lila, embora primeiramente atribua um grande valor ao livro, virá a ser uma pioneira dos meios eletrónicos.

O que significa para si a leitura?
Ler é um exercício extraordinário. Não surge naturalmente, requer empenho, deve transformar páginas cheias de sinais em mundos plenos de vida. Mas logo que a leitura se torna uma necessidade da mente deixa de se poder passar sem ela. Eu sou uma leitora muito participante, disciplinada, colaborativa. Nunca abandono um livro, mesmo que ele não me agrade, leio-o até à última linha. Encontro sempre qualquer coisa para aprender. E entusiasmo-me, talvez até de um modo excessivo, quando um livro me surpreende favoravelmente. Há pouco tempo li um romance que me pareceu excelente. Intitula-se "Outline" e é de Rachel Cusk.

Nas suas entrevistas anteriores, há momentos em que denota uma certa impaciência para com a crítica literária e, em particular, a teoria literária, devido ao incessante pendor desta para a interpretação e a argumentação. Todavia você é uma leitora extraordinariamente atenta e sensível, e uma robusta intérprete da sua própria ficção e da escrita de outros. Qual é a sua ética da crítica? Como julga que os leitores profissionalizados deveriam escrever sobre a literatura ou ensiná-la?
Não aprecio o trabalho crítico de tipo impressionista. Não gosto que se use um texto como ocasião para falar de outra coisa. Prefiro aqueles trabalhos que se concentram na página, que especificam com rigor as estratégias expressivas de quem escreve. Um bom trabalho crítico diz ao leitor: eis de onde partiu o autor, eis onde ele quis levar-me, eis os meios de que se serviu, eis os fins para que tendia, eis as suas dívidas para com a tradição, eis porque me agradou ou porque o detestei.

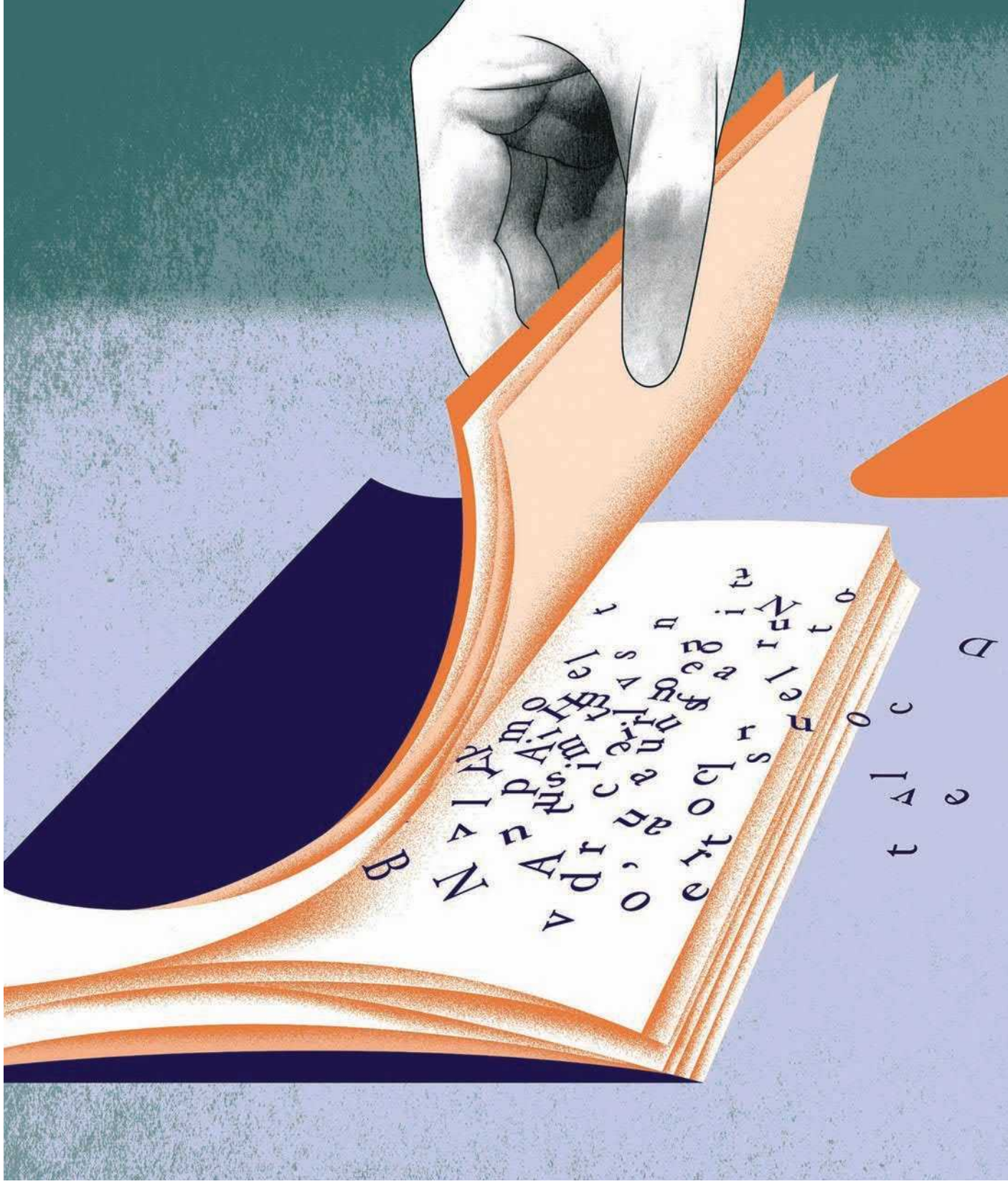
Em "Frantumaglia", deixa transparecer o seu desapontamento com as adaptações cinematográficas das suas novelas. O que a levou a decidir autorizar a RAI a adaptar "A Amiga Genial"? Que tipos de audiências pretende que sejam atingidas por esta adaptação televisiva da sua obra?
Lamento desiludi-la, mas não tive nenhum papel nas decisões de produção. As vias por meio das quais se chega a fazer um filme são para mim desconhecidas. Mas sempre tive curiosidade em ver o que acontece às minhas personagens e às minhas histórias quando deixam a página e se aventuram nos caminhos do espetáculo. Agrada-me se elas acabam num audiolivro, se passam a teatro, se passam a filme. Aliás, quanto mais entram na vida das pessoas através de outros meios, mais me parece que estão vivas e de boa saúde. Naturalmente que me reservo ter opinião sobre as obras que bolem com os meus textos. Mas devo dizer que, mesmo quando o resultado não me agrada, não sofro com isso. Os livros, uma vez escritos, suportam tudo: num certo sentido, a escrita torna-os invulneráveis.

Porque escolheu Saverio Costanzo como realizador?
Também neste caso não fui eu quem o escolheu, nunca tive tal poder. Mas devo dizer que escolher teria sido um grande problema. Sou uma espectadora assídua, adoro o cinema, mas não tenho nenhuma competência nesse sector. Entusiasmo-me com filmes muito diferentes entre si e rodados por pessoas que nada têm em comum. Se realmente devesse ter sido eu a decidir, nunca teria conseguido resolver isso. Limitei-me a propor uma lista de nomes, de pessoas por cujo trabalho tenho muita estima. Entre eles estava Costanzo. Quando soube que lhe coubera a ele, fiquei contente.

Quando falei com Saverio na semana passada, ele descreveu-me um processo de criar personagens no ecrã a que chamou "transmitir densidade": uma maneira de representar a consciência de uma personagem sem explicitar psicologicamente as ações dela, para que quem vê possa sentir uma grande e inexplorada profundidade em cada afirmação, olhar ou gesto que ela faça. Saverio sugeriu que você também subscreve essa maneira de criar personagens; na verdade, que se tratava de uma prática que você lhe ensinara de modo a criar continuidade entre a representação das personagens no romance e no ecrã. Pode explicar-me como funciona a densidade nos romances, e como imagina que ela funciona no ecrã? Ou, se "densidade" não for a palavra certa, poderá discutir a diferença que existe para si entre representar a consciência e explorá-la psicologicamente na sua ficção?
Receio que em pouco espaço corra o risco de me mostrar confusa. A definição das psicologias é parte essencial do trabalho de um narrador. Apuram-se as razões superficiais e as

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

razões mais profundas que orientam o modo de agir e de reagir das personagens no decurso do caso. Mas aquilo que decide o bom sucesso de uma personagem é muitas vezes uma meia frase, um substantivo, um adjetivo que bloqueia o mecanismo psicológico como um parafuso lançado na engrenagem, e que gera um efeito já não de dispositivo bem governado, mas de carne e de sangue, de vida autêntica, e por isso incoerente e imprevisível. No cinema este efeito é dado, creio eu, por uma cintilação no olhar, por um esgar irrefletido, por um gesto inesperado. É o momento em que o esquema psicológico se rompe e o personagem adquire densidade.



Existe uma tendência irritante na escrita contemporânea sobre a maternidade para a apresentar como um impedimento psicológico à criatividade literária — como se uma criança tivesse de roubar não apenas tempo e energia à sua mãe, mas também linguagem e pensamento. Os seus romances são ambivalentes acerca da maternidade enquanto experiência criativa e experiência que conduz à criatividade literária. (Durante um breve período, Lila transforma a maternidade num ato de graça; o maior sucesso profissional de Lenù surge depois de ela se tornar mãe, embora se queixe das suas obrigações.) O que pensa sobre a representação da interação entre a produção (criativa) e a reprodução (física)? Qual é a relação entre o tempo gasto a tomar conta das palavras e o tempo gasto a tomar conta dos filhos?

Gosto muito do segundo modo como formulou a sua pergunta. Quero, porém, dizer que não é justo falar-se de maternidade em geral. A mãe pobre tem afãs diferentes dos da mãe abastada, que tem a possibilidade de pagar a ajuda de uma outra senhora. Mas, quer seja pobre ou rica, se existir um real e poderoso impulso criativo, o cuidar dos filhos, porquanto nos absorva e certas vezes nos consuma, não leva a melhor sobre o cuidar das palavras, encontra-se tempo para ambas as coisas. Ou pelo menos a mim aconteceu-me encontrá-lo, seja quando fui uma mãe espavorida, sem apoio nenhum, seja quando fui uma mãe abastada. Por isso permito-me afirmar que as mulheres não devem em caso algum renunciar ao poder da reprodução em nome da produção. Um e outro podem — por entre mil dificuldades, claro — coexistir. "Dar à luz" é a nossa especificidade de mulheres, e ninguém deve tentar apropriar-se dela. Os homens servem-se da metáfora do parto para falarem das suas obras. Para nós parir não é uma metáfora, seja quando parimos filhos seja quando parimos livros, ideias, imagens do mundo. Sabemos fazer melhor ambas as coisas.

Pode falar mais um pouco sobre ser uma mãe espavorida? Qual é para si a natureza desse pavor?

Tenho medo das mães que sacrificam a sua vida aos filhos. Tenho medo das mães absolutas que renunciam a si mesmas e vivem para os filhos, que escondem as dificuldades da maternidade e fingem, até para si mesmas, que são mães perfeitas. Prefiro aquelas que procedem conscientemente por tentativas e erros, procurando um equilíbrio, mas sabendo que todo o equilíbrio é precário.

Apesar da ênfase dada à amizade feminina durante a receção dos romances, Lila e Lenù terminam como personagens singulares e solitárias. No entanto, a promessa de colaboração literária e artística entre mulheres — mulheres que leem em conjunto, mulheres que escrevem em conjunto — é uma fantasia persistente e sedutora ao longo dos romances. A colaboração surge como uma fonte de felicidade artística e de encantamento temporário, bem como uma oportunidade para a solidariedade entre as mulheres. Como é que as suas experiências com as colaborações em vários meios (adaptação) e idiomas (tradução) se aproximaram dessa fantasia, ou ficaram aquém dela?

Sim, e nem sempre é fácil. Em geral as mulheres acham mais fácil colaborar com os homens. Provavelmente é um hábito antiquíssimo de se vergar à autoridade de um homem, ou de elaborar comportamentos aptos a fingir aceitá-la para, entretanto, perseguirmos os nossos próprios fins. Decerto é mais complicado reconhecer a autoridade de outra mulher, neste caso a tradição é mais frágil. E, todavia, o caminho é esse: reconhecida

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

a competência da outra, trata-se de aprender a colaborar. A coisa funciona se numa relação entre a pessoa autorizada e a pessoa subalterna, a primeira deseja que a outra cresça até se libertar da sua subalternidade, e a segunda visa conquistar a sua autonomia sem ter de se sentir obrigada a depreciar a outra. Os conflitos são inevitáveis, mas é preciso insistir. Nunca se deve esquecer que as mulheres são mais fortes em conjunto e podem alcançar resultados espantosos.

Pode explicar melhor porque é difícil reconhecer a autoridade de outra mulher?
Como as coisas estão a mudar, num certo recanto do nosso cérebro nós continuamos a pensar que a verdadeira autoridade é masculina e que cada mulher autorizada apenas o é porque os homens lhe atribuíram um pouco de autoridade. É como se nesse recanto disséssemos para nós mesmas: porque hei de vergar-me a uma mulher quando posso substituir-me a ela se for à verdadeira fonte do poder? É uma tendência que se combate demonstrando com a qualidade e a força das obras que a autoridade feminina não é uma concessão dos homens, não tem valor somente dentro do gineceu para o interior do qual eles tendem a relegar-nos, mas é um valor autónomo e um património fundamental para todo o género humano.

Numa anterior entrevista a "The Times", sugeriu que as crianças que compareciam às apresentações de "A Amiga Genial" eram "espectadores que esperam vir a tornar-se atores, seja por brincadeira ou por uma oportunidade de libertação." Na semana passada, quando falei com Saverio, também passei uma tarde com Ludovica, Elisa, Gaia, e Margharita, as quatro raparigas que desempenham os papéis de Lila e Lenù. O que me impressionou nelas foi que todas leram os seus romances — imagino que façam parte das suas leitoras mais jovens. Para elas, a experiência de aprenderem a dar corpo às suas personagens também lhes serviu como educação literária. (Elisa, por exemplo, anda agora a ler "Mulherzinhas"; Margharita passou a ler Elsa Morante.) O que é que os seus jovens leitores — e em particular as jovens leitoras — poderão aprender com estes romances napolitanos?
Não sei, não estou em condições de lhe responder. Espero que os textos comuniquem a urgência da solidariedade entre mulheres. Mas não só. Eu gostaria que as leitoras mais jovens percebessem a necessidade de estarem bem preparadas, não para serem cooptadas nas hierarquias masculinas, mas para construírem um mundo diferente daquele que conhecemos, e governá-lo. Ler bons livros, instruir-se de modo permanente para prescindir do trabalho que se tenciona fazer, deveria ser um programa de vida para todas as raparigas. Para não deixarmos que nos retirem tudo aquilo que conquistámos, a única via é sermos hábeis, começarmos a desenhar o mundo melhor do que os homens o fizeram até agora.

As suas leitoras têm um extraordinário desejo de abrir canais imaginários de comunicação consigo; de escrever sobre as experiências que tiveram ao ler os seus romances. (Por exemplo, assisti recentemente a uma peça de teatro em que quatro leitoras de Ferrante ficam tão absortas pelos romances napolitanos que começam a transformar-se nas personagens e a escrever sobre as suas transformações — uma espécie de ficção das fãs em realismo mágico.) Que sentido faz desse fervor com que os seus romances napolitanos foram recebidos? O modo como foram acolhidos surpreendeu-a? Revelou-lhe alguma coisa que não conhecesse já sobre as características deles?
Eu penso que quem escreve nunca sabe ao certo que livro escreveu. Nós contamos uma história e procuramos fazê-lo da melhor maneira, vertendo para a página a nossa experiência, a nossa sensibilidade literária, sem poupar nada. Compreendi muito vagarosamente que o livro arrastava consigo muito mais do que eu julgava ter escrito. Queria certamente contar uma amizade que dura toda a vida. Certamente sabia com clareza que Lila deveria ter em si o pior e o melhor daquilo que sei sobre mim mesma. Mas só com o tempo, por exemplo, descobri o sucesso daquele bairro e das figuras que o povoam.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

“As mulheres não devem em caso algum renunciar ao poder da reprodução em nome da produção. Um e outro podem — por entre mil dificuldades, claro — coexistir. ‘Dar à luz’ é a nossa especificidade de mulheres”

Ou a sedutora banalidade de Nino Sarratore.

As atrizes pediram-me que lhe fizesse uma pergunta em nome delas: Se já as viu no ecrã e, em caso afirmativo, se vislumbrou no desempenho delas as personagens que criou? Elas captaram as sensibilidades de Lila e Lenù?
Vi os primeiros dois episódios. A pequena Lila é perfeita, o que irá dar muito trabalho às atrizes que terão de dar continuidade à história. Também a pequena Elena prepara eficazmente a personagem para muitos aspetos indecifráveis da narradora.

Para mim, uma das partes mais esclarecedoras de “Frantumaglia” é o seu diálogo com Mario Martone e o incrível pormenor com que aborda a estrutura de cada cena, frase, traje, cenário, tal como são descritas no argumento dele para “O Amor Incómodo”. Pode dar alguns exemplos de cenas, frases dos diálogos, ou instruções para os atores sobre “A Amiga Genial” que tenha debatido demoradamente com Saverio? Houve casos em que tenha rejeitado ou vetado a interpretação inicial dele para alguma cena? (Durante a nossa conversa, Saverio referiu o início (a narrativa de enquadramento) e o final (o banquete).
A experiência com Martone foi breve. Ele enviou-me o argumento, eu enviei-lhe as minhas impressões de leitura. Comportei-me com Costanzo do mesmo modo, mas o trabalho foi mais longo, as trocas de correspondência mais numerosas. A mim competia-me ler e anotar as oito figuras e os oito guiões que Costanzo e os seus colaboradores andavam a escrever. Limitei-me a dizer o que pensava quando tinha a impressão de que a narrativa não iria funcionar. Talvez tenha sido excessivamente franca em não poucos casos. Talvez tenha intervindo, com alguma presunção, em pormenores irrelevantes. O problema é que eu sou inexperiente e pensei durante o tempo todo que as figuras e os guiões fossem já o filme, e que, portanto, cada frase fosse decisiva. Na realidade, o sítio verdadeiramente importante é o estúdio. O trabalho de escrita é um ponto de partida, traça apenas um mapa que deve ajudar o realizador a dar forma, com uma enorme carga de trabalho, à narrativa por imagens.

As pessoas perguntam muitas vezes quais são as suas influências na história da literatura, mas eu estou curiosa sobre o seu relacionamento com a arte e a literatura contemporâneas. Que escritores vivos gosta de ler? Que filmes gosta de ver? Que música gosta de ouvir?
Teria de fazer um discurso muito articulado, falar de diversas épocas da minha vida. Responder-lhe-ei numa outra ocasião.

Os romances não são escritos em dialeto napolitano. Lorenzo Miele (o produtor executivo) e Saverio descreveram um processo intensamente mediado de reconstrução e tradução do dialeto para o programa televisivo: contratar um historiador linguístico para recriar o idioma dos anos 1950, enviar-lhe a si o guião para que o verificasse, enviá-lo depois a Ann Goldstein para esta o traduzir em inglês para a HBO. Pode falar um pouco sobre as complicações — e porventura as traições — dessa tradução sucessiva? Pela perspetiva de um espectador italiano, o dialeto oferece novas possibilidades para a representação?
Sim, no livro não há dialeto, mas antes uma cadência dialetal potenciada às vezes por breves inserções de napolitano. O filme, pelo contrário, precisava do dialeto do bairro, ou seja, de um dialeto que fosse duro, pré-televisivo, e que depois, em Elena e também em Lila, desse lugar ao italiano medianamente culto. Esse trabalho foi feito no guião e oferece, pelo menos ao espectador italiano, a possibilidade de descobrir como era a Itália pobre, essencialmente dialetófona.

Desfez-se de algumas subnarrativas dos romances? Houve personagens que pensou inicialmente desenvolver como presenças mais completas e substanciais e tenha relegado para um estatuto inferior?
Não. O livro conservou todos os elementos presentes na primeira redação. É um caso, para mim raríssimo, de história escrita sem reconsiderações estruturais.

Nos últimos dois meses, o meu filho desenvolveu uma obsessão com “A Praia à Noite”, embora eu sentisse que aquele livro não se destinava a ele. Porque decidiu escrever um livro infantil? Em que diferiu isso de escrever um romance como “A Amiga Genial”, que é veiculado pelo ponto de vista de uma criança?
Escrevi “A Praia à Noite” para uma pequena amiga minha de quatro anos que, para seu grande desapontamento, acabara de ter uma irmãzinha. Escrevi-o após sair de um livro que tinha terminado, “A Filha Obscura”. Surpreendeu-me muito que a minha historieta tenha sido considerada inadaptada à primeira infância, a minha amiga tinha gostado. Sempre acreditei que as histórias para crianças deveriam ter a mesma energia, a mesma autenticidade, dos bons livros para adultos. É errado pensar-se que a infância precise de histórias adocicadas. As fábulas tradicionais nunca foram fabricadas com algodão doce.

O meu filho também teve um irmãozinho. E também ficou desapontado com isso. Talvez ele seja melhor leitor do que eu julgava. ●

e@expresso.impresa.pt

Tradução de Jorge Pires

© 2018 The New York Times

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

ISTO NÃO É UMA ELEIÇÃO

Isto é um choque.
Isto é a democracia.
Isto é uma surpresa.
Isto é a maioria dos votos.
Isto é um país dividido.

Para estar informado,
não basta saber da notícia
mas compreender toda
a história.

SIC NOTÍCIAS

Saiba mais

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

TODAS AS SEXTAS-FEIRAS

Jornal da Noite

VAMOS A JOGO

DOS ESTÚDIOS
PARA OS ESTÁDIOS

À PROCURA DAS FIGURAS
DO MUNDO DO FUTEBOL

@sic.pt

@sicoficial

sic.pt

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Na sombra de Lourdes Castro

Viveu em Paris durante 25 anos, foi lá que se revelou ao mundo e concebeu a sua assinatura. Agora, primeira vez, uma exposição retrospetiva de Lourdes Castro mostra-a de novo em França

TEXTO **ANA SOROMENHO** EM SÉRIGNAN

Lourdes Castro 2.1966

D.R.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

D.R.

Foi preciso fazermos um longo trajeto até Sérignan, pequena vila no Sul de França situada entre vinhedos e a costa a poucos quilómetro de Béziers, uma das mais antigas e importantes cidades francesas perto dos Pirenéus, para nos encontrarmos com a singular obra de Lourdes Castro, que se apresenta agora numa retrospetiva inédita que tem por título "Ombres & Compagnie". O lugar que a acolhe é o Musée Régional d'Art Contemporain Occitanie/Pyrénées-Méditerranée, o principal polo artístico da região do Languedoc-Roussillon.

O acontecimento é inédito. A artista madeirense viveu, entre 1958 e 1983, em Paris, os anos de maior produção e afirmação, e foi a partir desta cidade e da contaminação com o ambiente artístico que se vivia então que produziu uma obra a partir do estudo da sombra, inscrevendo-se assim como nome fundamental na história da arte contemporânea portuguesa. Apesar de ter conseguido durante esse tempo desenvolver um percurso internacional, e de ter feito parte da cena artística francesa dos anos 60 e 70, nunca chegou a ter uma exposição individual, ou retrospetiva da sua obra em França. Esta é a primeira vez que lhe é dedicada uma grande exposição individual e é uma história de mulheres.

É Sandra Patron, diretora do museu, quem nos recebe e conta que foi a resiliência de Anne Bonnin, curadora da retrospetiva, conhecedora do panorama artístico nacional e apaixonada pela obra de Castro, que a levou a um lugar tão distante dos centros das capitais de arte contemporânea, com o intuito de que funcione como um lugar de primeira visibilidade para que "Ombres & Compagnie" possa depois circular em outros centros de arte.

Há cerca de dois anos que a curadora francesa começou a delinear um caminho para expor a artista em França. Sandra Patron, que dirige o museu há quatro anos e se tem dedicado a apostar numa programação prioritariamente centrada no trabalho de mulheres, revela que só depois de ver as obras em catálogos e livros que folheou com Anne Bonnin, de aferir a possibilidade de empréstimos por parte de vários colecionadores e de instituições e de ter recebido um apoio da Fundação Gulbenkian, é que avançou para a realização do projeto de uma artista cuja obra desconhecia. Foi com maravilhamento que se deparou com o trabalho de Lourdes Castro, à medida que as caixas iam chegando ao museu e as peças se revelavam nas suas mãos: "A composição e materialidade que emana da obra é espantosa. É um trabalho comovente, sobretudo vindo de uma mulher que faz parte desta geração de artistas da Nouvelle Vague, muito ativas, que praticaram intensamente o conceito de arte e de vida, fazendo do quotidiano matéria plástica.

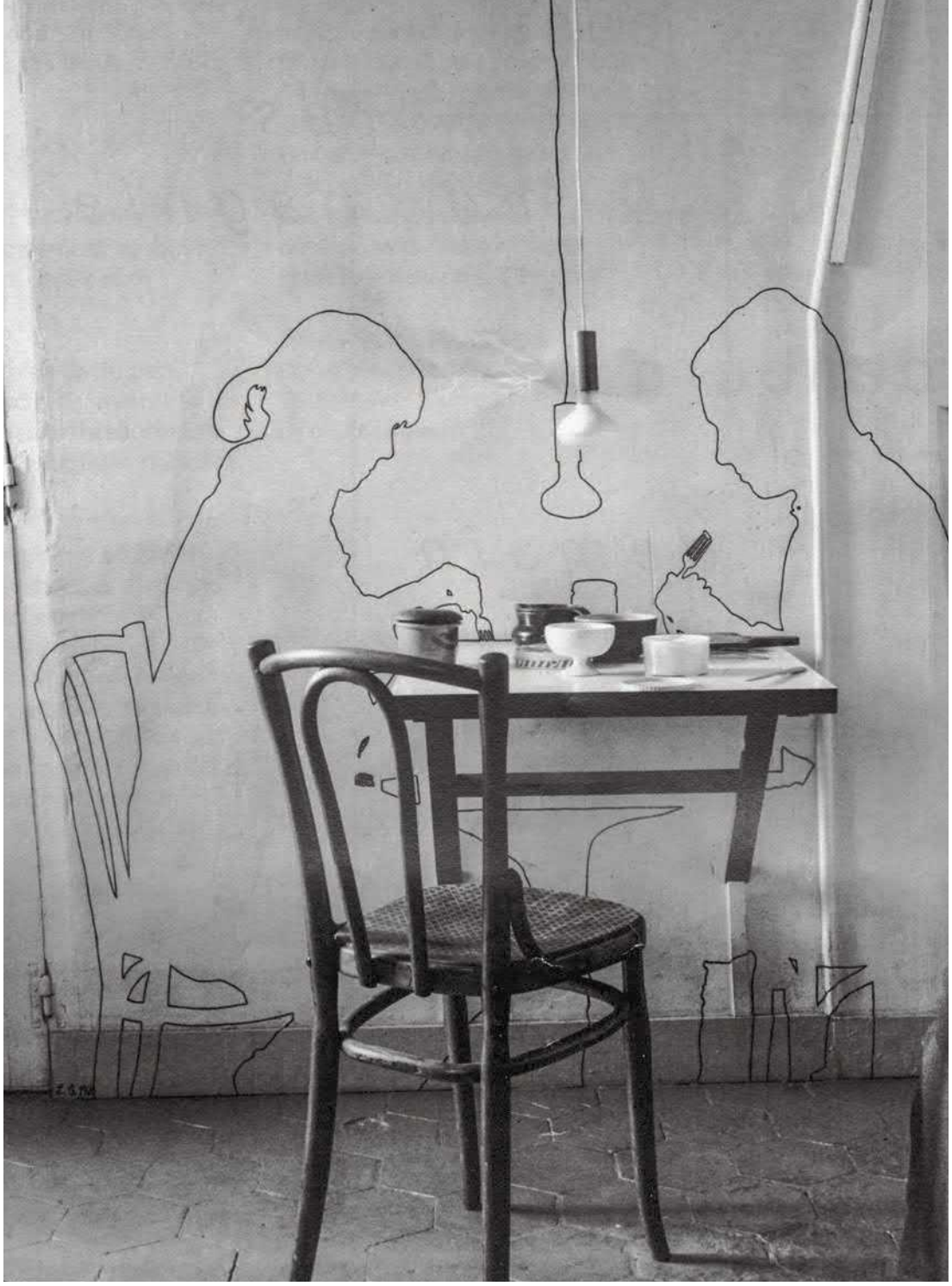
O que mais me surpreendeu em Lourdes Castro foi ter realizado uma obra com estes pressupostos, de linguagem contemporânea e pop, sem nunca ser militante ou reivindicadora do lugar do feminino na arte, recorrendo-se de uma determinação doce para concretizar a afirmação da sua identidade", diz-nos.

A LUZ QUE SE RETIRA DA SOMBRA

"O tempo passa como uma sombra." A frase é de Lourdes Castro e atravessa-nos à medida que as cerca de cem peças a vão revelando. Num primeiro momento ainda surgem pinturas, sob a influência das correntes artísticas que dominavam as vanguardas do pós-guerra no final da década de 50, e umas poucas *assemblages*, as caixas, elaboradas com objetos de uso do quotidiano. Funcionam como espécie de esculturas reveladoras do encontro com os grupos dos Novos Realistas, onde a ligação linguagem poética, tátil e tangível, aparece já como marca de inspiração e de liberdade. Lourdes Castro, que não chegou a terminar o curso de Belas Artes de Lisboa, parte para Munique e de seguida Paris, com o primeiro marido, René Bértholo, descolando-se quase desde o início da pintura que marca a comunidade artística portuguesa da sua geração. Tinha 20 anos e um desejo enorme de viver entregue a si mesma.

Logo do início da década de 60, Lourdes encontra no tema do trabalho sobre as sombras a presença fixada a partir da ausência, a matéria para a concretização da obra plástica. A representação da sombra ficou inscrita nos tratados de Plínio, o Velho, que a reconheceu como traço dos primeiros desenhos artísticos. Os gregos desenhavam a sombra dos seus mortos queridos para guardar a presença do ausente. Também para Castro, a sombra será a possibilidade de captar em tempo real, e *in situ*, a presença que logo se desvanece, dando assim

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



ANDRÉ MORIN

Da esq. para a dir.: Pormenor do "Grande Herbário de Sombras", 1972 (Collection du Nouveau Musée National de Monaco); "Ombres portées de Lourdes Castro et René Bértholo", 1964; Lourdes Castro na Gulbenkian

CARLOS AZEVEDO

uma materialidade eterna aos amigos e ao mundo que a rodeia. Só trabalha com quem tem uma ligação próxima.
É com um sopro de alegria e aparente leveza que nos surgem as peças representativas do tempo de Paris, contaminado ainda pelo movimento da Nouvelle Vague, onde arte e vida se misturam nos gestos prazenteiros e na demanda de fazer. Lourdes Castro é uma artista pluridisciplinar, elegendo também a feitura de livros de artistas, manuseados e feitos à mãos (como aliás todas as suas peças), como um dos seus maiores referentes artísticos. Na representação das sombras apanhadas no traço da artista, diretamente no momento em que ele se reflete no jogo da luz, captando assim gestos banais do quotidiano — seja através de retratos, de autorretratos, de objetos, seja pela captação de sombras da matéria viva e orgânica, como as plantas do seus vasos e do jardim, impressas e reproduzidas em materiais, como a serigrafia, depois o pléxiglas colorido em cores fortes e mais tarde bordado em lençóis à mão que suspendem no ar os corpos de amigos nos seus gestos de sono — que reencontramos a enorme delicadeza e originalidade da sua obra. Durante os trinta anos que a realizou, deixará de produzir no início dos anos 90 — será sempre seguindo o movimento da sombra que irá dirigir o seu olhar, aprendendo o que lhe é tangível e não tangível, e é com este olhar que irá habitar o mundo.
Lourdes Castro, hoje com 88 anos, já não sai da sua casa do Caniço, perto do Funchal, onde há muito se recolheu, e pela primeira vez não esteve presente na inauguração de uma exposição sua. Num documentário realizado em 1970 para a RTP, a artista, então com 40 anos, contava como crescer na ilha da Madeira tinha sido um tempo formador na sua sensibilidade. "Nunca tive pressa, não sei quando começou este vagar. Creio que sempre esteve comigo. Sempre desenhei, não sinto que seja uma coisa muito especial ou muito extraordinária nem que seja arte. Para mim é uma maneira de viver."
Numa sala isolada, como se subitamente estivéssemos entrado num jardim sonhado, descobrimos o "Grande Herbário de Sombras", realizado no verão de 1972, a partir das sombras projetadas de 100 espécies botânicas diferentes, que a artista fez como se fosse um herbário científico transformado em linguagem poética. Quando o concebeu, já depois de se atravessar como uma silhueta nos famosos teatros de sombras, que realizou, primeiro com René Bértholo e depois com o artista e segundo companheiro, Manuel Zimbro, Lourdes Castro foi-se despojando cada vez mais dos materiais e das formas. No Caniço, ela e Zimbro encontraram um vasto terreno para construir a casa do retorno e o lugar de fundição com a obra-prima, sempre inacabada, onde fez o seu jardim com vista de água. É a voz de Lourdes que se ouve no documentário "Pelas Sombras", realizado por Catarina Mourão, para nos dizer: "Agora é a minha tela. Enrola quando chove a valer, estica demasiado no calor de agosto. Continuo a pintar um quadro só. Que nunca estará pronto." ●

asoromenho@expresso.impresa.pt

OMBRES & COMPAGNIE
Lourdes Castro
Musée Régional d'Art Contemporain Occitanie/Pyrénées-Mediterranée, Sérignan, até 2 de junho

O Expresso viajou a convite do Musée Régional d'Art Contemporain Occitanie/Pyrénées-Méditerranée

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

O guitarrista Milos Karadaglic no Théâtre de L'Oeuvre, em Paris

FOTOGRAFIAS ANTONIN AM

O futuro da Decca

Como assinala a Decca o seu 90º aniversário e como projeta os anos vindouros? Alexander Buhr foi a Paris anunciar as novidades e os motivos de regozijo para a etiqueta discográfica mais antiga do Reino Unido

TEXTO **ANA ROCHA** EM PARIS

Fundada a 28 de fevereiro de 1929, no Reino Unido, por Edward Lewis, a Decca iniciou recentemente as celebrações do seu 90º aniversário com os primeiros festejos em Berlim e Paris. Na capital francesa, a sala de espetáculos eleita foi o Théâtre de L'Oeuvre, o local onde o diretor da Decca Classics, Alexander Buhr, apresentou no dia 18 de fevereiro um trio de novas apostas: a cantora norueguesa Lise Davidsen, o guitarrista montenegrino Milos Karadaglic e a saxofonista inglesa Jess Gillam. Trata-se de uma sala de espetáculos com 'valor acrescentado', já que na sua prestigiada história se regista como os parisienses assistiram às estreias do "Rei Ubu" de Jarry e de muitas outras peças de Maeterlinck, Wilde, Ibsen, Brecht, Lorca, Albee e Marguerite Duras.

Quando foi montado um gramofone portátil, o Decca Dulcephone, um dos primeiros do género, quem poderia pensar que a companhia iria prosperar através das gravações de música clássica, jazz e pop, vendendo milhões de discos onde se destacam interpretações de Pavarotti, Bartoli, Netrebko, Andrea Bocelli, Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Rolling Stones e David Bowie? Pouco antes da II Guerra Mundial, a companhia também realizou um investimento significativo em radares e sistemas de navegação que muito contribuíram para a vitória dos Aliados.

Ao longo de décadas, o catálogo da editora foi acumulando inesgotáveis tesouros, com gravações de Solti, Ozawa, Haitink, Abbado, Brendel, Ashkenazy e Uchida, empilhando uma impressionante coleção de discos de ouro e de platina, circunstâncias que lhe permitem olhar com à vontade para o futuro com a aposta em jovens músicos britânicos de 20 anos, como a saxofonista Jess Gillam e o violoncelista Sheku Kanneh-Mason, o intérprete que, em maio de 2018, se transformou num sucesso de vendas com a sua atuação no casamento dos duques de Sussex, ocasião em que tocou peças de Schubert e Fauré.

Alexander Buhr insiste na necessidade de continuar a quebrar

A saxofonista Jess Gillam, o diretor da Decca Classics Alexander Buhr, e a cantora Lise Davidsen

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

barreiras entre géneros musicais para fazer com que a música clássica não seja elitista, referindo como as contratações de Hilary Hahn, Janine Jansen e Nicola Benedetti serviram esses intentos, interessando o público por intérpretes muito jovens. Abre muito os olhos para falar de Cecilia Bartoli, o valor mais seguro de sempre da etiqueta, com vendas que ultrapassam 12 milhões de discos. Desde há 30 anos que a cantora se juntou à família da Decca, num 'casamento' que remonta à gravação de "O Barbeiro de Sevilha" para a etiqueta que não a larga desde então. Desde finais de fevereiro, Bartoli está numa digressão europeia iniciada em Monte Carlo com espetáculos anunciados para Antibes, Nápoles, Viena, Salzburgo e Gstaad, cidades onde interpreta óperas handelianas ("Ariodante" e "Alcina") e ainda peças de Vivaldi e Pergolesi, acompanhada por Les Musiciens du Prince, a orquestra de instrumentos de época dirigida por Gianluca Capuano. Com esta orquestra e maestro, também o tenor Javier Camarena (outra das recentes novidades da Decca e um protegido de Bartoli) gravou "Contrabandista", lançado em finais de 2018. Há quatro anos, o cantor mexicano cantou e gravou com Bartoli o papel de Conde Ory na célebre ópera de Rossini.
A ligação entre Riccardo Chailly e a casa discográfica dura há 40 anos. A de Renée Fleming, há 25 anos.
E poderíamos continuar com este desfilar de nomes de verdadeiras lendas vivas. Os mitos, como escreveu Balzac, estão profundamente encravados na realidade. Os mitos pressionam-nos de todos os lados, eles servem para tudo, eles explicam tudo, estando subjacentes na espessura do real. Mas não há que ficar com nostalgia a olhar para as tradições e para o passado mítico. Alexander Buhr apresentou com naturalidade o que assinala como "o futuro da Decca". Não vale a pena estar sempre a "reviver o passado em Brideshead", perscrutando em décadas anteriores e em extensíssimos catálogos onde se acolitaram Joan Sutherland, Nelson Freire e Maurizio Pollini.
Da Noruega, chega uma cantora de 32 anos, Lise Davidsen (soprano) que vem na senda da sua ilustre compatriota, Kirsten Flagstad. Reconhecida por interpretações na "Medeia" de Cherubini, "Ariane em Naxos" de Strauss e "A Rainha de Espadas" de Tchaikovsky, Davidsen pretende ingressar no Olimpo dos cantores, ou melhor, no Valhalla dos wagnerianos, preparando-se para, no próximo verão, pisar o palco de Bayreuth, ocasião em que interpretará o papel de Elisabeth no "Tannhäuser". Em Paris, Davidsen organizou o seu 'plano de ataque' com o *Lied* de Richard Strauss 'Ruhe, Meine Seele' e uma canção de Sibelius sobre rosas negras, 'Svarta Rosor', uma forma muito direta de explicar aos ouvintes a razão de ter deixado boquiaberta Waltraud Meier, logo na primeira *masterclass* que recebeu em Aix-en-Provence. Nos "Journaux intimes" de Baudelaire, lê-se que "a música escava o céu". Parece-nos que a voz desta nórdica cumpre com a tarefa musical de 'escavação'. Recipiente do prémio Julian Bream, o talentoso guitarrista Milos (Montenegro 1983) gravou "Mediterráneo", "Latino", "Blackbird, The Beatles Album" e o "Concerto de Aranjuez" com a Filarmónica de Londres sob a direção de Yannick Nézet-Séguin. Foi obrigado a fazer uma pausa por problemas de saúde mas regressa agora do seu retiro forçado.
Foi a primeira vez que a Decca assinou contrato com uma saxofonista. Jess Gillam nasceu na Cúmbria e iniciou a carreira tocando na banda de Carnaval da cidade costeira de Barrow. Em 2016, no evento da BBC "Young Musicians", a jovem conquistou a crítica e o público com a paixão colocada na forma como tocou "Where the Bee Dances" de Michael Nyman. Em Paris e perante a plateia cheia do Théâtre de L'Oeuvre, ela tocou "If" (um excerto da obra que Nyman dedicou ao diário de Anne Frank) e ainda o andamento de samba de "Scaramouche" de Darius Milhaud. Com o carisma, versatilidade e paixão que justificam os triunfos somados até agora, ela anuncia uma digressão na Suécia, Finlândia e Espanha, multiplicando as intervenções radiofónicas e as atuações no palco do Royal Albert Hall. O seu objetivo é fazer com que o público pense que está a escutar composições muito recentes e frescas, fazendo com que os espectadores passem rapidamente de uma peça barroca para um tema de jazz, rumba e samba, cruzando fronteiras sem complexos, levando-os às salas de concertos. "É essencial encaminhar o público à incomparável experiência da música ao vivo, reagindo contra uma cultura de *streaming*, *downloads* e YouTube." Quem se atreve a discordar dela? ●

O Expresso viajou a convite da Universal

EGEAC Cultura em Lisboa. **MARÇO**

Teatro São Luiz
de 27 a 31
FESTIVAL DE JAZZ DE LISBOA
Concertos de jazz no Teatro São Luiz, que se associa ao Hot Clube de Portugal, onde decorrem *jam sessions* todas as noites.

Castelo de S. Jorge
dia 2 · 15h
A CLOWNERIE INVADE O CASTELO
Desfile de Carnaval/Chapitô

Museu de Lisboa
Palácio Pimenta
dia 4 · 19h - 24h
BAILE BARROCO NO PALÁCIO
Festa de Carnaval

Museu de Lisboa
Teatro Romano · de 8 a 10
LUPERCALIA
Ceia romana, visita e percurso

Museu da Marioneta
dia 5 · 10h30
BETTHA DALA KHOLA
Máscaras do Sri Lanka
Especial Carnaval. Oficina de artes plásticas para famílias

Museu do Aljube
dia 19 · 18h30
SOEIRO PEREIRA GOMES
Colóquio e mostra biobibliográfica
Ciclo Intelectuais e Artistas da Resistência

Museu do Fado
dias 13 e 27 · 19h
Conversas de Museu moderadas por Nuno Pacheco
JOÃO BRAGA, dia 13
CARLOS DO CARMO, dia 27

LU.CA - Teatro Luís de Camões
de 9 a 17
CARTA REJEITADA, de Crista Alfaiate e Diogo Bento
Uma peça para adolescentes sobre feminismo, guerra e pós-colonialismo.

Museu de Lisboa
Santo António
dia 21 · 18h30
FADOS PARA SANTO ANTÓNIO
Visita guiada seguida de concerto com Inês Pereira

Galeria Quadrum
até 14 abr
ASSENTAMENTO
Exposição de António Bolota
'uma escultura sobre o tempo e sobre a sobrevivência nele'

Atelier-Museu Júlio Pomar
até 21 abr
MUITAS VEZES MARQUEI ENCONTRO COMIGO PRÓPRIO NO PONTO ZERO
Exposição. Prémio de Curadoria
Curadora: Marta Rema

Padrão dos Descobrimentos
Exposição até 21 abr
CONTAR ÁFRICAS!
41 investigadores; 43 peças; 43 palavras

Museu Bordalo Pinheiro
dia 21 · 10h - 18h
DIA ABERTO ÀS UNIVERSIDADES
Oficinas, cinema de animação e visitas no aniversário de Bordalo Pinheiro

Cinema São Jorge
de 20 a 31
MONSTRA - Festival de Animação de Lisboa
Cinema, exposições, 'Monstrinha' e formações

mais informações e programação completa em: **EGEAC.PT**

A EGEAC é a empresa municipal responsável pela gestão de alguns dos mais emblemáticos espaços culturais e pela realização das Festas de Lisboa e de outros momentos culturais de referência.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

William Tyler: "Na América, a coisa menos na moda deve ser um homem branco com guitarra, que é o que eu sou"

CHANTAL ANDERSON

Contar sem cantar

Com a Califórnia como inspiração, William Tyler fez um disco tão "mágico e místico" como o estado que agora lhe serve de casa

TEXTO **LIA PEREIRA**

Nascido em Nashville no dia de Natal de 1979, William Tyler levou uma vida a sonhar com a Costa Oeste dos Estados Unidos. Sem nunca lá ter estado, a não ser de passagem, deixou que a mitologia da região influenciasse a sua música. "Há uns anos fiz um disco chamado 'Impossible Truth'", conta-nos ao telefone de Nova Iorque, onde, ao contrário do que acontece em Los Angeles, onde agora vive, a temperatura varia ao longo do ano. "Nesse disco eu imaginava coisas sobre a Costa Oeste e a Califórnia, sem nunca lá ter vivido. Em muitos aspetos, a Califórnia é o sítio mais mágico e surreal da América: em termos de paisagem e geografia, de diferença entre cidades... mas também é muito intimidante. A natureza é muito provocadora e a possibilidade de haver um terramoto descomunal está sempre presente", resume. Há dois anos que William Tyler tem morada em Los Angeles, mas ainda se sente como uma visita. "É uma cidade muito grande, sobretudo se comparada com o sítio onde cresci. E é bizarro, porque tem tanta gente de todo o país e de todo o mundo que nem parece um sítio em concreto. O tempo não muda, está quase sempre a mesma temperatura... Às vezes parece que estamos num planeta diferente. Estou certo que isso influenciou a minha música, mas não sei dizer como. Apesar de conhecer aqui muita gente, ainda não me sinto em casa", confessa. "O Tennessee, o sul do país, será sempre a minha casa."

No seu quarto álbum, "Goes West", um título "evocativo" que pode ser lido como uma frase ("William Tyler Goes West") ou de forma mais aberta, o guitarrista abre a porta a vários convidados, com destaque para os companheiros de instrumento, Meg Duffy e o veterano Bill Frisell ("Ele teve a simpatia de aceitar, o que significa muito para mim, pois é uma grande influência na minha abordagem artística.") Ao mesmo tempo, continua a respirar-se entre canções, como se a quantidade de músicos nunca atafulhasse o espaço sonoro. "Isso terá a ver com a ausência de letras, ou de voz. Gosto de pensar na guitarra como o centro, mas dou sempre muita liberdade aos músicos para procurarem a sua voz", explica. "E desta vez quis ter arranjos mais complexos, em termos de instrumentação, sem parecer demasiado cheio." Ainda que seja um dos grandes guitarristas da sua geração, William Tyler considera-se "um compositor que toca guitarra e não um guitarrista que compõe". Filho de músicos, apenas aos "15 ou 16" começou a tocar, aprofundando a relação com o instrumento pouco depois. "Interessei-me pela guitarra como meio de expressão, e não como acompanhamento, nos meus 20, quando comecei a ouvir John Fahey ou Sandy Bull, um músico que também tocou *world music*. Penso em mim como músico folk, porque não tenho treino clássico, mas interesso-me por música mais formal, como música clássica. A forma como estruturo as coisas tem tanto a ver com a escrita como com tocar."

Sem palavras e sem voz, a obra de William Tyler consegue ser espetacularmente visual (foi por ter ambições de compor para cinema que se mudou para Los Angeles, confessa no final da entrevista). "Talvez seja o meu preconceito a falar", ressalva, "mas acho mais poderoso contar uma história sem usar palavras. Deve ser por isso que me sinto mais atraído pela música clássica e pelo jazz do que por *singer songwriters*. Se pensares nas canções como música com palavras, são poemas com melodia e isso tem muita força — por alguma razão são a forma mais popular de música. Mas eu sinto que é uma proeza maior se conseguir contar uma história sem cantar nada".

Da capa retro desenhada pelo amigo Robert Beatty ("Só lhe mandei a música e disse que andava a ouvir mais *new age* e rock progressivo. Ele disse que estava a pensar na capa do 'Pink Moon', do Nick Drake, e deve ter sido essa referência que acabou por seguir") à sonoridade acústica, "William Tyler Goes West" é um dos discos mais deslumbrantes dos últimos meses — mas não necessariamente um dos mais contemporâneos. "Por várias razões, a guitarra já não é tão importante como dantes. Hoje, os computadores são mais importantes em todas as áreas da vida, o que nem sempre é bom, mas também te dão uma liberdade de expressão diferente. Dantes todas as casas tinham um piano ou um cravo; a mudança deu-se por causa do rock and roll, mas já estava a acontecer antes disso. Foi aí que a guitarra se transformou no instrumento principal da música ocidental. Hoje em dia, na América, a coisa menos na moda deve ser um homem branco com guitarra, que é o que eu sou", ri-se. "É um reflexo do passado, da geração dos nossos pais. Acontece que é o meu instrumento." E, como tal, continuará a ser a sua fonte de inspiração, tal como a imensidão de um país que continua a apaixoná-lo. "Há tanta coisa para nos perdermos, aqui!" ●

lipereira@blitz.impresa.pt

★★★★★

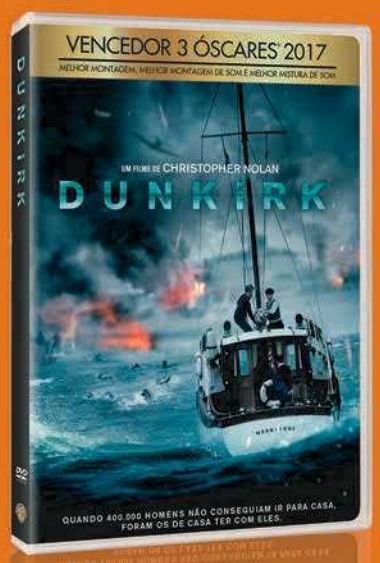
GOES WEST
William Tyler
Merge/Popstock

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Expresso
Liberdade para pensar.

EXCLUSIVO EXPRESSO

VENCEDORES E NOMEADOS
90ª CERIMÓNIA DOS ÓSCARES®



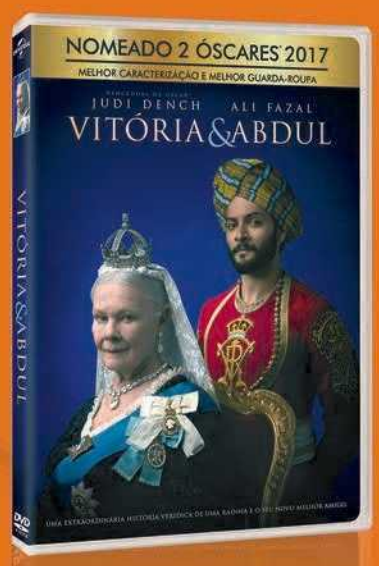
Nas bancas
DUNKIRK

Nas bancas
A HORA MAIS NEGRA

Nas bancas
LADY BIRD

Nas bancas
EU,TONYA

Nas bancas
JOGO DA ALTA-RODA



9 de março
VITÓRIA & ABDUL

APENAS €5,95 CADA DVD

COMPRE JÁ

- **EXPRESSO.PT/LOJA**
- **LIGUE 21 469 88 01** (dias úteis – 9h às 19h | sábados – 9h às 17h)
- **NAS BANCAS**

Dunkirk © 2017 Warner Bros. Entertainment Inc. and RatPac-Dune Entertainment. A Hora Mais Negra © 2017 Focus Features LLC. All Rights Reserved.
Lady Bird © 2017 InterActiveCorp Films LLC. All Rights Reserved. Eu, Tonya © 2017 AI Film Entertainment LLC. All Rights Reserved.
Jogo da Alta-Roda © 2017 MG'S Game Inc. All Rights Reserved. Vitória & Abdul © 2017 Focus Features LLC. All Rights Reserved.
Óscares® é uma marca registada e de serviço da Academy of Motion Picture Arts and Sciences

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Itamar Vieira Junior, escritor brasileiro nascido em 1979, fotografado na Póvoa de Varzim, durante as Correntes d'Escritas

As vozes negadas

Vencedor do Prémio LeYa 2018, Itamar Vieira Junior fala sobre as raízes históricas do seu romance "Torto Arado" e sobre um Brasil — o de Bolsonaro — em que não se reconhece

TEXTO **JOSÉ MÁRIO SILVA** FOTOGRAFIA **RUI DUARTE SILVA**

Na fazenda Água Negra, algures no sertão da Bahia, duas irmãs vivem uma experiência que lhes marcará a infância e a vida. Aproveitando a ausência momentânea da avó, retiram, da mala que ela guarda debaixo da cama, um objeto embrulhado num pano manchado de sangue. É uma faca com cabo de marfim e lâmina afiadíssima, cujo perigo a inocência infantil desdenha. Sem saber o que estão a fazer, levam o metal à boca, "tamanha era a vontade de sentir seu gosto". E então a tragédia acontece. Ambas se cortam, mas uma delas perderá parte da língua e a fala, ficando dependente da irmã, e mais tarde de uma gramática de gestos, para comunicar com os outros. A história das duas irmãs, Bibiana e Belonísia, narradoras à vez, é o eixo em que assenta o romance "Torto Arado", de Itamar Vieira Junior, vencedor por unanimidade do Prémio LeYa em 2018.

Ainda antes de ser dado à estampa no Brasil, o livro acaba de ser editado em Portugal. Itamar, que falou com o Expresso no terraço do Cine-Teatro Garrett, na Póvoa de Varzim, durante a 20ª edição do festival literário Correntes d'Escritas, ainda não se refez do turbilhão que tem sido a sua vida desde o dia em que recebeu o "famoso telefonema de Manuel Alegre". Nessa altura, a alegria foi temperada pela tristeza, porque se encontrava no hospital, acompanhando o pai (entretanto falecido). Além de um romance em edição de autor, do qual prefere não falar, por ser "muito ruim", Itamar publicara apenas dois livros de contos: "Dias" e "A Oração do Carrasco", que foi finalista do Prémio Jabuti. "Ainda estou no começo da minha carreira, por isso fiquei muito surpreendido quando me anunciaram que era o vencedor. Na verdade, eu enviei o livro pelo correio e depois segui em frente com a minha vida. Não voltei a pensar no assunto. Esqueci mesmo, porque aquele foi um ano muito difícil."

> **"O que houve no Brasil foi um corte. Se eu escolhesse um objeto para simbolizar o que se está a passar, seria uma faca. Uma faca rasgando o país ao meio"**
>
> ITAMAR VIEIRA JUNIOR

No hospital, o pai mostrou-se feliz, mas também preocupado, porque o anúncio coincidiu com a campanha presidencial brasileira, em outubro de 2018. "Ao ouvir-me falar com os jornalistas, temeu que eu ficasse comprometido pelo que ia dizendo sobre Jair Bolsonaro, pondo-me a jeito para represálias. 'Fale menos, filho, fale menos', pedia-me ele."

Mas Itamar não falou menos então, quando a subida ao poder de Bolsonaro era só uma forte possibilidade, e continua a não falar menos agora, já com o político da direita radical instalado no Palácio do Planalto. "O que nós vivemos no Brasil foi um corte. Se eu tivesse de escolher um objeto para simbolizar o que se está a passar, seria uma faca como aquela que a Bibiana e Belonísia metem na boca. Uma faca rasgando o país ao meio." Pelo rasgão no tecido social e político, começa aos poucos a entrever-se "um mundo novo, um mundo que ainda não sabemos o que nos

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

trará". O efeito de choque, de resto, ainda não passou. "A maioria das pessoas ainda estão perplexas."
Quando se pôs a escrever "Torto Arado", uma história que já lhe andava na cabeça há muito tempo, e que conhecera uma primeira versão falhada, Itamar sabia bem por onde queria ir. "Pesquisas realizadas por académicos detetaram uma lacuna muito grande na literatura brasileira. As histórias da ruralidade estão sub-representadas."
Geógrafo de formação, Itamar fez o doutoramento em Estudos Étnicos e Africanos, estudando comunidades quilombolas (descendentes de escravos) no interior do estado da Bahia, e esse contacto com pessoas que raramente são lembradas foi determinante. Longe do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, onde se concentra toda a atenção mediática, decidiu ir contra a corrente e escrever sobre o Brasil "invisível", as realidades que as elites urbanas desprezam ou ignoram. "Durante 12 anos, pude contactar e estudar essas comunidades. Só faltava trazer essa experiência para o meu trabalho literário. E foi o que tentei fazer com o romance. Estas são histórias que precisam de ser contadas. E escolhi narradoras na primeira pessoa, porque quis que a perspetiva do livro fosse a delas, não a minha."
Apesar de a fazenda Água Negra, onde quase tudo se passa, ser ficcional, a maior parte dos topónimos referidos no texto são verdadeiros. "Essa geografia é real. A região sofre muito com a seca, mas depois há um oásis ali no meio, o Marimbus, onde a terra nunca seca, uma espécie de pântano com vegetação própria. Considero-a uma personagem tão importante como as figuras humanas." O mesmo diz do vento, da chuva, do sol inclemente que calcina a paisagem e molda o carácter das famílias que se cruzam na trama densa do romance.
Um dos aspetos que considera ser pouco abordado pelos seus compatriotas é o período que se seguiu à abolição da escravatura, no final do século XIX (1888). "O Brasil foi um dos últimos países a acabar com esse horror. E quando a lei foi assinada, não deram qualquer compensação às pessoas que haviam sofrido na pele a escravidão. Não tinham para onde ir, não tinham onde trabalhar, nem onde residir. E o que aconteceu foi que deixaram de ser escravos, mas continuaram em regime de servidão aos donos das terras. Os nomes dados às coisas mudaram, a exploração permaneceu. Tal como o tolhimento da dignidade humana e as mais absurdas formas de violência."
Passado mais de um século, a situação não melhorou tanto como devia. "Continua a faltar justiça social e o problema dos sem-terra mantém-se." Também por isso, as marcas temporais de "Torto Arado" são escassas. "Gostaria muito de dizer que este é um romance histórico, datado, e que estas circunstâncias foram superadas, mas infelizmente não foram. Situações como as que relato no livro ainda são muito comuns no Brasil. Os assassinatos continuam a acontecer. E a tendência é para que se agravem, porque o governo atual não tem interesse nenhum em pacificar o campo. Muito pelo contrário. Assinaram um decreto facilitando a posse de armas. Se os sem-terra já eram considerados terroristas e vítimas de violência, imagine-se agora."
As duas primeiras partes do livro são narradas, à vez, pelas duas irmãs, que através de uma "procissão de lembranças" contam a saga do seu pai, Zeca Chapéu Grande, líder espiritual da comunidade, bem como a de Severo, um primo que se torna o impulsionador das reivindicações do povo. Mas Itamar quis que fossem as irmãs a contar tudo o que acontece, porque elas, impedidas de falar pelas circunstâncias, "acabam sendo as transmissoras de todas as vozes tolhidas, de todas as vozes negadas". Há ainda uma terceira narradora, uma espécie de espírito que é "como que a consciência da História", a testemunha de medos e humilhações que atravessaram os séculos. "O passado está sempre presente. O próprio livro tem consciência de onde veio e de qual é a origem de todas aquelas personagens e seus ancestrais."
Funcionário público no Ministério da Agricultura, Itamar não escreve a tempo inteiro, nem vê que isso fosse uma vantagem. Gosta de ter um pé sempre assente na realidade. E é a partir dessa consciência do que se passa nas ruas, nas empresas, nas fazendas, que acredita poder contribuir, enquanto intelectual, para lutar contra as novas ameaças de autoritarismo. "Depois do espanto, os intelectuais vão ter de se organizar para fazer frente aos retrocessos que podem estar a caminho. Quanto a mim, sei bem o que tenho de fazer. Escrever mais. Escrever melhor. Exigir sempre mais de mim." ●

FUNDAÇÃO ORIENTE MUSEU

MARÇO 2019
MUSEU DO ORIENTE

EXPOSIÇÕES

ATÉ 31 MARÇO
REFLEXÕES: HOMEM E NATUREZA
PINTURAS DE BIRESWAR SEN

ATÉ 21 ABRIL
TRÊS EMBAIXADAS EUROPEIAS À CHINA

ATÉ 26 MAIO
SOU FUJIMOTO
FUTURO DOMÉSTICO PRIMITIVO

ESPECTÁCULOS

28 MARÇO | 18.00 | GRATUITO
JOVENS SOLISTAS DA METROPOLITANA

31 MARÇO | 16.00 | GRATUITO
PRELÚDIOS – BRAGA SANTOS E FREITAS BRANCO
SOLISTAS DA METROPOLITANA

CURSOS E CONFERÊNCIAS

WORKSHOP | 16, 23 E 30 MARÇO
INTRODUÇÃO AO MINDFULNESS

WORKSHOP | 16 MARÇO
PLANTAS TINTUREIRAS DO ORIENTE

CURSO | 16, 23 E 30 MARÇO
TRÊS EMBAIXADAS EUROPEIAS À CHINA
- ROTEIROS DE UMA EXPOSIÇÃO

WORKSHOP | 27 MARÇO, 15 MAIO, 26 JUNHO
ORIGAMI - DA TRADIÇÃO À MODERNIDADE

SERVIÇO EDUCATIVO

2 OU 26 MARÇO | ATELIÊ
O SOL E A LUA NUNCA SE ENCONTRAM?
PARA BEBÉS [ATÉ 12 MESES]

9 OU 19 MARÇO | ATELIÊ
COROA DE PRIMAVERA
PARA BEBÉS [12-36 MESES]

10 MARÇO | VISITA CONTADA
EM CONVERSA COM AS PEÇAS!
PARA CRIANÇAS [M/6 ANOS]

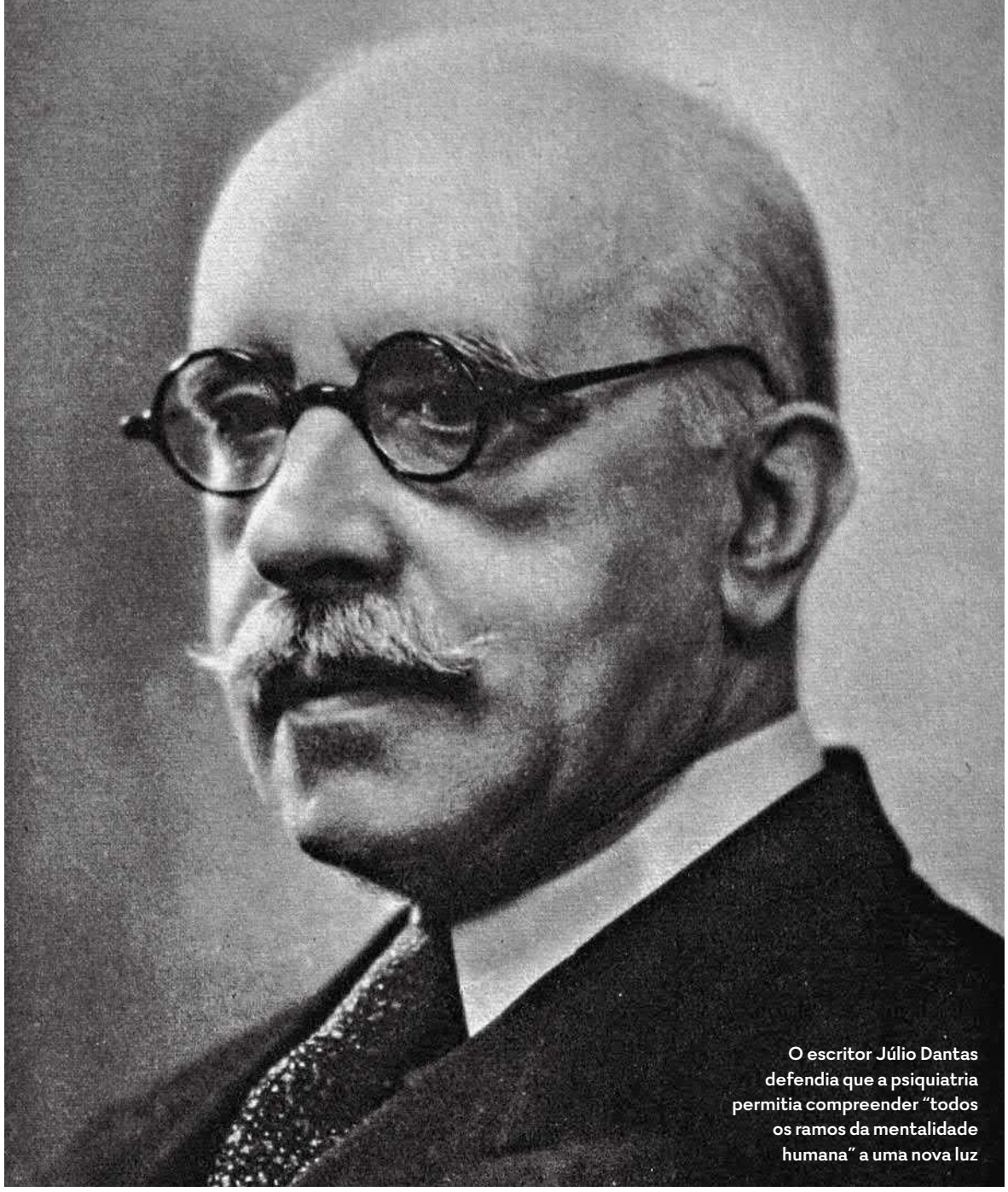
31 MARÇO | OFICINA SENSORIAL
NO MUSEU ME ORIENTO
PARA CRIANÇAS [M/7 ANOS] E ADULTOS

mecenas principal NOVO BANCO
mecenas dos espectáculos Central Cervejas e Bebidas
seguradora oficial CARAVELA COMPANHIA DE SEGUROS

www.museudooriente.pt

CONTACTOS Av. Brasília Doca de Alcântara (Norte) | Tel. 213 585 200 | info@foriente.pt **BILHETEIRA** Tel. 213 585 244 | bilheteira@foriente.pt

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)



O escritor Júlio Dantas defendia que a psiquiatria permitia compreender "todos os ramos da mentalidade humana" a uma nova luz

Loucos, modernistas e selvagens

Sobre o modo como várias disciplinas científicas, a começar pela medicina psiquiátrica, moldaram os discursos políticos na transição do século XIX para o XX, tendo sido postas, pelo menos em parte, ao serviço da causa republicana

TEXTO **DIOGO RAMADA CURTO**

Em 1900, o médico psiquiatra Miguel Bombarda (1851-1910) publicou uma obra de polémica contra o jesuitismo. Nela, constatou a força social que ordens e congregações religiosas tinham assumido nos últimos vinte anos. A par da influência crescente que passaram a exercer na educação e na administração dos cuidados de saúde. Mas a sua principal constatação era que os jesuítas, tal como os criminosos, deveriam ser analisados pela ciência moderna. Ou seja, impunha-se estudá-los à luz dos ensinamentos da antropologia criminal e da psiquiatria.

Bombarda via "no misticismo jesuítico uma forma paranoica que, embora incurável, devia ser isolada nos manicómios, pelo mal que faz à humanidade". Por isso, a sociedade tinha de se proteger das "tendências malfazejas" dos jesuítas, recorrendo ao seu "internamento manicomial". Conforme já tinha sugerido em relação aos criminosos, para os quais projetara, em trabalho anterior, o seu envio para uma "ilha bem perdida por esses mares, onde não possam prejudicar nem procriar", propunha, agora, que se fizesse o mesmo com os jesuítas.

As origens intelectuais do republicanismo têm sido estudadas por vários historiadores. António Araújo, Luís Bigotte Chorão e Tiago Pires Marques, entre outros, têm procurado compreender o modo como várias disciplinas científicas, tanto penológicas como de medicina psiquiátrica, moldaram os discursos políticos na transição do século XIX para o XX, tendo sido postas, pelo menos em parte, ao serviço da causa republicana.

O caso de Miguel Bombarda é tanto mais interessante quanto o seu assassínio, no Hospital de Rilhafoles, constituiu uma das causas próximas da proclamação da República, em 5 de outubro de 1910. Os seus conhecimentos psiquiátricos, ao lado das suas relações e do seu prestígio, representavam as forças modernizadoras que, em nome da ciência, militavam do lado republicano. Porém, as suas ideias partilhadas por muitos outros, longe de se limitarem ao âmbito restrito da psiquiatria ambicionavam reformar a sociedade no seu todo, e — talvez mais importante — foram objeto de apropriações políticas autoritárias, que nada tinham que ver com valores republicanos e democráticos.

PSIQUIATRIA E DOENÇAS MENTAIS

Júlio de Matos (1856-1922) partilhou com Bombarda as mesmas preocupações científicas em relação à psiquiatria, bem como a mesma oposição à influência da religião na educação. De modo porventura mais exacerbado, chegou a associar às prostitutas e aos criminosos a prática de uma religiosidade que tinha consequências no seu comportamento antissocial. Além de constatar que a "regressão mística de certos alienados", observados do ponto de vista da psiquiatria, coincidia "com a inesperada aparição de tendências cruéis, eróticas ou cleptómanas".

No seu "Manual das Doenças Mentais", de 1884, enunciara uma dupla queixa. Por um lado, o atraso em que Portugal se encontrava fazia com que os internamentos de loucos não fossem devidamente acompanhados por médicos com uma formação psiquiátrica adequada. Por outro lado, o mesmo atraso colocava os médicos portugueses numa posição de inferioridade em relação às investigações desenvolvidas noutros lugares, mais avançados. Por estas duas razões, era necessário que os médicos portugueses progredissem nas suas pesquisas, sem se colocarem numa posição de subserviência em relação ao que se fazia lá fora.

O pensamento de Júlio de Matos caracterizou-se pela crença nos valores do progresso, fundados no avanço do conhecimento científico positivo, bem como na necessidade de desenvolver uma política com base na ciência. A legislação penal e sanitária

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

estava, no seu entender, no centro de uma conceção progressista da vida social. Competindo às elites, educadas com base na ciência, o papel de conduzir os destinos da sociedade, orientando-a em função dos ideais do progresso. Que essas elites eram constituídas por muito poucos — "só os mais perfeitos, só os mais diferenciados das raças superiores" — era uma constatação quase evidente, perante duas realidades.

INADAPTADOS E DESCLASSIFICADOS

Primeiro, a minoria constituída por tais elites civilizadoras contrastava com "a inadaptação dos selvagens à vida complexa e às exigências da civilização", acabando estes por sucumbir em face das raças superiores. Segundo, se tal acontecia na competição entre as raças — ficando implícita a identificação dos selvagens com a raça negra — o mesmo acontecia dentro da raça branca associada à velha Europa. É que só aqueles que estavam em contacto com os génios, dispondo de "uma larga cultura literária", se poderiam impor. "Os outros, a maioria, o imenso número, vivem confinados no tempo e no espaço, alheios a tudo o que não seja o seu imediato e próximo interesse material". Tal como os selvagens se mostravam inadaptados à civilização moderna, os seres inferiores — também eles "inadaptados", segundo a expressão de Gustave Le Bon — acabavam por ser vencidos. A sua miséria afigurava-se evidente, no interior de um regime de concorrência onde só podiam triunfar os mais capazes. Assim, a sua única resposta consistia em integrar "os batalhões coletivistas", apostados em destruir "uma ordem social que implacavelmente tende a eliminá-los".
Três tipos de miseráveis, inadaptados ou seres inferiores deviam ser considerados: os operários tidos como inábeis e preguiçosos, com salários ínfimos; a massa dos degenerados, cuja inferioridade se devia a doenças hereditárias; e, por último, os que deviam a sua inaptidão "a uma educação viciosamente dirigida", também designada como "imprópria e inadequada educação literária". Eram os últimos os mais perigosos, porque os mais sectários das hostes socialistas. Formavam uma espécie de "proletariado intelectual", caracterizado pelo ressentimento: "São médicos, advogados e engenheiros sem clientela, artistas sem encomendas, professores sem discípulos, políticos sem cotação, plumitivos sem leitores, candidatos preteridos à burocracia, numa palavra, todos os *déclassés* das camadas superiores".

GÉNIOS E DEGENERADOS

Paula Morão chamou, recentemente, a atenção para a tese de licenciatura do escritor Júlio Dantas, na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa ("Colóquio Letras", nº 190, set.-dez., 2015, pp. 81-89). Defendida em 1900, com o título "Pintores e Poetas de Rilhafoles", o livro foi dedicado a Miguel Bombarda, o psiquiatra que tinha a sala do hospital, de que era diretor e onde dava as suas lições, decorada com "*gouaches* e carvões de proveniência manicomial".
Foi com base no exemplo e no magistério de Bombarda que Dantas se lançara no estudo da produção estética, tanto do ponto de vista artístico, como no que dizia respeito à produção literária. A psiquiatria permitia compreender "todos os ramos da mentalidade humana" a uma nova luz. Através dela, era possível penetrar todos os domínios: da arte à história, da sociologia à política. Nada ficava de fora do seu raio de alcance. Assim, Dantas não hesitava em escrever que o médico tinha, "hoje, o seu lugar marcado na crítica das manifestações artísticas e intelectuais coevas e, também, o que é deveras importante, na crítica e filosofia históricas". E, mais adiante acrescentou, "para que a educação de um crítico de arte assente sobre bases sólidas, é preciso partir da estranha e monstruosa arte dos manicómios para a arte oficialmente cotada".
E como podia fazer o psiquiatra essa transferência de competências do manicómio para a galeria de arte? Percebendo que certos traços da arte dos loucos, sobretudo na pintura, também estavam presentes nas obras dos génios ou grandes talentos, a saber, no simbolismo, na regressão, na cromofilia e, ainda, em certos delírios já sistematizados pela psiquiatria, sobretudo nos casos de paranoia erótica e de paranoia ambiciosa.
Neste mesmo quadro de transferências e paralelos, as conclusões a que Dantas chegou acerca do trabalho de muitos escritores e pintores permitiu-lhe uma generalização: as suas obras eram o produto de uma mentalidade degenerada e paranoica. Pior: "A grande maioria tarada das multidões aplaude uns e outros, pintores e poetas, ferida exatamente pelo que há de insano na obra, pela extravagância, pelo excessivo pessoalismo, pela exterioridade brilhante dos panejamentos na pintura, do enroupamento da linguagem na poesia decadente".
A discussão das ideias de Dantas, inspiradas em Bombarda e Júlio de Matos, aconteceu, primeiro, no campo dos saberes médicos (psiquiatria, medicina-legal, antropologia criminal). O médico António Mendes Correia dedicou-lhe uma dissertação intitulada 'O genio e o talento na pathologia (Esboço critico)' (Porto: Imprensa Portuguesa, 1911) que incorporou, depois, na parte final do seu livro de fôlego intitulado "Os Criminosos Portugueses. Estudos de Anthropologia Criminal" (Porto: Imprensa Portuguesa, 1913, reedições de 1914, 1918).

INDISCIPLINA E PSIQUIATRIA

No entanto, usos e discussões sobre os saberes psiquiátricos tinham há muito transcendido o campo restrito dos saberes médicos, para penetrarem a esfera política. Com as suas posições militantes de progressistas, Bombarda e Júlio de Matos foram responsáveis pela abertura desse caminho.
Por exemplo, na sessão de 18 de maio de 1914, no Senado da Primeira República, Ladislau Piçarra usou da palavra para tratar de um atentado, na Covilhã, a um engenheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro. No seu entender, a sociedade portuguesa caracterizava-se por uma falta de disciplina, a qual era particularmente evidente entre as classes trabalhadoras. Sempre que um diretor de fábrica, de empresa ou de um qualquer organismo do Estado tentava impor qualquer tipo de ordem, debatia-se com a oposição dos seus empregados. No caso em questão, fora um trabalhador que atentara contra a vida do seu superior. Para o orador em causa, tal oposição só podia ser entendida com um ato perpetrado por anormais. Ora, segundo a evocada ciência psiquiátrica, os indivíduos dividiam-se entre normais e anormais, sendo que estes últimos não podiam andar em liberdade. Tinham de ser internados, de forma a serem sequestrados da sociedade (o mesmo propusera Bombarda acerca dos jesuítas). Claro está, tudo isto depois de terem sido sujeitos a um exame acerca das suas faculdades psíquicas. Por isso, impunha-se a criação de institutos de educação para anormais ou, pelo menos, de colónias agrícolas, onde pudessem trabalhar e angariar o seu próprio sustento.

POETAS DO "ORPHEU" E ARTISTAS DE RILHAFOLES

Em 1915, na sequência da publicação do "Orpheu", de Fernando Pessoa e outros modernistas, Júlio Dantas escreveu, na imprensa, que, nas páginas dessa revista, os psiquiatras tinham "abundante matéria de estudo". Quinze anos depois da publicação da sua tese, Dantas transferia, agora, as suas críticas azedas à poesia dos decadentes, simbolistas e nefelibatas (analisadas, em profundidade, por José Carlos Seabra Pereira), para os trabalhados dos modernistas e futuristas. Almada Negreiros respondeu-lhe no célebre "Manifesto anti-Dantas".
Menos conhecida é a intervenção, posterior, sobre o "Futurismo indígena" de Alberto de Monsaraz ("Monarquia – Diário integralista da tarde", 16-4-2017). Indigna-se o autor pelo facto de a República ter promulgado uma lei, a 11 de maio de 1914 (na sequência de um outro diploma de 1911), que permitia internar os loucos e os anormais. Bastava, para isso, uma denúncia. No seu entender, os visados eram todos aqueles que não conseguiam entender as liberdades republicanas, a começar pelos monárquicos, nos quais ele se incluía. Ou seja, a perseguição política movida pela República tinha incorporado os saberes da psiquiatria e da criminologia. Assim, sem a revogação de um tal disparate, era possível que os "bons futuristas" Almada Negreiros e Santa-Rita — "artistas cheios de sinceridade na sua obra e fé no futuro", cuja exposição acabara de se inaugurar — pudessem ser objeto de ameaças por parte de quem os acusava de serem simplesmente uns loucos. Monsaraz, monárquico e integralista, punha-se do lado dos futuristas contra os usos que republicanos e democratas faziam da psiquiatria.
Mas será possível restringir os usos dos saberes psiquiátricos à República, imputando-lhe o máximo de responsabilidades na criação de modos de confinamento dos loucos? Penso que só a custo e correndo o risco de continuar a demonizar a República, para efeitos bem anacrónicos e relacionados com as lutas políticas dos dias de hoje. As vidas longas que tiveram os médicos Júlio Dantas e António Mendes Correia, colaboradores militantes do Estado Novo, só por si contrariam tais ideias feitas. O primeiro, além de escritor e presidente da Academia das Ciências, foi autor de um vasto plano de "Assistência Psiquiátrica" (Lisboa: Assembleia Nacional, 1945). O segundo foi, desde 1919 até à década de 1950, o grande mentor das políticas racistas coloniais, inspiradas sempre nos conhecimentos da antropologia física e criminal. ●

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

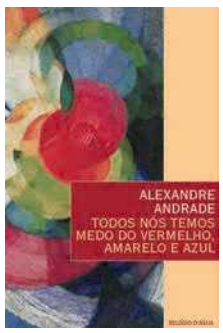
A prosa de Alexandre Andrade é tão luminosa e fulgurante como as telas que inspiraram os contos deste livro

ALDA RODRIGUES

Variações cromáticas

Em torno da experiência das cores (tanto física como intelectual), Alexandre Andrade oferece-nos 11 admiráveis narrativas, que o confirmam como um mestre na arte do conto

TEXTO **JOSÉ MÁRIO SILVA**



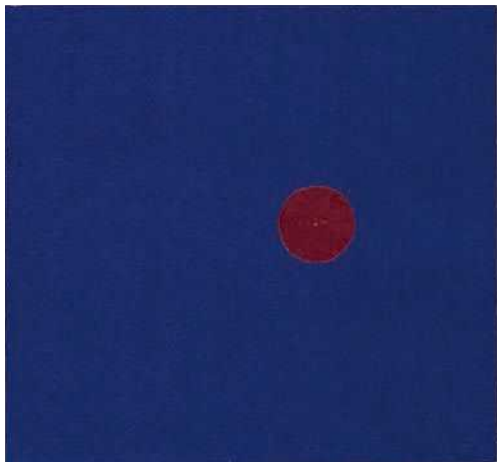
★★★★★

TODOS NÓS TEMOS MEDO DO VERMELHO, AMARELO E AZUL
Alexandre Andrade
Relógio D'Água, 2019, 269 págs., €17
Contos

Logo no primeiro conto deste magnífico livro de Alexandre Andrade, uma artista plástica bastante esquiva mete conversa com um dos visitantes da sua exposição, apenas porque ele não a reconhece quando a vê na rua, do lado de fora da galeria. Às tantas, a pintora evoca um quadro de Barnett Newman ("Who's Afraid of Red, Yellow and Blue III") e recorda o facto dessa obra ter sido retalhada, com um x-acto, por um pintor esquizofrénico que colocou no ataque um "sentido de missão", na tentativa de "livrar a Humanidade de um perigo imenso". Esse perigo nasce da vertigem que uma tela pode provocar a quem a contempla: "É demasiado humana a tentação de projetarmos os nossos anseios, terrores e desejos naquela superfície sem fim."
O que une as histórias de "Todos Nós Temos Medo do Vermelho, Amarelo e Azul" é a consciência dessa vertigem, desse mistério, dessa pulsão. Embora o sortilégio das cores — isto é, o seu poder de condicionamento físico, intelectual ou estético das personagens — se manifeste de formas muito diversas, há sempre um elemento comum: uma espécie de contenção estilística, uma inteligência narrativa que preserva o equilíbrio dos textos, evitando que as obras de arte evocadas se tornem meros artefactos em torno dos quais as ficções se tecem, como um casulo. Pelo contrário, se um quadro surge como pedra de toque na arquitetura do conto, é porque tem um carácter orgânico — não podia deixar de estar ali, nem ser substituída por outra obra do mesmo artista, para que o texto funcione. Mesmo quando os narradores descrevem em detalhe certas telas (elencadas numa lista final, que remete para um *site* onde estão reproduzidas), nunca estamos perante meros exercícios ecfrásticos.
O mundo da arte é, acima de tudo, um *habitat*, um território bem definido para a circulação das personagens — tal como a "matéria de Bretanha", os acontecimentos e arquétipos em torno dos cavaleiros da Távola Redonda, eram a paisagem sobre a qual evoluíam os protagonistas do livro imediatamente anterior ("Descrição Guerreira e Amorosa da Cidade de Lisboa"). Aliás, a dinâmica interna dos grupos de amigos, pequenos clãs que atuam quase como irmandades secretas, sempre foi um dos temas centrais da escrita de Alexandre

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Andrade, tanto nos romances (de "Benoni" a "O Leão de Belfort") como nos livros de ficção breve (de "Cinco Contos de Fracasso e Sucesso" a "Quartos Alugados").
Em "Todos Nós Temos Medo do Vermelho, Amarelo e Azul", deparamos com vários pintores, mas também com um crítico de arte (Ludwig, que surge em vários contos), editores de livros de arte e mecenas. Tanto deambulamos por inaugurações apinhadas em galerias do Bairro Alto como espreitamos festas exclusivas e leilões à porta fechada, ou ouvimos rumores sobre prémios ainda por atribuir. Mais do que outra coisa qualquer, as personagens de Alexandre Andrade são loquazes. É através do diálogo, da conversa em espaços íntimos ou na via pública, que tudo se partilha e esclarece: os dilemas sentimentais; os labirintos intricados das relações humanas; as paixões e as ruturas; os acidentes de percurso; os sacrifícios e mudanças de rumo; as coincidências, os jogos de poder, as encenações; os impasses, os equívocos, as crises.
Há nestes textos uma dimensão erudita, por vezes até de pendor ensaístico, contrabalançada por referências explícitas à banalidade da vida quotidiana: tanto se discutem pigmentos de índigo e os métodos científicos para recuperar um tom de cor perdido ("púrpura de Tiro") como ouvimos conversas em que se fala de rissóis ou de pacotes de *ice tea* do Lidl. Um bom exemplo desta tensão entre a alta cultura e as preocupações prosaicas do dia a dia é o conto 'Razões para Salvar Desdémona', em que duas linhas narrativas se desenrolam em paralelo, no *huis clos* do Ascensor do Lavra. Por um lado, um homem de aura quixotesca desenvolve, em voz alta, teorias sobre a questão de saber se é legítimo que um espectador menos letrado, ou mais literal, salte para o palco durante a representação de "Otelo", para salvar da morte Desdémona, a trágica heroína shakespeariana. Por outro, acompanhamos o processo mental de uma jovem que comparece a sucessivas entrevistas de emprego, sempre hesitante sobre aquilo que dela se espera. A passagem do tempo, essa, é dada pelo lento crescimento, no quarto da rapariga, de uma mancha de humidade que tudo parece devorar, até "corpos" e "arestas de prédios".
Alguns dos contos elaboram uma espécie de cartografia pessoal de uma cidade: Lisboa, em 'A Vida por Examinar' (com uma estrutura fragmentária a fazer lembrar o filme "Citizen Kane"); ou Londres, em 'Jubileu', com uma das linhas do metro da capital inglesa a servir de mapa da memória. Já o melhor conto do livro — e provavelmente o melhor conto que o autor destas linhas leu nos últimos anos (em qualquer língua) — decorre em Odivelas, num edifício "cheio de luz" e paredes de vidro, que alberga uma incubadora de *startups* (alvo de deliciosa sátira). '*Indigofera tinctoria*' é um genial ensaio sobre a transparência, o controlo e a vigilância, construído em *mise en abyme*, tendo como ponto de fuga um quadro de Kandinsky ("Oval Vermelha"). A escrita de Alexandre Andrade é sempre imaculada, mas aqui ergue-se a alturas estratosféricas. Sem risco de exagerar, consideramo-lo um texto perfeito. ●



De cima para baixo, alguns dos quadros referidos explicitamente nos contos de Alexandre Andrade: "Oval Vermelha", Kandinsky; "Red and Blue", E. Kelly; "Mauve District", H. Frankenthaler; "Paysage d'Automne", M. de Vlaminck

ISTO ANDA TUDO LIGADO

CÉREBROS PRECOCEMENTE ENVELHECIDOS

/ ANA CRISTINA LEONARDO

Assim como Nicolás Maduro antecipou o Carnaval, decretou dois feriados em vez de um e presenteou os venezuelanos portadores do Cartão Pátria com um bónus económico, que também a mim me seja permitido antecipar, apesar de não ter bónus para oferta, o Dia Internacional da Mulher.
A ideia surgiu há mais de um século, em 1910, durante a II Conferência Internacional das Mulheres Socialistas (vejo gente a ficar nervosa...). Quanto à sua origem e ao dia escolhido para a assinalar, as várias hipóteses conjugam um incêndio numa fábrica em Nova Iorque — que matou maioritariamente mulheres (mais de 100) —, e uma greve de operárias russas que teria constituído o pontapé de saída para a Revolução de 1917 (vejo mais gente a ficar nervosa...). Seja como for, dessa dupla *entente* proletária entre russas e americanas resultaria, já em 1975, o estabelecimento (e reconhecimento) pela ONU do 8 de março como Dia Internacional da Mulher (1975 também deixa muita gente nervosa, mas factos são factos...). A que vem esta invocação prematura? Porque lendo certas coisas sobre feminismo, que têm vindo a ser escritas nos jornais portugueses por jovens mulheres, lembrei-me de que "Um Quarto que Seja Seu", de Virginia Woolf, data de 1929, e "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir, de 1949. Agora, se quisesse parecer jovem, diria: há bué! Não sendo jovem nem querendo parecê-lo, interrogo-me como é que certas dessas pessoas que leio na imprensa portuguesa — elas sim, jovens — conseguem pontificar sobre o tema como se tais títulos nunca tivessem existido ou, para quem desconfie de livros com mais de seis meses, como se a neurocientista britânica Gina Rippon fosse de Marte ou o seu recente, "The Gendered Brain", não questionasse muitos dos lugares-comuns sobre as diferenças entre as características cerebrais de homens e mulheres. Leia-se, pela pena das jovens: "Nas suas formas mais toscas e agressivas, o discurso [de vitimização feminino] pode explicar-se por simples inveja de características e competências intrinsecamente masculinas"; "[a mulher dita emancipada] optou por se objetificar, pretendendo ser apenas fonte de desejo em relações casuais, rejeitando todo o seu potencial feminino, matrimonial e maternal. São estas três últimas, as características mais belas da mulher!"; "Nunca houve nenhuma boa dona de casa que não tivesse imenso que fazer." Peço desculpa, a última frase não é de agora. É de 1933. Assina: Salazar. ●

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Este livro de um autor austríaco, que ganhou o prémio do melhor livro alemão em 2017, tem sido considerado a primeira grande obra de ficção sobre a UE

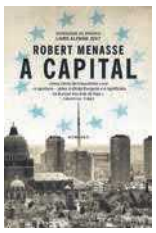
GETTY IMAGES

Con(tra)dições da Europa

Quem diria que a União Europeia havia de dar um romance. Com certeza que em Bruxelas, como em qualquer outro lugar, não hão de faltar os materiais com que se fabrica uma história — ódios, amores, ambição, intriga e tudo o resto. Mas escolher a cidade como cenário, ainda por cima quando o autor não é de lá, sugere uma intenção deliberada de falar sobre a Europa. A Europa enquanto construção, entenda-se: uma entidade que aspira ao supranacional mas jamais conseguiu transcender as rivalidades entre os Estados que a compõem. Essa tensão permanente, geradora de conflitos que a demagogia aproveita com o sucesso que hoje vemos, é alimento natural para a sátira. E só espanta não ser usada assim com mais frequência. Tirando as reportagens aldrabadas que o então correspondente do jornal "Daily Telegraph" (um tal Boris Johnson) enviava de Bruxelas, entre 1989 e 1994, a UE não tem sido aproveitada pela ficção como devia. "A Capital" é uma tentativa — se não absolutamente fundacional, no mínimo pioneira — de compensar o défice.

O termo sátira requer alguma explicação no caso do presente livro. Ao contrário do que normalmente acontece nas sátiras, ele não constitui um ataque ao objeto satirizado. Na verdade, Robert Menasse, um escritor austríaco com queda para o ensaio, é um grande fã da União Europeia. A sua posição reflete-se nas palavras de um dos personagens de "A Capital", o professor austríaco Alois Erhart. Depois de explicar que as pessoas gostam de se definir como pertencentes a uma nação ("querem sentir-se melhores do que outros e, quando receiam os outros, querem logo partir-lhes a cabeça. Isso é perfeitamente normal, as pessoas são mesmo assim, o que interessa é que o orçamento nacional se mantenha dentro dos limites acordados"), ele defende expressamente a união fiscal e social, lamentando que o nacionalismo se mantenha ativo enquanto elemento de identificação coletiva e recomendando medidas como a substituição de todos os cartões de cidadãos nacionais por um único cartão europeu.

Antes que os leitores comecem a pensar que o livro é mais um intragável panfleto a favor da trivialidade autoimportante, convém referir que a palestra de Erhart não impede o autor de ver o potencial cómico dos trâmites burocráticos em boa parte do texto. E quando são referidas questões que se costumam pôr a respeito da Europa, é no contexto de histórias e memórias das personagens, as quais formam uma vasta combinação de almas, desde altos e não tão altos funcionários até um sobrevivente do Holocausto e um assassino místico. O próprio conceito de comemorar os 50 anos da Comissão Europeia em Auschwitz, discutível como soa, parece ser algo bastante sério para o autor, como aliás o seria o estabelecimento da capital europeia nesse lugar. Afinal, foi o imperativo de impedir para sempre outro Auschwitz que levou à criação da União, que já teve outros nomes. O acima referido plano de comemoração nasce como forma de incrementar o perfil de uma alta funcionária frustrada por a terem posto na área irrelevante da cultura, e acaba por sucumbir a objeções que não têm que ver com isso, mas são típicas: "DE (a Alemanha) pôs em causa a ideia de se apresentar Auschwitz como um alicerce da unificação europeia, acentuando que os muçulmanos da Europa não deverão ser excluídos do projeto de unificação europeia. (Concordância: UK, HU, PL, AT, HR, CZ)." Nessas condições é difícil, realmente. / **LUÍS M. FARIA**



★★★★

A CAPITAL

Robert Menasse
Dom Quixote, 2019, trad. de Paulo Rego, 411 págs., €19,90
Romance

★★★★

FUNDAÇÃO

Isaac Asimov
Saída de Emergência, 2019, trad. de Jorge Colaço, 288 págs., €17,70
Romance

Inspirado pelo "Declínio e Queda do Império Romano", de Gibbon, com umas pitadas de Spengler e Toynbee, Asimov concebeu um leque de histórias sobre um Império Galáctico e o seu longo ciclo de vida e morte. Ao primeiro volume da trilogia, "Fundação" (1951), seguiram-se outros dois, e quase no final da vida juntou-lhes mais quatro. Esta nova tradução reaviva o interesse por uma obra que teve a sua época. A FC é a arte da extrapolação, ou antecipação, de possibilidades. No cerne desta saga está uma ciência, a psico-história, através da qual o seu fundador, Hari Seldon, antevê o inevitável declínio do Império, elaborando um ambicioso plano para salvaguardar o saber de uma civilização que caminha para a implosão. Retira-se para um planeta na orla da galáxia e lança as sementes de um renascimento futuro. A Fundação é a sua base, o conhecimento o seu guia. Quando os acontecimentos assim o requerem, uma mensagem previamente gravada sugere uma saída do impasse. Salvor Hardin segue à risca essa forma de não-agir, esperando que a crise esteja madura. São célebres os seus epigramas. "A violência é o último recurso dos incompetentes", ou "Compensa ser óbvio, em especial se se tem a reputação de ser subtil". As inevitáveis intrigas e as lutas de poder são ocasiões para que se desenrole o Plano. Usando a tecnologia mais avançada, os membros da Fundação recobrem a ciência com as vestes da religião. Como disse Arthur C. Clarke "qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia". Depois, com o passar dos séculos, desponta o tempo dos mercadores e a astúcia comercial de Hober Mallow. "A guerra toda é uma luta entre dois sistemas, entre o Império e a Fundação, entre o grande e o pequeno."
/ **JOSÉ GUARDADO MOREIRA**

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Charles, antes de Darwin

Das muitas abordagens biográficas possíveis à figura de Charles Darwin, a dupla Christian Clot (texto) e Fabio Bono (desenho) escolheu felizmente uma das menos óbvias. Antes do extraordinário trabalho do naturalista, na recolha de espécimes em todo o mundo que viriam a corroborar a sua teoria da seleção natural, como motor da evolução das espécies, houve um rapaz que teve dúvidas sobre o caminho a seguir, um aluno "sem nenhum brilho nem paixão pelos estudos académicos", que podia muito bem ter-se contentado com o lugar de pastor que o pai lhe destinava.
É sobre esse período de indecisão, quando o jovem Charles estava muito longe de ser o Darwin das longas barbas brancas (essa prevalecente imagem do sábio que abalou os fundamentos da biologia), que este primeiro volume se detém. Em 1831, com 22 anos, Charles conclui a universidade, em Cambridge, e um conjunto de acasos, mais o apadrinhamento de um professor (Henslow), abrem-lhe a possibilidade de fazer "uma volta ao mundo pela ciência", a bordo do "Beagle", um navio hidrográfico que é, em si mesmo, um microcosmos fascinante.
O texto de Clot consegue articular com eficácia os vários factos conhecidos sobre a vida de Darwin nesta época (recorrendo aos seus próprios escritos, diários e correspondência, bem como aos depoimentos de pessoas que lhe eram próximas), mantendo uma dinâmica narrativa bastante fluida, sem prescindir dos pormenores e de uma certa profundidade no desenho das várias personagens que com ele viajaram: do desconfiado comandante FitzRoy (que não gostou do "carácter" do seu nariz) ao execrável McCormick (cirurgião e naturalista oficial do "Beagle", que lhe tenta sabotar o trabalho em vão, acabando humilhado, substituído e expulso do navio), passando pelos três índios da Terra do Fogo, que tinham sido levados para Inglaterra uns anos antes e voltavam agora a casa, já polidos pela civilização.
Num estilo clássico e límpido, o traço de Fabio Bono coloca-se ao serviço da história, talvez com excessiva diligência. Embora a paleta seja abrangente, oscilando entre os tons contidos das sequências em Inglaterra e a explosão cromática das selvas da América do Sul, um pouco mais de criatividade na fuga a uma esquadria quase sempre rígida seria bem-vinda (o sonho em que Darwin é perseguido por um tatu gigante é das poucas exceções). Ainda assim, o resultado final recomenda-se e alimenta a expectativa em relação ao segundo volume.

/ **JOSÉ MÁRIO SILVA**

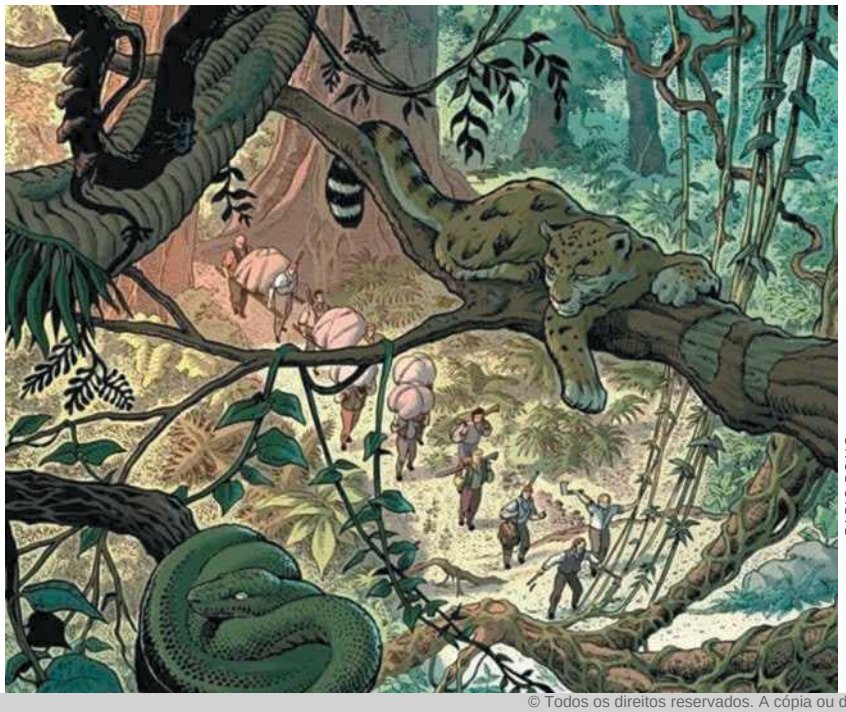
★★★★

DARWIN — A BORDO DO BEAGLE

Christian Clot e Fabio Bono

Gradiva, 2019, trad. de Elsa Venturini, 56 págs., €16,50

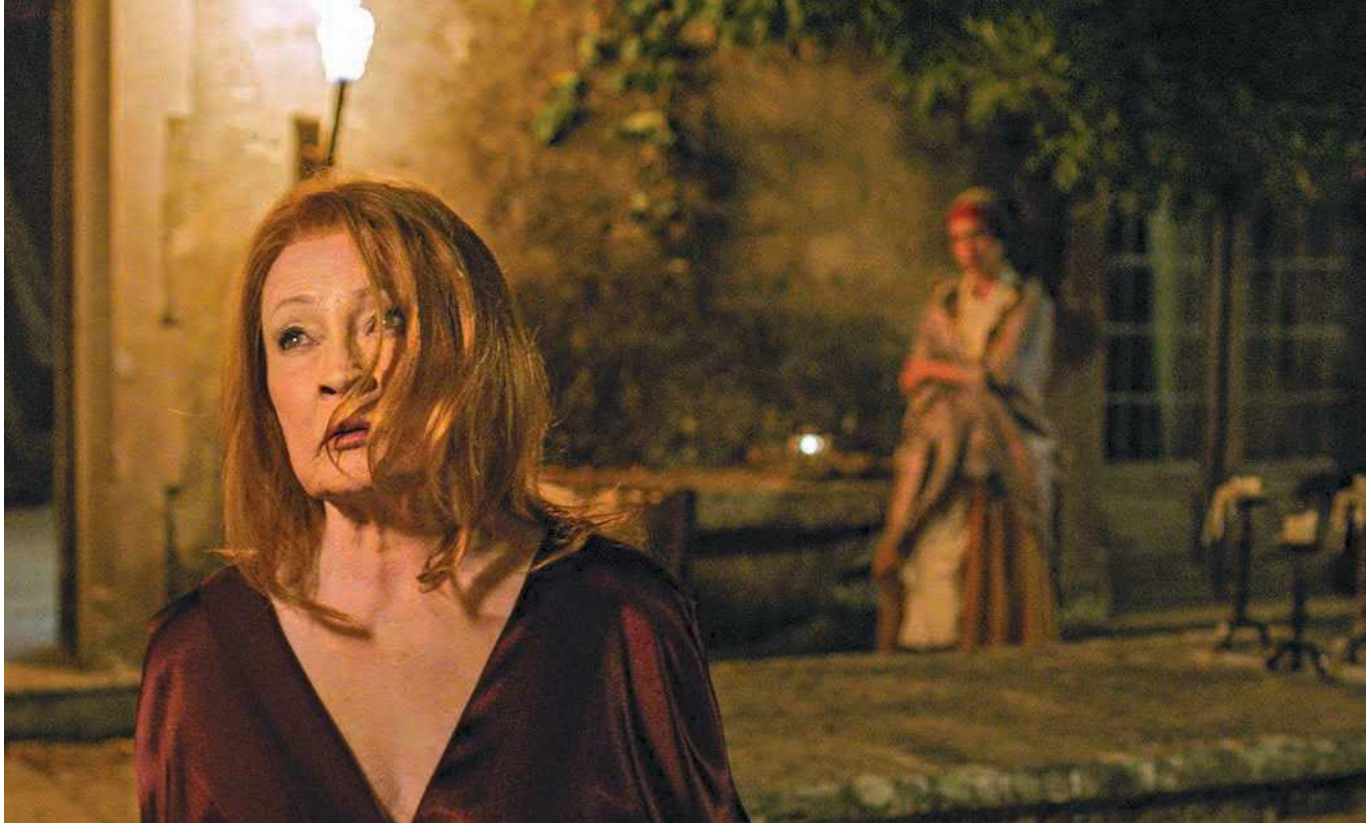
Banda Desenhada



FABIO BONO

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Cinema



Ingrid Caven, majestosa, é "um rasgão na pintura" em "A Portuguesa"

No rasto de uma sibila

Ele é um senhor da guerra. Ela, a esposa que o espera. Vêm de um conto de Musil adaptado por Agustina Bessa-Luís. E assim nasce "A Portuguesa", belo filme de Rita Azevedo Gomes. Conversa com a cineasta

TEXTO **FRANCISCO FERREIRA**

Rita Azevedo Gomes, no Festival de Berlim: "Neste filme, o tempo é um protagonista"

★★★★

A PORTUGUESA
De Rita Azevedo Gomes
Com Clara Riedenstein, Marcello Urgeghe, Ingrid Caven (Portugal)
Drama M/12

Já aqui falámos de Von Ketten, esse "senhor dos grilhões" que desposou uma jovem portuguesa e a deixou presa no seu castelo, a cuidar dos filhos. E ele mal vem a casa, vive para a guerra, anos a fio, num combate sem tréguas contra o bispo de Trento, no norte de Itália e num tempo que nem livro nem filme especificam com exatidão. Von Ketten (Marcello Urgeghe) é um homem "que já tem o guião feito, faz o que tem que fazer, herdou a paixão pela guerra da família", disse-nos Rita Azevedo Gomes quando apresentou este belo filme em estreia europeia, há poucos dias, no Festival de Berlim. Já a portuguesa de magníficos cabelos ruivos é um enigma de sabedoria que confia na espera. As suas armas não são as da heroína de "A Vingança de uma Mulher", outro filme notável que Rita Azevedo Gomes nos deu há sete anos, a partir de Barbey d'Aurevilly. Não, esta portuguesa prefere a subtileza à violência. Desafia o seu destino, pela paciência, aguardando que aquele a recompense. Na verdade, nunca saberemos grande coisa dela — nem sequer o seu nome —, mas aprenderemos a reconhecer nos seus gestos a inteligência do universo feminino. "Nem o Musil nem a Agustina tiram conclusões desse universo, não há explicações, não sabemos o que vai na cabeça da personagem. O que me interessa é o enigma, porque o facto, como escreveu Agustina na badana de um certo livro, 'já é em si uma ruína'. É bonito que as coisas permaneçam abertas."

DE MUSIL A AGUSTINA

"Comprei o livro de Musil por acaso, porque gostei da capa, há muitos anos, numa visita a um alfarrabista do Porto", contou a cineasta. "Anos mais tarde fiz uma curta-metragem que me foi encomendada, 'A Conquista de Faro' [2005], que a Agustina escreveu. Num dos nossos intermináveis almoços no Grémio Literário, ela falou-me um dia de Musil e de 'A Portuguesa' [um dos três contos de "Três Mulheres"]. Lembrei-me então que tinha o livro na prateleira de casa. Ficámos intrigadas pela origem da personagem. Uma portuguesa no conto de um austríaco, porquê? Segundo Agustina, a influência de Musil terá vindo de uma visita dele ao Museu do Prado, onde viu 'Retrato de Isabel de Portugal', de Ticiano. Há memorandos no Prado que o comprovam: o retrato daquela mulher ruiva — e por isso procurei uma atriz igualmente ruiva — causaram-lhe fortíssima impressão. Depois de, com muito custo, conseguir os direitos para a adaptação do conto, pedi a Agustina que escrevesse o guião, isto por volta de 2006/2007. Recebi meia dúzia de páginas, magníficas, essencialmente diálogos com breves didascálias. Foi provavelmente das últimas, senão a última coisa, que Agustina escreveu [antes de adoecer]."

INGRID CAVEN

"A Portuguesa" não é de todo um filme agarrado a uma ideia de filme de época. Tudo o que aparece nos planos, dos *décors* ao guarda-roupa, da composição de Acácio de Almeida (este é mais um extraordinário trabalho do diretor de fotografia português) às canções de José Mário Branco (também ele colabora há muito no cinema de Rita Azevedo Gomes), é de um rigor intransigente que rechaça a banalização. É indesmentível o investimento deste filme nos seus quadros, inegável a sua elegância. Mas o 'filme de época', esse, está constantemente a ser dinamitado. "Quando comecei a pensar na representação deste filme fui-me aproximando de um tempo coincidente com o do fim da Idade Média. Acontece que, dessa época, não temos referências — e isso permitiu-me uma liberdade de movimentos enorme. Porque a pintura medieval é hirta, imóvel, figurativa: só com o Renascimento os

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

quadros começam a ter movimento interior, teatralidade: é o momento em que os sentimentos, o sorriso e a dor, as emoções, começam a entrar para dentro dos quartos e a fazer parte das nossas vidas." Esta liberdade de movimentos de que fala Rita Azevedo Gomes tem porventura a sua maior expressão na personagem daquela narradora/trovadora vestida de negro (ela canta, entre outras, 'Under der Linden', canção atribuída ao poeta alemão medieval Walther von der Vogelweide), chamemos-lhe antes uma 'assombração' que paira sobre a existência dos Von Ketten, noutra personagem sem nome encarnada pela majestosa Ingrid Caven. Essa personagem não existe nem no conto de Musil nem na adaptação de Agustina. Foi uma criatura que Rita Azevedo Gomes inventou. E a cineasta explica-nos porquê: "É que eu tenho horror aos filmes demasiado arrumados. A Ingrid Caven aparece por causa disso: ela é um rasgão na pintura, uma facada na tela, atravessa todos os tempos. E ao mesmo tempo é a mítica Caven do cinema e de tantos filmes com ela de que gostamos, uma presença única. Ela traz o filme para os nossos dias. Olha para as personagens do filme, fala para elas, e em simultâneo dirige-se a nós, espectadores."

TEMPO

"A Portuguesa" exige-o de nós, pela sua sensibilidade e intuição, e se é um filme de espera, sabe aproveitar o luxo do tempo. Não é o tempo no cinema "uma ilusão que nós inventamos?", continua Rita Azevedo Gomes. "Neste filme, o tempo é um protagonista. É por isso que a personagem não envelhece. Porque ela permanece a mesma pessoa, fiel às suas convicções. A vida dela passa por aceitar aquele papel — e saber estar. Daí que não haja pressas. Descobri que não precisava delas. Na montagem, experimentei imensas coisas e sentia que, quando encurtava as cenas ou acelerava a ação, elas perdiam a consistência. No texto de Musil, na adaptação de Agustina, aquilo que eles escrevem não tem princípio e fim. Não é uma história de 'era uma vez...' São pedaços de vidas. E foi do ritmo daquelas vidas que eu me quis aproximar. A Ingrid Caven, que só viu o filme agora em Berlim, falou-me imenso deste assunto, disse-me que este é um filme que 'pede para ficar'. E eu também não tenho nenhuma pressa interior de correr para a frente, de sair dali." ●

★★★

BUCHA & ESTICA

De Jon S. Baird

Com Steve Coogan, John. C. Reilly, Nina Arianda (Reino Unido/Canadá/EUA)

Comédia dramática M/12

ESTREIA Este é um filme sobre Stan Laurel & Oliver Hardy ou Bucha & Estica, como por cá foram crismados no tempo do 'mudo', quando os cómicos ganhavam alcunhas populares que variavam de país para país e ficavam como uma segunda pele nacional; assim Chaplin era Charlot, Buster Keaton era Pamplinas, e por aí fora. Fizeram muitas dezenas de filmes ao longo de quatro décadas, curtos e longos, saltaram do 'mudo' para o sonoro sem beliscadelas notórias, foram, provavelmente, a dupla cómica mais famosa de toda a história do cinema. Hoje, todavia, estão bastante esquecidos e estou disposto a apostar que, entre os menores de vinte anos, raríssimos serão os que tenham visto qualquer dos seus filmes. Há uma razão simples para isso, eram comediantes geniais, mas o produtor com que trabalharam quase toda a vida — Hal Roach — nunca lhes deu realizadores à altura. Quando Stan Laurel, o Estica que era o cérebro da dupla, tentou controlar mais o seu trabalho, reclamando autonomia, acabou despedido — e Bucha & Estica começaram a decair para o oblívio. É nesse momento que este filme começa, seguindo, em particular, a *tournée* nos palcos britânicos no início dos anos 50 que seria o seu derradeiro momento de fama. Stan Laurel é Steve Coogan e Oliver Hardy é John. C. Reilly — e aceitamo-los instantaneamente, o que não é dizer pouco quanto aos seus desempenhos. Mas o filme não é cómico, é uma história de ocaso, de ressentimentos, de ilusões perdidas. O charme nostálgico dos últimos dias de glória — e um pingo de tristeza.

/ **JORGE LEITÃO RAMOS**

Um lamento pelas Filipinas

Falar da obra de Lav Diaz, ontem como hoje, implica falar de um cineasta que tem narrado sem cessar a história política recente das Filipinas. Do país tantas vezes colonizado (por espanhóis, americanos, japoneses...) e "sem memória e sem imagens" (como o realizador costuma recordar da sua trincheira de combate), tornou-se Lav, pelo poder da ficção, o maior cronista das suas ruínas. Ele tem incidido nesse momento de fratura e de tragédia coletiva que é o da chegada do ditador Ferdinando Marcos ao poder, e nos anos negros que se seguiram à Lei Marcial por aquele imposta, em 1972. As Filipinas não querem recordar o período. O povo evita, por medo ou ignorância, confrontar-se com o seu passado. Mas o cineasta constata que as violações à Constituição e aos direitos humanos, os assassínios e as perseguições, não foram travados com o fim de Marcos. Os descendentes deste continuam politicamente ativos, a mesma propaganda ainda envenena a sociedade — e agora o rosto no poder é o de Duterte. "A Estação do Diabo" passa-se em 1979, numa aldeia do sul do país controlada por uma milícia criada pela ditadura e que aterroriza os camponeses. Uma médica desaparece, o marido, escritor e poeta, procura o seu paradeiro, eles encarnam a Resistência. Outra mulher, vista como bruxa, enlouqueceu com o martírio da sua família. E também há enigmáticos personagens com duas caras. Mas há uma particularidade aqui: é que "A Estação do Diabo", exceção feita à voz *off* que abre o contexto histórico, é um filme cantado *a capella* (nem sempre com acerto) pelos seus intérpretes, em coro ou a solo, como se a atmosfera desta missa satânica, com momentos de expressividade dramática intensos, tratasse de esconjurar o despotismo e a violência. É uma "ópera rock" composta pelo cineasta (ele também é músico) a partir de histórias reais. Um lamento dos traumas do país. Estreado na competição de Berlim em 2018, "A Estação do Diabo" não é, seguramente, a mais esclarecida porta de entrada no universo do grande cineasta filipino (a defesa desta obra tem sido um cavalo de batalha desde "Evolution of a Filipino Family", 2004), tão-pouco o filme mais significativo de Lav nesta década se comparado com "The Woman Who Left" (Leão de Ouro em Veneza 2016) ou o extraordinário "From What Is Before" (Leopardo de Ouro em Locarno 2014). Dito isto, e apesar da facilidade de ter 'apenas quatro horas' (Lav já fez filmes de sete e de oito) não deixa de ser uma experiência de cinema radicalmente singular — a sua estreia comercial nas salas portuguesas, mesmo circunscrita por escassas sessões, não é menos do que um acontecimento. / **F.F.**

★★★

A ESTAÇÃO DO DIABO

De Lav Diaz

Com Piolo Pascual, Shaina Magdayao, Bituin Escalante (Filipinas)

Drama/Musical M/14

Homens de duas caras, figurações diabólicas na mais recente longa-metragem de Lav Diaz

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Qiao (Zhao Tao), a personagem central de "As Cinzas Brancas Mais Puras", na primeira parte do filme

Matéria dada

Pelo menos desde "China — Um Toque de Pecado" (2013) que Jia Zhang-ke tem sido sistematicamente acusado de se ter 'aburguesado'. Pergunta-se: como se explica que o autor que, de um modo mais livre, mergulhou no quotidiano da China contemporânea se tenha deixado aprisionar pelo cinema de género e, em particular, pelas normas (mesmo que revistas) do melodrama romanesco? Damo-lo de barato: a obra de Zhang-ke não é, hoje, o que esperávamos que ela viesse a ser há vinte anos. Mas isso não significa que ela tenha degenerado. Parece-nos, até, que a inflexão dramática do seu cinema constitui apenas uma forma (mais ou menos feliz) de reanimar o desejo que o norteou desde o início: o de auscultar as mutações políticas do seu país, por via de uma linguagem que procura combinar organicamente a ficção e o documentário.

É esse desejo que alimenta ainda "As Cinzas Brancas Mais Puras". Nele, o que temos? A turbulenta história de um casal que se vai sucessivamente separando e reunindo, ao longo de uma narrativa dividida em três capítulos e três tempos. No primeiro, aterramos na China de 2001 — nomeadamente, na cidade de Datong — para seguir a relação entre um mafioso e a sua amante (papel de Zhao Tao, a mulher de Zhang-ke). Cedo se percebe que o que mais cativa a câmara é, de novo, a possibilidade de se apoiar no drama para sondar o seu contexto, no caso: o de uma cidade mineira que, graças à abertura da China ao Ocidente (a música dos Village People e as danças de salão invadem as discotecas locais), se vai desindustrializando e desagregando. Este diálogo entre a superfície e o fundo marcará também os dois capítulos seguintes, que são espoletados por um sacrifício: o da mulher, que, tendo usado o revólver do amante para impedir que ele fosse morto por um gangue rival, dirá depois à polícia que é ela própria a proprietária da arma. O encobrimento vale-lhe uma pena de prisão de cinco anos, no fim dos quais ela descobrirá que a sua cara-metade a trocou por outra, e que a China que conhecia já não existe, submetida que está a um processo de modernização que teve o condão de transformar os *gangsters* de outrora em CEO de empresas públicas. Forçada a reconstruir a vida sozinha, a protagonista regressará a Datong para se tornar a gestora de uma casa de jogo ilegal. É aí que a encontraremos no último episódio do filme (cuja ação decorre em 2016, numa China já plenamente ocidentalizada): aquele em que ela se dispõe a acolher em casa o seu ex-amante, que vive agora ancorado a uma cadeira de rodas por causa de um AVC.

Sobre a maneira como Zhang-ke encerra a história, nada diremos. O que importa questionar é a situação de um projeto que, na sua tentativa de se reinventar, ficou a meio caminho entre dois territórios que têm dificuldade em se unificarem: o do melodrama e o do documentário. De facto, a pulsão documental deste filme traduz-se numa série de notas soltas, que o cineasta enxerta de um modo algo inorgânico no corpo de uma odisseia passional, à qual falta espontaneidade: tudo nela foi pensado para sobrecarregar as cenas com uma melancolia artificial, que sufoca o *pathos* à nascença. Pior: essas notas soltas limitam-se, às vezes, a rever a matéria dada (a cena que alude à construção da Barragem das Três Gargantas parece ter sido feita com as sobras de "Still Life"). Na verdade, este novo Zhang-ke procede amiúde por *cut and paste*, agregando elementos que já se encontravam presentes nos seus filmes anteriores (a hiperviolência de "China — Um Toque de Pecado" ali, as figuras marginais de "Plataforma" acolá...). Daí a sensação de estarmos perante uma espécie de *best of*, isto é: uma coleção dos lugares comuns de um cinema que, diríamos, é ainda demasiado jovem para se autorrevisitar.

/ **VASCO BAPTISTA MARQUES**

★★★

AS CINZAS BRANCAS MAIS PURAS

De Jia Zhang-ke
Com Zhao Tao, Liao Fan, Diao Yi'nan (China/França/Japão)
Drama/Romance M/14

★

ERVAS DANINHAS

De Kheiron
Com Kheiron, Catherine Deneuve, André Dussollier (França/Bélgica)
Comédia M/14

ESTREIA Waël cresceu nas ruas de Paris e sobrevive à custa de pequenos golpes com a sua 'sócia' reformada, Monique, atacando idosos em parques de estacionamento de supermercados. Um amigo dela, Victor, arranja emprego mais digno ao rapaz, mas os golpes continuam. Escrito, realizado e interpretado pelo humorista Kheiron a partir da sua experiência de vida, "Ervas Daninhas" é mais uma comédia francesa em jeito de fábula modernaça que, para se legitimar, recorre a grosseirismos e *clichés* de toda a espécie (incluindo *flashbacks* da infância do protagonista que resvalam para a pornografia da miséria). Deneuve e Dussollier, tentando algo diferente, deram a cara, mas o resultado não passa de um *sketch* interminável de boas intenções.

/ **FRANCISCO FERREIRA**

★

IMAGENS PROIBIDAS

De Hugo Diogo
Com Elmano Sancho, Diana Costa e Silva, Ana Vilela da Costa (Portugal)
Drama M/14

ESTREIA Há, em "Imagens Proibidas", um esforço de seriedade na história de um homem desencantado com a existência que resolve, através de fotografias de mulheres, encetar um jogo que se destina não tanto a praticar a sedução como a espoletar sentimentos entre as fotografadas. O problema é que, nessa vontade de se abeirar de coisas tão profundas como o sentido da vida ou a falta dele, Hugo Diogo não evita uma retórica pesada, como se martelar aforismos fosse uma forma de pensar. Esse lastro de oralidade é uma tentativa de colmatar a ausência de nervo visual, de intensidade fílmica, de emoções que nunca chegam até nós. As sessões de fotografia — mais elípticas que materializadas — são a melhor prova das carências do filme.

/ **JORGE LEITÃO RAMOS**

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

★

O FANTASMA DA SICÍLIA

De Fabio Grassadonia e Antonio Piazza
Com Julia Jedlikowska, Gaetano Fernandez, Corinne Musallari
(Itália/França/Suíça)
Drama/Romance M/14

Na base do filme está a vontade de recriar uma história real: a de um adolescente de uma pequena vila siciliana que, em 1996 (e por ser filho de um informador), foi sequestrado e assassinado pela máfia local. Para abordar este crime grotesco, "O Fantasma da Sicília" tratará de filtrá-lo através de um ponto de vista improvável: o da namorada do rapaz — a única personagem que procura sacudir o manto de silêncio que, por medo, a sua comunidade se apressa a estender sobre o assunto. Não será preciso esperar muito, porém, até que se perceba que o filme se esconde por trás da protagonista para evitar confrontar-se com a extrema violência do mundo no qual mergulha. Em vez disso, ele barricar-se-á confortavelmente no território do onírico, circulando pelos pesadelos em que a rapariga parte em busca do desaparecido. Compreende-se a estratégia de defesa adotada, mas o que dela resulta é francamente dececionante: uma obra que tenta fazer passar a sua cobardia como uma manifestação de pudor, e que procura maquilhar o abjeto por intermédio de um sem número de langorosos *travellings* e de apontamentos poéticos, que só se destacam pela sua inanidade. / **V.B.M.**

★★★★

SE ESTA RUA FALASSE

De Barry Jenkins
Com KiKi Layne, Stephan James, Regina King (EUA)
Drama/Romance M/14

"Black is beautiful!" — parece gritar, a cada passo, a cada fotograma, este filme que Barry Jenkins foi buscar a um livro de James Baldwin, história de amor trágica em Harlem na primeira metade dos anos 70. "Black is beautiful!" — proclamam as imagens douradas, sem grão, sem 'sujidade', com que a câmara acaricia os rostos, os corpos, a pele e os sentimentos de Tish/KiKi Layne e de Alonzo/Stephan James que hão de querer levar o amor e a vida por diante, numa América onde ser negro é ser uma pessoa de segunda, no melhor dos casos, a roçar uma quase não-pessoa, lá mais para sul. Mas ser negro nos Estados Unidos, ser um afro-americano (como se começou a dizer mais tarde) não é uma identidade homogénea, como se vê quando os primeiros problemas começam a surgir e os antagonismos ideológicos, confessionais, fazem a sua aparição. É claro que do outro lado da barreira, do lado em que a dominância da outra cor da pele torna o racismo uma horrível realidade social, as coisas são mais feias, mas este não é um filme a mostrar uma contradição, antes uma miríade. Grande é a sua inteligência e sensibilidade, com o oscarizado desempenho de Regina King a assumir uma mãe inesquecível. / **J.L.R.**

ESTRELAS DA SEMANA

	Francisco Ferreira	Jorge Leitão Ramos	Vasco Baptista Marques
Bucha & Estica		★★★	
As Cinzas Brancas Mais Puras	★★★★	★★★★	★★★
Correio de Droga		★★★★	★★★★
Ervas Daninhas	★		
A Estação do Diabo	★★★		
O Fantasma da Sicília			★
A Favorita	★★★	★★★★	★★
Green Book – Um Guia Para a Vida	★★★	★★★	★★
Imagens Proibidas		★	
Os Irmãos Sisters		★★★★	
A Portuguesa	★★★★	★★	★★
Se Esta Rua Falasse	★	★★★★	★★
Todos Sabem	★	★★★	★★
Vice	★★★	★★★★	

DE ● MÍNIMO A ★★★★★ MÁXIMO

EXPRESSO

TNSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Março 2019

O Resto Já Devem Conhecer do Cinema

Teatro Nacional São João
27 mar – 14 abr · qua+sáb **19:00**
qui+sex **21:00** dom **16:00**
27 mar · qua **21:00**
Estreia

de **Martin Crimp**
encenação **Nuno Carinhas, Fernando Mora Ramos**
produção **TNSJ**
em colaboração com **Teatro da Rainha**
M/12 anos

Teatro Nacional São João
7 mar · qui **18:30**

99: Um Ano para o Centenário

Vídeo nas Praças
Programa dos 100 Anos
Atos Performativos

Teatro Carlos Alberto
8-17 mar · qua+sáb **19:00**
qui+sex **21:00** dom **16:00**

Ter Razão

texto e encenação **Ricardo Alves**
cocriação **Ensemble, Teatro da Palmilha Dentada**
coprodução **Ensemble – Sociedade de Actores, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, TNSJ**
M/12 anos

Mosteiro de São Bento da Vitória
21-23 mar · qui+sex **21:00** sáb **19:00**

Olo: Um Solo Sobre Um Solo

encenação e interpretação **Igor Gandra**
produção **Teatro de Ferro**
M/12 anos

Mosteiro de São Bento da Vitória
19 mar · ter **21:00**

Leituras no Mosteiro

Jean Anouilh

Teatro Carlos Alberto
30+31 mar · sáb **10:00-13:00**
+ 14:30-17:30 dom **14:30-17:30**

Gil Vicente, visitações

Projeto desenvolvido com a comunidade escolar

www.tnsj.pt

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

O TNSJ É MEMBRO DA UNIÃO TEATROS EUROPA

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Televisão

Cumprir o destino da Humanidade

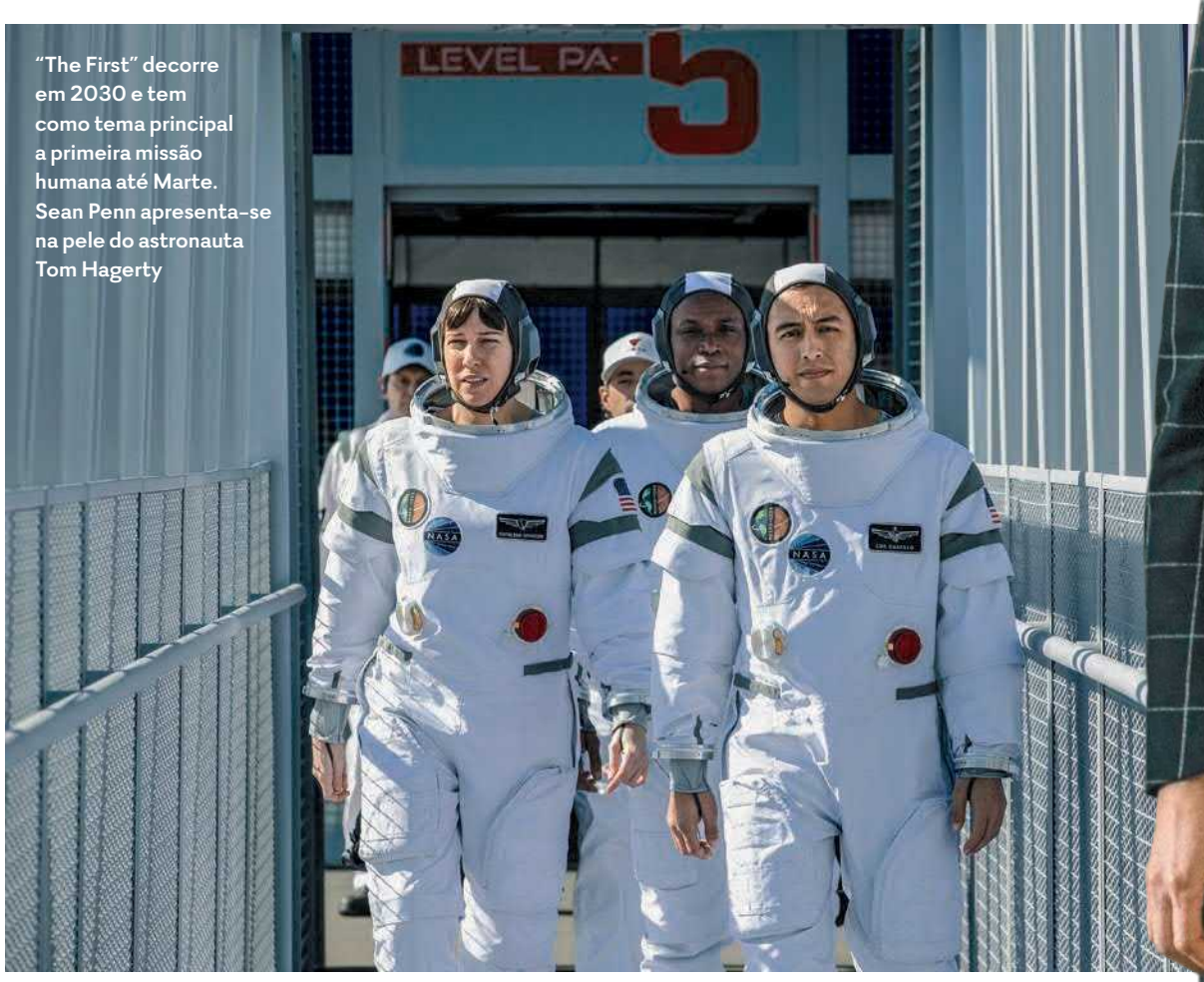
O espaço continua a alimentar a ficção e as produções sobre a conquista de Marte são uma tendência. Beau Willimon, criador de "House of Cards", apresenta a sua nova série: "The First" estreia-se na terça-feira no AMC

TEXTO **JOÃO MIGUEL SALVADOR**

Não há apenas uma receita para alcançar o sucesso e é também da diversidade de trabalhos que se constrói uma carreira. E isso é tão mais verdade quanto mais criativa for a carreira em causa. Beau Willimon sabe disso e sabe também que depois de assinar grandes trabalhos teria de se apresentar em grande forma para que o seu nome voltasse a ser ouvido. É que escrever o argumento de "Nos Idos de Março" (que lhe valeu uma nomeação ao Óscar) e criar a série "House of Cards" trouxe consigo um peso avultado e o desafio de fazer ainda melhor tornou-se gigante. Depois, o recém-chegado filme "Maria, Rainha dos Escoceses" aumentou as expectativas para o que seria o seu próximo projeto.

Chegou a hora de conhecê-lo e "The First" promete ser um novo marco no seu percurso. Desta vez, foi uma música a transportá-lo para este universo. Estava a conduzir quando o som do saxofone barítono de Colin Stetson em 'In Love and In Justice', que soa como se de vários instrumentos se tratasse, lhe entrou pelas colunas do carro. E esse foi o momento exato em que a série nasceu, contrariamente ao que acontece na maior parte das vezes. "É sempre difícil apontar o momento de inspiração para cada projeto. Mas neste caso consigo fazê-lo", disse em declarações enviadas ao Expresso.

O projeto ganhou tração logo ali e a primeira imagem da série surgiu de imediato, enquanto o som da música ainda se ouvia. Foram três anos de amadurecimento da história, com a ajuda de AJ Marechal, Francesca



"The First" decorre em 2030 e tem como tema principal a primeira missão humana até Marte. Sean Penn apresenta-se na pele do astronauta Tom Hagerty

FOTOGRAFIAS PAUL SCHRIMALDI/HULU

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Sloane e Francine Volpe, até chegar ao ponto em que hoje se encontra. "É sobre a primeira missão a Marte no início dos anos 2030", avança Willimon, explicando como lidou com aquele que será "o maior feito da história da Humanidade" sem fazer dele um mero filme interplanetário. "Num nível mais profundo, é sobre viagens; não apenas para outros planetas mas também interiores." Esta não é uma série que espelhe tanto o lado científico com a criação do National Geographic "Marte" — que cruza uma narrativa ficcional com trechos documentais e que está agora disponível na Netflix. Em "The First", o objetivo é também levar o público para o centro dos acontecimentos, dando-lhe "uma visão íntima sobre as personagens, enquanto estas tentam alcançar o desconhecido", explicam os responsáveis pelo AMC em Portugal. Na série, as personagens terão de lidar com os "desafios psicológicos e físicos necessários para alcançar o impossível". E esse impossível é mesmo chegar ao Planeta Vermelho, ao mesmo tempo que se lida com problemas mais mundanos.
A grandeza de se conseguir um feito que muda o rumo da história — por enquanto, chegar a Marte ainda só alimenta a indústria aeroespacial e a ficção, sem que se saiba ao certo quando será possível caminhar no planeta — é apresentada com a mesma força das tristezas quotidianas de um astronauta e é dessa dicotomia que também vive "The First". É que uma profissão de sonho também tem os seus dramas e mexe de forma definitiva nas vidas das famílias que ficam em Terra (enquanto veem aqueles que mais amam partir rumo ao desconhecido). É o caso do astronauta Tom Hagerty (Sean Penn), líder da missão para Marte, e da filha (interpretada por Anna Jacoby-Heron), assim como de quem idealizou a viagem. Laz Ingram (vivida pela atriz Natascha McElhone) é a visionária responsável por esta loucura criada com o objetivo de cumprir o destino da Humanidade. A Sean Penn (vencedor de dois Óscares pela sua participação em "Milk" e "Mystic River"), Anna Jacoby-Heron e Natascha McElhone (dos filmes "The Truman Show — A Vida em Directo" e "Solaris" e das séries "Sobrevivente Designado" e "Californication") juntam-se nomes como LisaGay Hamilton, Anna Jacoby-Heron, Rey Lucas e Keiko Agena no elenco.
"The First", uma série original da Hulu — a plataforma de *streaming* norte-americana que criou a distópica "The Handmaid's Tale" —, é a nova aposta do AMC em Portugal e conta com oito episódios. A estreia nacional da primeira temporada, cujos capítulos contam com realização de Deniz Gamze Ergüven, Agnieszka Holland, Ariel Kleiman e Daniel Sackheim, acontece na televisão linear (depois de o mercado norte-americano apenas a ter visto em *streaming*). A chegada do primeiro episódio ao AMC está marcada para a próxima terça-feira, pelas 22h10, e será apresentada ao ritmo de uma nova parte por semana. Até ao momento, ainda não é conhecida qualquer decisão sobre uma possível segunda temporada. Marte continua à espera dos primeiros colonos. ●

jmsalvador@expresso.impresa.pt

THE FIRST
De Beau Willimon
Com Sean Penn, Anna Jacoby-Heron, Natascha McElhone, LisaGay Hamilton
AMC, estreia terça-feira, 22h10
(Temporada 1)

PRODUZIMOS EMOÇÕES!

BILHETES À VENDA **WWW.TICKETLINE.PT**
INFO E RESERVAS **LIGUE 1820** (24h)

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Música

RITA CARMO

Branko apresenta "Nosso" no Maus Hábitos, Porto, hoje, a partir da meia-noite

Dancemos no mundo

O segundo LP de Branko é um dedo apontado para o futuro da música feita em Portugal

TEXTO **MÁRIO RUI VIEIRA**

★★★★★

NOSSO
Branko
Enchufada

O que deve ser um álbum de música eletrónica hoje? Quando, onde e em que circunstâncias pode ser mais bem escutado? Colocadas em 2019, estas questões, que parecem ser das mais prementes a borbulhar na cabeça de Branko neste momento, vão tendo as mais variadas respostas, musicadas de múltiplas formas por artistas tão díspares quanto o recente 'fenómeno' Conan Osiris, o maestro do hip-hop Stereossauro, emergentes exemplos de latinidade como Rosalía ou J Balvin, o belga Stromae e a sua efervescência francófona ou mesmo nomes das eletrónicas de ponta como Arca, Sophie ou Yves Tumor. "Nosso" encerra em si as respostas a que chegou aquele que era o elemento-chave dos extintos Buraka Som Sistema. Se são conclusivas? Não. Mas também a intenção não é essa: o questionamento constante é necessário, hoje mais do que nunca, e é ele que leva à evolução e nos faz saltar para um futuro com todas as possibilidades em aberto. Em "Atlas", Branko apresentava-se pela primeira vez em nome próprio com um coletivo de canções que tinham por base um "conceito mais fechado" de abertura ao mundo (não, não há qualquer contradição aqui), "Nosso" traz esse mundo para um país que tem vindo a ganhar um novo brilho a cada dia que passa. E todos os apoderamentos de culturas alheias aqui feitos ganham um novo contexto numa Lisboa, cidade musa do artista e produtor, que já não é menina e moça... é uma cidade crescida, amadurecida, que acolhe tantos quantos aqueles que lá couberem.

"Para este disco, senti que não houve limite", explica Branko, em entrevista ao Expresso, "sabia que ia começar em Lisboa, depois seguir para todo o lado, sem limites linguísticos, de coordenadas geográficas ou musicais, e regressar a Lisboa para o terminar aqui." A partida de Lisboa é algo que assume fazer parte da sua identidade enquanto artista, "vai sempre começar aqui", mas os passageiros de luxo que trouxe para bordo nesta segunda viagem chegam das mais variadas proveniências, transformando "Nosso" num disco verdadeiramente do mundo. E não interessa se cantam em português, com mais açúcar ('Sempre' é interpretado de forma apaziguadora pela brasileira radicada em Portugal Mallu Magalhães) ou mais sal (Dino D'Santiago serve o seu condimento afro-infundido em 'Tudo Certo'), em francês (o afro-canadiano Pierre Kwenders destila sensualidade em 'Amours d'Été'), em inglês (o sol da Califórnia cintila na voz de Umi Copper em 'Stand By'; os falsetes de Cosima aquecem 'Hear from You', coproduzido por Sango; o veludo do registo grave de Miles From Kinshasa ecoa em 'Over There'), em espanhol (a 'Agua com Sal' da colombiana Catalina García traz pimenta à mistura), ou em que língua for, porque as canções que encontramos neste álbum superior transportam consigo elementos do mundo lusófono e expandem-nos para os quatro cantos do globo, sem concessões ou desculpas.

Mesmo os temas que não precisam de voz — 'Movimento', 'MPTS', 'Bleza' e 'Lucuma' (com a dupla peruana Dengue Dengue Dengue) — chegam, carregados de um balanço irresistível, para passar uma mensagem sem fronteiras. É talvez nesses quatro momentos de "Nosso" que melhor sentimos a atenção científica ao detalhe, que faz deste álbum de Branko um incontestável triunfo. Se preferimos ouvi-lo no conforto do quarto, numa viagem de comboio ou na pista de dança? Não interessa. Ouvi-lo-emos em todo o lado, com prazer. Se a música de dança continua a ser o que era há 20, 10 ou 5 anos? Não. Felizmente que não. É especialmente ela, com as suas infinitas possibilidades e muitas fórmulas esgotadas aos ombros, que tem por obrigação colocar os olhos no futuro, num futuro cheio de incertezas, que nos deixa excitados com tudo aquilo que está para vir e o que começa a chegar. O futuro já é nosso. ●

mrvieira@blitz.impresa.pt

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

BARTÓK: O CASTELO DO BARBA-AZUL

Bakonyi, Cook

POULENC: A VOZ HUMANA

Deshorties, Roriz (e), Carneiro (d), OSP

Centro Cultural de Belém, Lisboa, quarta e sexta, 20h, dia 10, 16h

É um díptico em que duas óperas surgem unidas por um mesmo fio condutor. E o que une "O Castelo do Barba-Azul", do húngaro Béla Bartók, e "A Voz Humana", do francês Francis Poulenc, é a encenação que Olga Roriz preparou para a quarta produção da temporada lírica do São Carlos. "A minha primeira abordagem foi centrar-me nos pontos em comum que haveria entre as obras, e não naquilo que as separa", conta a coreógrafa, notando que desde o início encontrou em ambas "um mesmo espaço fechado: o da solidão, o das más relações entre homens e mulheres, e o da traição". Estreada em 1911 e inspirada num conto de Charles Perrault, "O Castelo do Barba-Azul" conta a história de Judite, a quarta mulher do Barba-Azul, e da sua entrada no castelo do marido, que se pensa ter matado as anteriores esposas. Judite encontra sete portas fechadas e exige a sua abertura — e na sétima depara-se com as mulheres desaparecidas, ainda vivas. Já "A Voz Humana", que Poulenc estreou em 1958 a partir de uma peça de Jean Cocteau, é o longo monólogo de uma mulher (Ela) abandonada que tenta recuperar o amante durante uma conversa telefónica. "A forma mais óbvia de juntar os dois enredos foi colocar a personagem de Ela, da ópera de Poulenc, como uma das mulheres cativas dentro do castelo de Barba-Azul", explica Olga Roriz. É o primeiro rosto que o público vê, a espreitar do outro lado da sétima porta, e a figura que guiará Judite para dentro do castelo. Outro ponto de ligação é uma dúvida que, segundo a encenadora, poderá instalar-se na segunda parte do espetáculo: "Será que a mulher que fala ao telefone, fala na verdade com Barba-Azul? Será ele quem está do outro lado da linha?" Diga-se que, nesta produção, qualquer adereço é imaginário. "Não há um telefone, uma cadeira. Todos os elementos sustentam-se pela interpretação", revela Olga Roriz, para quem encenar estas obras constituiu um "verdadeiro desafio", partilhado com Joana Carneiro à frente da Orquestra Sinfónica Portuguesa e de um elenco formado por Marcell Bakonyi, Allison Cook e Alexandra Deshorties (na foto). / **LUCIANA LEIDERFARB**

A DESARMONIA DAS ESFERAS

A CHAMA NUNCA SE EXTINGUIU

/ JOÃO LISBOA

"Quando era miúdo e pedia dinheiro ao meu pai para ir comprar guloseimas na loja da esquina, ele dizia-me para ir procurar trocos nos bolsos do casaco. Invariavelmente, descobria um bloco de notas enquanto lhe vasculhava os bolsos. Mais tarde, se lhe pedia fósforos ou um isqueiro, nas gavetas, encontrava pilhas de papel e blocos de notas. Uma vez, perguntei-lhe se tinha *tequilla* e disse-me para ir ver ao congelador, onde dei também com um bloco de notas extraviado. Na verdade, conhecer o meu pai era (entre muitas outras coisas maravilhosas) conhecer um homem com papéis, blocos de notas, guardanapos — primorosamente manuscritos — espalhados (cuidadosamente) por todo o lado. Vinham de noites dormidas em hotéis ou de lojas de conveniência; os que eram dourados, de pele, vistosos ou mais sofisticados, nunca lhes dava uso. O meu pai preferia utensílios modestos. (...) Escrever era a sua razão de ser. Era o fogo de que cuidava, a chama mais intensa que alimentava. Nunca se extinguiu", escreve Adam Cohen no prefácio de "The Flame", recolha póstuma de textos do pai, Leonard. Dividido em três partes — na primeira, 63 poemas inéditos escolhidos pelo próprio Leonard Cohen de um espólio de várias décadas; na segunda, os textos dos últimos três álbuns ("Old Ideas", 2012, "Popular Problems", 2014, "You Want It Darker", 2016) e de "Blue Alert", de Anjani Thomas (2006), para o qual também escreveu os textos; na terceira, uma recolha da vastíssima coleção de entradas dos *notebooks* —, o poema de abertura ('Happens To The Heart', 24 de junho de 2016) é, de certo modo, a antecipação de tudo o que preencherá as cerca de 300 páginas: "I was always working steady/ But I never called it art/ I was funding my depression/ Meeting Jesus reading Marx/ Sure it failed my little fire/ But it's bright the dying spark/ Go tell the young messiah/ What happens to the heart". Outras tantas páginas seriam necessárias para refletir como se deve sobre estas canções a que apenas falta (mas se pressente) a melodia, a estes impulsos de sarcasmo e provocação ("Kanye West is not Picasso/ I am Picasso/ Kanye West is not Edison/ I am Edison/ I am Tesla/ Jay-Z is not the Dylan of anything/ I am the Dylan of anything/ I am the Kanye West of Kanye West"), e de poético absurdo ("My lawyer tells me not to worry/ Says that junk has killed the revolution/ Leads me to the penthouse window/ Tells me of his plan/ To counterfeit the moon"). Não serão 300, mas ficar por aqui seria imperdoável. ●

THE FLAME

Leonard Cohen

Canongate Books, 2018, 288 págs., €26

METROPOLITANA

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

CONCERTO DE CARNAVAL

GALOPES, CAPRICHOS E CONFETTI

TERÇA 5 MARÇO - 16H00 COLISEU DOS RECREIOS, LISBOA

Sebastian Perłowski
Maestro

Convidado especial
Pedro Meireles Violino

Antonín Dvořák
Robert Schumann
Niccolò Paganini
Gioachino Rossini
Franz von Suppé
Hector Berlioz
Bedřich Smetana
Mikkhail Glinka
Nikolai Rimsky-Korsakov
Jacques Offenbach

© Marcelo Albuquerque

HISTÓRIAS DA FORMIGA RABIGA

O CARNAVAL DOS ANIMAIS

SÁB. 2 MARÇO - 16H00 ACADEMIA ALMADENSE [PEQUENO AUDITÓRIO]
DOM. 3 MARÇO - 11H00 TEATRO THALIA

FEITICEIRO DE OZ

DOM. 10 MARÇO - 16H00 CINEMA SÃO JORGE

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
ORQUESTRA CLÁSSICA METROPOLITANA

RETRATOS IMAGINÁRIOS

SEX. 15 MARÇO - 21H30 TEATRO AVEIRENSE
SÁB. 16 MARÇO - 21H00 TEATRO THALIA

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

SIX PORTRAITS OF PAIN

DOM. 24 MARÇO - 17H00
GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

LA STRAVAGANZA

SÁB. 30 MARÇO - 21H00 MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA
DOM. 31 MARÇO - 17H00 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO DO CASTELO, SESIMBRA

BILHETES À VENDA

Reservas e informações 213 617 321

metropolitana.pt | facebook.com/metropolitanalx
Trav. da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa / 21 361 73 20
* Não é permitida a entrada a menores de 3 anos. DL n.º 23/2014

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

THOMAS DORN

Bassekou Kouyaté gravou em casa, rodeado por família e amigos

Álbum de família

Trocávamos impressões após a sua atuação no festival Gnaoua, de Essaouira, em junho de 2014, tinha o Ngoni Ba dividido palco com o *mâalem* de Hamid El Kasri. Estava radiante, Bassekou, e, de tanto se rir, o intervalo que exibe na dentadura entre os incisivos centrais superiores parecia que ia ficando maior, como uma falha geológica. De espetada de frango e gasosa na mão, pergunto-lhe se não estou a incorrer numa imperdoável quebra de protocolo. "Não, não... Esteja à vontade. Além de que o ramadão é só lá mais para o fim do mês", responde, num francês algo desnasalizado, aparentado prosodicamente daqueloutro que se fala na região do Midi. "Mas não se aproxime muito do El Kasri, que ainda lhe suja a jelaba!" Todo de branco, o marroquino desdobrava-se em salamaleques e destacava-se na multidão como quem recebe um prémio numa cerimónia e se prepara para ir dar um discurso de aceitação. "Sinto-me muito bem entre os árabes", desabafa subitamente Bassekou. "Sabe, se isto fosse noutra altura, nós até podíamos ir numa caravana até casa. Mas, agora, no Mali, na outra ponta desta estrada, estão os fundamentalistas!" Aproveito para comentar que a mais antiga descrição do alaúde que Bassekou toca foi feita em 1325 por al-Umari e que a primeira documentação da sua casta profissional — a dos *jali*, ou *jeli* — surgiu no relato das viagens do magrebino Ibn Battuta, que visitou o Império do Mali em 1352 e que garantiu que o caminho até lá era seguríssimo. "E é assim que deveria ser", exclama Bassekou. "Estamos há séculos a trabalhar pela paz. Basta que nos ouçam!" Balbucio qualquer coisa acerca das plateias ocidentais não perceberem patavina daquilo que os griôs cantam mas ele estava embalado e tinha resposta absolutamente para tudo: "Qual é o problema? Não podem ouvir com os corações?" Veio-me à lembrança a conversa ao escutar 'Kanougnon', o dueto com o marroquino Majid Bekkas que abre "Miri". De facto, o álbum espeta uma lança no coração daqueles cínicos a quem o bem alheio só traz desgostos e dissabores. Talvez por isso tenha ido gravá-lo a casa, rodeado pela família, por amigos e por gente que já nem está entre nós, ali, num dos vilarejos de Ségou onde nasceram os blues.

/ JOÃO SANTOS

★★★★

MIRI
Bassekou Kouyaté & Ngoni Ba
Out Here/VGM

O alquimista

Como emblema, não está nada mal: "O homem que transformou o ferro em vento." Foi assim que num livrinho de crónicas e curiosidades chamado "Futebol ao Sol e à Sombra" Eduardo Galeano caracterizou Eduardo Chillida, escultor e antigo guarda-redes: "Ele trabalha com materiais pesados — desses que se afundam na terra — mas as suas mãos poderosas atiram ao ar o ferro e o cimento, que, voando, descobrem outros espaços e criam outras dimensões."
De facto, a descrição daqueles arremessos de meio campo do iraniano Alireza Beiranvand não seria mais certeira. Isto, claro, tendo em mente a conclusão do escritor uruguaio: "Antes, ele fazia o mesmo com o corpo a jogar futebol."
Pois, agora, com este título, é o pianista Alexander Hawkins que indicia admirar os deuses ferreiros, os alquimistas e os inúmeros paradoxos do ludopédio — afinal, quando lhe perguntaram qual o trio de adversários que desejaria confrontar num jogo de tabuleiro, numa entrevista à "Narc", Hawkins começou por explicar que Garrincha só não era opção pelo simples facto de não saber falar português (e que do mundo dos vivos não hesitaria em escolher Martha Argerich, Anthony Braxton e Maurizio Pollini, ainda que as casas de apostas estivessem contra si, presume-se). Como de costume, é tudo muitíssimo revelador — aliás, em depoimentos praticamente junguianos acerca deste "Iron Into Wind" em que anda à cata da "função transcendental", além de confessar a admiração por Galeano e de explicar que visitou a retrospetiva de Chillida no Rijksmuseum, Hawkins adianta o quanto se deixou influenciar por figuras como Janácek, Arturo Benedetti Michelangeli e Mal Waldron, gente em que valoriza a "aversão ao histrionismo e o desejo de extrair o máximo possível a cada nota musical". Também tem "ouvido mais os seus contemporâneos, como Eve Risser, Kaja Draksler, Kris Davis ou Craig Taborn", e tem-no conseguido fazer de modo a sentir-se "mais inspirado do que intimidado" — como concluiu em conversa com a "LondonJazz News", os seus heróis são "incrivelmente poupados". O que explica este seu prodigioso disco em que não há uma nota a mais nem a menos — é que, como diria Chillida, "a arte pode ser de mil maneiras, mas é de uma só". / J.S.

Alexander Hawkins gravou um disco sem uma nota a mais nem a menos

MICHELLE ETTLIN

★★★★

IRON INTO WIND
Alexander Hawkins
Intakt/Distrijazz

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

JONATHAN TICHLER/MET OPERA

Javier Camarena (Tonio) prepara-se para cantar os 9 dós de peito (ou 18, se bisar) em "La fille du régiment"

A ópera dos dós de peito

Foram Joan Sutherland e um jovem Luciano Pavarotti que em 1966 ressuscitaram "La fille du régiment" (1840), de Gaetano Donizetti (1797-1848), em Covent Garden. A ópera é um bom veículo para soprano de coloratura e tenor, com o nicho de um episódico (mas importante) papel falado — o da Duchesse de Crakentorp — em geral distribuído a um monstro sagrado da ópera ou do teatro em fase de pré-reforma. A primeira ópera do compositor com um libreto original francês, "La fille" é uma genuína e desopilante *opéra-comique* estreada em pleno reinado de Louis-Philippe. Notável a forma como Donizetti rapidamente assimilou as novas regras e forma da ópera francesa, sem tropeçar no diálogo falado. A propósito, 1840 foi um ano *vintage*: nasceram Alphonse Daudet, Emile Zola, Auguste Rodin e Claude Monet! A ópera decorre no Tirol durante as Guerras Napoleónicas, e a protagonista, Marie, é uma órfã adotada pelo 21º Regimento do exército francês. Após uma estreia falhada, tornou-se um dos maiores êxitos da Opéra Comique, obrigatória no Dia da Bastilha, e atingindo as mil representações em 1908. A produção de Laurent Pelly (com cenários geográficos de Chantal Thomas) é justamente celebrada pelo seu humor à Jacques Tati. Criada em Covent Garden em 2007 para Natalie Dessay e Juan Diego Flórez, foi vista em Viena no mesmo ano (com Montserrat Caballé na Duchesse!) e chegou ao Met no ano seguinte (quando foi também transmitida em HD).
A razão maior para não perder esta récita é o sensacional desempenho do tenor mexicano Javier Camarena, o maior belcantista do nosso tempo. É sabido que na sua cavatina de bravura do I ato, 'Ah! mes amis, quel jour de fête', Tonio tem de se haver com nove dós de peito! Pois Camarena não se ensaia nada em nos brindar com dezoito (quando bisa a ária, o que quase sempre acontece). Nesta produção a vivandeira Marie tem de combinar o canto estratosférico com tarefas banais, como descascar batatas, estender a roupa e passar a ferro. A charmosa sul-africana Pretty Yende desembaraça-se de tudo com graça e até aproveita para praguejar em zulu... O seu *rapport* com o Tonio canhestro de Camarena é delicioso! Ambos passam com facilidade do fogo de artifício canoro ao *pathos* donizettiano — ela, no 'Il faut partir' do I ato, quando diz adeus ao regimento, ele no ternurento 'Pour me rapprocher de Marie', no II. Atenção também ao trio folgazão 'Tous les trois réunis', completado pela figura paternal do Sargento Sulpice (o excelente Maurizio Muraro). Tudo está bem quando acaba bem: Marie é, afinal, filha da Marquise de Berkenfield (Stephanie Blythe) mas casará com o seu mais-que-tudo. O único desapontamento é a Duchesse de Kathleen Turner, a Matty de voz rouca e sedutora em "Noites Escaldantes" (1981), de Lawrence Kasdan. No São Carlos, no século XX, "La fille" só foi cantada em 1901 (com Gemma Bellincioni) e em 1990 (com Alida Ferrarini e Raúl Giménez). A última vez foi em 2013 (numa produção desastrosa). / **JORGE CALADO**

DONIZETTI:
LA FILLE DU RÉGIMENT

Yende, Camarena, Muraro, Blythe, Turner, Pelly (e), Mazzola (d)
Met Opera. Transmissão em direto e HD, Teatro Viriato, Viseu, hoje, 18h; Transmissão em diferido e HD, Gulbenkian, Lisboa, 6 de abril, 11h e 18h

cinemateca

MARÇO ABRIL MAIO

POVOS EM MOVIMENTO

MIGRAÇÃO, EXÍLIO, DIÁSPORA

Programação e classificação etária de cada sessão em www.cinemateca.pt
rua Barata Salgueiro, 39 Lisboa

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Teatro & Dança

Quem tem o poder

Ricardo Pais, num projeto totalmente financiado por si, encenou exemplarmente um texto difícil, inteligente e brilhante

TEXTO **JOÃO CARNEIRO**

★★★★★

OLEANNA

De David Mamet

Teatro Sá da Bandeira, Sala Estúdio Latino, Porto, até dia 17

"Oleanna", estreada nos Estados Unidos em 1992, passa-se no gabinete de um professor universitário. No início, John, o professor, fala ao telefone. Carol, uma aluna, está à espera. Está ali porque tem dificuldades; não entende a matéria da cadeira que John leciona, leu o livro dele e ficou confusa, quer saber que nota vai ter no trabalho, precisa da cadeira para passar, para ter o curso, é por isso que foi para a universidade. John tenta desdramatizar as questões. O seu discurso é, em grande medida, típico do intelectual liberal que não leva a sério, ou parece não o fazer, o ensino universitário, que minimiza os problemas da aluna com um misto de paternalismo e de orgulho (Carol: "Qual é a sua profissão?; John: "Provocá-la"); que pensa poder quebrar as regras da vida académica. Que vê a relação entre professor e aluna como um conjunto de "constrangimentos artificiais"; que diz à aluna (que não acredita nele) que toda a gente tem problemas, ele também, problemas com a mulher, com o trabalho, problemas que talvez sejam parecidos com os de Carol. Abraça Carol para a consolar quando ela parece desesperar de tudo, diz-lhe que está tudo bem. A conversa entre os dois está sempre a ser interrompida, quer quando John interrompe Carol, quer quando Carol interrompe John, quer quando o telefone toca e John fala com a mulher e com o advogado, sobre a casa que vai comprar, assim que obtiver a sua nomeação definitiva. Ao longo da peça, os discursos mudam, nomeadamente quanto ao poder que eles indiciam. Carol vai adquirindo uma segurança que acompanha a progressiva falta de segurança de John; passa a falar em nome de um grupo, e não em nome dela; fala do relatório que apresentou ao conselho científico — "Disse-me que tinha problemas com a mulher, e que queria ultrapassar as fronteiras artificiais entre aluna e professor. Tentou abraçar-me..." Mais tarde vai referir o tribunal, e a queixa-crime — "Tentou violar-me. Eu estava a tentar sair do seu gabinete e você agarrou-me. Encostou o seu corpo ao meu."

Na pequena sala do Estúdio Latino — 120 lugares — Ricardo Pais situou a ação num espaço em que existem apenas os 'painéis' amarelos de Filipe Cortez — pedaços de velhas paredes transportadas para o universo da instalação dramatúrgica — as luzes de Nuno Meira, uma secretária, uma cadeira e dois bancos; e um telefone. A sua encenação consistiu em conduzir os atores na criação de duas personagens cujas ações são determinadas pelas palavras, até que a verbalidade deixa de ser possível; por outras palavras, até que a violência que estrutura o discurso falado seja exibida, de maneira tão intensa como económica, no final da peça. Pedro Almendra passa de professor verborreico, autocondescendente e confiante, a um homem perplexo, receoso, corajoso, furioso, tudo em mudanças que por vezes dependem de uma frase, uma palavra. Perante ele, Mafalda Lencastre passa de uma aluna insegura e desconfiada a uma mulher aparentemente segura, e realmente agressiva, inflexível, vingativa — os adjetivos não são suficientes para descrever todas as cambiantes que as personagens vão mostrando, utilizando, criando, ao longo do espetáculo.

O qual é exemplar. Não apenas pelas condições de produção e realização totalmente suportadas pelo encenador (cf. entrevista com Ricardo Pais na Revista nº 2416 de 16 de fevereiro), e que são o espelho da política cultural do Governo; mas também, e principalmente, porque já ninguém sabe trabalhar assim, ninguém conhece a profissão de encenador, o trabalho e a direção de atores, tudo aquilo que é do campo técnico-artístico e que faz um espetáculo de teatro, como Ricardo Pais; ninguém saberia fazer "Oleanna" desta maneira. A tradução, excelente, é de Pedro Mexia. ●

JOÃO TUNA

Pedro Almendra e Mafalda Lencastre em "Oleanna"

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

FILIPE FERREIRA

FREI LUÍS DE SOUSA

De Almeida Garrett

Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa, até 7 de Abril

Muita gente leu, ou tem de ler o "Frei Luís de Sousa", por imperativos escolares, mas muito menos gente o vê, ou viu; pode ser esta uma das razões que levaram Miguel Loureiro a encenar a peça de Almeida Garrett, cuja primeira leitura com público ocorreu em 1843. Garrett escreveu "Frei Luís de Sousa" como uma tentativa de dar ao repertório português uma obra dramática com o espírito e com os contornos de uma verdadeira tragédia — e com a aparente simplicidade que a fábula trágica, no seu âmago, também contém. "Frei Luís de Sousa" parte de um núcleo verídico, mas nunca o autor pretendeu com ela fazer uma obra de informação histórica; antes, aquilo que pela peça passa, e de maneira muito evidente, é uma revisitação do passado histórico que acaba por sugerir um retrato de um presente problemático — o de Garrett, naturalmente, e o nosso, inevitavelmente, espectadores contemporâneos da obra. Para a sua encenação, Miguel Loureiro quis ser tão fiel quanto possível à letra do texto e à sua qualidade literária; quis enfatizar uma noção de obra de arte para a qual a categoria de "belo" é relevante, e lidar assim com o conceito de "beleza"; quis, em suma, "confiar no texto". Ele está no espetáculo praticamente na íntegra, contextualizado dramaturgicamente, e discretamente, por alguns curtos textos — de Camões, de Bernardim Ribeiro, do Padre António Vieira, do próprio Garrett (na "Memória ao Conservatório"), e pouco mais. Maria Duarte, Álvaro Correia, Tónan Quito, Ângelo Torres, Carolina Amaral e João Grosso são alguns dos atores que integram o elenco; a cenografia é de André Guedes, os figurinos são de José António Tenente e o desenho de luz é de José Álvaro Correia. / **J.C.**

MIGUEL BARTOLOMEU

GEMINIS – A PROCURA DA SIMETRIA

De António Torres e Sérgio Diogo Matias

Teatro da Politécnica, Lisboa, de 6 a 9

Uniformizar e destruir — destruir a uniformização, entenda-se. Este poderia ser o *slogan* coreográfico que junta António Torres e Sérgio Diogo Matias, simultaneamente criadores e intérpretes. "Geminis — A Procura da Simetria" é um espetáculo de movimento, de exploração das possibilidades de encontro entre duas energias, duas personalidades e duas biografias físicas. Tudo começou numa audição, contam, que fizeram para a última criação de Vera Mantero. Não ficaram na peça mas, dessa aproximação à coreógrafa, ficou-lhes o comentário que esta lhes fez de serem dois corpos constantemente ao ataque, com uma avalanche de energia, excessivos. Partiram de uma investigação das semelhanças — as suas dinâmicas e intensidades — e daí foram interrogar o que é isto de cocriar. "A dança não sou eu sozinho", diz Sérgio, "é sempre uma negociação". A afirmação estende-se a todos os elementos que compõem a equipa artística e que foram convocados a partir das afinidades afetivas de cada um. Os figurinos, por exemplo, resultam num "híbrido" do que ambos gostam e do persistente exercício de concordância e negociação. Improvisaram a partir da pesquisa de duplas em excesso, sempre numa *high energy*. Viram duetos de *cowboys*, de dança funk, zumba, pop, *ballet*... Andaram sempre em redor de uma intensidade do nível energético, a partir dali foram procurar a contenção, a redução, organizando uma partitura de movimento que contém linhas geométricas que desenham simetrias, disparidades e o caos dos corpos que se misturam. "Tudo aconteceu organicamente", dizem. É por isso, esclarecem, por exemplo, que ressurge a *rave*. "Não começámos por procurar recriar uma *rave*, mas muitas vezes nas improvisações, era aí que íamos dar." / **CLAUDIA GALHÓS**

PRÉMIO Branquinho da Fonseca 2019

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Expresso

Artº 1º - Objetivo

O PRÉMIO BRANQUINHO DA FONSECA - EXPRESSO /GULBENKIAN é uma iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do Jornal Expresso, e tem como objetivo incentivar o aparecimento de jovens escritores de literatura infantil e juvenil.

Artº 2º - Modalidades

O PRÉMIO BRANQUINHO DA FONSECA – EXPRESSO / GULBENKIAN tem duas modalidades:

1. obras de literatura para a infância
2. obras de literatura para a juventude.

Artº 3º - Concorrentes

Para qualquer das modalidades, só são admitidos concorrentes com idade não inferior a 15 e não superior a 30 anos.

Artº 4º - Apresentação de candidaturas

A apresentação das candidaturas ao PRÉMIO deve ser feita através de PDF, enviado por email para o endereço **premio.branquinho@gulbenkian.pt**, indicando no "assunto" a modalidade a que concorre. Recomenda-se que os textos a concurso não excedam as 200 páginas.

Devem ser enviados, em anexo:

- Ficha de inscrição devidamente preenchida, a qual poderá ser obtida no folheto do Regulamento em distribuição nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian (Avenida de Berna, 45 – 1067-001 Lisboa); ou em expresso.pt; gulbenkian.pt.
- *Curriculum vitae* e data e ano de nascimento do autor do texto.

Artº 5º - Obras a concurso

Só são aceites obras em língua portuguesa, não editadas.

Artº 6º - Prazos

As candidaturas devem ser apresentadas até 31 de maio de 2019.

O júri reunirá durante o mês de setembro.

A divulgação pública do vencedor de cada uma das modalidades será feita na edição do Expresso de dia 26 de outubro.

A cerimónia de entrega do PRÉMIO terá lugar até ao final do ano de 2019.

Artº 7º - Júri

O Júri do PRÉMIO é constituído por um representante do Expresso e outro da Fundação Calouste Gulbenkian, por dois escritores e por um crítico literário.

Artº 8º - Prémio

O PRÉMIO BRANQUINHO DA FONSECA – EXPRESSO / GULBENKIAN é bienal.

O PRÉMIO é unitário para cada uma das modalidades referidas no artº 2º, podendo o júri, em casos excecionais, deliberar a repartição do Prémio por duas candidaturas.

O PRÉMIO é constituído por uma quantia em dinheiro no montante de 5 000€ (cinco mil euros), para o vencedor de cada uma das modalidades, e pela publicação, por editora a escolher segundo critérios previamente estabelecidos, das respetivas obras vencedoras.

O PRÉMIO pode não ser atribuído, sempre que o júri entenda que nenhuma das candidaturas corresponde aos objetivos com que ele foi instituído.

Artº 9º - Informação

T. 217 823 554 | acantunes@gulbenkian.pt

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Exposições

Da esquerda para a direita: obras de João Maria Gusmão & Pedro Paiva, Sara & André e Fernando Calhau, no Atelier-Museu Júlio Pomar, em Lisboa

ANTÓNIO JORGE SILVA/AMJP

Rondar o silêncio

Mutismo, introspeção e direito ao discurso alimentam um conjunto de obras de artistas portugueses

TEXTO **CELSO MARTINS**

★★★★

MUITAS VEZES MARQUEI ENCONTRO COMIGO PRÓPRIO NO PONTO ZERO

Atelier-Museu Júlio Pomar, Lisboa, até 14 de abril

Passeie-se por uma praça de uma cidade média, entre-se no metropolitano, abra-se uma página numa rede social. Haverá sempre um *jingle* publicitário, uma canção histriónica, um *gif* que não pedimos que nos previne de poder não ouvir ninguém, de nada dizer. Na era da comunicação sem fim, o silêncio tornou-se um bem raro, mas também uma circunstância intimidante, quase insuportável. A importância disto tem menos que ver com a possibilidade de vivermos sem som que com a necessidade de pensarmos os modos de sociabilidade e comunicação que nos conformam a vida. Por isso, o direito ao silêncio constitui também uma reivindicação existencial e política. Pensá-lo através de uma exposição — que é um dispositivo predominantemente visual — foi o desafio enfrentado por Marta Rema, que com este projeto venceu o prémio de curadoria do Atelier-Museu Júlio Pomar.

Tematizar visualmente o silêncio pode ser um exercício labiríntico de tradução, que alarga e enriquece o próprio conceito e é isso que acontece nos melhores momentos da exposição. A amplitude do seu espectro conceptual começa a definir-se logo no início entre uma pintura de Josefa de Óbidos que evoca a figura biblicamente 'silenciosa' de São José e uma peça de Sara & André que inclui um saco dos correios recheado de cartas que o visitante pode levar num jogo comunicacional que recorda as ações do movimento Fluxus.

Algumas propostas rondam uma problematização do silêncio 'visual' como as áridas pinturas de Fernando Calhau nas quais a linguagem substitui o 'acontecimento' pictórico; ou as fotografias do ciclo "Ouve-me", de Helena Almeida, que transforma em súplica ou ordem o desejo de contacto; outras relacionam o silêncio com a perceção do tempo (como a magnífica peça com ampulhetas de Cecília Costa); ou com a ansiedade da morte, como na escultura de Rui Chafes que nos encontra de modo sorrateiro.

Nas fotografias de Jorge Molder é o corpo que quebra o silêncio manifestando a sua autonomia em relação ao ser, enquanto a pintura de Pedro Vaz descobre na paisagem um lugar meditativo onde esse ser pode alastrar. Depois há a mudez do cosmos (João Maria Gusmão e Pedro Paiva) ou a erupção da luz como uma vitória sobre o silêncio (Paulo Lisboa).

Mas o silêncio também pode significar um isolamento involuntário como se descobre no vídeo "Raquel", de Sandro Resende, onde uma paciente do Hospital Júlio de Matos come alheada do que a rodeia; ou, pelo contrário, quebrar esse silêncio pode ser um ato-limite de resistência à clausura como vemos nos desenhos produzidos na prisão de Caxias por Júlio Pomar.

Uma coisa é certa, o silêncio, a invisibilidade, a exclusão são uma atrofia, materializem-se estes na conformidade de um estereotipo de género (como no filme de Ana Pissarra); na tensão entre visibilidade e invisibilidade nos retratos de 37 lésbicas de Ana Pérez-Quiroga; ou na omissão social de uma epidemia (João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira). Sobrevoando isto tudo ouve-se uma voz que nos vai circunscrevendo com um insistente "Shiu", um som que manda calar, paradoxo de Luísa Cunha que bem sintetiza uma exposição na qual o silêncio é sobretudo uma chave de entrada nos complexos meandros da comunicação. ●

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

FRANCISCO PEREIRA GOMES/FEA

★★★★★

GRUPO 8

Centro de Arte e Cultura, Fundação Eugénio de Almeida, Évora, até dia 31

Eles aí estão com obras velhas novas, poupadas à voragem do tempo e à indiferença das gentes, restauradas, refeitas e assim 'novas' para se meterem outra vez connosco e vivas, vivas apesar de muitos dos seus autores já terem partido. Falo do Grupo 8 de Évora Monte, efémera reunião (1977-79) de três artistas mais conhecidos — Palolo (Évora 1947-2000), José Conduto (Trindade, Beja 1951-1980, na imagem) e José de Carvalho (Évora 1949-1991) — aos quais se juntaram Dimas (Évora 1956-2008), Joaquim Carapinha (Évora 1949), Joaquim Tavares (Évora 1950), Madeira da Rocha (Évora 1949-2012) e Nelson Ferreira Alves (Porto 1951). Joaquim Tavares, autodidata ao tempo da vigência do grupo, tal como uma boa percentagem dos seus companheiros, é hoje doutorando em Artes pela Universidade de Évora. É a ele que devemos quer a recolha de peças dispersas quer a recriação e reconstituição de algumas outras a partir de documentos existentes, i.e., a própria exposição. A diminuta dimensão do folheto que acompanha a mostra diz bem das dificuldades desta tentativa de recriação. Espero que a partir do trabalho académico de J. Tavares possa surgir uma publicação legível que faça ampla justiça ao grupo e ao seu legado. Podemos, entretanto, saborear esta exposição como um aperitivo especial que nos faz recuar a tempos de experimentação desinteressada sem fins comerciais, um tempo onde tudo parecia possível e foi de facto possível, obra a obra, no entusiasmo do fazer e na necessidade de mudar. Fico impaciente à espera da continuação e do aprofundamento que esta iniciativa pode e deve ter. / **JOSÉ LUÍS PORFÍRIO**

★★★

MANGLAR

Juan Tessi

Galeria 3+1, Lisboa, até dia 9

Juan Tessi, nascido no Peru em 1972, mas apresentado as mais das vezes como artista argentino representando o pais e a cidade onde vive (Buenos Aires), aparece nesta exposição "Manglar" (que em português dá mangal) como um artista, um pintor ainda, em trânsito entre técnicas e poéticas. Ele vem de uma pintura não figurativa de forte presença, por vezes de uma matéria igualmente forte e expressiva, para um universo onde a presença mais densa da matéria se assume em peças cerâmicas ou na combinação da cerâmica com uma forma aparentemente humana traçada sobre a tela, inventando uma cabeça ou um enfeite, forma essa fortemente colorida ao invés dos corpos desenhados. A cerâmica é um acrescento técnico encontrado em Portugal (Caldas da Rainha, oficina de Pedro Pacheco), enquanto os corpos, entre o humano, o animal e o vegetal se referem ao mangal esse território entre a água e a terra que não só nos dá o barro como o caos dos membros que podem ser cobras ou braços, numa profusão que, aplicada a algumas das pinturas desta mostra, me lembrou o *horror vacui* esquizofrénico ou esquizoide, no afã de preencher freneticamente todos os espaços. Também há peças cerâmicas nesta exposição, jarrões com frutos e plumas, também neles, como em tudo, Juan Tessi obedece a um deliberado princípio de jogo suavemente transgressivo das fronteiras entre as técnicas e os gestos, entre a evidente autonomia dos volumes cerâmicos e das superfícies pintadas, entre a cor e o preto e branco, tornando todo o espaço da 3+1 um território divertido e incerto de gestos brincados a transformar-se continuadamente. / **J.L.P.**

24 KITCHEN
APRESENTA
A ESTREIA MAIS DOCE DO ANO
4 MARÇO 21:00
DOCES do OFÍCIO
COM FRANCISCO MOREIRA
MEO 115 ★ NOS 96 ★ NOWO 314 ★ VODAFONE 18

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Obrigatório

Cinema

NIGHT WATCH
De Brain Hutton

PERFORMANCE
De Nicolas Roeg e Donald Cammel
Cinemateca, Lisboa, hoje, 15h30

São dois filmes britânicos, em espaços fechados, com personagens a tenderem para o delírio. O primeiro, "Night Watch", de 1973, trata de uma rica herdeira que, após sofrer um colapso nervoso, testemunha um assassínio da sua janela. Mas ninguém acredita nela. Com Elizabeth Taylor. Já em "Performance" (com Mick Jagger, na foto), de 1968, visão caleidoscópica da 'Swinging London', um *gangster* com queda para a violência e a intimidação encontra refúgio na casa de uma estrela rock que se enclausurou na sua própria decadência. As duas personalidades colidem com estrondo, e o impacto tem o efeito de uma espiral de LSD. É um dos grandes filmes de Roeg, cineasta desaparecido em novembro do ano passado.

FINS DE SEMANA NO CINEMA MONUMENTAL
Cinema Monumental, Lisboa, amanhã

Neste domingo, a Medeia Filmes exibe no Monumental "Still Life" (15h), de Jia Zhang-ke (filme de 2006 em torno de uma cidade que vai sendo gradualmente abandonada e demolida antes de ficar submersa pela Barragem das Três Gargantas), "Andando" (17h30), de Horokazu Kore-eda, e em ante-estreia, "John McEnroe: O Domínio da Perfeição" (19h45), de Julien Faraut.

Música

A HISTÓRIA DO HIP-HOP TUGA
Altice Arena, Lisboa, sexta, 22h

Uma celebração de 25 anos de hip-hop feito em Portugal por muitos dos nomes mais representativos do género. Estão anunciados Ace & Presto, Bispo, Black Company, Bob Da Rage Sense, Boss AC (na foto), Capicua, Carlão, Chullage, Dealema, Deau, Dillaz, General D, GROGNation, Holly Hood, Micro, NBC, Nerve, NGA, Phoenix, RDC, Piruka, ProfJam, RDC, Sam The Kid, Sanryse & Blasph, Sir Scratch, SP & Wilson, Tekilla, Tribruto, Vado Mas Ki Ás, Wet Bed Gang e Xeg, mais os DJ Bomberjack, Cruzfader, Kronic e Nel Assassin.

FESTIVAL CRIASONS
Casa Municipal da Cultura, Seia, hoje, 16h

O programa do 4º concerto do Festival CriaSons tem por título "Ouvi, claramente ouvido o lume vivo" e foi concebido por Eurico Carrapatoso para quarteto de cordas. Integra três obras suas ("L'Homme Desarmé", "Llaços, Contradanças e Descantes" e "In Illo Tempore"), "Catorze Anotações", de Fernando Lopes-Graça, e "Elogio da Morte", de Miguel Jesus. Interpretação de Angélica Neto (soprano) e do Quarteto Lopes-Graça.

CHANTAL ACDA
Plano B, Porto, quinta, 22h; Sabotage, Lisboa, sexta, 22h; CAE Portalegre, dia 9, 21h30

Cantora/compositora holandesa que edita na Glitterhouse e que já colaborou com Adam Wiltzie, Nils Frahm ou Peter Broderick. Será acompanhada pelo percussionista Eric Thielemans.

Teatro & Dança

NUNO 'AZELPDS' ALMEIDA

ODEIO ESTE TEMPO DETERGENTE
De Ruy Belo
São Luiz Teatro Municipal, Lisboa, de 6 a 10

Elaborar um espetáculo a partir de textos de poesia não é apenas evidenciar as afinidades entre poesia e teatro, é partir de um mesmo núcleo, a palavra, para lhe dar uma visibilidade que é, como o teatro, da ordem das ações cénicas. A seleção de textos e a dramaturgia são de Rui Lagartinho, a encenação é de Ana Nave, e a interpretação é de Maria João Luís e Ana Nave.

A MEIO DA NOITE
De Olga Roriz
Centro de Artes de Águeda, hoje

O universo do cineasta, encenador e escritor Ingmar Bergman (1918-2007) foi o ponto de partida para este espetáculo que Olga Roriz coreografou a partir daquilo que os intérpretes lhe propuseram durante as sessões de trabalho, e que estreou em 2018. Com André de Campos, Beatriz Dias, Bruno Alexandre, Bruno Alves, Catarina Câmara, Francisco Rolo e Lígia Soares.

TER RAZÃO
De Ricardo Alves
Teatro Carlos Alberto, Porto, de 8 a 17

"Ter Razão" é uma peça sobre o quotidiano de pessoas numa cidade, segundo diferentes pontos de vista. Estreou em 2018, e é o resultado do encontro entre duas companhias, o Ensemble e o Teatro da Palmilha Dentada. Encenação de Ricardo Alves, interpretação de Emília Silvestre, Jorge Pinto, Ivo Bastos e Teresa Arcanjo.

Televisão

BREXIT
HBO Portugal
Em streaming

Benedict Cumberbatch interpreta o estratego político Dominic Cummings, que lidera a campanha para convencer os britânicos a deixarem a UE.

À PROCURA DE VIVIAN MAIER
TVCine 2
Estreia terça, 22h

Documentário sobre uma misteriosa mulher que tirou mais de 100 mil fotografias. Retratou a América em segredo.

OS MISTÉRIOS DE FRANKIE DRAKE
FOX Crime
Estreia terça, 22h
(Temporada 2)

Toronto, nos anos 1920, serve de fundo à série sobre a detetive Frankie Drake (Lauren Lee Smith).

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Exposições

O ELOGIO DA SEDE MESMO — ONZE PASSOS DE RUA EM SUITE DE PEDRO K ACARICIANDO A CAUDA DO PAVÃO

Carlos Mesquita Pai
Galeria K11 Paiol Azul, Porto, até dia 30

Na abertura de uma nova galeria, Carlos Mesquita Pai recupera uma pintura a acrílico realizada entre os anos 90 e julho de 2018 que serve de motivo visual para uma performance de Pedro K. A pintura e a performance foram depois videografadas fazendo parte desta instalação *site specific*.

O PIRGO DE CHAVES

Francisco Tropa
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, até 3 de junho

Francisco Tropa empreende um diálogo singular entre a escultura e a arqueologia a partir da descoberta de um significativo acervo material do século IV d.C. descoberto em Chaves. Parte desse conjunto, a torre em bronze, ou pirgo de Chaves é o ponto de partida para o relacionamento de conceitos como corpo, jogo ou morte.

ANÁTEMA

Ana Santos
Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa, até 20 de maio

Uma jovem artista vencedora do prémio EDP Novos Artistas de 2013 mostra a sua produção escultórica mais recente, que resulta de uma "reflexão sobre as características formais, funcionais, morfológicas ou cromáticas dos materiais".

SUBURRA

Netflix
Em *streaming*
(Temporada 2)

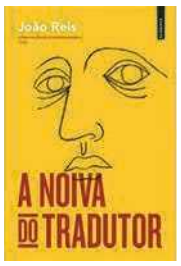
Thriller criminal centrado na cidade de Roma mostra as ligações entre a política local, o Vaticano e o crime organizado na atualidade.

Livros

DECLARAÇÕES DE GUERRA

Vasco Luís Curado
Guerra & Paz, €12

Além de psicólogo clínico, Vasco Luís Curado é investigador e ficcionista com obra reconhecida. Neste livro reúne 48 histórias "em carne viva" de combatentes na Guerra Colonial. Histórias na primeira pessoa, brutais, sem filtros, compondo o mosaico complexo de experiências que deixaram feridas por sarar na sociedade portuguesa.



A NOIVA DO TRADUTOR

João Reis
Elsinore, €16,59

Viajando para casa num elétrico, um jovem tradutor reflete na sua vida, depois de ter sido abandonado pela noiva. Este romance breve assinalou a estreia ficcional de João Reis, mais conhecido pela tradução literária a partir de línguas nórdicas. Inicialmente dado à estampa pela Companhia das Ilhas, conhece agora nova edição com chancela da Elsinore.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

/ JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

O SABOR DE DEUS

É VERDADE QUE A CULTURA CONTEMPORÂNEA SE MANTÉM AMBIVALENTE NA LEITURA QUE FAZ DA OPÇÃO MONÁSTICA

Um dia, quando se contar a história destes anos, talvez o nome destas mulheres saia do escondimento voluntário em que escolheram viver e compreendamos então quanto a sua irreverente experiência de fé e de liberdade inspirou uma estação do catolicismo português, e inclusive das suas margens: falo das monjas dominicanas do mosteiro do Lumiar (Lisboa), a poucos dias do encerramento do mosteiro e da transferência delas para Fátima.

É verdade que a cultura contemporânea se mantém ambivalente na leitura que faz da opção monástica: por um lado, mostra-se sensível ao monaquismo como alternativa utópica e valoriza, por exemplo, as suas práticas de hospitalidade; mas não deixa, porém, e de modo vincado, de considerá-la uma opção de vida anacrónica e inadequada, com um carácter feudal, um modelo ilegível e pouco operativo no confronto com a realidade. Ora, a vitalidade destas quatro décadas do mosteiro do Lumiar testemunha bem a importância de que se pode revestir a vida monástica e como ela profeticamente se inscreve no tempo.

O mosteiro de Santa Maria foi fundado nos inícios dos anos 80, num período em que a visão reformadora do Concílio Vaticano II estimulava as várias formas de vida religiosa (tanto as de linha apostólica como as de perfil contemplativo) a ousar novos caminhos. O repto foi aceite por um pequeno número de monjas de clausura que decidiu começar uma comunidade aberta, arriscando a transparência de uma vida simples, segundo o Evangelho. Procuravam guardar o essencial da tradição monástica dominicana, mas ensaiando uma nova proximidade ao laicado cristão e a todos os anónimos buscadores de Deus. Claro que quem transpunha os portões do mosteiro sabia que entrava em contacto com um claustro, e que aquelas mulheres viviam um distanciamento voluntário do mundo. Mas o seu *contemptus mundi* não pretendia denegrir ou acusar o mundo, nem instaurar uma relação dicotómica entre ação e contemplação, entre vida interior e exterior, entre sagrado e quotidiano. Pelo contrário: o silêncio do mosteiro tornou-se a possibilidade inesperada do encontro do uno e do diverso; tornou-se para tantos uma experiência de acolhimento integral da existência e da própria história; uma imersão numa liturgia cuidada, preocupada com a beleza dos símbolos e da linguagem; uma aprendizagem comum de esvaziamento, de relançamento e de plenitude.

Para a afirmação do projeto foi preciosa a colaboração dos frades dominicanos, de modo especial dois protagonistas a que o cristianismo do futuro há de voltar: Frei Mateus Peres (um nome central da geração de "O tempo e o modo", que optou pela vocação religiosa) e Frei José Augusto Mourão, que, depois do Padre Manuel Antunes, foi certamente o intelectual mais irrequieto e inventivo que o nosso catolicismo gerou. Eles foram os cúmplices certos das monjas para fazer do mosteiro um ativo laboratório de vida espiritual, implicado com as questões mais nodais (e também as mais de fronteira) que se colocam ao presente. No chamado "Salão do Quintal" realizaram-se as conferências dos segundos sábados, dirigidas a um público heterogéneo de crentes e não crentes, onde foi possível escutar teólogos e psiquiatras, sociólogos e vozes dos estudos literários, historiadores, como José Mattoso ou homens do teatro, como Luís Miguel Cintra.

O que foi o mosteiro do Lumiar? A aventura espiritual de um punhado de mulheres que nos explicou, sem ruído, que a liberdade é o sabor de Deus. E isso, queridas Irmãs Maria Domingos, Teresa e Mary John, não acaba: é uma alegria para sempre. ●

A VITALIDADE DESTAS QUATRO DÉCADAS DO MOSTEIRO DO LUMIAR TESTEMUNHA BEM A IMPORTÂNCIA DE QUE SE PODE REVESTIR A VIDA MONÁSTICA E COMO ELA PROFETICAMENTE SE INSCREVE NO TEMPO

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

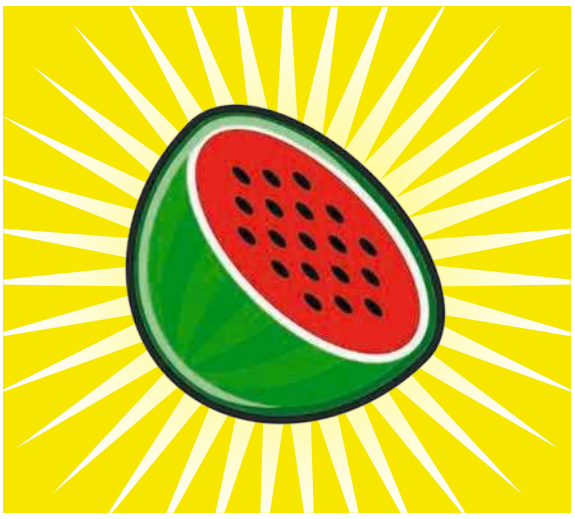
"PESSOAS SEM VÍCIOS TÊM POUCAS VIRTUDES"

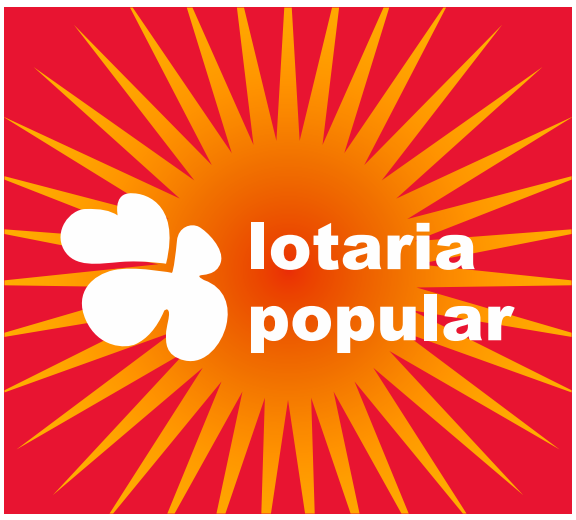
A postos que se vai falar de apostas

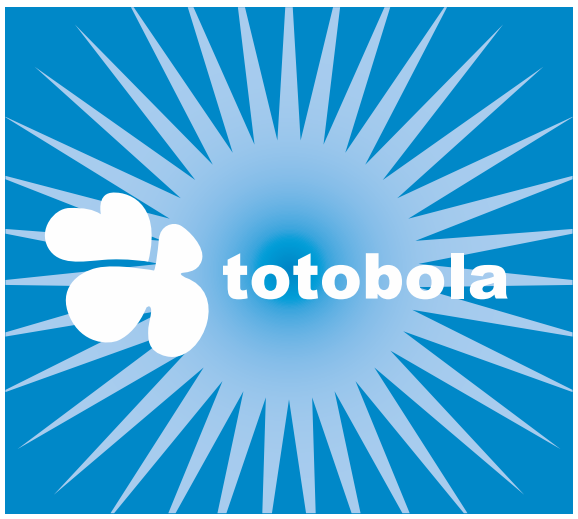
Da Raspadinha feiticeira à ilusão do Euromilhões, em Portugal o jogo não é uma brincadeira de crianças crescidas. Diariamente, os portugueses gastam mais de seis milhões de euros em jogos online, em franca tendência de crescimento. É o preço a pagar pela sorte. Os lucros vão quase todos para o azar

TEXTO **LUÍS PEDRO CABRAL**

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)







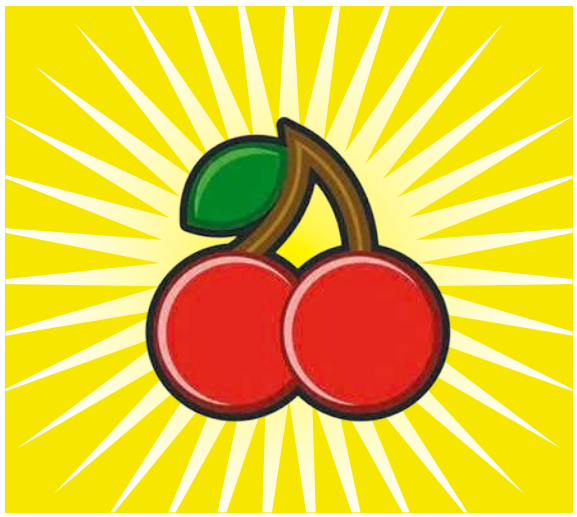
Quantas alminhas não andam por aí com o Euromilhões no pensamento, uma Raspadinha no bolso, a taluda no olhar? Trocar de carro, de casa (fiquemos por aqui), de vida, deixar todas as faturas em débito direto e não mais voltar a pensar na engenharia para as pagar. Adeus, contencioso. Adeus, acordos prestacionais. Tchauzinho, dívidas. *Au revoir*, 9 às 5. Adeusinho ao lado negro das taxas de juro. Excentricidade pura: cinco números, duas estrelas. Há quem diga que acertar na combinação mágica dos números do Euromilhões, o rei dos jogos europeus, é como chegar incógnito à Cidade do México e num milésimo de segundo dar logo de caras com um familiar. Nada disso interessa à terça e à sexta, quando está em causa um *jackpot* e quando não está. Nesses dias, naquelas horas que antecedem o sorteio, é-se multimilionário em potência. É uma sensação extraordinariamente enriquecedora do ponto de vista psicossomático, com 20 por cento de Imposto de Selo.

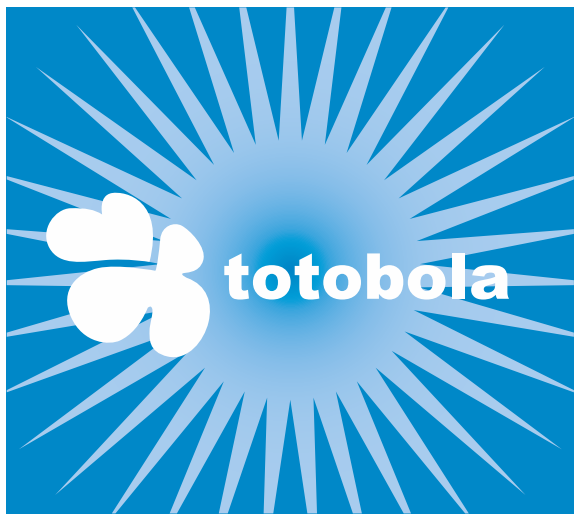
Em tese, se algum imposto se pagaria ao Estado com boa vontade seria esse. Ao contrário dos outros, só com muita sorte esse imposto não é placebo, tal como a fortuna, sempre a caminho de alguém que por alguma razão não somos nós. Bolas... fica para terça. Bolas... fica para sexta, que sempre tem a adrenalina adicional do M1lhão. Isso é que era, pá! O Euromilhões e o M1lhão num boletim só. A primeira viagem era direitinha para o "Guinness" em vez de ser para as Caraíbas.

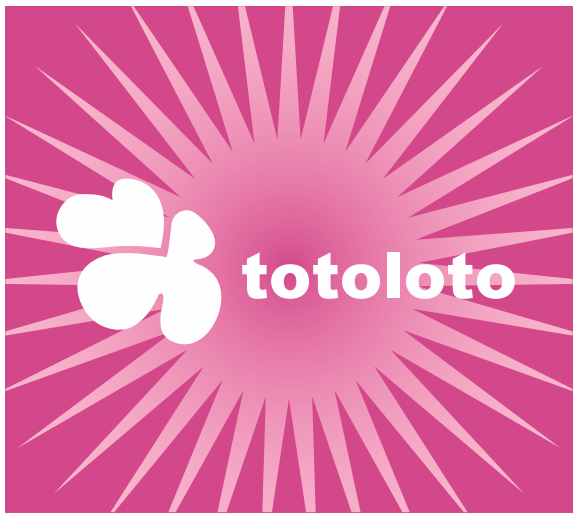
Comprava-se uma província só para se ter lá uma casa. Comprava-se um lago do tamanho do Titikaka para lá se poder nadar como um pato-bravo. Fundava-se uma empresa só para se ser CEO. Uma empresa de preenchimento de Euromilhões, com meia dúzia de empregados com o salário mínimo a fazer cruzes de segunda a sexta, só para exponenciar as possibilidades do novel-manda-chuva voltar a ganhar. É um mito dos piores, esse de que a sorte nunca se repete. Não é preciso ser um génio para se perceber que só o que não acontece se repete. A possibilidade não tem nada que ver com a sorte.

Por algum motivo se chamam aos jogos de sorte jogos de azar. A possibilidade é outra coisa. É uma pitada de açúcar no amargo do destino. Na língua de Cervantes e dos jogadores de futebol, "ilusión". Princípio de Peter do jogador: nunca se fica viciado no jogo. O vício, quando muito, é esse, o da possibilidade. Na vertigem maravilhosa da possibilidade, uma pessoa endireita a mente e a espinha. Fica-se fortalecido, rejuvenesce-se. Até o mais débil se

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)







sente capaz de ir de joelhos a Fátima e de lá apanhar um táxi para a Santa Casa da Misericórdia, antes de comprar um jato igual ao do Cristiano Ronaldo.

Na vida real, as coisas não se movem a jato. Em geral, fica-se na fila, à espera de que a rapaziada em idade escolar acabe de preencher os pergaminhos do Placard, que vai da liga de hóquei em gelo russa ao circuito ATP, da liga de críquete do Burkina Faso ao campeonato de futebol da II divisão escocesa. Enquanto isso, apostamos em quê? Numa Raspadinha VIP? Aranha? São Valentim? Dia das Bruxas? Joias Preciosas? Ano do Porco? Viagem Cósmica? Oásis Mágico? Belle Époque? Megapé de meia? A sorte tem diferentes gradações.

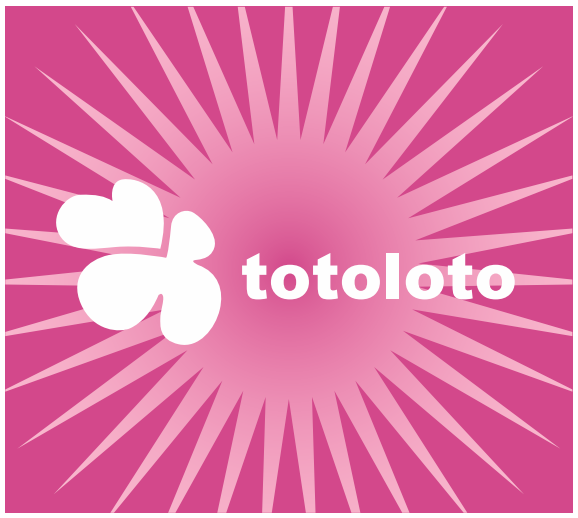
As apostas também. A Raspadinha, apesar do seu prémio máximo em pouco ultrapassar meio milhão de euros, no caso atribuindo um "pé de meia" mensal, é um verdadeiro fenómeno nacional. Há quem goste de esperar, de passear o boletim por raspar como um tesouro por descobrir. Os grandes raspadores, porém, não esperam. Os grandes raspadores raspam, transformando muitos balcões do país em autênticos raspódromos. Algumas papelarias já têm sinais de "proibido raspar" por causa das irritantes partículas que deixam.

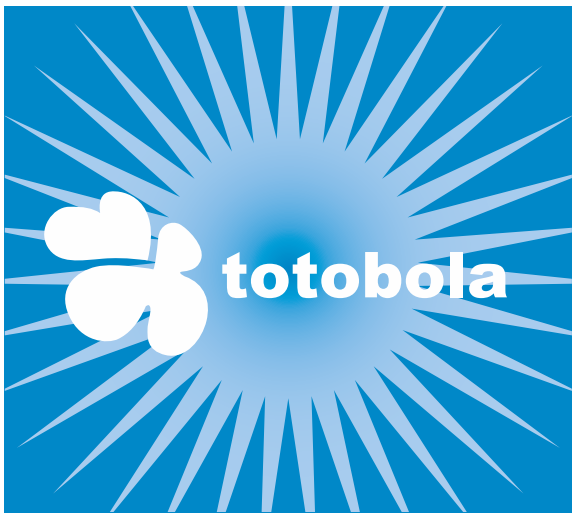
Os raspadores, quando estão em maré de deixar raspas, não conseguem parar, nem que seja para pensar. Uma Raspadinha de dois euros, dá um prémio de um euro, menos mal. Se uma de um euro dá um prémio de dois, fica-se logo com a anestesiante sensação de que se está a ganhar, numa marcha inexorável para 10, 20, 100 mil euros, que já é bem catita, embora não tanto que se possa mandar o quotidiano à fava, junto com a sua companhia de teatro.

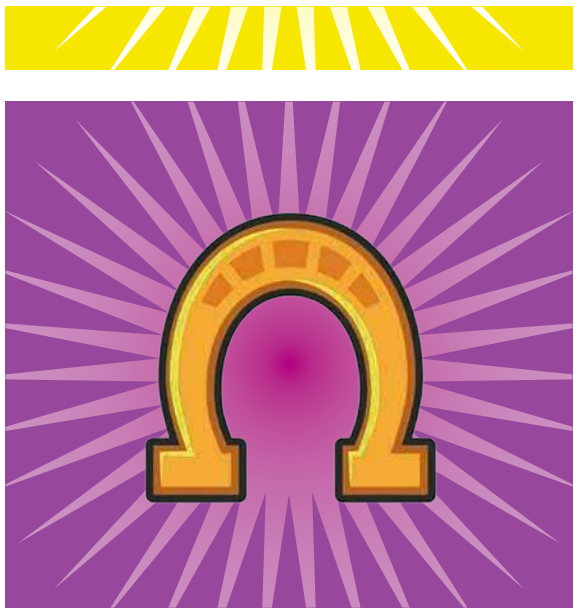
A Raspadinha, ao contrário dos jogos que dependem do resultado de eventos, só depende da sorte, ou lá o que isso é. É acessível, é imediato. É como um *shot* de jogo em que em jogo nunca está o que se perde — nem sequer quando o que se ganha mais não paga do que o prejuízo —, mas sempre o máximo que é possível ganhar, contra todas as estatísticas, variadíssimos tratados de lógica e algumas regras de bom senso. Vá lá uma pessoa saber porque saiu o 3 em vez do 4, o 29 em vez do 30, o 33 em vez do 34, o 50 em vez de outro número qualquer. Se sai um, não sai o outro. É sempre assim, como os *clichés* e os mitos urbanos.

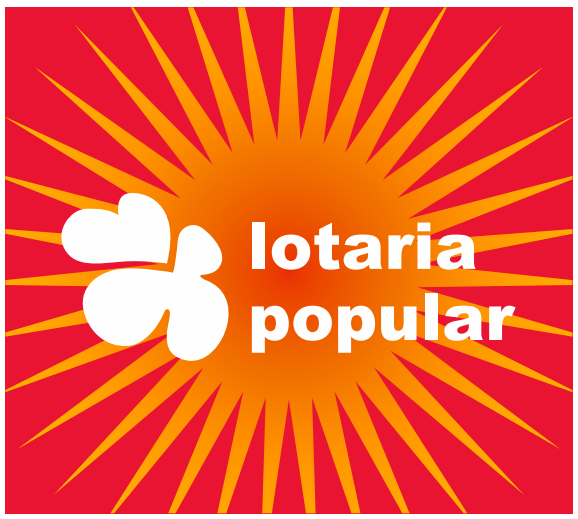
Parece que o M1lhão tem grande propensão para sair no norte de Portugal e que os supermega-ultra-jackpots no Reino Unido, mas uma pessoa nunca sabe quando a sorte lhe bate à porta. Boa parte dos

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)









jogadores tem a sua chave fixa. E até desenvolvem um certo medo de não jogar. Seria um verdadeira tragédia cognitiva sair a sua chave logo no dia em que não jogou. É daquelas coisas que podem levar um ser humano à loucura. E, nesse caso, jogar também não é vício. É terapia preventiva. Vício? Qual vício? A possibilidade não é um vício. Administradas corretamente as doses de possibilidade, a coisa funciona como um unguento existencial.

O jogo é viciante para quem o não consegue controlar. Parece que há para aí uma data de gente que ficou depenada de tanto jogar. Mas esses são os jogadores compulsivos, meus senhores. Isso é outra coisa, queridos jogadores. Isso já é o vício de jogar e não o vício de imaginar que o jogo um dia compensa. Hoje em dia, não há aposta ou jogo que se faça *in situ* que não se possa fazer *online*. É como aquele velho *jingle* da Santa Casa: "É rápido, é barato, dá milhões". Das três premissas, só uma se confirma: é rápido. É cada vez mais rápido apostar, sendo que o número de jogos de azar e a possibilidade de apostas se tornou virtualmente infinito.

O tradicional *menu* da Lotaria Clássica, Lotaria Popular, Lotaria Instantânea, Totobola, Totoloto e Joker têm de competir com jogos e apostas planetárias. Haja crédito e as possibilidades nunca se esgotam. Podemos tomar um duche enquanto apostamos numa corrida de cavalos no outro lado do planeta. Não há jogo que não se jogue no domicílio. Não há jogo que não se jogue onde se esteja com o telemóvel em punho. O mundo ficou um imenso *cybercasino*. A Póvoa de Varzim fica à mesma distância de Las Vegas. Fortunas se ganham (dizem) e fortunas se perdem (cientificamente provado) sem despir o roupão.

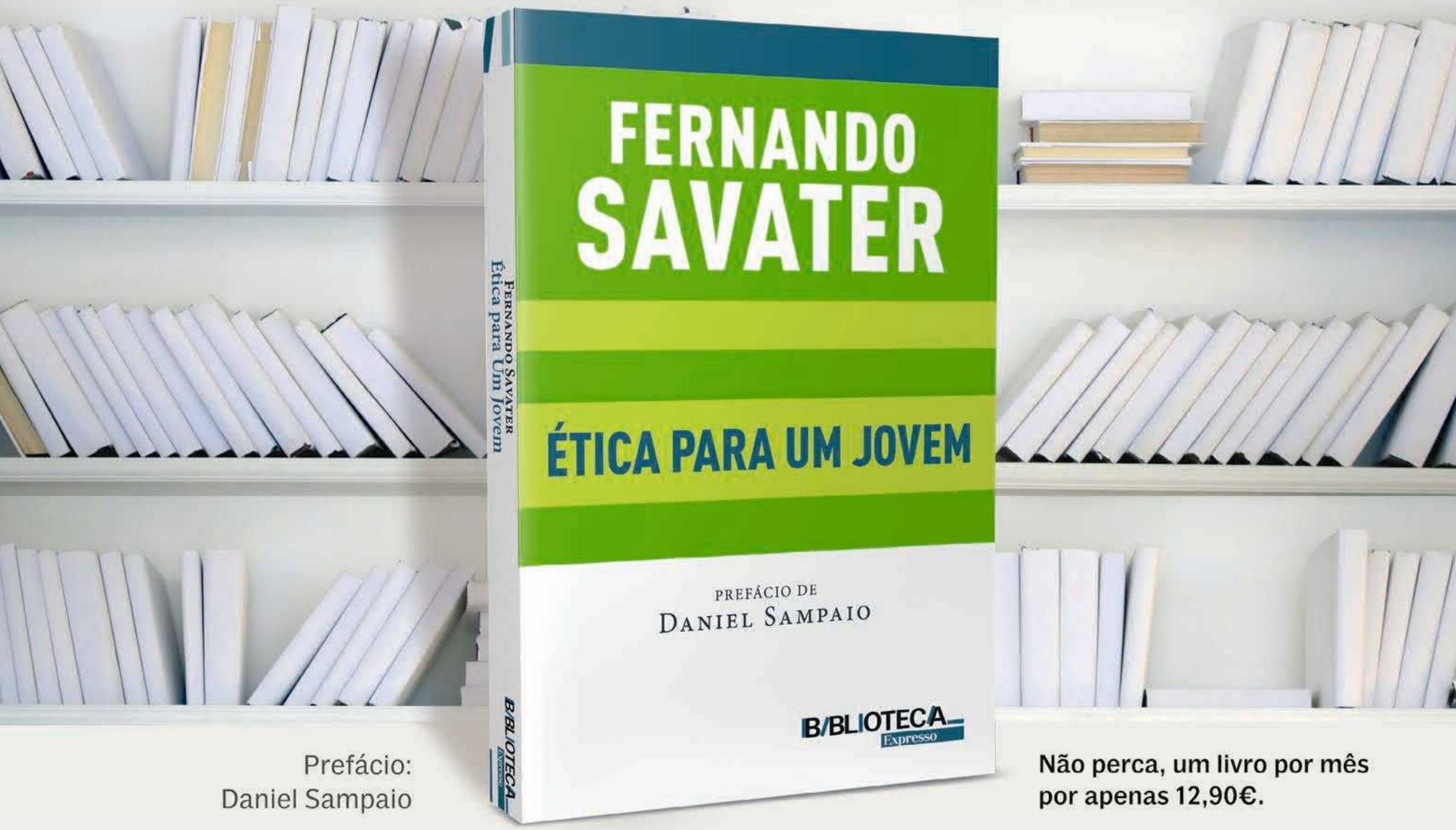
Online, as possibilidades de aposta são imensas, como uma equação sem fim, em que só a probabilidade de não ganhar é elevada. *Bet* isto, *bet* aquilo, *bet* aqui, *bet* ali, *bet* acolá. Póquer, *blackjack*, roleta, *slot-machines*, *baccarat*, *craps*, *deuce*, *jackpots* progressivos, bingo, *keno*, todos os jogos possíveis e imaginários, de todas as espécies e feitios, com todos os níveis de desdobramentos. Apostar nunca foi tão fácil, desde que em harmonia estejam o dinheiro virtual e a rede wi-fi.

Se alguém pensa que Portugal é um país de brandas apostas, talvez ajude este número. Em 2018, o volume de apostas portuguesas em jogos *online* ultrapassou os dois mil milhões de euros. Mais de seis milhões de euros em apostas por dia. Não se sabe exatamente o retorno de prémios ou mesmo os lucros que estas geraram. Entre o jogo e o jogador, já se sabe quem ganha. Vai uma apostinha? ●

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

UM LIVRO ESSENCIAL POR MÊS

BIBLIOTECA Expresso



Prefácio:
Daniel Sampaio

Não perca, um livro por mês por apenas 12,90€.

ÉTICA PARA UM JOVEM, de Fernando Savater

O Expresso apresenta a **BIBLIOTECA EXPRESSO**: uma coleção de livros que não pode deixar de ler. Cada livro conta com um prefácio de uma personalidade do Expresso que explica a relevância da obra à luz dos dias de hoje.

Encomende os livros anteriores

- **A Ordem Mundial** — Henry Kissinger — Prefácio de: Miguel Monjardino
- **Blink!** — Malcolm Gladwell — Prefácio de: Ricardo Costa
- **A Nova Era Digital** — Eric Schmidt, Jared Cohen — Prefácio de: Miguel Cadete
- **A Força do Hábito** — Charles Duhigg — Prefácio de: Henrique Raposo
- **O Regresso do Mestre - Keynes** — Robert Skidelsky — Prefácio de: Francisco Louçã
- **Uma Sociedade Funcional** — Peter F. Drucker — Prefácio de: Pedro Santos Guerreiro
- **Religião para Ateus** — Alain de Botton — Prefácio de: Lídia jorge
- **A Política em Tempos de Indignação** — Daniel Innerarity — Prefácio de: Daniel Oliveira
- **Os Próximos 100 Anos** — George Friedman — Prefácio de: José Milhazes
- **A única solução** — Mohamed A. El-Erian — Prefácio de: Anabela Campos

Já disponível CADA LIVRO **12,90€** LOJAIMPRESA.PT/EXPRESSO ■ LIGUE 21 469 88 01

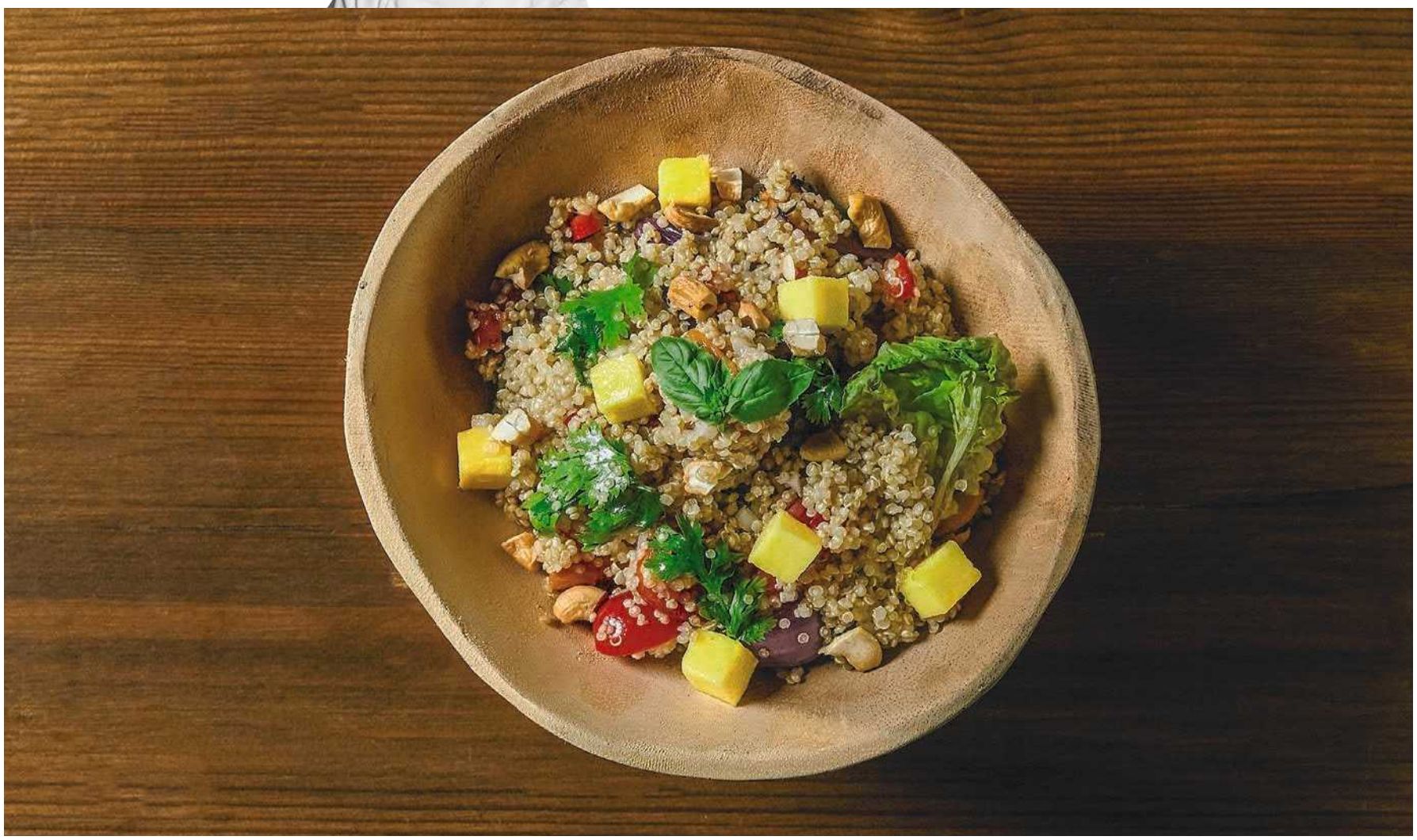
(dias úteis – 9h às 19h | sábados – 9h às 17h)

expresso.pt

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

RECEITA

POR **JOSÉ AVILLEZ**



GRUPO JOSÉ AVILLEZ

Quinoa e legumes grelhados com vinagreta, caju e manga

Uma refeição saudável e saborosa

4 pessoas/Tempo de preparação: 30 minutos/Tempo de confecção: 60 minutos

Ingredientes:

300 g de quinoa; 400 g de abóbora; 10 un. de tomate-cereja; 4 un. de coração de alface; 1 manga; 1 *courgette* pelada; 1 cebola-roxa pelada; 1 colher de sopa de caju torrado; 1 ramo de tomilho; azeite virgem q. b.; folhas de manjericão q. b.;

PARA A VINAGRETA:

75 ml de azeite virgem; 25 ml de vinagre de vinho tinto; 10 folhas de coentros; 1 tomate; ¼ de pimento vermelho sem sementes; ¼ de cebola pelada; 1 colher de chá de mostarda de Dijon; sal fino q.b.; pimenta-preta moída no momento q.b.

Comece por cozer a quinoa, em água abundante a ferver com um pouco de sal, num tacho médio, sobre lume médio, durante cerca de 12 minutos. Assim que estiver cozida, passe a quinoa por um coador e reserve.

De seguida, pele a abóbora e corte-a em cubos de 2 centímetros. Distribua num tabuleiro, retifique os temperos com sal, regue com um fio de azeite, junte o ramo de tomilho, e leve ao forno, tapada com papel de alumínio, durante 20 minutos, a 140° C. Espete um palito na abóbora para verificar se está pronta e, se necessário, deixe um pouco mais no forno. Reserve.

Corte a cebola-roxa em quartos e a *courgette* em rodelas com cerca de 0,5 cm e grelhe, de todos os lados, num grelhador ou *barbecue*. Reserve no frio para arrefecer.

Corte o caule da alface, separe todas as folhas e reserve.

Para preparar a vinagreta, corte a cebola, o tomate e o pimento vermelho sem sementes em cubos pequenos e pique as folhas de coentros. Numa taça, junte a mostarda, o vinagre de vinho tinto e um pouco de sal e pimenta. Misture bem e adicione o azeite, pouco a pouco, emulsionando bem com uma vara de arames. Junte os legumes e os coentros e, se necessário, retifique os temperos.

Numa saladeira de servir, misture a quinoa com a *courgette* e a cebola grelhadas, a abóbora assada, a alface, o tomate-cereja em quartos e a manga descascada e cortada em cubos. Tempere com a vinagreta e finalize com as folhas de manjericão e o caju picado. Sirva de imediato. ●

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

DIÁRIO DE UM PSIQUIATRA
POR **JOSÉ GAMEIRO**

O voo e o stresse

Após umas semanas de grande stresse, decidi ir voar, para 'relaxar'

Desde o suicídio/homicídio do piloto da Germanwings que se instalou alguma polémica em torno da seleção dos candidatos a pilotos, em termos da sua saúde mental.
Já antes deste grave acontecimento tinham acontecido outros, uns reconhecidos pelas respetivas companhias aéreas, outros sempre negados, apesar de claras evidências. Recentemente, o relatório de um acidente fatal no Nepal, há cerca um ano, constatou que o comandante teve uma grave crise de stresse durante o voo, ficando sem noção da sua posição, sem que a copiloto, jovem e com pouca experiência, tenha conseguido interferir na fase final do voo evitando o embate com o terreno. Como sempre, foi analisada toda a história pessoal e profissional dos pilotos e constatou-se que, muitos anos antes, o comandante tinha sido despedido da Força Aérea por ter tido uma grave depressão, que foi considerada impeditiva da sua continuação como piloto. Este episódio não evitou ser contratado por uma empresa de aviação civil.
Desde o acidente da Germawings que a EASA, a agência europeia de segurança aérea, tem exigido a cada agência nacional que avalie psiquiatricamente os futuros pilotos, assim como, nos seus exames médicos periódicos, faça na história clínica recente algumas questões sobre a vida emocional e os eventuais sintomas que tenham. A aviação comercial, apesar do aumento dos mecanismos de salvaguarda dos aviões modernos, é cada vez mais exigente, com uma concorrência feroz, margens de lucros esmagadas e, nalgumas zonas do mundo, espaços aéreos muito congestionados. As mulheres e os homens que pilotam os aviões em que voamos são treinados não só para pilotar com segurança como para saber gerir o stresse e terem algum conhecimento de si próprios, que lhes permitam identificar a sua capacidade para voar ou não em fases da sua vida mais complexas. Mas também é verdade, e o acidente da Germanwings prova-o, que é possível 'esconder' sintomas muito graves.
Sem ter a gravidade de nenhum destes acidentes, vivi há uns meses uma situação que, depois de 33 anos a voar, nunca tinha vivido. Após umas semanas de grande stresse provocado pela saúde de um familiar e quando tudo já estava mais calmo, decidi ir voar, para 'relaxar'. Tive o cuidado de não ir sozinho, mas fui eu a pilotar. Um voo curto, para uma pista onde já tinha aterrado dezenas de vezes, um tempo excelente, sem ventos complicados, mas uma pista curta que exige que se 'toque' logo no início. Tudo parecia normal, velocidade adequada, ladeira correta, mas sem me aperceber, a atitude do avião fez com que tocasse primeiro com a roda de nariz. E o avião fez o que se chama um *boucing*, ou seja, um salto, voltando para o ar com o risco de partir o trem e ter um acidente. Ao meu lado o Manuel Pedro Magalhães, com quem voo há muitos anos, ficou calado, sem interferir, à espera do que eu iria fazer, mas pronto para dizer a frase clássica, "o avião é meu" e agarrar o manche. Teve a atitude correta, que só mudaria se percebesse que eu iria insistir em aterrar numa pista curta, correndo o risco de não conseguir parar antes do fim. Borreguei, ou seja, meti motor a fundo e voltei a descolar voltando para o aeródromo de origem, com uma pista longa, onde aterrei sem problemas.
Depois, à volta de um café, conversámos e só aí me apercebi que não tinha tido consciência do stresse que ainda estava a viver e que tinha afetado fortemente a minha proficiência.
A aviação é o meio mais seguro de transporte, mas tem exigências de segurança emocional, que felizmente agora começam a ser valorizadas. ●

josemanuelgameiro@sapo.pt

PUB

NOVIDADES da semana

GRANDE SOM NO GRANDE ECRÃ

Quando se pensa em colunas *multiroom* de eleição para ouvir música em toda a casa, a Sonos surge logo à cabeça. A Beam, disponível em preto ou branco, é a nova barra de som da marca americana, podendo integrar um sistema sem fios já implementado e, isoladamente, fazer brilhar o som de qualquer televisor. As revistas da especialidade elogiam-lhe, por exemplo, a profundidade dos baixos mas a Beam tem outros argumentos como o facto de ser compacta, leve e de poder responder a comandos de voz através dos assistentes virtuais Amazon Alexa e Siri. ***sonos.com***

PRIMAVERA INSPIRADORA

A primavera está à porta e a Pandora já revelou as suas tendências para a nova estação. Inspirada na simbologia e na força dos desejos, a nova linha Wish mistura metais preciosos trabalhados à mão com uma forma estilizada. Os anéis Shining Wish, em Pandora Shine, e Classic Wish, em prata com zircónias, fazem parte de uma coleção com colares e pulseiras que podem ser usadas combinadas entre si ou individualmente, conforme o gosto e a ocasião, para um *look* mais personalizado e único. ***pandora.net***

CELEBRAR O CINEMA

A Rolex é patrocinadora oficial dos Óscares e voltou a sentar os seus convidados no Greenroom que, este ano, foi beber inspiração à campanha Perpetual Planet numa celebração do mundo subaquático que é, simultaneamente, um alerta para a necessidade da sua proteção.
A manufatura suíça está, há décadas, ligada à história do cinema e tem trabalhado diretamente com realizadores como Alejandro G. Iñárritu que, no biénio 2014-2015, integrou a The Rolex Mentor and Protégé Arts Initiative, um programa lançado em 2002 que junta jovens artistas talentosos a mestres artísticos para um ano de colaboração criativa.
rolex.com

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

VINHOS

POR **JOÃO PAULO MARTINS**

MANUEL VELASCO/GETTY IMAGES

A paciência que nos falta

E ficamos quase sempre a perder...

No tempo dos nossos pais os vinhos velhos eram os mais valorizados e, até na restauração, os mais caros. A verdade é que os vinhos precisavam de muito tempo em garrafa para ficarem bebíveis. Depois, nos anos 90, tudo mudou e deu-se uma enorme revolução: mais e melhor tecnologia, mais técnicos qualificados e vinhos bebíveis mais cedo. Como consequência os vinhos velhos perderam audiência face à explosão de virtudes que os novos traziam. Deixaram de ter valor e passaram para a parte final das cartas de vinhos, na secção de "Relíquias a bom preço", ou dito por outra forma, "compre por favor que preciso de me ver livre destes monos". As revoluções têm efeitos destes e atualmente falta-nos a paciência necessária para esperar por um vinho. É seguro que a grande maioria dos que estão disponíveis no mercado não ganham nada em ser guardados e também é verdade que não temos confiança na forma como os vinhos são conservados na maior parte dos restaurantes, o que nos leva a torcer o nariz quando nos propõem, por exemplo, um branco com mais idade. Pensamos logo: será que o empregado apenas está a querer despachar o *stock*, ou conhece bem o vinho e sabe que ligará bem com este prato? Na restauração existe a vantagem de não pagarmos o que está defeituoso e isso deixa-nos mais tranquilos. Mas fiquemos com a certeza que não são apenas os vinhos mais nobres e caros que merecem ser guardados. Todos temos alguns tintos em casa mas o que falta aos consumidores portugueses é o hábito de guardar vinhos brancos. Por isso a seleção de hoje lhes é dedicada. Há muito mais vinhos do que imaginamos que precisam de tempo, que requerem o amadurecimento que só o estágio lhes pode conferir. E, apesar do que se possa pensar, nem é preciso que esse tempo se estenda por muitos anos. Sem ser uma regra rígida, creio que entre cinco a dez anos de idade é o tempo correto para que um vinho ganhe carácter e distinção. Não foi há muitos anos que tive oportunidade de provar o primeiro Cartuxa branco, de 1990. Estava em muito boa condição e deu prova finória. Mas... quem é que, à partida, diria que um branco do Alentejo duraria 20 anos? O mesmo aconteceu com brancos fabulosos da Tapada do Chaves da década de 80. Mas não se justifica recuar tanto. Os vinhos que apresento são bem mais jovens e estão agora no melhor ponto da sua carreira. Poderão ganhar mais cor mas não se assuste que a cor mais carregada, só por si, não é nenhuma tragédia e só a prova pode confirmar a valia do vinho. Estes são os brancos verdadeiramente interessantes. Não são do quotidiano não vão com qualquer prato mas merecem consumo atento, bons copos e boa ligação com a comida. São fonte de prazer, ao contrário dos brancos vulgares que pertencem à família dos "bebi, mas já não me lembro...!" Uma pequena sugestão: não deixe fugir os brancos de 2008 que a qualidade e a evolução que tiveram foram incríveis. Vamos lá ver na cave o que temos estado a perder... ●

OS PREÇOS NÃO SÃO PROPOSITADAMENTE APRESENTADOS

Bons Ares Branco 2008

Região: Regional Duriense
Produtor: Ramos Pinto
Castas: Castas locais e 40% de Sauvignon Blanc
Enologia: À época João Nicolau de Almeida
Vinhas em altitude e, desde sempre, o Sauvignon associado a castas locais.
Dica: Cor incrível para a idade, fruta madura mas com imensa qualidade. Uma surpresa e tanto.

Maritávora Grande Reserva branco 2010

Região: Douro
Produtor: Quinta de Maritávora
Castas: Lote de muitas castas em vinha centenária
Enologia: Jorge Borges
Vinhas no Douro Superior, algumas castas ainda não identificadas.
Dica: Branco de referência no panorama nacional, complexo, cheio e ainda com potencial de vida em cave.

Soalheiro Branco 2011

Região: Monção-Melgaço
Produtor: VinuSoalleirus
Casta: Alvarinho
Enologia: António Luís Cerdeira
Carregado na cor, aroma magnífico, cheio e ainda com acidez vibrante, com fruta madura e frutos secos. Uma beleza.
Dica: Perfeito para sopas de peixe ou queijos, sobretudo amanteigados ou de meia cura.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

SOBRE MESA

POR **FORTUNATO DA CÂMARA**

RUI DUARTE SILVA

A senhora do marquesado

Em Pombal há uma mulher que reina entre a cozinha e a mesa, na simplicidade da sua nobreza

Dizia o poeta que "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce". Neste caso, o mensageiro sonhador desta mensagem pessoana é... uma mulher, com 'M' capital e instinto de maioral. Ora, em meados dos anos 80, Lurdes Graça queria libertar-se de ser inquilina, enquanto explorava um concorrido poiso de petiscos numas bombas de gasolina em Pombal. Sonhava ter o 'seu' restaurante. Apesar do nome próprio, Evangelista Nunes Graça, o marido, tinha uma fé comedida, antevendo neste desejo um possível pesadelo. O investimento arriscado era compensado com a sua mão para a cozinha e o 'atrevimento' em querer deixar um legado. A D. Lurdes quis, sonhou, e em 1986 a obra nasceu junto à EN 01. E já lá vão quase 33 anos...

O casarão do Manjar do Marquês é paragem obrigatória para viajantes e clientes locais. As duas centenas de lugares de estacionamento são frequentemente curtos para receber os que procuram os diversos salgados tradicionais, fritos a cada instante, a salada de feijão-frade, os carapaus de escabeche, e outros, sob o beneplácito do omnipresente arroz de tomate. Isto no lado esquerdo da mansão, em modo informal e familiar, já que na ala direita da planta térrea impera a cozinha regional e tradicional com diversas opções, entre elas: 'Bacalhau frito', 'Lulas estufadas', 'Borrego à moda de Pombal', 'Chanfana', ou grelhados na brasa como a 'posta de garoupa' ao hispânico 'chuletón' da raça bovina Rubia Gallega.

Optámos pela ampla sala de refeições de espaço franco entre mesas, e pedindo à lista algumas especialidades emblemáticas. De início, um bom "Queijo fresco de ovelha e cabra" (€5) com o sabor personalizado da mistura dos leites. Depois começou o desfile de salgadinhos com os dourados e estaladiços "Pastéis de bacalhau" (€1,70 unid.), bojudos e com o pescado reinante, sendo muitos os que calcorreiam quilómetros por eles. Igual desígnio viageiro merecem os "Rissóis de peixe" (€1,70 unid.), com um delicioso recheio que combina pedaços de pescado com um molho suave e de cariz marisqueiro. Nos "Croquetes de carne" (€1,60 unid.) o aroma de um bom estufado traduzia-se numa massa de carne mais fofa que o habitual. Tudo acabado de frigir e que tal como o arroz tomateiro, elevado a ícone do estabelecimento, têm na proibição de ser levado para fora o acentuar do lado mítico.

Ei-lo então em parceria com o "Pregado frito com o nosso arroz de tomate" (€17), servido em tacho de ferro, fumegante e cremoso. O bago carolino enleado pelo molho de tomate, de sabor frutado graças à boa origem da conserva — sempre preferível que inodoros e sensaborões embustes 'frescos' de estufa invernal —, e a ligar bem com a fritura enxuta das postas do pescado, de espessura média e lascas alvas. Sabores intensos na "Vitela d'Avó" (€14) com a ruborização prévia dos nacos de carne no tacho a darem ao estufado os aromas de um cozinhado lento e atento, com o molho grosso guarnecido de pão frito e rodelas de cenoura, trazendo para a mesa memórias matriarcais. "Os nossos rojões com migas de nabiças e morcela de arroz" (€14) eram cubos cárneos com tempero de massa de pimentão, estufados e tenros, em contraste com as boas migas vegetais com broas e feijão-frade, e o bom nível do enchido sanguíneo de aromas especiados. Imponente o "Arroz de entrecosto com grelos" (€30, 2 pax), em terrina loiceira com os nacos porcinos em vinha e alhos, imersos no delicado arrozal carolino, com o disruptivo e feliz acre vegetal.

A garrafeira é vasta e de horizontes largos, a preços abordáveis, com o serviço jovem e atento, a mostrar orgulho e simpatia na missão de receber. Os doces bandeira são: o delicado "Manjar do Marquês" (€4), um creme de gemas e amêndoas, a pender (e bem) para o protagonismo do fruto seco e de doçura equilibrada; e o "Leite creme queimado" (€4) a evidenciar fineza elegante sob o vidrado sacarino.

Que privilégio observar a Senhora Maria de Lurdes dos Santos Lopes Graça a manobrar o bloco central (jargão de fogão) da sua cozinha sonhada, com delicadeza e sabedoria, aos 87 anos. O marquesado de Sebastião José de Carvalho e Melo, cuja relação com o género feminino oscilava entre a devoção e a misoginia às rainhas que o empurraram para Pombal, tem aqui uma guardiã da cozinha portuguesa imune a modas e trovas. Uma mulher ilustre que conquista os seus sonhos a cada dia que passa. ●

MANJAR DO MARQUÊS

Estrada Nacional 01 — Pombal
Telefone: 236 200 960
Encerra à quarta-feira (reserva recomendada)

ACEPIPE

Redes de (re) conhecimento

A essência da nossa cozinha tradicional está nos gestos de mães, avós, bisavós... É esta genealogia, baseada na genial ideologia — ainda que muitas vezes forçada pelas privações sociais de cada época e lugar — que é a arte de se cozinhar com o que se tem para quem se ama, que mantém a nossa identidade gastronómica tão impactante aos de fora. Os reflexos práticos de inúmeras mulheres anónimas alimentam o imaginário gustativo dos cozinheiros novos. Rodam o mundo, mas querem voltar para os braços da cozinha-mãe. Para o conseguirem, têm também o trabalho profundo de outras mulheres, que por cá fazem avançar as nossas ciências nos domínios alimentar, gastronómico e de costumes. Há homens (também), mas as pesquisas de Ana Marques Pereira, Inês de Ornellas e Castro, Isabel Drummond Braga, Paulina da Mata ou Raquel Moreira, são um breve indicador da diversidade e abrangência de trabalho de muitas outras investigadoras. Um belíssimo exemplo é o recente livro "Vidas e Vozes, do Mar e do Peixe", onde Maria Manuel Valagão (com Nídia Braz e Vasco Célio), nos serve com emoção o mar do Algarve, com todo o seu labor, sofrimento e requintados sabores. Uma obra emocional feita com o mesmo rigor "com que os homens abraçam o mar, dedicando-lhes a vida". A onda revolta das questões de género jamais deve esquecer que há uma rede feminina de conhecimentos que é tudo menos efémera.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

EM PARCERIA COM RECHEIO CASH & CARRY

AS NOSSAS RECOMENDAÇÕES

Saiba mais sobre estas e outras sugestões em boacamaboamesa.expresso.sapo.pt

boa cama boa mesa Expresso

Lá em casa

Avenida D. Manuel I. Gouveia. Tel. 238 491 983

Este é um restaurante de referência na região, localizado onde começa o Parque Natural da Serra da Estrela. Curiosamente, e dada a localização, o prato mais solicitado é um crepe de camarão. Esta proposta, o símbolo da casa, é sempre a mais pedida pelos residentes. Quem vem de fora, à procura da neve, da alegria e da diversão, prefere os enchidos e o potente e inusitado lombinho de porco recheado com queijo de ovelha e molho de morcela. A carta faz-se ainda com polvo grelhado e carne barrosã. Ao domingo conte também com cabrito e borrego de leite feito como manda a tradição. Preço médio: €20.

Serra da Estrela

Berne

Hotel Berne, Quinta de santo António, Manteigas. Tel. 275 981 351

O restaurante é discreto, localizado no piso térreo do hotel com o mesmo nome, mas isso não invalida que haja quem venha de propósito a Manteigas pelo peixe do rio, frito ou grelhado, que aqui se serve. Motivo de romaria são também as migas de feijoca com entrecosto. Preço médio: €20.

Margarida I

Senhora do Desterro, Seia. Tel. 238 321 136

No edifício que em tempos serviu de forno comunitário mantém-se presente o receituário fiel aos sabores ancestrais da região. Caso disso, o bacalhau com amêndoa, o frango com castanhas, a canja de galinha e o cabrito assado (por encomenda). Preço médio: €20.

Vallécula

Praça Doutor José de Castro, 1, Valhelhas. Tel. 275 487 123

Pode dizer-se que Valhelhas é conhecida pela praia fluvial, mas o verdadeiro embaixador da localidade é este restaurante, pequeno, tradicional, mas, ao mesmo tempo, confortável e elegante, pelo menos a julgar por todos os que percorrem quilómetros para ali fazerem uma refeição. São perfeitos os patés e as entradas, as perdizes num escabeche magnífico e o galo, seja ele cozinhado de que forma for. O javali sai perfeito da cozinha e as sobremesas são gulosas e mostram a mestria da cozinha. Preço médio: €30.

Taberna A Laranjinha

Rua 1º de Dezembro, 18, Covilhã. Tel. 275 083 586

Prove as trutas crocantes e de escabeche, a gaiola de perdiz e o galo do campo. Os pastéis de molho da Covilhã, com molho de vinagre e açafrão são obrigatórios. O cremoso de requeijão com doce de abóbora e a mousse de chocolate são imperdíveis. Preço médio: €20.

O Abrigo da Montanha

Rua Do Comércio, 46, Sabugueiro, Seia. Tel. 238 315 329

A recente entrada do chefe António Batista para a cozinha elevou a oferta a um patamar raro de encontrar na região. O cabrito, a chanfana, os queijos e as trutas da região são ingredientes obrigatórios. Preço médio: €30.

Robalo

Largo do Cinema, 4, Sabugal. Tel. 271 754 189

Prove o bacalhau à Mono, o cabrito ou cordeiro grelhado na brasa, pincelado com azeite, passado pela brasa e apenas acompanhado por uma pitada de sal. As papas de milho e o arroz doce são sobremesas certeiras para terminar uma refeição em grande. Preço médio: €15.

Varanda da Estrela

Estrada de Acesso à Piscina, 221, Penhas da Saúde, Covilhã. Tel. 963 447 873

Pela localização, não se espera nada mais do que comida regional. comece com uma tábua de queijos e enchidos e prove o arroz de zimbro. Preço médio: €25.

O Mário

EN 18, Cruzamento de Alcaria, Alcaria, Fundão. Tel. 275 750 001

Os clássicos são a panela no forno, a tiborna de bacalhau à Mário, a lampreia à bordalesa, no seu tempo, e o arroz de carqueja com entrecosto em vinha-d'alhos. Termine com a tigelada da Beira ou as papas de carolo. Serviço eficiente e hospitaleiro. Preço médio: €25.

Camelo

Eurosol Seia Camelo, Avenida 1º de Maio, 16, Seia. Tel. 238 310 100

A comida regional preserva os sabores de outros tempos. Na ementa destacam-se os enchidos caseiros, para iniciar a refeição. O clássico bacalhau com broa, o cabrito à serrana e a feijoada da Beira continuam a reunir consensos. Preço médio: €20.

Restaurante Madre de Água

Quinta Madre de Água, Vinhó. Tel. 238 490 500

O chefe soube pegar nos produtos que a quinta e a região oferecem, enaltecendo-os em pratos cheios de sabor. São criações perfeitas para harmonizar com os excelentes vinhos da casa, feitos a partir das uvas das videiras que se observam a partir das janelas do restaurante. Preço médio: €30.

Alkimya

Avenida Frei Heitor Pinto, 1, Covilhã. Tel. 275 334 174

Um conceito de bistrô na cidade, com produtos regionais a chegarem à mesa tratados de forma contemporânea e elegante. Todos os dias há um menu de almoço, mais económico, mas não perca o assado de porco com mel e cerveja Praxis. Preço médio: €20.

Soadro do Zêzere

Rua Dr. Álvaro de Castro, 2, Valhelhas. Tel. 275 487 114

Aconselha-se começar com uma ronda de enchidos da Guarda, com destaque para a morcela, antes de passar para a especialidade da carta: truta em escabeche com migas de batata-doce. Em dias da semana pode haver arroz de cabidela caseiro, ao fim de semana, cabrito assado. Preço médio: €20.

Onde dormir

H2otel Congress & Medical Spa Covilhã

Avenida das Termas, Unhais da Serra. Tel. 275 970 020

O edifício gigantesco impõe-se na paisagem, mas não a domina, complementa a vista do Parque Natural da Serra da Estrela que começa praticamente à porta. Depois há os 90 quartos e as 17 suítes (a partir de €120), todos de uma elegância e conforto únicos, perfeitos para ir em família ou numa perspetiva mais romântica. Mas a verdadeira joia da coroa é o Aquadome, onde se realizam diversos tratamentos, desde a fisioterapia ao termalismo, passando por exclusivas massagens. A piscina, a 31 graus Celsius, sai para o exterior do edifício, proporcionando um cenário impressionante.

A não perder

Esquiar

Para uns dias perfeitos em família, o destino óbvio, assim haja neve, é a estância de esqui. A quase dois mil metros de altitude, oferece as condições ideais para a prática de esqui e *snowboard*. As aulas de iniciação podem ser individuais ou de grupo, até seis pessoas, e prometem durante uma hora ensinar os básicos para deslizar alguns metros (a partir de €40 por pessoa). Há 18 pistas com diferentes graus de dificuldade, tendo a mais desafiante 950 metros de comprimento. Então e se chegar lá acima e neve nem vê-la? O Ski Parque, a 10 quilómetros de Manteigas, tem pistas sintéticas de esqui e *snowboard* abertas todo o ano e aulas de iniciação adaptadas a todas idades que incluem um fim de semana intensivo de prática(€50 por pessoa/mínimo 6 pessoas).

"BOA CAMA BOA MESA" NA SIC NOTÍCIAS: À DESCOBERTA DE CAMINHA

COM ESTREIA ESTE SÁBADO NA SIC NOTÍCIAS, E REPETIÇÕES AO LONGO DA SEMANA TAMBÉM NA SIC MULHER E SIC INTERNACIONAL, O PROGRAMA CONVIDA A UMA VIAGEM ENQUADRADA PELO RIO, O MAR E A MONTANHA. EM CAMINHA, DESCUBRA A NATUREZA, COM UMA DESCIDA DE CAIAQUE NO COURA, MAS TAMBÉM A TRADIÇÃO À MESA, ONDE NÃO FALTA A LAMPREIA, E A INOVAÇÃO NO DESIGN & WINE HOTEL.

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

DESIGN

POR **GUTA MOURA GUEDES**

BLUE LINES
Álbum 1991

KARMACOMA
Packaging 1995

MEZZANINE
Álbum 1998

100TH WINDOW
Álbum 2003

Massive

Uma banda onde o design de comunicação e o design gráfico, tal como editorial, têm um peso expressivo

HELIGOLAND
Álbum 2010

HELIGOLAND
Série 2010

SPRAY DE TINTA PRETA COM "MEZZANINE" CODIFICADO EM ADN
2019

VOODOO IN MY BLOOD
Vídeo 2016

INSTALAÇÃO PARA O FESTIVAL DE MANCHESTER
2013

CONCERTO
2017

Estiveram cá na semana passada. O Campo Pequeno esgotado nas duas noites em que os Massive Attack levaram até ao osso a celebração do álbum "Mezzanine", que fez em 2018 os seus vinte anos. Concerto imperdível, como são todos os concertos desta banda, criada em 1988 em Bristol. Com uma produção musical de um nível excepcional, difícil de igualar, usam desde o início múltiplas áreas artísticas, onde o design de comunicação e o design gráfico, tal como editorial, têm um peso expressivo.

Não é por acaso. Dos músicos que originalmente fundaram a banda, Robert "3D" Del Naja, Grant "Daddy G" Marshall e Andy "Mushroom" Vowles, o primeiro é também *graffiter*, artista plástico, designer e ainda escritor. Olhando retrospectivamente, tão importante como a composição musical dos Massive tem sido a criação visual, imagética, da banda. Do mesmo modo que têm convidado músicos de excepção para tocarem e cantarem com eles, como o caso de Tricky, Elizabeth Fraser, Tracey Thorn e Horace Andy, assumindo uma versatilidade experimental rara, têm seguido semelhante percurso nas outras áreas.

O estúdio artístico United Visual Artists, o fotógrafo Nick Knight, o realizador Adam Curtis, o director artístico Tom Hingston, são apenas alguns dos nomes que tem sido suporte e estímulo da mente hipercriativa de Robert Del Naja, cuja inquietação, criatividade, sensibilidade e sentido político marcam a obra dos Massive Attack de forma indelével.

"Ter imensas ideias, conceitos e desenhos e ter a habilidade de os realizar e transformá-los em algo que tenha um formato e que pode ser impresso são duas coisas completamente diferentes", diz Del Naja numa entrevista à "Wallpaper" em Maio de 2018. É nessa tradução que o design é essencial e se torna ferramenta complementar. O facto é que os formatos que os Massive encontram para transmitir as suas mensagens e visões são de uma imensa variedade e impacto: quer as capas dos vinis e CD, os vídeos, o *set design* dos concertos, as instalações, os *posters*, as *T-shirts* e as pequenas surpresas celebratórias.

Como a forma de comemorar os 20 anos do "Mezzanine", codificando a música do álbum em 920.000 tiras de ADN, inseridas em 5000 microesferas, que depois foram colocadas numa lata de *spray* de tinta preta mate, numa edição limitada, a ser lançada em Abril próximo.

Melhor do que isto? Difícil. ●

Guta Moura Guedes escreve de acordo com a antiga ortografia

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

MODA

POR **GABRIELA PINHEIRO**

Dicas & Regras

Relações improváveis

Também no mundo da moda a diversidade tem uma química especial. Prepare-se para ousar

Se as barreiras da moda têm vindo a ser derrubadas a cada nova coleção, então prepare-se para jogar num terreno quase sem regras. Aliás, neste jogo o que impera é apenas o gosto e a ousadia de cada um. Os dados estão lançados, e as ferramentas foram disponibilizadas. À nossa disposição temos as mais improváveis misturas de padrões, matérias, texturas e proporções que alguma vez foram usados. Cada um é livre de as combinar na medida em que mais se identifique e valorize.

As combinações inesperadas servem acima de tudo para criar diversidade e exclusividade nas peças ou *looks* que escolhemos. A grande novidade desta estação é que uma só peça pode reunir um conjunto de materiais que habitualmente nunca seriam combinados, chegando mesmo a ser completos opostos. Exemplos claros desta atração de polos são a junção de pele com plástico, ou de seda com ganga, ou até mesmo proporções diametralmente opostas num mesmo item. Assim, surgem as chamadas peças-chave que só por si já ditam o sucesso de um *outfit*. Deve apostar em apenas uma destas peças *statement* e suavizar o conjunto, procurando alcançar uma combinação perfeita.

Como em qualquer terreno sem regras, o risco de insucesso é muito elevado, por isso todo o cuidado é pouco na hora de arriscar no jogo das misturas improváveis. O meu conselho é que aposte primeiro em peças únicas que se destacam num *look* neutro, e depois quando ganhar confiança entre numa brincadeira mais séria de combinar várias peças, para assim atingir um visual realmente arrojado e muito exclusivo. ●

FOTOGRAFIAS GETTY IMAGES

Shopping

HOODIE EM ALGODÃO COM SEDA E VISON
Versace
€1595

CASACO BOMBER COM CORPETE
Moschino
€1100

ÓCULOS DE SOL COM CORRENTES
Stella McCartney na Olhar de prata
590€

TÉNIS EM CABEDAL COM PÊLO
Steve Madden
€99

CASACO DE GANGA COM SOBREPOSIÇÕES
Monse na Mytheresa
€1045

CALÇAS À BOCA DE SINO COM LANTEJOULAS EM PATCHWORK
Halpern na net-a-porter
€2180

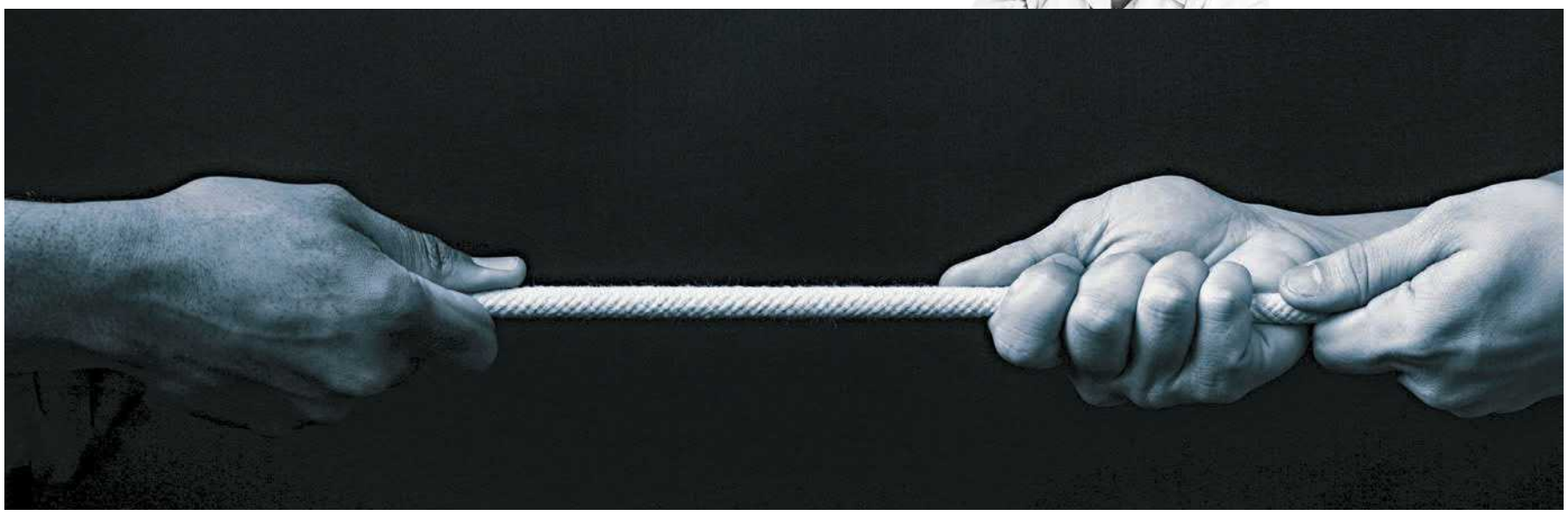
BLAZER OVERSIZED COM CINTO
Zara
€49,95

PULSEIRA COM LENÇO DE SEDA
Versace
€260

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

HÁ HOMEM

POR **LUÍS PEDRO NUNES**



GETTY IMAGES

Deu a louca na moda?

As marcas de luxo estão a ser deliberadamente racistas

Há dias li uma frase muito imbecil. O multimilionário dono dos cafés Starbucks, candidato às presidenciais dos EUA, garante que, em termos de raça, é "daltónico", embora a expressão em inglês seja "color blind" — que remete para uma qualquer cegueira cromática. E pensa que assim se pode furtar a questões sobre raça, racismo e a desigualdade de oportunidades que a cor da pele muitas vezes implicam. E do qual o seu império é um sintoma, dado que os brancos estão nos lugares de topo e os negros servem os *macchiato*. Nos EUA as questões da raça e do racismo estão de volta à agenda desde a eleição de Trump — o facto de desfilarem rapazes brancos, com tochas a arder, a bramir inanidades contra judeus ajuda —, mas o discurso antirracista parece por vezes levado a um tal extremo que cansa mesmo quem está nessa luta. Li num jornal eletrónico português que uma qualquer rebelião se tinha organizado nos EUA contra as máscaras de carvão de limpeza de pele, dado que faziam lembrar as *blackface* — as caras de brancos pintadas de preto para ridicularizar os negros, usadas em espetáculos até há menos de um século. Achei isto estranho. Decidi investigar.

A moda tem estado sob fogo. Ou melhor, certas marcas de luxo têm nos últimos meses cometido uma sequência de gafes que já levam a pensar se não o estarão a fazer propositadamente. Há um tipo de "casos" indesejáveis e que estão relacionados com a China. Tudo o que leve a um boicote do mercado chinês pode ditar o fim de uma marca de luxo. Isso não se quer mesmo. A Dolce & Gabanna colocou numa campanha uma modelo chinesa a fazer figura de parva por não saber comer esparguete, tentando fazê-lo com os tradicionais pauzinhos, o suficiente para a D&G ser obrigada a suspender desfiles e desfazer-se em pedidos de desculpa. Mas isto é uma coisa.

Outra é marcas como a Prada, Gucci ou a marca de sapatos da Kate Perry decidirem utilizar imagética *blackface*. Este é um assunto bem vivo nos afro-americanos, ainda mais porque terá perdurado até aos anos 60. Não dá para achar que é uma "estética gira". O atual governador da Virgínia mascarou-se de *blackface* e colocou a foto no livro de formatura da escola de medicina nos anos 80. E recusa-se a demitir-se. Mas a Virgínia foi a capital dos Confederados. O *blackface* era a forma mais primitiva que um branco tinha de humilhar publicamente um negro, mascarando-se e "imitando-o" de forma animalesca, num palco, para riso geral.

Que em 2018/19 a moda se vá apropriar disso é perturbador. A Prada, que tem uma bonecada que se chama Pradamalia — uma coleção de amuletos bizarros na qual — *hélas* — se encontrava um aparente negrito tipo 1920, bonequito queriducho, bolinha torrada de beiço vermelhusco. Deu bronca. A senhora Prada pediu perdão e anunciou um "conselho de diversidade cultural".

E de seguida foi em escalada. A Gucci apareceu com uma máscara ninja com a zona da boca em vermelho, que fazia o branquélio parecer um... adivinhou: *blackface*. Teve de retirar o produto. Mais indignação. O *rapper* 50 Cent até queimou *T-shirts* da Gucci de 600 dólares no Twitter. Outra que não conheço disse que ia retirar o *tattoo* da marca que tinha algures no corpo.

A Burberry decidiu não ficar atrás e um dos seus modelos desfilou na passarela com um *hoodie* e uma espécie de corda com nó de forca. Aqui foi à escolha. Podia ser um piscar de olhos ao KKK ou uma estetização do suicídio. Chega? Isto tudo em três meses.

As teses, li-as de todo o tipo. A Gucci alegou ignorância cultural. Disse que não sabia o que era um *blackface*. Há outros que alegam que são os próprios criadores que, mesmo sabendo, querem apropriar-se da imagética com que se têm cruzado, independentemente do seu significado. Há os especialistas de marketing que garantem que estas marcas querem ser faladas e que qualquer publicidade é boa, etc.

Pode ser tudo isto junto. Mas há também a possibilidade de existir uma maior sensibilidade de quem vê. Quando fui investigar a história da máscara de carvão que tinha provocado a tal polémica nas redes sociais constatei que, embora vários jornais ingleses e norte-americanos tivessem dado várias páginas ao assunto, tudo se baseava em dois ou três *tweets* de pessoas com meia dúzia de seguidores e um deles, inclusive, de uma conta humorística — ou seja, não havia caso nenhum, mas sim a disponibilidade para acreditar que até uma máscara de beleza, utilizada em casa, era racista. Patetice.

De todas as teses conspirativas a que mais faz sentido para mim — e chamem-me maluco — é que estas broncas são deliberadas, pensadas para satisfazer uma necessidade elitista do seu público, que gosta de viver num tempo a que Trump chama quebrar o "politicamente correto". Enquanto a Nike, uma marca popular de consumo de massas, lança campanhas aspiracionais e igualitárias e arriscadas, do "lado certo da história", estas marcas virada para um público de luxo, elitista e que está disposto a dar milhares de euros por um penduricalho, está disposto a estes *faux pas* racistas. Será que a Gucci se quer afastar da imagem de marca de negros ricos, de *rappers*? Assim agora um branco rico ao usar a marca tem um certo agrado em usar algo que simbolicamente se "porta mal", com um travo racista? Seria interessante provar esta tese. Tem mais lógica do que uma marca alegar "ignorância". ●

lpnunesxxx@gmail.com

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

PASSATEMPOS

POR **MARCOS CRUZ**

Sudoku Fácil

	4		1	3	7			
				5				8
		6		9		3		
6				4				1
3	9	5	8		2	7	4	6
7				6				9
		1		8		9		
8				2				
			3	7	4		1	

Sudoku Muito Difícil

	9			2				
			1					9
		7			4	3		
		1		6			7	
3			4		5			8
	2			1		5		
		5	7			8		
8					3			
				5			2	

Soluções

Fácil

5	4	8	1	3	7	6	9	2
9	2	3	4	5	6	1	7	8
1	7	6	2	9	8	3	5	4
6	8	2	7	4	9	5	3	1
3	9	5	8	1	2	7	4	6
7	1	4	5	6	3	2	8	9
4	3	1	6	8	5	9	2	7
8	5	7	9	2	1	4	6	3
2	6	9	3	7	4	8	1	5

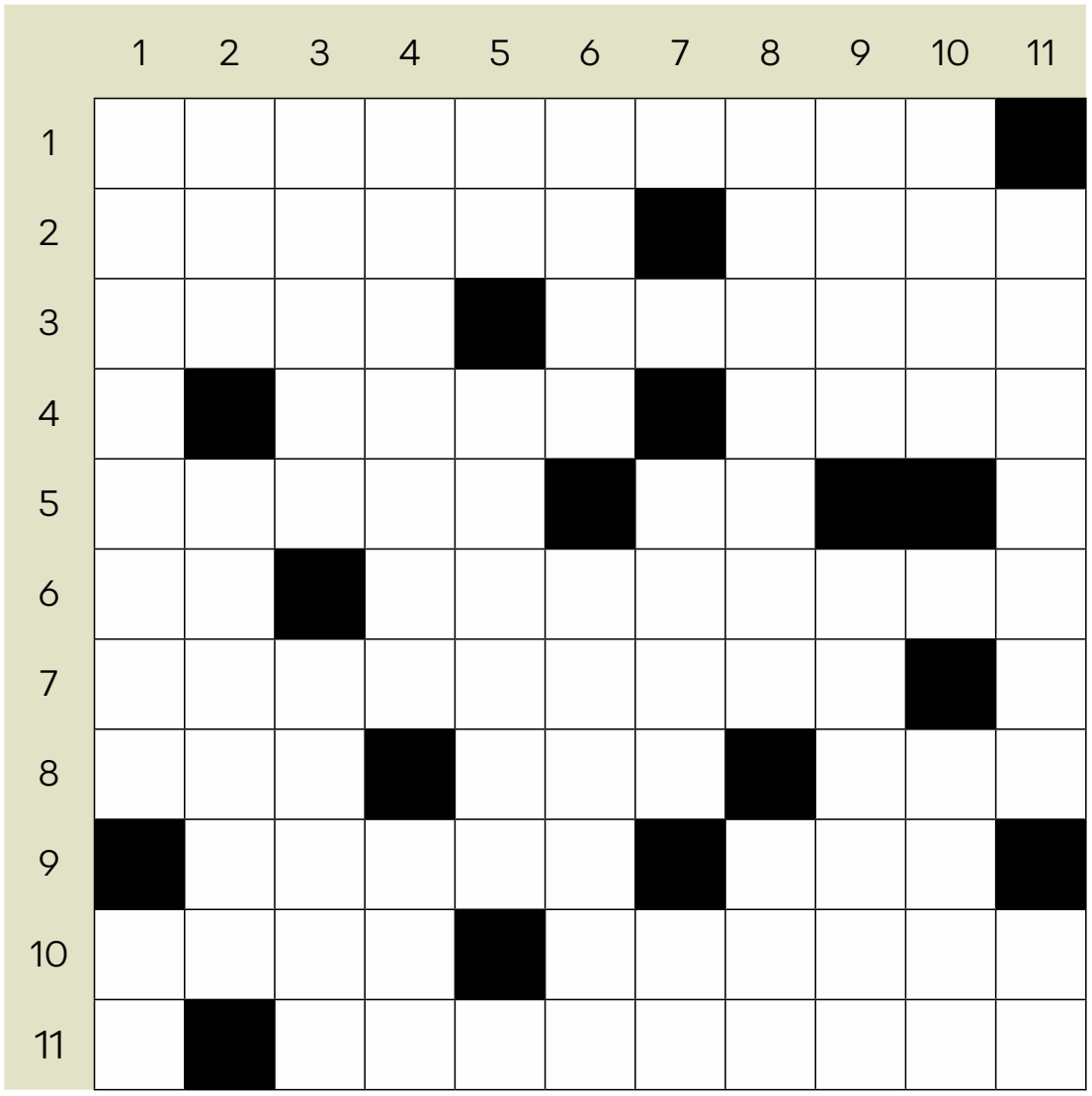
Muito Difícil

4	9	3	5	2	6	7	8	1
2	8	6	1	3	7	4	5	9
1	5	7	9	8	4	3	6	2
5	4	1	2	6	8	9	7	3
3	6	9	4	7	5	2	1	8
7	2	8	3	1	9	5	4	6
6	1	5	7	9	2	8	3	4
8	7	2	6	4	3	1	9	5
9	3	4	8	5	1	6	2	7

Palavras Cruzadas Premiados do nº 2260

"Sul Profundo", de Paul Theroux, para Gracinda Vale, de Massamá; "Estrela do Norte", de D. B. John, para José Mesquita, do Porto; "A Possibilidade de Uma Ilha", de Michel Houellebecq, para José Diogo, de Leiria.

Palavras cruzadas nº 2263



Horizontais

1. São virtudes **2.** Em Portugal não se matam. Mais do mesmo **3.** Tem tonturas. Devasta **4.** Peço encarecidamente de trás para a frente. Argumentos a favor **5.** O ofício tem-nos . Diz-se aos íntimos **6.** Reflexo. O que torna o tabaco viciante **7.** Pôr entre muros **8.** Ajuda a subir. Ilha das Quirimbas. Onde navegam os moliceiros **9.** É Putin. No meio das urtigas **10.** Indissociável de Cupido. Vagarosos **11.** Onde o duque de Alba derrotou D. António Prior do Crato

Verticais

1. Dinastia que acabou com Cleópatra. Polícia nazi **2.** Usa os incisivos. Inclui passado, presente e futuro **3.** Circulam na UE. É formada por conjuntos de cinco linhas **4.** Está no ombro do militar. Faz mal ao hipertenso **5.** Satélite de Júpiter. Deus egípcio **6.** César russo. Faz chorar quem lhe tira a pele **7.** É composto de partes. Em plena cena **8.** Discussão acalorada. Sigla bombástica **9.** Aprende-se pelo olfato. Leva aos arames **10.** O filatelista gosta do raro. Era Stravinski **11.** Tapa a cara. Tem boa cara.

Soluções nº 2262

HORIZONTAIS

1. Dominicana **2.** iniciais; TP **3.** Adão; air **4.** má; novembro **5.** bolor; rãs **6.** torcicolo **7.** realmente **8.** ossap; ser **9.** isor; lã **10.** Salt; elixir **11.** el; Aliadas

VERTICAIS

1. diâmetro; se **2.** onda; OES; al **3.** mia; Brasil **4.** iconoclasta **5.** ni; Olimpo **6.** ia; você; rei **7.** cicerone; lá **8.** ás; lt; Cid **9.** agrões; xá **10.** atira; Elis **11.** prosperar

Participe no passatempo das Palavras Cruzadas enviando as soluções por correio para **Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos** ou por e-mail para ***passatempos@expresso.impresa.pt***

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

1568752

GABRIEL, O PENSADOR

"A PALAVRA É UMA ARMA, MAIS DO QUE A CANTIGA"

CECY NOBRE

O músico, compositor e *rapper* brasileiro celebra 25 anos de carreira. Estreou-se em 1992 com o tema 'Tô Feliz (Matei o Presidente)'

1. A FORÇA DA PALAVRA NUNCA SE ESGOTA?
Não, muito pelo contrário: renova-se cada vez mais e com o passar do tempo.

2. COMO SOUBE QUE O RAP ERA A SUA LINGUAGEM MUSICAL?
Aos 11 anos escrevi as primeiras letras, foram inspiradas no rock brasileiro, na música popular brasileira, mas eram já mais rimadas, de uma maneira mais falada do que cantada. Nessa altura eu já tinha ouvido *rap* naquela primeira onda dos filmes de *breakdance*. Aos 16 anos já era bem claro que o meu caminho seria o *rap*.

3. AINDA HÁ UMA IDEIA DE MARGINALIDADE ASSOCIADA AOS RAPPERS?
Acho que não, o género hip-hop ganhou ao *mainstream* há muito tempo! As pessoas hoje sabem que é um género de música, mas claro, que é uma linguagem que traz a história das ruas, até hoje é ligada a questões da marginalidade também pela sua temática, então talvez algumas pessoas se confundam com isso.

4. EM PORTUGAL, HÁ MUITOS ANOS, CANTAVA-SE: "A CANTIGA É UMA ARMA". CONTINUA A SER?
Sim, a poesia, a música, o cinema, teatro, e até mesmo as artes plásticas são armas poderosas. A comunicação de uma certa maneira é uma arma. A palavra é uma arma, mais do que a cantiga.

5. COMO VÊ O BRASIL NOS DIAS DE HOJE?
Vejo com muita preocupação. Não vejo mudanças, apenas uma continuidade de problemas que se repetem e muitos crimes impunes. Ainda assim, renovo as minhas esperanças ao lidar com os jovens e crianças, ao ver o trabalho dos professores.

6. QUE PAÍS GOSTAVA DE 'OFERECER' AOS SEUS FILHOS?
O país que lhes podemos oferecer depende do nosso exemplo de amor, de gentileza, de respeito. Onde você estiver, seja qual for o país, você vai plantar sementes boas para colher junto com eles no futuro.

7. O QUE TENTA QUE ELES APRENDAM SOBRE A VIDA?
Nessa era do Instagram, que eu tanto uso e gosto, parece que é vergonha estar triste, gosto de conversar com eles sobre a importância de manter a serenidade.

8. A MÚSICA TEM O PODER DA SALVAÇÃO?
Tudo pode mudar a partir da nossa emoção, elas têm esse poder.

9. LEMBRA-SE DA PRIMEIRA CANÇÃO QUE O FEZ QUERER DESCOBRIR MAIS MUNDO?
É uma excelente pergunta, mas muito difícil, são tantas músicas. Se pensar somente numa canção falo de Bob Marley: 'Get Up, Stand Up' sintetiza bem a vontade de transformar o mundo, lutar pelos direitos e questionar certas coisas.

10. O QUE ENCONTRA NOS PORTUGUESES QUE O SURPREENDA?
Sempre me surpreendi positivamente com os portugueses, principalmente com a juventude, pela sua capacidade de observar o mundo à sua volta. O dinamismo do povo português que já vem desde a época dos Descobrimentos. ●

INÊS MARIA MENESES

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)

Nunca somos verdadeiramente
donos de um Patek Philippe.

Apenas cuidamos dele
para a geração seguinte.

PATEK PHILIPPE
GENEVE

Begin your own tradition.

DAVID ROSAS
time experts

Lisboa · Av. Liberdade, 69A · T 213 243 870
Porto · Avenida da Boavista 1471 · T 226 061 060
Algarve · Quinta Shopping, Loja 20 · T 289 399 410
www.davidrosas.com

Calatrava Ref. 6006G

© Todos os direitos reservados. A cópia ou distribuição não autorizada é proibida. Ficheiro gerado para o utilizador 1568752 - Joao.paulo.filipe@gmail.com - 172.17.21.102 (02-03-19 07:58)